UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE ARTES – CÂMPUS DE SÃO PAULO

ANNA CARL LUCCHESE

ARTEMÍDIA "POR QUE VIAJO SOZINHA?": O Documentarte Expandido como Processos e Procedimentos Artísticos da Estética Relacional

São Paulo
2020

ANNA CARL LUCCHESE

Artemídia “Por que viajo sozinha?”: O Documentarte Expandido como Processos e Procedimentos Artísticos da Estética Relacional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes, na linha de pesquisa Processos e Procedimentos Artísticos, no Instituto de Artes – IA –, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes.
Sob a orientação do Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira PEL.

São Paulo

2020

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data____/_____/_____

e-mail:

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da UNESP

L934a Lucchese, Anna Carl, 1981-.
Artemídia “Por que viajo sozinha?”: o documentarte expandido como processos e procedimentos artísticos da estética relacional / Anna Carl Lucchese. - São Paulo, 2020.

462 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Pelópidas Cypriano.
Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Artemídia. 2. Multimidia (Arte). 3. Estética (Arte) 4. Feminino na arte I. Cypriano, Pelópidas. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 770

(Mariana Borges Gasparino - CRB 8/7762)

ANNA CARL LUCCHESE

Artemídia “Por que viajo sozinha?”: O Documentarte Expandido como Processos e Procedimentos Artísticos da Estética Relacional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes, na linha de pesquisa Processos e Procedimentos Artísticos, no Instituto de Artes – IA –, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes.
Sob a orientação do Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira.

Aprovada em: 23/06/2020

Banca examinadora:

Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira (orientador)
Instituto de Artes – Unesp

Prof. Dr. Agnaldo Valente Germano da Silva
Instituto de Artes – Unesp

Prof. Dr. Paulo Cesar Teles
Instituto de Artes - Unicamp

São Paulo

2020

Dedicado às viajantes solo que tiveram a coragem de buscar o prazer.

AGRADECIMENTOS

À sociedade, Unesp, meu orientador, revisora, banca, docentes e colegas da pós-graduação, família, coletivo Petit Comité e amigos ouvintes, além de artistas e teóricos que deram um ponto de partida e um destino para esta criação e, finalmente, viajantes que colaboraram com o trabalho. À Viviane Gonçalves Campos e à Clarissa Garcia Eleutério, além dos demais membros da BIA do Instituto de Artes da Unesp, pelo auxílio com a formatação em acordo com as normas técnicas da ABNT. Em especial, à Arte e à Educação, fundamentais ao processo de transformação aqui descrito.

RESUMO

A presente *dissertação* sobre o *trabalho equivalente* realizado durante o mestrado relata a produção artístico-científica e reflexões sobre os processos e procedimentos artísticos na linguagem audiovisual na contemporaneidade da artemídia, esta entendida como desdobramentos de obras de arte na interface Arte-Ciência-Comunicação. Esta pesquisa, de natureza básica, abordou qualitativamente a produção artística relacionada à fundamentação teórica, com finalidade exploratória dos processos e procedimentos artemidiáticos na linguagem audiovisual, aplicando os procedimentos técnicos de pesquisa documental e bibliográfica para fundamentar a pesquisa experimental em arte. O *Trabalho Equivalente* configura os resultados desta pesquisa de produção artístico-científica em três peças de *Artemídia*: 1) Documentarte expandido *Por que viajo sozinha?*, série de vídeos que compõem o documentário poético imersivo interativo; 2) Memorial poético-descritivo *Mergulha em mim*; 3) Caderno de artista de *Anna Lucchese* concebido em rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários. A produção artístico-científica foi desenvolvida, a partir do tema *arte e solitude feminina*, em experimentos que exploram, com base na fundamentação teórica, o entendimento de *Documentarte Expandido* como um desdobramento do gênero documentário no campo de expressão-exposição das artes visuais e que dialogam, por meio da produção artística, com o pensamento/sentimento de *Cinema Expandido* e de *Estética Relacional*.

Palavras-chave: ARTEMÍDIA. DOCUMENTARTE EXPANDIDO. PROCESSOS E PROCEDIMENTOS ARTÍSTICOS. ARTE E SOLITUDE FEMININA. ESTÉTICA RELACIONAL. CINEMA EXPANDIDO.

ABSTRACT

This *dissertation* is about the *equivalent work* made for the *Master in Arts Studies Program*. It presents a description regarding the artistic and scientific production and the reflection about artistic processes and procedures in artmedia contemporary audiovisual language, meaning extensions of art work in an Art-Science-Communication interface. This basic research was based in a qualitative study about the artistic production related to theoretical foundations, with exploratory purposes of artmedia processes and procedures in audiovisual language. Technical procedures of documentary research were applied as well as bibliography used to support experimental research in Art. The equivalent work presents the results of this research, based on an artistic and scientific production, in three artmedia pieces: 1) Expanded documentart *Why do I travel alone?* - series of videos which represent a poetic immersive and interactive documentary; 2) poetic and descriptive memorial *Dive into me*; 3) Anna Lucchese's artist notebook designed for social media and planned to be shared among users. The artistic and scientific production was developed from the theme *art and female solitude*, in experiments that explored - from theoretical foundations - the concept of expanded documentart, which presents an extension of the documentary genre in the field of Visual Arts expression and exhibition. It also interacts, through the artistic production, with the concepts and sensations of expanded cinema and relational aesthetics.

Keywords: ARTMEDIA. EXPANDED DOCUMENTART. ARTISTIC PROCESSES AND PROCEDURES. ART AND FEMALE SOLITUDE. RELATIONAL AESTHETICS. EXPANDED CINEMA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Material de divulgação *Mergulha em mim* 19

Figura 2 - Material de registro *Mergulha em mim* 01 20

Figura 3 - Material de registro *Mergulha em mim* 02 21

Figura 4 - Material de registro *Mergulha em mim* 03 21

Figura 5 - Material de registro *Mergulha em mim* 04 22

Figura 6 - Material de registro *Mergulha em mim* 05 22

Figura 7 - Material de registro *Mergulha em mim* 06 23

Figura 8 - Material de registro *Mergulha em mim* 07 23

Figura 9 - Material de registro *Mergulha em mim* 08 24

Figura 10 - Material de registro *Mergulha em mim* 09 24

Figura 11 - Material de registro *Mergulha em mim* 10 25

Figura 12 - Material de registro *Mergulha em mim* 11 25

Figura 13 - Material de registro *Mergulha em mim* 12 26

Figura 14 - Material de registro *Mergulha em mim* 13 26

Figura 15 - PRINT caderno de artista Instagram 28

Figura 16 - #viajosola 33

Figura 17 - Museu de Teshima 42

Figura 18 - *Andarilho* 47

Figura 19 - *Jogo de cena* 54

Figura 20 - *Bruxa de Blair* 59

Figura 21 - Blogueira 63

Figura 22 - Cartão Postal 75

Figura 23 - *Postcard by a feminist* 76

Figura 24 - *Identidade Cotidiana* 84

Figura 25 - *Jardim de Narciso* 85

Figura 26 - *La Grande Carte Postale* ou *Souvenir de Noirmoutier* 89

Figura 27 - PM mulher 98

Figura 28 - *Mergulha em mim* e o medo 103

Figura 29 - *Mergulha em mim* e o prazer 107

Figura 30 - Produtora experimental audiovisual 111

Figura 31 - *The artist is present* 121

Figura 32 - *Minotauromachy* 123

SUMÁRIO

TRABALHO EQUIVALENTE 13

DISSERTAÇÃO 277

1 INTRODUÇÃO 278

2 APRESENTAÇÃO DO TRABALHO EQUIVALENTE 281

2.1. Documentarte expandido Por que viajo sozinha? 281

2.2. Memorial poético-descritivo Mergulha em mim *283*

2.3. Caderno de artista de Anna Lucchese *294*

3 ROTEIRO DE PESQUISA E REALIZAÇÃO DO TRABALHO EQUIVALENTE 296

4 VIAGEM, O PARTIR 298

4.1. A liberdade e o prazer 300

4.2. A curiosidade e a imersão na experiência presente 308

5 VIAGEM, O PENSAR 322

5.1. O imaginário e a experiência de estar só 323

5.2. A solitude e a solidão 330

6 VIAGEM, O EXPERIMENTAR 342

6.1. O acaso e a memória 343

6.2. A solitude feminina e a expressão do eu 355

6.2.1. O narcisismo e a autoconstrução 357

6.2.2. As formas de expressão através do eu 364

6.2.3. Foucault e o cuidado de si 368

7 VIAGEM, O SENTIR 370

8 A RELEITURA DA REALIDADE ATRAVÉS DA POÉTICA REFLEXIVA DO EU 381

8.1. A arte e a solitude feminina 382

8.1.1. Processos e procedimentos artísticos e solitude feminina 383

8.1.2. O prazer individual 384

8.1.3. As possibilidades 385

8.1.4. A transformação e a autoconstrução 386

9 O DIÁLOGO ENTRE O EU E O OUTRO 387

9.1. A experiência com o ensino experimental e prático 387

9.2. A volta para o convívio em sociedade 393
10 CONCLUSÃO 407
REFERÊNCIAS 411
APÊNDICE A 417
APÊNDICE B 418
APÊNDICE C 420
APÊNDICE D 421
APÊNDICE E 422
APÊNDICE F 423
APÊNDICE G 431
APÊNDICE H 437
APÊNDICE I 446
ANEXO 461

TRABALHO EQUIVALENTE

POR QUE VIAJO SOZINHA?
anna lucchese
Imagem e arte: Anna Lucchese

Fragmento 01 - O OUTRO

https://bit.ly/3gZAzeE

|||||| *Vídeo: Anna Lucchese*

Fragmento 02 - O EU

https://bit.ly/3cCrjJV

|||||| *Vídeo: Anna Lucchese*

Fragmento 03 - O ENTRE

https://bit.ly/2XCEw1a

|||||| *Vídeo: Anna Lucchese*

CADERNO DE ARTISTA

anna lucchese

instagram.com/annalucchese

|||||| *Imagens e textos: Anna Lucchese*

23 de julho de 2019

Os pedaços estavam por todas as partes
Conectados através das camadas
Que se acariciam pelo tempo
Pedras que falam sobre a memória
Árvores que escutam e deixam escorrer suas lágrimas amarelas no ar
Um ar gelado que leva cheiro de chocolate e esquenta sem intenção
Inteiro quebrado
Tocando o rosto de desconhecidos com sua sombra coberta de amarelo e risos
Em momentos desconexos e fora de hora
Como a vida que chega de repente
Como a dor que enche o ar de silêncio e passa sem muita cerimônia ou educação
Deixo esse rio amarelo de pedaços espalhados por todas as partes
E ao chegar em casa, tiro a roupa e percebo que levo um troço desses na pele e dentro de mim.

#flowers #poetry #poesia #cademodeartista #art #arte #barcelona #bcn
#womantraveler #yellow #amarelo #flores

25 de julho de 2019

Plaça de Sant Felip Neri

Em 1938, um bombardeio matou 30 pessoas
neste lugar.
A maioria
crianças.
As pétalas de flor estavam por todas as partes
acariciando o tempo.
Formando camadas
de memória
de esquecimento
de sujeira.

Lágrimas amarelas pelo ar.
Um ar gelado
com cheiro de chocolate
esquenta sem intenção.
O concreto que sobrou
inteiro quebrado.
Estilhaços de bomba desenham
histórias mal contadas.

Tocando o rosto de desconhecidos com sua sombra
entre amarelo e risos
em momentos desconexos e fora de hora.
Como a vida que chega
de repente
como a dor que enche o ar de silêncio
e passa
sem muita cerimônia ou educação.
Deixo esse rio amarelo de contradições espalhadas por todas as partes.
E, ao chegar em casa,
tiro a roupa
e percebo que levo um troço desses
amarelo
na pele
e dentro de mim.

#flowers #poetry #poesia #cademodeartista #art #arte #barcelona #bcn
#womantraveler #yellow #amarelo #flores

29 de julho de 2019

Os troços estavam por todas as partes

Untados em camadas
que se acariciam
sem pressa

Assim

Os buracos respeitam o tempo
os troços de flores escorrem
amarelos no ar

Um ar gelado com cheiro de chocolate
esquenta sem intenção

Toca o rosto de desconhecidos
coberta amarela

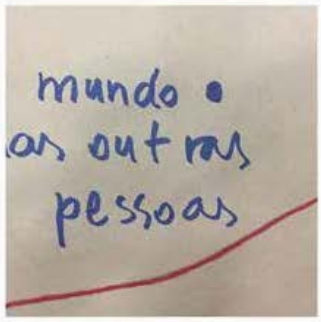
Traz de volta o riso
fora de hora
de repente

Como a dor que enche o ar de silêncio
e passa sem muita cerimônia ou educação

E ao chegar em casa,
tiro a roupa
e percebo que levo um troço desses no corpo na pele

na pele do corpo. #flowers #poetry #poesia #cadernodeartista #art #arte #barcelona #bcn
#womantraveler #yellow #amarelo #flores

|||||| *Texto: Anna Lucchese*



|||||| *Imagens e texto: Anna Lucchese*
Registro do Laboratório de Pesquisa-Criação Coletiva

04 de setembro de 2019

Sebartian Wiedemann

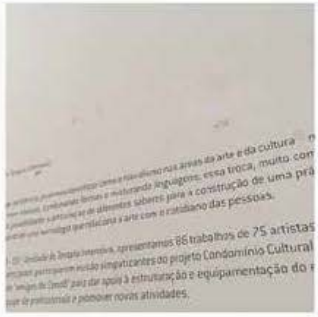
Laboratório de Pesquisa-Criação Coletiva

Núcleo de Estudos sobre Novas Metodologias de Pesquisa em Artes

Prof. Dr Wladimir Mattos

Instituto de Artes da Unesp

Programa de Pós-Graduação



|||||| *Imagens e texto: Anna Lucchese*
Registro do Condomínio Cultural

03 de novembro de 2019

Condomínio Cultural

ESPAÇO

03 de novembro de 2019

Condomínio Cultural

ESPAÇO

03 de novembro de 2019

Condomínio Cultural

ESPAÇO

|||||| *Imagens e textos: Anna Lucchese (1 e 2) + divulgação USP-IEB da defesa de Biancamaria Binazzi*

05 de novembro de 2019

ACASO | AMOR | ORIENTAÇÃO

05 de novembro de 2019

CARTAS | MAPA | QUESTIONAMENTO

05 de novembro de 2019

A ESCOLHA DA PRIMEIRA PESSOA | TOMADA DE POSIÇÃO |
AS COISAS TAMBÉM TÊM SUBJETIVIDADE E CONSTROEM RELAÇÕES

USP - IEB - Instituto de Estudos Brasileiros

|||||| *Imagens: Anna Lucchese (1 e 2) + divulgação Cine SP*

08 de novembro de 2019

MEMÓRIA | AFETO | RESISTÊNCIA

08 de novembro de 2019

A VIDA É ENFRENTAMENTO

08 de novembro de 2019

PAIXÃO | DELÍRIO | TERRENO SIMBÓLICO | MEXE COM OUTRA COISA | NOS MANTÉM VIVOS

CCSP

Cine São Paulo

Felipe Tomazelli e Ricardo Martensen

|||||| *Texto: Anna Lucchese*

|||||| *Imagens e texto: Anna Lucchese*

11 de novembro de 2019

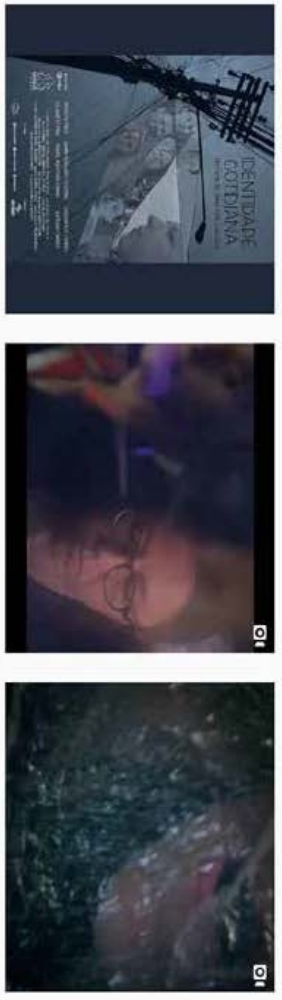
O ESPAÇO DA ESPERA

11 de novembro de 2019

O TEMPO PRESENTE

11 de novembro de 2019

O CORPO DA MARIA



|||||| *Imagens: divulgação Identidade Cotidiaana (1)*
+ Anna Lucchese

27 de novembro de 2019

"Não é só FALAR na primeira pessoa, é SER na primeira pessoa." - Agnus Valente

28 de novembro de 2019

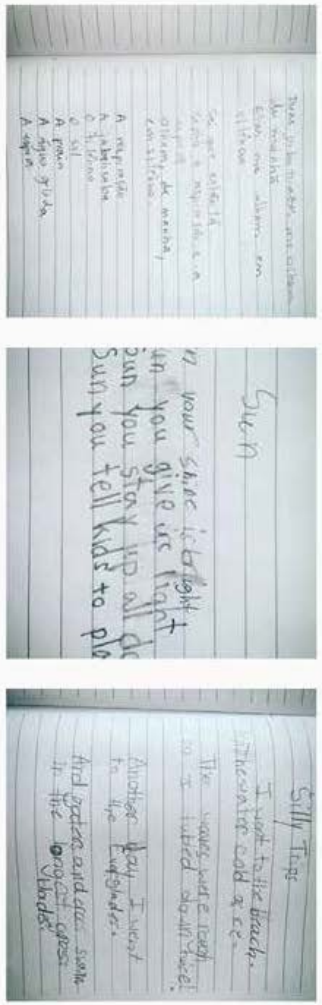
Janela ou espelho?

O Coringa
O Parasita
O Irlandês
Quem são esses homens sem afeto?

Toda a vez que você reduz um personagem ao papel que a realidade o oferece, você prende o espectador.
A arte precisa deixar espaço para a possibilidade imagina, desejada, inquietante, propulsora, que tira o espectador do lugar.
- fragmentos de uma conversa com @eduardonasi + eu no avião, voltando do Japão com Lost in Translation

04 de dezembro de 2019

MEMÓRIA | IDENTIDADE | POSSIBILIDADES DE EXISTÊNCIA



|||||| *Imagens e texto: Anna Lucchese +*
poesias nas imagens: Anna, Juliana e Patrícia Lucchese

28 de dezembro de 2019

Poesia

Arte educação

Crianças

|||||| *Imagens e textos: Anna Lucchese + Nicolas Bourriad + Michel Foucault*

06 de janeiro de 2020

"A possibilidade de uma arte relacional (uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social mais do que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado) atesta uma inversão radical dos objetivos estéticos, culturais e políticos postulados pela arte moderna. (...) Esse regime de encontro casual intensivo, elevado à potência de uma regra absoluta de civilização, acabou criando práticas artísticas correspondentes, isto é, uma forma de arte cujo substrato é dado pela intersubjetividade e tem como tema central o estar-juntos, o "encontro" entre observador e quadro, a elaboração coletiva do sentido."

- Estética Relacional, Nicolas Bourriaud.

#esteticarelacional #cadernodeartista #poesiavisual #imersão

08 de janeiro de 2020

"technologies of the self, which permit individuals to effect by their own means or with the help of others a certain number of operations on their own bodies and souls, thoughts, conduct, and way of being, so as to transform themselves in order to attain a certain state of happiness, purity, wisdom, perfection, or immortality."

- Technologies of the Self, MICHEL FOUCAULT.

#tecnologiesoftheself #michelfoucault #travelsolo #femalesolitude #experience #pinesmell #nikko #tattoo

14 de janeiro de 2020

De uma conversa com @v1ct0reis, a ideia de buscar inspiração nos sonhos.

#sonhos #sidartaribeiro

|||||| *Imagens e textos: Anna Lucchese*

15 de janeiro de 2020

Aspect ratio 3:1

15 de janeiro de 2020

Aspect ratio 3:1

15 de janeiro de 2020

Aspect ratio 3:1

|||||| *Imagens e textos: Anna Lucchese*

20 de janeiro de 2020

Relações possíveis | afetos possíveis | existências possíveis | deslocamentos possíveis | poéticas possíveis | possibilidade de uma releitura da realidade através de uma poética reflexiva do eu.

#esteticarelacional #viajarsozinha #mulheresviajantes #artecontemporanea #documentarioexpandido

20 de janeiro de 2020

Relações possíveis | afetos possíveis | existências possíveis | deslocamentos possíveis | poéticas possíveis | possibilidade de uma releitura da realidade através de uma poética reflexiva do eu.

#esteticarelacional #viajarsozinha #mulheresviajantes #artecontemporanea #documentarioexpandido

20 de janeiro de 2020

Relações possíveis | afetos possíveis | existências possíveis | deslocamentos possíveis | poéticas possíveis | possibilidade de uma releitura da realidade através de uma poética reflexiva do eu.

#esteticarelacional #viajarsozinha #mulheresviajantes #artecontemporanea #documentarioexpandido

|||||| *Imagens e textos: Anna Lucchese +*
divulgação Sesc (imagem 2) + Tadeu Jungle (frase)

26 de janeiro de 2020

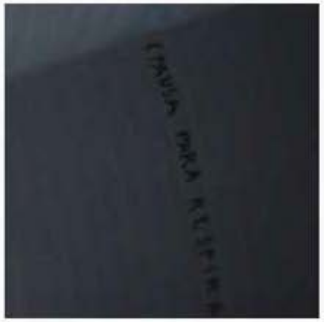
"É difícil saber para onde você vai se não sabe onde está." - Tadeu Jungle | MAC-USP

28 de janeito de 2020

Cachoeira | Olafur Eliasson | Sesc Pompeia - água para MERGULHA EM MIM.

28 de janeito de 2020

Arco-íris | Banespa | Sesc 24 de Maio | espelho d'água | água para MERGULHA EM MIM | arte que cria relações possíveis.



|||||| *Imagens e textos: Anna Lucchese*

04 de fevereiro de 2020

Autorretrato | Ref. Vídeo 01 | curiosidade | janela ou espelho? | EU

04 de fevereiro de 2020

Janela ou espelho? | O OUTRO

04 de fevereiro de 2020

ENTRE

|||||| *Imagens e textos: Anna Lucchese*
Registro de Exposição no MIS-SP (imagem 3)

06 de fevereiro de 2020

Tempo. Presente. #hildahilst

18 de março de 2020

Em tempos de COVID-19, um pouco de sabedoria na voz de @evyyukie em sua vivência no Japão.
Podemos aproveitar esse momento de solitude para desenvolver um processo criativo, de reflexão ou de autoconhecimento.

#solitude #processosdecriacao #arterelacional #culturajaponesa #afeto

18 de março de 2020

Na continuação do vídeo anterior, mais um toque sobre como a natureza nos ensina a respeitar o tempo dos processos.
Saudades @evyyukie.

Saudades #okinawa. #timeisonyourside #fiqueemcasa #solitude

|||||| *Imagens e textos: Anna Lucchese*

22 de março de 2020

Materialidade.

Como traduzir sentimentos e emoções através da escolha de materiais?
Como conectar-se ao outro através de um objeto que conduza uma memória afetiva que se entende e se reinterpreta?

#arterelacional #instalação #processodecriação #memóriaafetiva #afetividade #arte #poética

22 de março de 2020

Tempo e espaço.

Esse lugar que não pertence nem a mim nem a você. Esse emaranhado de redes e luz.

#arterelacional #instalação #processodecriação #memóriaafetiva #afetividade #arte #poética

22 de março de 2020

Chove lá fora. Fico dentro. Passo a notar os objetos. Eles dizem algo que não escutaria se não parasse por um momento.

#arterelacional #instalação #processodecriação #memóriaafetiva #afetividade #arte #poética

09 de abril de 2020

Anna pede contato. Vocês estão aí? Mandem um sinal, seres da quarentena.

#hildahilst #covid19 #artesvisuais #esteticarelacional

01 de maio de 2020

Da série quarentena. Peça ABERTURAS.

Criação feita em parceria com @biancamariabinazzi.

Bianca mandou um fragmento de sua quarentena na roça através de uma paisagem sonora.
E eu o juntei a um momento meu em solitude em um apartamento na cidade.
As imagens e as palavras vieram do sentir que tomou meu corpo e transbordou.
Esse é o nosso 01 de maio, meu e de Bianca. Separados mas conectados.
Distante mas em relação.

#covid19 #quarentena #esteticarelacional #relationalaesthetics #visualart #poetry #poesiavisual
#solitudefeminina #femalesolitude

15 de maio de 2020

Mais uma parceria com @biancamariabinazzi.

Conectando a quarentena da cidade com a da roça.

Nossa peça 02 - em suspensão.

#esteticarelacional #visualart #poesia #quarentena #memorias #chuva

o eu casei, a gente plantava

16 de maio de 2020

Fragmento do documentário poético imersivo interativo "Por que viajo sozinha?".

Fragmento 01 - O OUTRO.

Com uma viagem de caminhão ao lado de Dona Dolores, caminhoneira aposentada.

#esteticarelacional #artevisual #poesiavisual #documentario #caminhao #viajantesolo

16 de maio de 2020

Fragmento do documentário poético imersivo interativo "Por que viajo sozinha?".

Fragmento 02 - O EU.

Com uma poesia inspirada pela experiência com o outro.

#esteticarelacional #artevisual #poesiavisual #documentario #caminhao #viajantesolo

16 de maio de 2020

Fragmento do documentário poético imersivo interativo "Por que viajo sozinha?".

Fragmento 03 - O ENTRE.

Com uma viagem de imersão que eu deixo para você preencher com a sua história.

#esteticarelacional #artevisual #poesiavisual #documentarioexpandido #caminhao #viajantesolo

|||||| *Imagens: Marcos Lamego | Texto: Anna Lucchese*

06 de junho de 2020

Trabalho em parceria com @artista_profile e @d_ugo_minimal_radio

#esteticarelacional #artevisual #poemavisual #covid_19 #quarentena

06 de junho de 2020

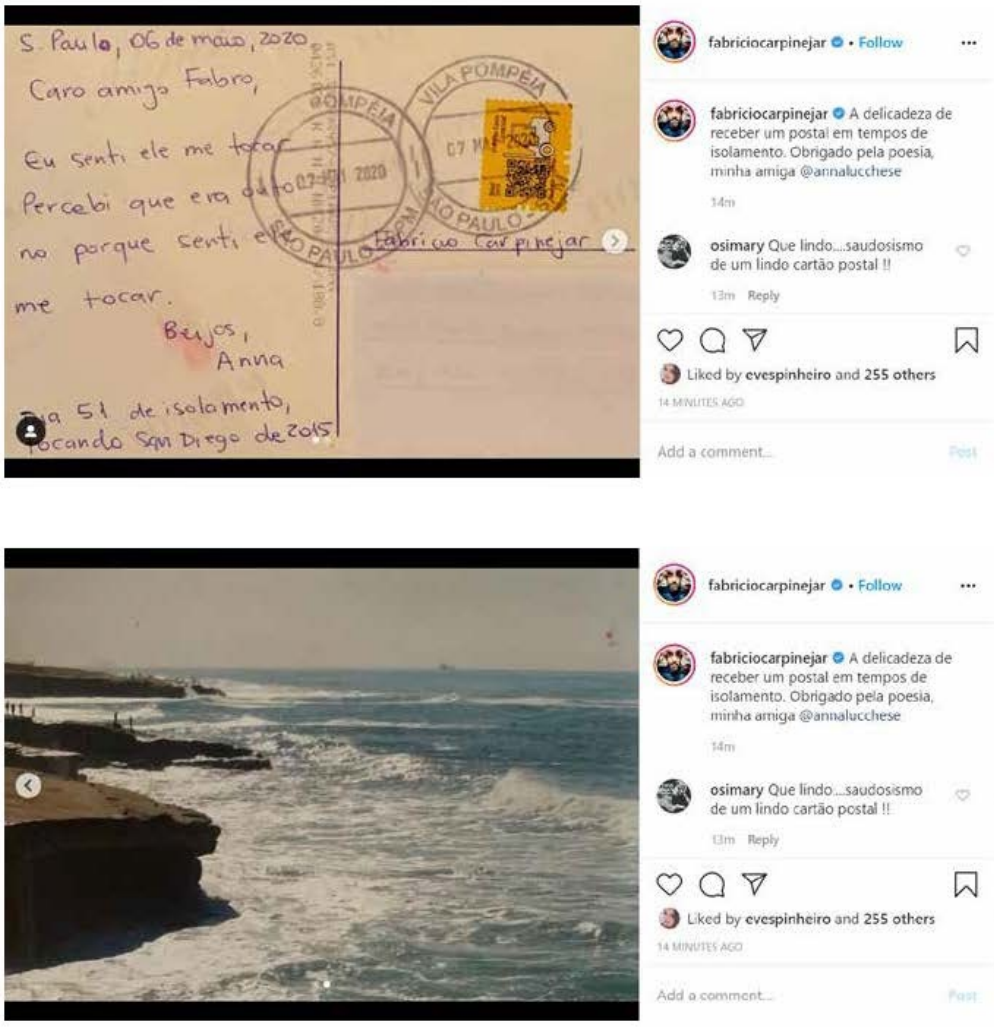
Trabalho em parceria com @artista_profile e @d_ugo_minimal_radio

#esteticarelacional #artevisual #poemavisual #covid_19 #quarentena

06 de junho de 2020

Trabalho em parceria com @artista_profile e @d_ugo_minimal_radio

#esteticarelacional #artevisual #poemavisual #covid_19 #quarentena



|||||| *Imagem e texto no cartão: Anna Lucchese*
Texto da postagem: Fabrício Carpinejar

MERGULHA
EM MIM
anna lucchese
Imagem e arte: Anna Lucchese

O CORPO

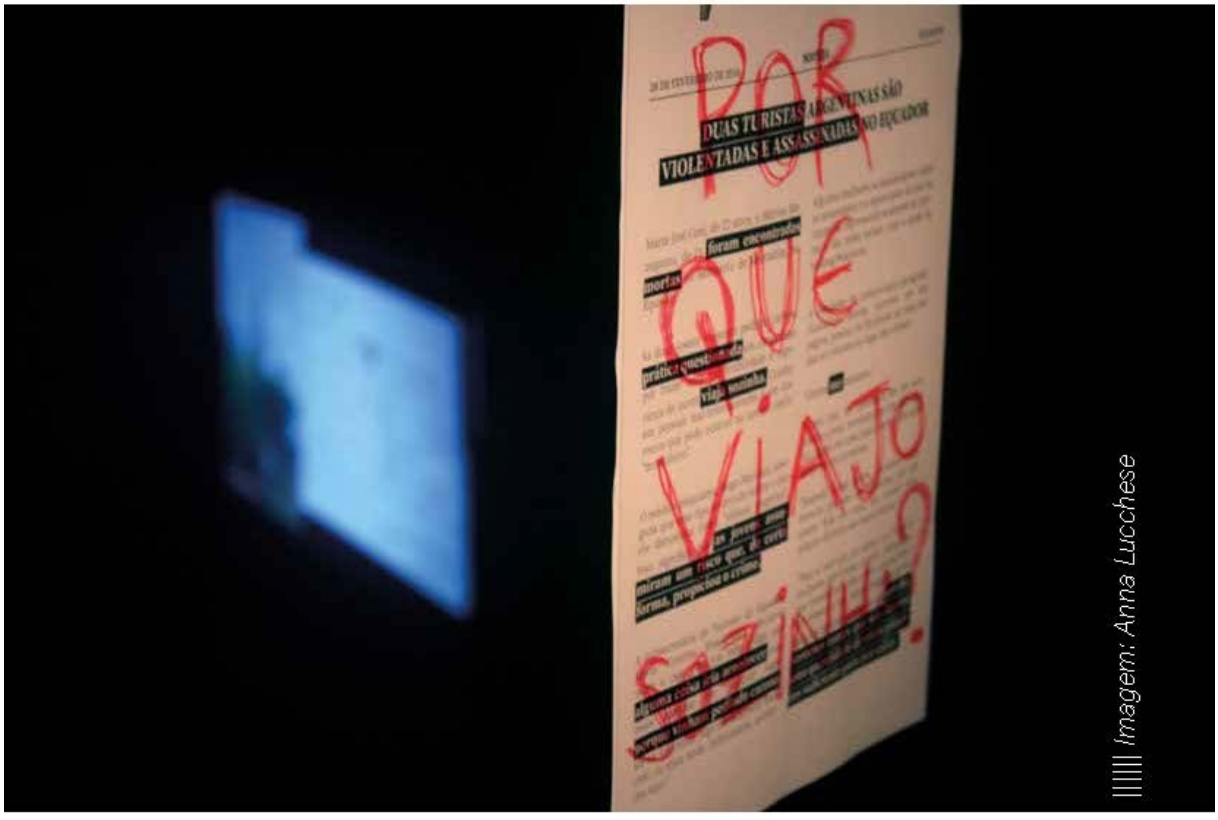


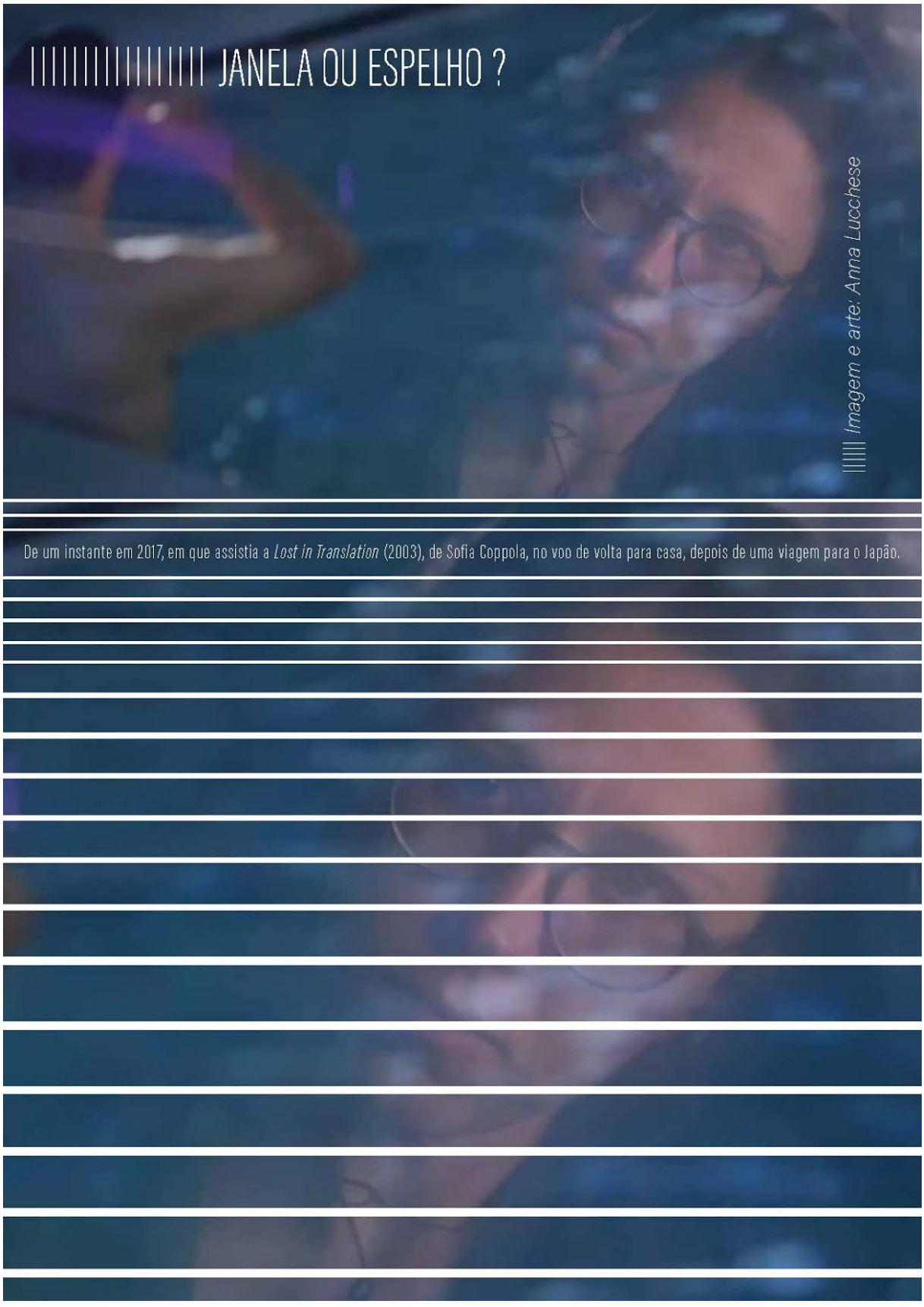
Imagem: Anna Lucchese

Registro do protótipo da instalação *Mergulha em mim*, apresentado na 2ª Mostra de práticas híbridas – edição internacional, que ocorreu entre os dias 08/10/2018 e 11/10/2018 no Instituto de Artes da Unesp.

O MERGULHO

Imagem: Anna Lucchese

Registro do protótipo da instalação *Mergulha em mim*, apresentado na 2ª Mostra de práticas híbridas edição internacional, que ocorreu entre os dias 08/10/2018 e 11/10/2018 no Instituto de Artes da Unesp.


JANELA OU ESPELHO ?
Imagem e arte: Anna Lucchese
De um instante em 2017, em que assistia a *Lost in Translation* (2003), de Sofia Coppola, no voo de volta para casa, depois de uma viagem para o Japão.

De olhos vendados, sem a precisão da certeza, faço um mergulho tátil na estética relacional de Nicolas Bourriaud.

Observo as pessoas e a maneira como se relacionam com o mundo.
Aprendo com elas e descubro desejos e medos escondidos em mim.
Encontro existências possíveis no aqui e no agora, entre o eu e o outro.

||||| *Texto: Anna Lucchese*

ALGUMA COISA ACONTECEU

Era uma manhã de domingo como tantas outras, mas algo havia mudado.

Havia encontrado um mundo novo dentro de si, como se fora um completo desconhecido,
acordado dentro da pele de outro. Eram as decisões que havia tomado em silêncio,
no intervalo dos grandes acontecimentos.

Durante tantos anos achou que seria eternamente um,
mas naquela manhã descobriu-se vários.
Ainda teria que conhecê-los mais a fundo.

Era o primeiro encontro de uma vida que estava por vir.
Não estava sozinho afinal. Melhor.
Havia encontrado a possibilidade de divorciar-se de si.

Ora, veja, que curioso.
Tantos dias de tormento num mesmo corpo,
dividindo essa carcaça que envelhece aos poucos.
E eis que surge esse respiro de juventude, de renascimento.

E de uma ruptura consigo nasce o encontro
com esse desconhecido íntimo
que se apodera de uma infinitude de possibilidades
adormecidas e reprimidas em uma relação ruim.

O mistério e o desconhecido sempre com esse olhar tão sedutor.
O que há neste acordar que caminha tão envolvente? Há o abandono.
Palavra que poderia ser cheia de nuances se carregasse decisão ao invés de tragédias.
Quem não carrega tragédias não pode ser herói.
Mas quem precisa ser herói quando há tanto mais para se fazer?
Abandonar o herói de sua própria tragédia é também uma decisão,
uma decisão charmosa pronta para despertar-me todas as manhãs.

São lindas as histórias desse outro que começo a desfrutar numa longa conversa
com café preto, sem açúcar. Sim, em algo já nos entendemos. Até aqui vamos bem.

Acho que muito além do que isso já nem me importa.
Carrega histórias diferentes das minhas. E isso para mim basta.
Um ser humano de hábitos simples. Somente as histórias.
O resto se ajeita na manhã seguinte, ou na outra, ou nunca.

|||||| *Texto e arte: Anna Lucchese*

Nicolas Bourriaud[1]

" Hoje, a comunicação encerra os contatos humanos dentro de espaços de controle que decompõem o vínculo social em elementos distintos. A atividade artística, por sua vez, tenta efetuar ligações modestas, abrir algumas passagens obstruídas, pôr em contato níveis de realidade apartados.

A 'separação' suprema, a que afeta os canais relacionais, constitui a última etapa da transformação rumo à 'sociedade do espetáculo' descrita por Guy Debord. Sociedade em que as relações humanas não são mais 'diretamente vividas', mas se afastam em sua representação 'espetacular'.

hoje a prática artística aparece como um campo fértil de experimentações sociais, como um espaço parcialmente poupado à uniformização dos comportamentos.

A arte devia preparar ou anunciar um mundo futuro:
hoje ela **apresenta modelos de universos possíveis.**

aprender a habitar melhor o mundo, em vez de tentar construí-lo
a partir de uma idéia preconcebida da evolução histórica.
o artista habita as circunstâncias dadas pelo presente para transformar o contexto de sua vida
(sua relação com o mundo sensível ou conceitual) num universo duradouro.

Hoje,
a modernidade prolonga-se em práticas de bricolagem e reciclagem do dado cultural,
na invenção do cotidiano e na ordenação do tempo vivido, objetos tão dignos de atenção e estudo
quanto às utopias messiânicas ou às 'novidades' formais que os caracterizavam no passado.

A possibilidade de uma arte relacional (uma arte que toma como horizonte teórico a
esfera das interações humanas e seu contexto social
mais do que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado)
atesta uma inversão radical dos objetivos estéticos, culturais e políticos postulados pela arte moderna.

Em outros termos, já não se pode considerar a obra contemporânea como um espaço a ser percorrido
Agora ela se apresenta como uma duração a ser experimentada, como uma abertura para a discussão ilimitada.

Esse regime de encontro casual intensivo, elevado à potência de uma regra absoluta de civilização,
acabou criando práticas artísticas correspondentes, isto é, uma forma de arte cujo substrato é dado
pela intersubjetividade e tem como tema central **o estar-juntos**,
o 'encontro' entre observador e quadro,
a elaboração coletiva do sentido.

Assim, toda obra é modelo de um mundo viável.
a arte mantém juntos **momentos de subjetividade ligados a experiências singulares.** **"**

[1] BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

RELAÇÕES POSSÍVEIS. VULNERABILIDADE, AFETO E AS TECNOLOGIAS DO EU.

Registros da viagem solo que fiz para o Japão em 2017. Cidade de Kyoto.

|||||| *Imagens e arte: Anna Lucchese*

"Oi, Anna. Tudo bem? Vamos lá. Vou te descrever como está sendo esta minha nova vida.
É a primeira vez que eu viajo sozinha. É a primeira vez que eu saio da casa da minha mãe
e que eu moro sem ela... que eu tenho que me virar. A cidade por si já é muito linda, sabe?
Por mais que tenha uma fama que só tem velho e por mais que a arquitetura revele isso,
que é uma cidade muito antiga, o ar é muito jovial. Tem um astral, sabe? Não sei...
Uma vivacidade. Não sei explicar. É muito gostoso. Tem muito turista porque agora é verão.
Eu cheguei nos primeiros dias do verão, então, o sol abençoou com bom humor todo mundo,
sabe? Não sei como é no inverno. Acho que é um pouquinho diferente, pelo que ouvi falar.
Mas eu cheguei numa época maravilhosa. É... eu estou com medo... assim. Não sei se
medo é a palavra. Mas acho que eu... eu estou muito ansiosa para descobrir este lugar,
sabe? Porque foi amor à primeira vista, então... eu quero muito saber andar por aqui, quero
muito descobrir os lugares e isso tem me deixado meio apreensiva. É meio esquisito não
ter amigos. (risada) É muito esquisito você não ter com que sair, sabe? Mas também é
muito gostoso você descobrir como... como aproveitar a sua própria companhia.
De me ouvir, de fazer o que eu quero fazer sem ter que perguntar para ninguém, sabe?
Mas é estranho estar longe de casa ao mesmo tempo. Então é uma mistura de sensações,
assim. Eu estou... meio perdida, mas querendo muito descobrir e aprender. Também tem
o problema do emprego, né? Que eu preciso logo para me manter, porque não é barato.
Lisboa é uma das capitais mais caras assim... para se hospedar, porque tem sido um lugar
muito procurado para turista. Mas, fora isso, tem sido muito incrível. Acho que até agora a
ficha não caiu tanto assim, sabe? Porque faz um dia só que eu estou aqui, então, acho que
eu vou descobrindo aos poucos e vou compartilhando com você. Eu vou escrevendo coisas
e, depois, se você quiser, eu te mando os textos, porque eu tenho uma caderneta aqui que
eu trouxe justamente para isso, para jogar, para vomitar as minhas sensações lá. Então, se
você quiser e te interessar, eu posso compartilhar uns textinhos. Ou falar, lê-los. Você que
sabe. Tá bom? Beijo!"

Áudio enviado pelo whatsapp para mim por Carolina Prata em 2018. As palavras aqui jogadas no papel não transmitem a expressão da voz, das pausas, dos sons difíceis de se decodificar em letras. Também falta o instante da escuta solitária entre um afazer e outro do meu dia e todas as sensações e sentimentos que afloraram e afloram dessa relação de troca de experiências e confidências entre duas mulheres que viajam sozinhas.

|||||| *Imagens e texto: Anna Lucchese*

Minha primeira experiência sozinha, longe de casa, foi marcada pelo medo.
A ideia do desconhecido e da perda do controle produzem uma vulnerabilidade
que sempre penso não ser capaz de suportar.
O imaginário domina o corpo, mas a curiosidade liberta o movimento.
Há um laço profundo entre o medo e o prazer. Uma relação que não cabe nas palavras.
Só nos passos. ||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||
Com MERGULHA EM MIM, quero oferecer para o outro, possibilidades de caminhar, de sentir e de criar.
Faço o convite para o mergulho, mas a decisão me escapa. O afeto diante da vulnerabilidade pode ou não existir.

Cheguei até as 'tecnologias do eu', de Michel Foucault, através de um artigo de Claire Boyle
sobre a diretora, fotógrafa e artista Agnès Varda.[2]
Esse labirinto de pensamentos ao redor de uma obra intitulada *Les plages d'Agnès* (2008)
fundamentou meus passos até aqui, de certa forma.
Fez com que eu olhasse meu trabalho anterior *Identidade Cotidiana* (2015)
e fizesse algumas relações do ato de criar uma invenção ficcional, uma performance, a partir do 'eu'.
Era uma forma de cuidado. Cuidar de mim. ||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||
Esse tipo de operação no próprio corpo, alma, pensamento, conduta e forma de ser
abre caminho para uma transformação, elaborada pelo imaginar, antes dos passos.[3]
Uma autoficção que fabula o desejo, além do medo.

[2] BOYLE, Claire. Self Fictions and Film: Varda's Transformative Technology of the Self in Les plages d'Agnès. Revue critique de fixxion française contemporaine/
Critical Review of Contemporary French Fixxion, vol n/a, no. 4, pp. 60 71. 2012.
[3] FOUCAULT, Michel. Technologies of the self. Edited by Luther H. Martin, Huck Gutman and Patrick H. Hutton. Londres: Tavistock Publications, 1988.

O EU

Imagem e arte: Anna Lucchese

Registro do protótipo da instalação *Mergulha em mim*,
apresentado na 2ª Mostra de práticas híbridas edição internacional,
que ocorreu entre os dias 08/10/2018 e 11/10/2018.

"Ayer me mataron. IIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII Me negué a que me tocaran y con un palo me reventaron el cráneo.
Me metieron una cuchillada y dejaron que muera desangrada. IIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII
Cual desperdicio me metieron a una bolsa de polietileno negro, enrollada con cinta de embalar y fui
arrojada a una playa, donde horas más tarde me encontraron. IIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII
Pero peor que la muerte, fue la humillación que vino después. IIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII
Desde el momento que tuvieron mi cuerpo inerte nadie se preguntó donde estaba el hijo de puta
que acabo con mis sueños, mis esperanzas, mi vida. IIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII
No, más bien empezaron a hacerme preguntas inútiles. IIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII
A mi, ¿Se imaginan? una muerta, que no puede hablar, que no puede defenderse. IIIIIIIIIIIIIIIIIIII
¿Qué ropa tenías? ¿Por qué andabas sola? ¿Cómo una mujer va a viajar sin compañía?
Te metiste en un barrio peligroso, ¿Qué esperabas? IIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII
Cuestionaron a mis padres, por darme alas, por dejar que sea independiente, como cualquier ser humano.
Les dijeron que seguro andabamos drogadas y lo buscamos, que algo hicimos, IIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII
que ellos deberían habernos tenido vigiladas. IIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII
Y solo muerta entendí que no, que para el mundo yo no soy igual a un hombre.
Que morir fue mi culpa, que siempre va a ser. IIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII
Mientras que si el titular rezaba fueron muertos dos jóvenes viajeros
la gente estaría comentando sus condolencias IIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII
y con su falso e hipócrita discurso de doble moral pedirían pena mayor para los asesinos.
Pero al ser mujer, se minimiza. Se vuelve menos grave, porque claro, yo me lo busqué.
Haciendo lo que yo quería encontré mi merecido por no ser sumisa, por no querer quedarme en mi casa,
por invertir mi propio dinero en mis sueños. Por eso y mucho más, me condenaron. IIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII
Y me apené, porque yo ya no estoy acá. Pero vos si estas. Y sos mujer. IIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII
Y tenes que bancarte que te sigan restregando el mismo discurso de "hacerte respetar",
de que es tu culpa que te griten que te quieran tocar/lamer/ chupar alguno de tus genitales en la calle
por llevar un short con 40 grados de calor, de que vos si viajas sola sos una "loca"
y muy seguramente si te paso algo, si pisotearon tus derechos, vos te lo buscaste.
Te pido que por mí y por todas las mujeres a quienes nos callaron, nos silenciaron,
nos cagaron la vida y los sueños, levantes la voz. IIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII
Vamos a pelear, yo a tu lado, en espíritu, y te prometo que un día vamos a ser tantas,
que no existirán la cantidad de bolsas suficientes para callarnos a todas." IIIIIIIIIIIIIII

Texto de Guadalupe Acosta, postado em sua conta pessoal do Facebook em 2016.

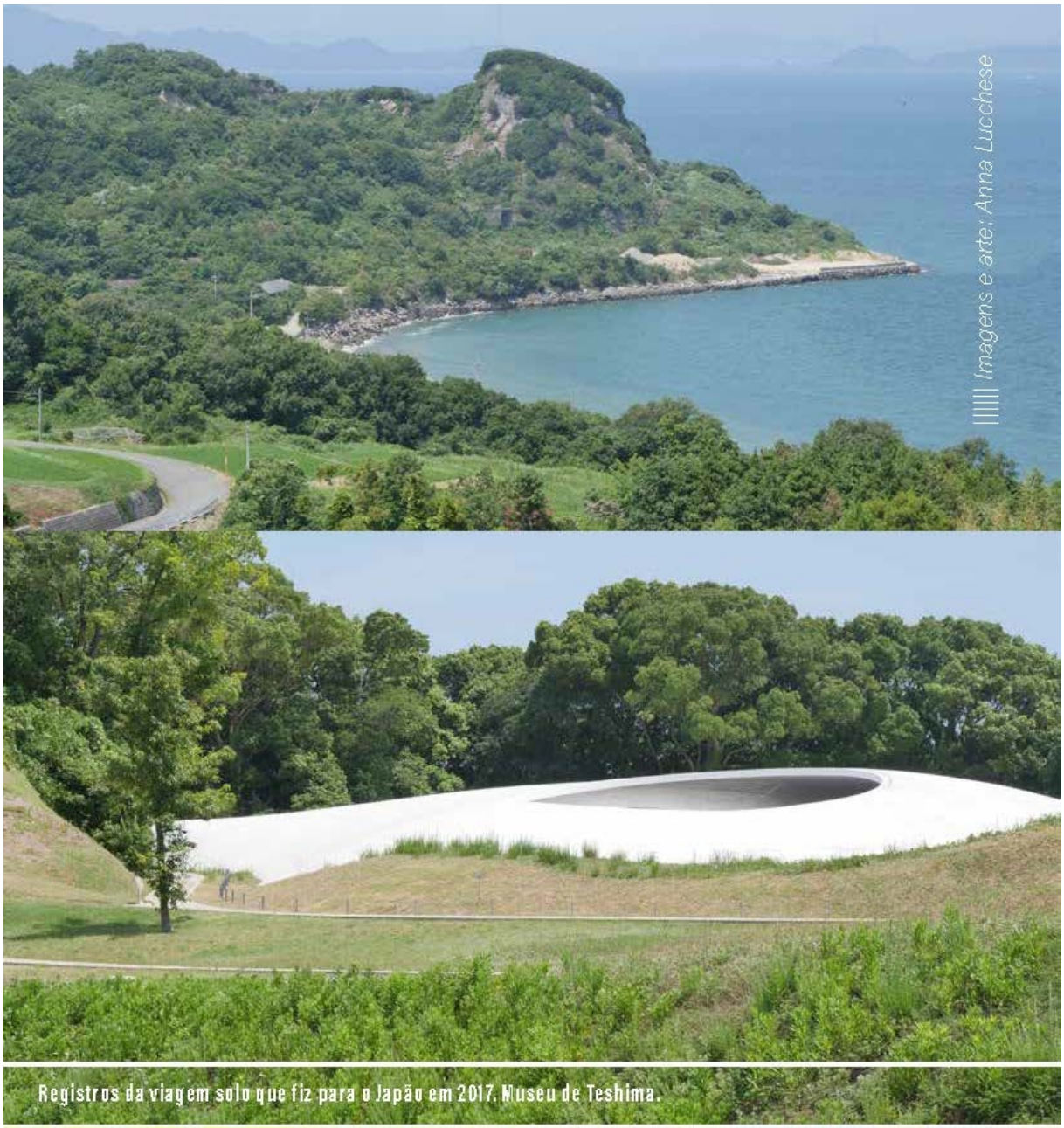
O OUTRO

Descobri o trabalho do artista visual Cao Guimarães quando buscava possibilidades para o gênero documentário dentro do campo de circulação da arte contemporânea.
Comecei por sua trilogia sobre **a solidão**, tema que também rondava meu imaginário.
Algumas idéias vieram a partir desse contato. A primeira delas foi **a presença** como dispositivo.[4]
Em seu filme *Andarilho* (2007), sentia-me alerta ao que estava por acontecer.
Sem o direcionamento que uma história com começo, meio e fim oferece, eu, na pele do espectador, estava a deriva, observando com curiosidade cada passo daqueles homens que pensam e andam.
Não tinha as informações de quem eram e o que queriam. A história não me foi dada, apenas **o convite para observar** um momento na vida desses seres anônimos **e para completar as lacunas com as decisões do meu imaginário.**
Algum tempo depois desse encontro, fui para o Japão e visitei o Museu de Arte de Teshima.
Localizado em uma ilha, cercado pela natureza, é formado por uma casca branca de concreto com duas aberturas no teto. Em um primeiro momento, a sensação é de que não há nada para se ver dentro da estrutura. Aos poucos, caminhando pelo espaço, vejo um líquido transparente brotando do solo e indo de encontro com uma poça de água. Também noto um fio dançando no teto com o balanço do vento.
Em seguida, percebo o som dos pássaros que vem de fora. Sigo caminhando, como os andarilhos de Cao Guimarães, e tudo ao meu redor vai ganhando força naquele vazio. Presto mais atenção à temperatura, aos pequenos movimentos que invadem o espaço, como folhas que chegam pelas aberturas no teto. Não se pode entrar com sapatos, nem usar o celular no interior. Sinto a sola dos meus pés massageando o concreto frio. Mais uma vez percebo meu imaginário completando a experiência da presença diante daquela obra.
Já em São Paulo, deparei-me com outra criação de Cao Guimarães, intitulada *Histórias do não ver* (2013), em que ele inicia com o seguinte parágrafo:

"Tudo começou por acaso. A piscina estava vazia naquela manhã. Por algum motivo, nem mesmo as raias que separam os nadadores estavam ali. Em pé sobre o murinho do que seria a raia cinco eu me preparava para saltar. Nada se mexia, apenas as nuvens refletidas na inércia da água. Ao tocar a água senti meu corpo como uma pedra quebrando um espelho e espatifando a realidade em milhares de partículas."

Quando li sobre o assassinato de duas turistas argentinas no Equador, Marina Menegazzo, de 22, e María José Coni, de 21, e sobre a campanha virtual #viajosolo e o texto *Ayer me mataron* (2016), de Guadalupe Acosta, como reação ao ocorrido, tive a sensação de receber em meu corpo uma pedra. **Essas mulheres representavam para mim um espelho e uma janela.** Mas seu material não era sólido como vidro, mas maleável como água, na qual meu imaginário podia se propagar em diversos círculos, conectado-me ao outro, em uma existência múltipla, nascida daquele instante de um mergulho profundo.

[4] Dispositivo, segundo o meu entendimento, é uma prisão que o artista constrói para poder se libertar.



||||| *Imagens e arte: Anna Lucchese*

Registros da viagem solo que fiz para o Japão em 2017. Museu de Teshima.

|||||| *Imagens e arte: Anna Lucchese*

A SOLITUDE FEMININA

Existe um processo de transformação, uma trajetória percorrida, entre as palavras solidão e solitude.
Estar só, sem a companhia do outro, não é o mesmo que sentir-se só, mesmo cercado pela presença de muitos.
A solidão tampouco é um sentimento universal e atemporal.
Sua origem é histórica e social e, cada vez mais, contemporânea.
Essa palavra passa a ser usada com mais frequência no século XVIII como consequência da industrialização e do crescente foco no individualismo.[5]
A expressão artística que cresce nesse momento materializa-se no gênero literário do romance e um quarto só para si é o ambiente no qual o escritor viaja por seu universo interior.
A solitude usada como dispositivo no processo de criação produz grandes obras.
Na história da humanidade, os retiros intencionais, com o objetivo de um distanciamento do convívio social, são práticas frequentes tanto na busca criativa como espiritual.
Virginia Woolf faz um manifesto em defesa da independência e da autonomia para que as mulheres sejam capazes de tornar-se grandes escritoras como homens.[6]

Esse espaço, no qual o indivíduo pode expressar-se livremente guiado apenas pela curiosidade, imerso no aqui e agora, é o lugar da transformação, do transbordamento, onde o extraordinário e o singular afloram.

A solitude pode ser entendida também como uma capacidade psicológica e uma conquista para o desenvolvimento. Uma criança, durante seus primeiros anos de contato com o mundo, deve ter uma distância suficiente do adulto para que possa explorar o ambiente ao redor por conta própria.[7]
Esse exercício de autonomia pode ser usado de forma produtiva em diversos estágios da vida com o objetivo de reinventar o presente, ao lançar para o alto um dado com novas possibilidades de existência e libertação.

Aprender a viver através das próprias experiências e do contato sensível com a realidade produz um conhecimento único e autêntico e o 'eu' resultante desse processo gera uma satisfação substancial e integral.[8]

Esse foi o ponto de partida do meu processo de criação para construir a peça de artemídia[9] MERGULHA EM MIM, em uma viagem pelo pensar, experimentar e sentir, percorrendo as relações com o outro e tendo como foco o meu desenvolvimento artístico e pessoal. Utilizei como mapa, para organizar a viagem, quatro alicerces de expressão: **corpo, espaço, tempo e linguagem**, tendo como referência o trabalho de outra pesquisadora, do campo da psicologia.[10] Só, porém bem acompanhada.

[5] ALBERTI, Fay Bound. A biography of loneliness. The history of an emotion. Oxford: Oxford University Press, 2019.
[6] WOOLF, Virginia. A Room of One's Own. London: Hogarth Press, 1929.
[7] WINNICOTT, Donald Woods. The Capacity to be Alone. Int. J. Psycho-Anal., 39:416-420, 1958.
[8] BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002.
[9] Dentro do grupo de pesquisa "Artemídia e Videoclipe", liderado pelo Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira PEL, uma peça de artemídia é um produto criado na interface arte, comunicação e ciência.
[10] ARNDT, Karin Leah. A room of one's own, revisited: an existential-hermeneutic study of female solitude. A dissertation submitted to the McAnulty College and Graduate School of Liberal Arts, Duquesne University, in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy. Michigan: ProQuest LLC, 2013.

|||||| *Imagens e arte: Anna Lucchese*

CARTÃO POSTAL DO CORPO

Acordei cedo no primeiro dia e caminhei até o ventre para ter uma visão geral.
Rumei norte até o umbigo. Apreciei a vista do orifício imaginando o que estaria do outro lado.
No dia seguinte, segui viagem até o peitoral.
Estava cansada.

Tinha a opção de continuar pelo vale ou arriscar uma escalada.
Escolhi o seio direito pela pinta que estava logo adiante.

Quando alcancei a ponta, pingava suor.
Mas que vista!

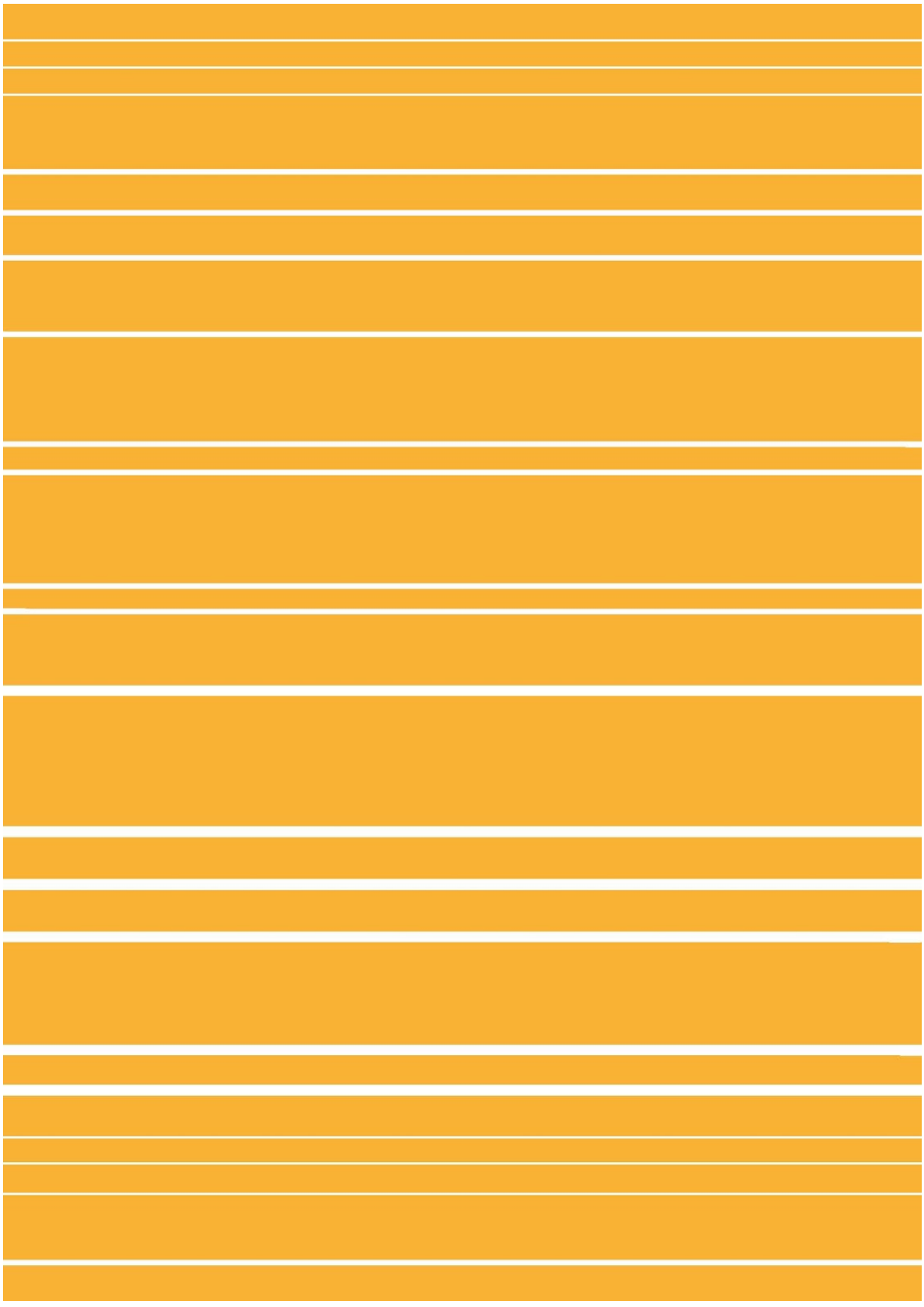
Sentei um pouco no conforto dos mamilos para recuperar o fôlego.
Esperei um vento favorável e peguei um atalho pelos ares até a boca.

Que voo! Que aterrissagem! Que pôr de sol maravilhoso!

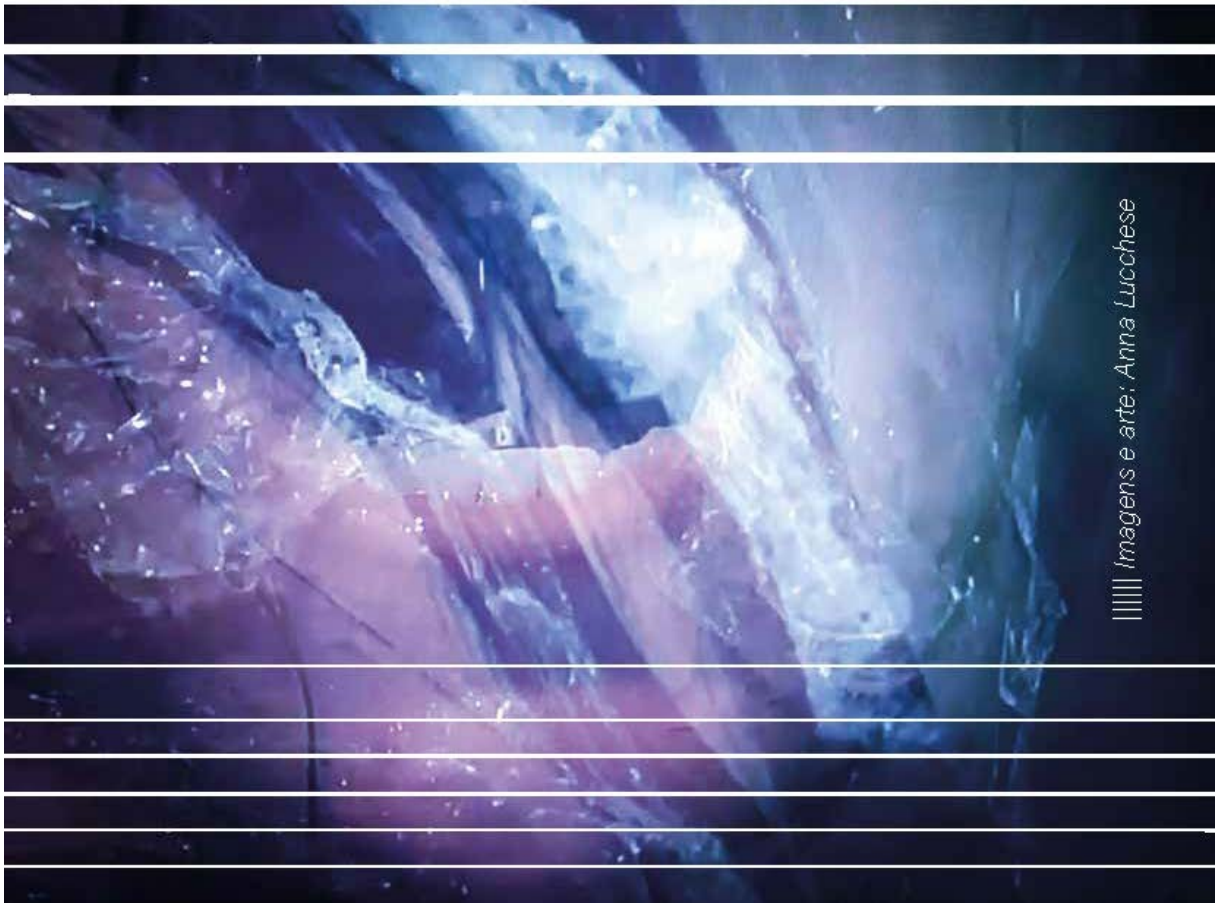
Amanhã tem mais.
O sul promete um dia inesquecível.

Mas você terá que imaginar como foi enquanto lê este postal.
Aproveite a vantagem desses mistérios
entre o tempo passado, presente e futuro da correspondência,
que nunca poderemos controlar.

||||| *Texto: Anna Lucchese*



Registro do protótipo da instalação *Mergulha em mim*, apresentado na 2ª Mostra de práticas híbridas edição internacional, que ocorreu entre os dias 08/10/2018 e 11/10/2018.



|||||| *Imagens e arte: Anna Lucchese*

MEDO, FRAGILIDADE E VIOLÊNCIA

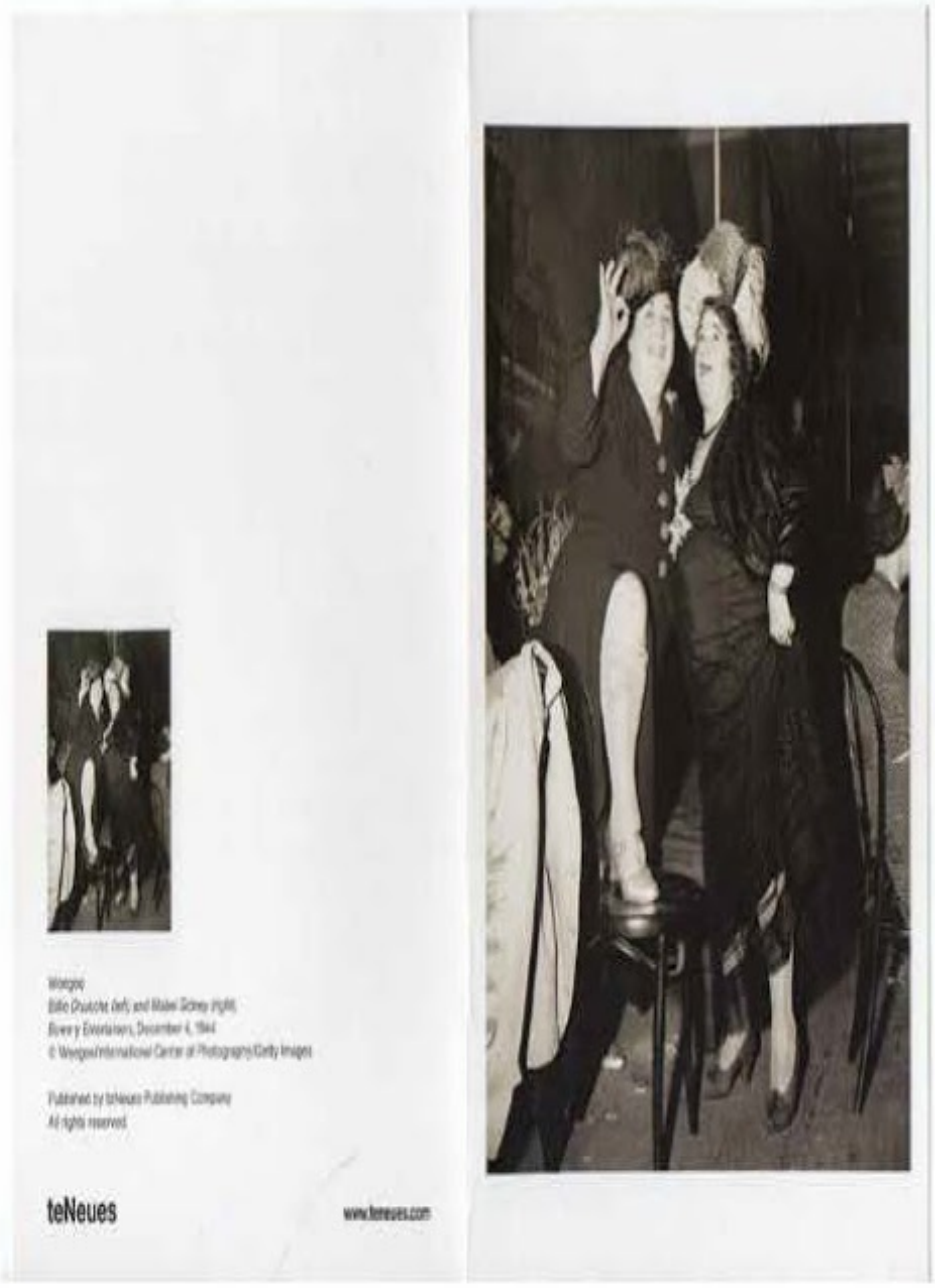
Uma vez, conheci uma mulher numa festa, que me contou uma história sobre uma briga de trânsito.
Ela estava grávida, indo para o trabalho, quando um carro a fechou.
Talvez os hormônios, o estresse, o engarrafamento.
Quem saberá dizer o que fez com que ela começasse a perseguir o outro carro para fechá-lo também.
Os dois motoristas enlouquecidos começaram uma disputa acirrada que combinou em um farol fechado.
O homem, fora de si, saiu do carro para bater na mulher que me contava a história.
Quando ele chegou perto da porta, viu que ela estava grávida.
Ele parou e começou a chorar.

Ela tem a minha idade, pensei, enquanto escutava.

Tenho certeza absoluta que nunca me esquecerei dessa história. Desde que a ouvi, ela faz parte de mim.

Texto: Anna Lucchese

FRAGMENTOS DE EXPERIÊNCIAS



Weegee
Billie Druscoe (left) and Mabel Sidney (right)
Bowery Entertainers, December 4, 1944
© Weegee/International Center of Photography/Getty Images

Published by teNeues Publishing Company
All rights reserved.

teNeues

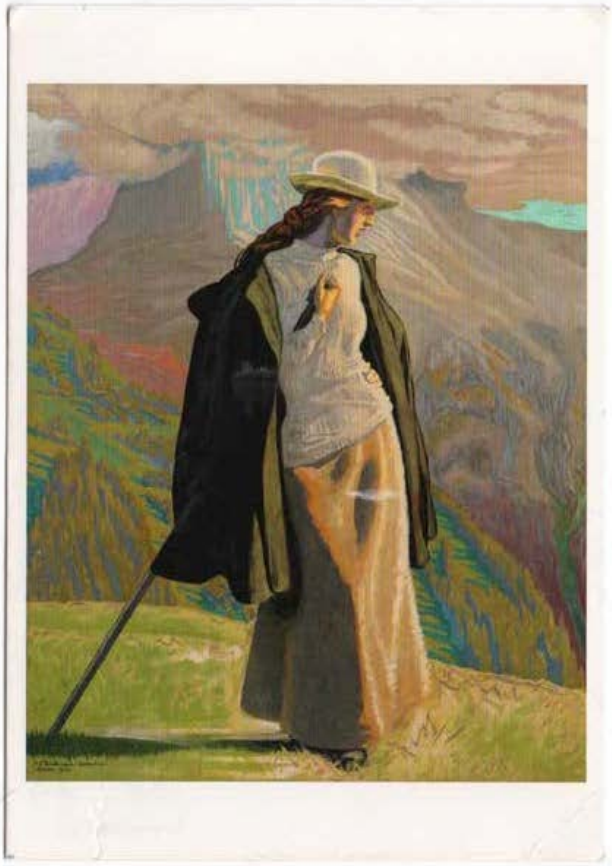
www.teneues.com

[...] RJ - 29.5.2018

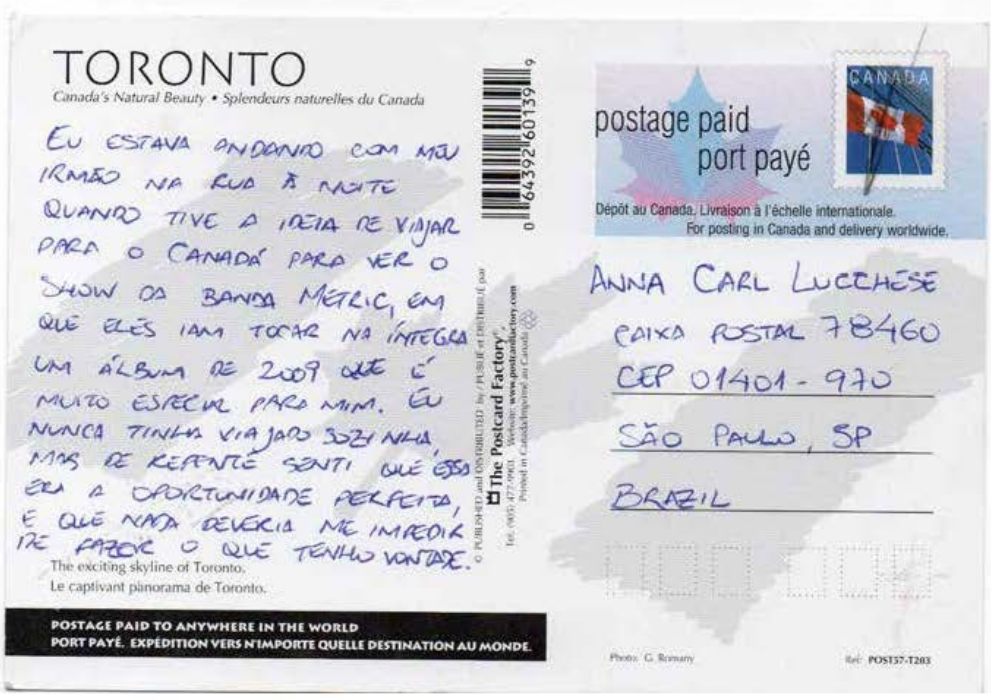
OI ANNITCHAS!

DEPOIS QUE VIM, ME DEI CONTA DE QUE EU TINHA 29 ANOS, QUANDO PARTI DE SÃO PAULO (ALGUNS DIZEM QUE É A VOLTA DE SATURNO)

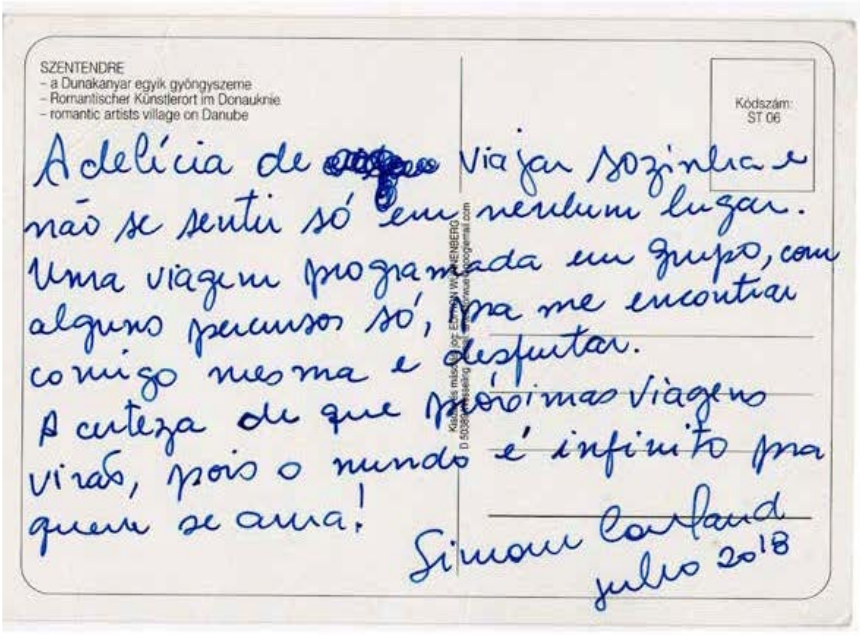
Des pers



|||||| *Cartão postal enviado por Nancy Gomes dos Santos para a instalação Mergulha em mim*



|||||| *Cartão postal enviado por Raquel Oyakawa para a instalação Mergulha em mim*



|||||| *Cartão postal enviado por Simone Coutaud para a instalação Mergulha em mim*

|||||||||||||||||||||||||||||||||||| O PEDIDO

PEDIDO PARA MULHERES QUE VIAJAM SOZINHAS,

Meu nome é Anna Lucchese, sou mestranda no departamento de artes da Unesp, sob orientação do Prof. Dr. Pelópidas Cypriano. Tenho um projeto de pesquisa que se inicia a partir da colaboração de outras mulheres com material que será utilizado para a criação de uma obra de arte visual.

O que é isso exatamente? Meu pedido é que mulheres que estejam viajando sozinhas me enviem dois tipos de material:

1. Um cartão postal do lugar onde está viajando.
Nesse cartão postal, peço que descreva o momento em que decidiu fazer a viagem.
O cartão deve ser enviado para o seguinte endereço:

Anna Carl Lucchese
Caixa Postal 78460
CEP 1401970
São Paulo, SP
Brazil

2. Um vídeo de 30 segundos que deve ser feito durante a viagem. O vídeo deve ser feito da seguinte forma:
Preste atenção em como está se sentindo desde o momento em que começou a viagem.
Quando sentir que algo dentro de você mudou, aponte seu celular ou câmera para o que você está vendo nesse momento e grave 30 segundos de vídeo sem parar.
Não importa se você está sozinha olhando para o teto do hotel, se está diante de uma paisagem arrebatadora, se está no banheiro se olhando no espelho, ou conversando com outra pessoa. Se sentir essa mudança interna, grave o que está diante de você. Envie esse vídeo para o seguinte endereço:

https://www.dropbox.com/request/wczkgGXwnJ1SwpjuqT90

Meu estudo aborda questões como a relação entre a solidão e a liberdade, o medo e o prazer, o efêmero e o permanente, o eu e o outro, a memória, a identidade, o feminino, o tempo e a criação de sentido.

Obrigada por fazer parte deste projeto.

Frames dos vídeos feitos com meu pedido para viajantes solo colaborarem com a instalação MERGULHA EM MIM.
O material foi postado no YOUTUBE e divulgado nas redes sociais FACEBOOK, INSTAGRAM e TWITTER.

A RELEITURA DA REALIDADE ATRAVÉS DA POÉTICA DO 'EU'

O processo que ocorre no corpo, no espaço, no tempo e na linguagem, através da expressão individual, produz uma poética única. É também uma forma de refletir sobre a realidade que nos inunda.
Para mim, por vezes, isso se concretiza através
de um poema,
de um documentário,
de uma instalação,
de uma performance
ou, simplesmente, de uma conversa.
Mas a poética e a reflexão sempre estão presentes.
Durante minha viagem artística, mais do que uma mudança social,
percebi que buscava pequenos prazeres individuais.
A descoberta de algo que proporciona satisfação para uma pessoa,
na solitude,
independente da realidade na qual está inserida,
nesse lugar onde se imagina a experiência possível,
o que pode vir a ser.
Cada vez mais, percebo que, a obra em si, não é o alicerce no qual as descobertas se edificam, mas sim, as relações, os sentimentos e as sensações dos quais ela se origina e os quais ela instiga.
A minha curiosidade, propulsora da experiência, está relacionada a inquietudes, angústias e questionamentos pessoais, para os quais tento buscar soluções.
Com MERGULHA EM MIM, encontrei um gesto expressivo que se estabelece quando ouço as vozes de outras mulheres que viajam sozinhas.
Ao final, essa reconfiguração da memória da história vivida e compartilhada, faz com que eu seja outra pessoa, por ter conseguido organizar, na solitude, os estímulos que recebo como um ser exposto e vulnerável.

Texto e imagem: Anna Lucchese

Na mesma viagem em que descobri o Museu de Arte de Teshima,
fui constantemente acompanhada pelo som de cigarras que caracterizam o verão japonês.
Fiquei por um bom tempo observando e registrando com a câmera um desses insetos movendo-se no asfalto,
depois de cair de uma árvore.

Enquanto acompanhava o animal, lembrei da fábula *A cigarra e a formiga*,
que surgiu de repente no meu inconsciente para me alertar que o prazer pode levar à morte
enquanto que o trabalho garante a sobrevivência.
A culpa e o medo da morte mais uma vez assombravam a experiência,
somando-se à voz da razão que distraía a atenção do momento presente.
Uma amiga me disse mais tarde que, em sua interpretação pessoal da fábula, a cigarra representa o artista.

A vida das cigarras instigou minha curiosidade e comecei a pesquisar um pouco mais a fundo sobre sua existência.
Descobri que elas passam a maior parte de suas vidas debaixo da terra - tempo que pode chegar a ser de 17 anos,
dependendo da espécie - e têm apenas um período curto de vida na superfície,
depois de uma transformação em que ganham asas.

Ou seja, o prazer, materializado no canto delas, tão criticado pela formiga, é uma parte efêmera de sua existência.

|||||||||||||||||||||| ACONTECIMENTOS, OBJETOS E MEMÓRIA

Quando comecei a pedir os cartões postais para MERGULHA EM MIM, tive contato com o trabalho de outra artista.
Postcards by a feminist, de Leticia Zica, é o resultado de um estudo sobre autorretrato, feminismo, surrealismo e cultura brasileira. ||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||
O projeto[11] é inspirado em um caderno de sua avó Catarina que data de 1959 e contém anotações sobre tarefas do lar, decoração, cuidado com a família e demais trabalhos domésticos.
Ao se deparar com o objeto, Leticia selecionou alguns trechos e ressignificou esses fragmentos do passado, colocando-os junto a uma série de fotografias de sua autoria.
Em seguida, transformou essa nova peça, que conecta passado e presente, em um cartão postal e o enviou para outras mulheres que aceitaram participar do projeto.
Elas deveriam escrever no verso do postal o que ele representava e enviá-lo de volta para a artista. |||||||||

Em outro momento, em outro lugar, tive contato com Sophie Calle através do trabalho *Cuide de você.*[12]
A artista usou um e-mail como alvo para sua poética reflexiva.
Na mensagem eletrônica, seu ex-namorado termina o relacionamento que tem com ela. ||||||||||||||||||||
Esse fragmento de sua vida foi enviado para 107 mulheres,
as quais aceitaram a tarefa de fazer suas próprias leituras das palavras de rompimento.

Esse 'eu' que ressignifica a experiência do outro foi aparecendo para mim,
até que cheguei ao livro *As helenas de troia, ny*, de Bernadette Mayer.[13]
A autora entrevistou diversas mulheres com o mesmo nome e residentes na mesma cidade.
Uma coincidência carregada de memória subjetiva, de imaginário coletivo.
Cada conversa virou um poema e, das mulheres, ficamos apenas com a poética reflexiva do 'eu' de Bernadette, cheio de lacunas e invenção.

As relações que transitam por essas memórias, acontecimentos e objetos transbordaram em mim durante o processo de criação deste trabalho, na forma de afeto por mulheres que ressignificam a experiência e ultrapassam os limites da certeza.

[11] https://www.leticiazicaphotography.com
[12] http://site.videobrasil.org.br/exposicoes/calle
[13] MAYER, Bernadette. As helenas de troia, ny. Trad. Mariana Ruggieri. São Paulo: Editora Jabuticaba, 2018.

|||||| *texto e imagens: Anna Lucchese*

O IMAGINÁRIO. RELAÇÕES AO ACASO.

Eu e minha sobrinha estávamos no aeroporto, ela devia ter por volta de quatro anos de idade,
quando nos deparamos com uma policial.
No momento em que viu a mulher, ficou paralisada e seus olhos envolveram aquela figura por algum tempo
sem conseguir desviar a atenção.
As únicas vezes que a vi assim ocorreram quando diante de representações da personagem de Elsa, do filme Frozen.
Puxei sua mão e seguimos andando, mas ela não conseguia afastar o olhar.
Perguntei se gostaria de falar com a policial, mas Juliana estava tímida, como se estivesse diante de uma celebridade.
Provavelmente, era a primeira vez que via uma forma feminina assim, séria, imponente, com ar de autoridade,
de uniforme e armada.
Não sei o que passou pela cabeça da minha sobrinha naquele momento,
mas o impacto e a admiração pela outra eram evidentes.

||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||

|||||||||||||||||||| SERENDIPIDADE

Poucas mulheres atenderam ao meu pedido de colaboração para a instalação.
O cartão postal não era mais uma tecnologia do presente.
A imagem da janela, e não do espelho, contrária à selfie, também não.
De repente, algo aconteceu.
Recebi este áudio de Biancamaria Binazzi pelo whatsapp. O primeiro de muitos.

(som de água corrente)

Debaixo das escadarias da biblioteca do congresso em Washington, tem uma ponte que chamou a minha atenção desde o primeiro dia. É uma fonte impressionante, refrescante, e que cobras e tartarugas e seres indefinidos estão jogando água. É uma escultura muito movimentada e, dessa água, emana o Netuno. Um cara que tem aparecido muito para mim, muito curiosamente, no último ano. Ele apareceu para mim no tarot. Ele aparece muito no meu mapa astral. Ele é um cara que me inspira muito e, sempre quando ele aparece nas cartas, nos pensamentos... até no I Ching, teve uns pensamentos meio netúnicos... eu fico muito inspirada, porque parece que ele não tem nada a ver comigo, mas ele tá presente. Ele não tem nada a ver comigo porque, justamente, ele é o cara dos rompantes, das grandes transformações. Ele é forte. Ele é das tempestades. Ele é das águas. Ele é da bravura. E, sempre quando ele aparece para mim, eu fico encorajada para fazer alguma coisa grande e importante. Então, faz muito sentido ele ser o cara que tá bem aqui na frente. Ele foi escolhido para refrescar e movimentar a biblioteca do congresso. Eu fico muito impressionada com essa biblioteca. Ela foi o meu destino da viagem. Não importa muito a cidade, o país e o tempo. É aqui que eu consegui fazer a minha viagem de vida, que é uma viagem sonora pelo espaço. É uma viagem sonora, por incrível que pareça, para o Brasil. Para o meu Brasil que eu estudo e que eu me interesso, que é o Brasil dos anos de 1930. Oh, Sorry. Sorry. Acabei de levar uma bronca porque eu tô aqui, há uma hora, na frente do Netuno, querendo fazer a minha reflexão, e o pessoal querendo tirar foto dele. Então, eu vim para o cantinho... Voltando a falar da minha viagem transformadora... e eu vivi aqui uma das experiências mais emocionantes da minha vida porque, no Brasil, eu procuro pistas de uma música de um tempo que a gente não guarda na nossa memória. Então, eu procuro gravações, eu procuro artigos de jornal. E, não encontro. Então, eu vim até aqui, na biblioteca, e encontrei. E o mais emocionante é ouvir vozes, por exemplo, da minha cantora preferida, Elsie Houston, num programa de rádio. Ela falando, não cantando. Então, no silêncio da biblioteca, com um par de fones de ouvido, eu consegui encontrar essa mulher. Um passado audível, um passado vivo. E, para quem me conhece, sabe que eu sou apaixonada pelo som. O som leva a gente para lugares que a imagem não leva. Então, ouvir essa mulher, em 1940, assim como eu, aqui nos Estados Unidos. Assim como eu, aqui na biblioteca do congresso, próxima do Netuno e suas águas espiralantes. Ouvir isso me levou, me transportou, a ela. Ouvir a voz dela falando me trouxe a alma dela. Não só o artístico dela, mas a alma dela. E comecei a ir a fundo e passei uma semana descobrindo muitas coisas sobre ela, e sobre o Brasil, numa biblioteca que busca, apaixonadamente, com profissionais muito sérios, guardar toda informação possível, de todos os tempos, de todos os espaços. Então, essa viagem me trouxe esse momento transformador. ||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||

IIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII Primeiro, de saber que eu posso acessar tempos e espaços, e encontrar algo que eu achei que não existia. E que me diz muito a respeito. As paisagens sonoras de outros tempos. E, principalmente, por todas as dificuldades que eu enfrento, de falar inglês, de conseguir chegar até aqui, de lutar contra a burocracia das informações. Esse cara, que tá na minha frente. O Netuno, com as pernas gigantes, com os músculos enormes, uma barba revoltada, um cabelo revoltoso, me inspira a ser menos comportada, ter mais sangue nos olhos, ter mais coragem. Você precisa ver o tamanho do pé dele! E as cobras e as ondas. Me inspira a ter coragem e a ver que eu tenho um pouco disso em mim. É só, enfim, dar o primeiro passo e não desistir. Até no terreiro, as ondas estavam me chamando. O mar, o movimento... Impressionante, esse ano, o Netuno, águas, azul, tempestade, movimento, movimento, movimento. No sangue, no mapa astral, no tarot, na história da minha família, tá escrito que meu destino é caminhar e estar em movimento. Então, é isso, é só dar o primeiro passo e começar a subir a montanha. E aí, no meio do caminho, não dá vontade de voltar. Então, a gente continua subindo, devagarzinho, mas rumo a algum lugar. Vamos ficar então com um pouco mais do som do Netuno.

(som de água corrente)

Para Royston M. Roberts[14], a descoberta serendípica, ou seja, a revelação feita por acaso, por acidente, sem que o artista-pesquisador procurasse o que acabou encontrando, só ocorre quando a pessoa está preparada para conseguir entender que está diante de uma descoberta.

[14] ROBERTS, Royston M. Descobertas acidentais em ciências. 2a. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

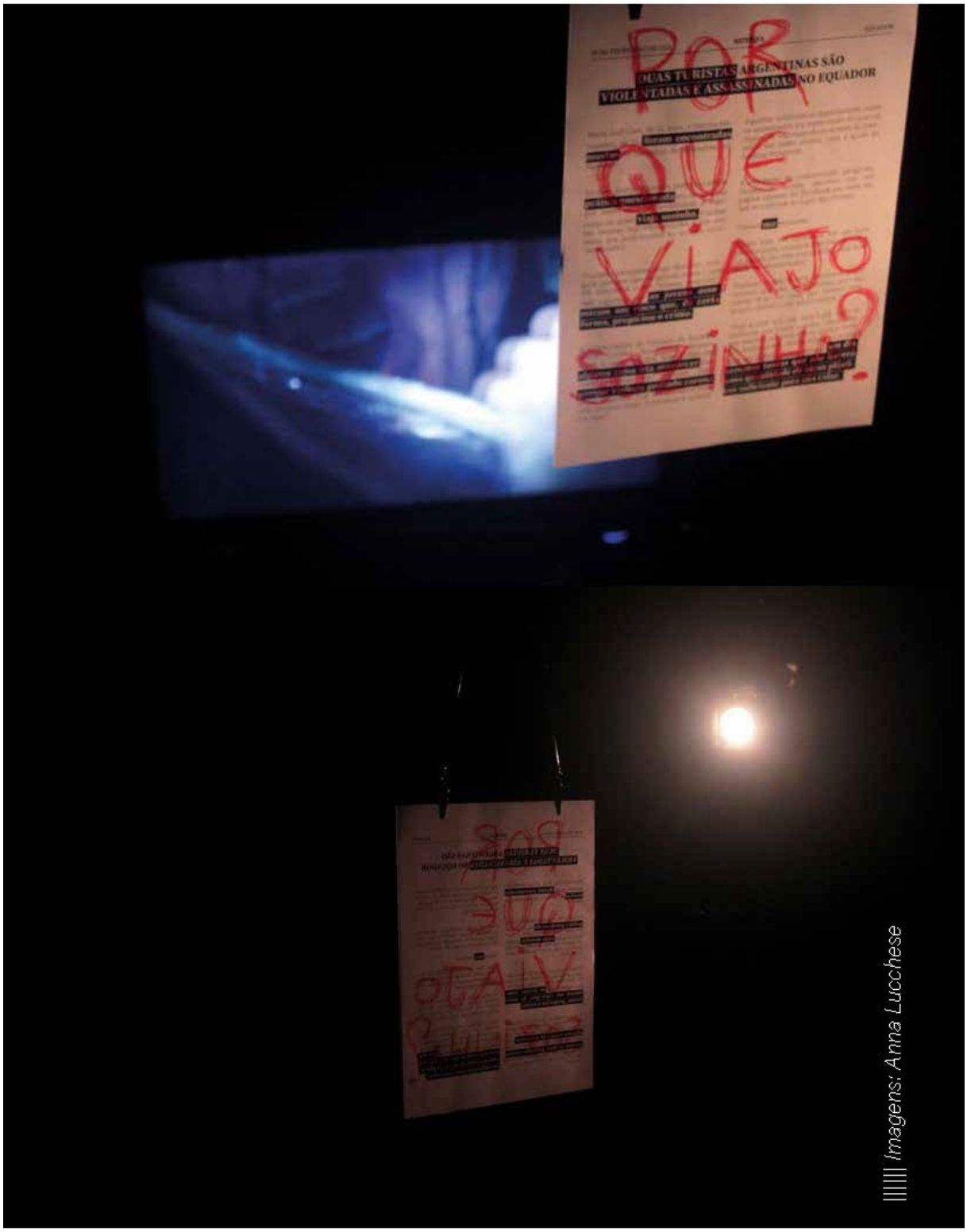
A TRAJETÓRIA DO PENSAMENTO E DO SENTIMENTO ENTRE COMUNICAÇÃO, CIÊNCIA E ARTE

Há um padrão, um ciclo, uma história que se repete.
Mas não é possível precisar como ela se dará.
Há uma incerteza própria da arte, da vida.
Algo no formato único, original, com sua aura própria que desafia a ciência e a comunicação.
É um outro tipo de conhecimento, que vem do sensível, do tátil, daquilo que não se controla.
São pegadas, fragmentos que se entrelaçam.
É preciso mergulhar, relacionar-se com eles, e ter a coragem de experienciar a incerteza e toda a sabedoria que ela nos traz.

O PROTÓTIPO

Imagem: Anna Lucchese

Registro do protótipo da instalação *Mergulha em mim*,
apresentado na 2ª Mostra de práticas híbridas edição internacional,
que ocorreu entre os dias 08/10/2018 e 11/10/2018.

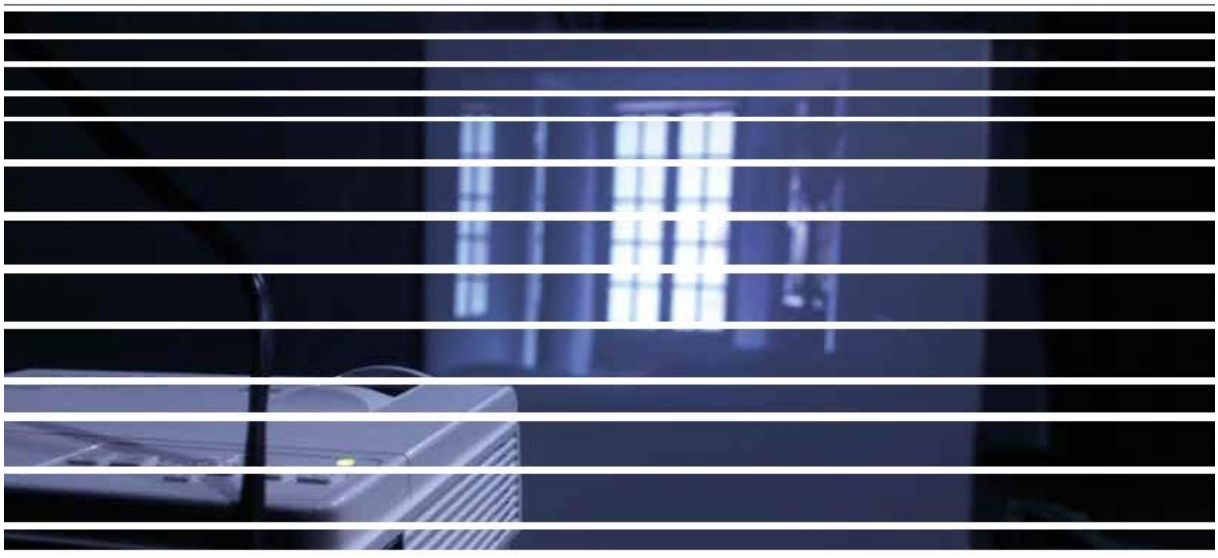


||||| *Imagens: Anna Lucchese*

|||||| *Imagens: Anna Lucchese*

A BARREIRA DO MEDO E DA VIOLÊNCIA.
A VIAGEM PELA LIBERDADE DO PRAZER.

Acordei agora.
Perdi a hora.
Acabo de começar o dia e já estou fora do lugar.
Estou olhando para a porta que dá para o quintal e percebendo que há muita luz entrando pelo vidro.
A porta é de madeira com quadrados de vidro fosco.
Dá a sensação que eu moro em uma casa de veraneio.
Mas às 5 da manhã só há escuridão.
Agora são 8h5.
Uma sensação muito forte que eu carregava, deixou meu corpo.
Acabo de notar a sua ausência.
Alguma coisa dentro de mim, mudou.



MATERIALIDADE.

Cachoeira, labirinto, fotografias, portas, janelas, espelhos, cascalho, fios, projetor, luminárias, som.
Esses elementos foram surgindo dentro de mim como uma forma de expressar minha viagem pelo pensar,
experimentar
e sentir.

A relação entre eles também me conecta ao espaço,
tempo,
corpo
e linguagem
da solitude feminina que me alimenta.

Para definir as escolhas e a organização de cada um desses materiais dentro da instalação,
busquei inspiração em outros artistas cuja experiência sensorial de seus trabalhos, provocou algo em mim.

Entre eles, Olafur Eliasson, Ai Wei Wei, Yayoi Kusama, George Bures Miller, Janet Cardiff, VJ Suave.

IIIIIIIIIIIIIIIIIII A MONTAGEM

Na entrada da instalação, o visitante depara-se com três vídeos.
Eles estão afixados em uma parede branca coberta com os nomes e as idades de turistas mulheres assassinadas, escritos em vermelho.

Ao entrar, sozinha, a pessoa passa por uma abertura de onde pendem fios de nailon e se depara, no interior do espaço, com um labirinto de paredes feitas com janelas de madeira, vidro fosco e espelhos. Assim, não é possível ver o que está do outro lado e, em alguns momentos, o visitante depara-se com a própria imagem.

Conforme caminha, no interior do espaço, sente, debaixo dos pés, um piso de cascalhos e folhas secas.
Sob a cabeça, há caixas de som, em determinados pontos, com o áudio de depoimentos de mulheres que viajam sozinhas.

Por toda a instalação, é possível ouvir o som de água corrente e cigarras.

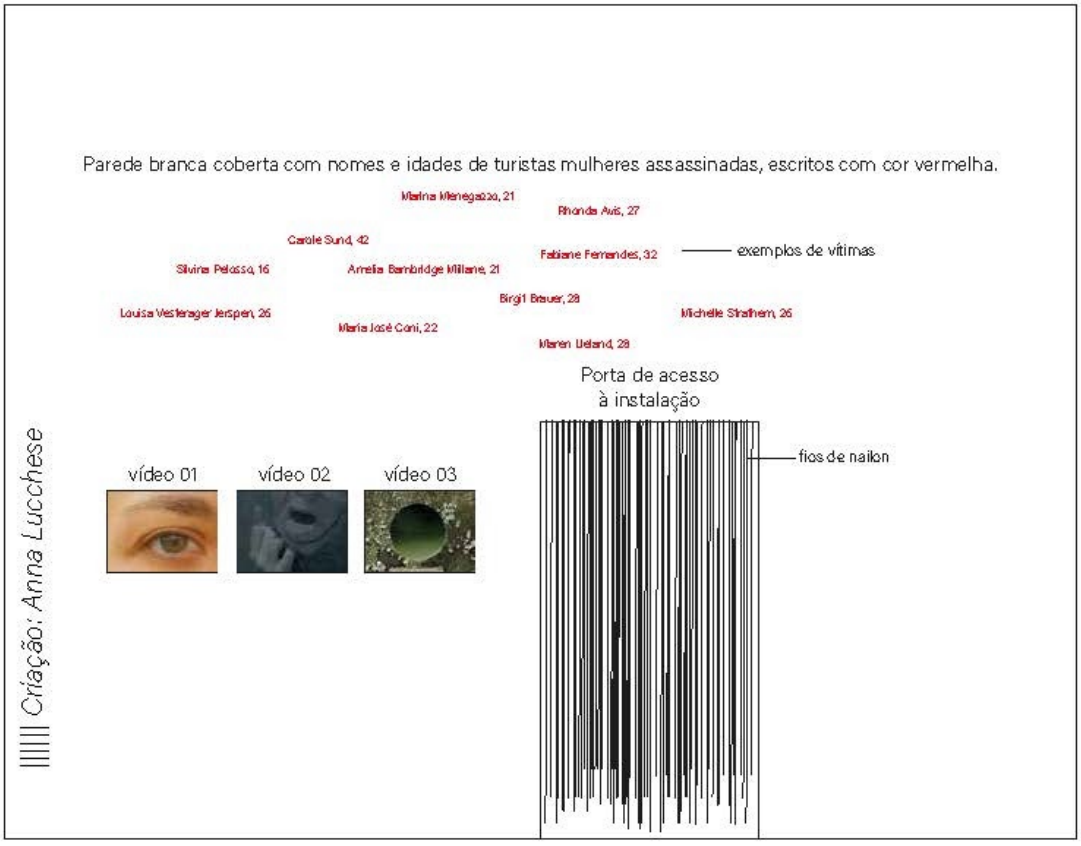
No meio do espaço, três paredes paralelas possuem uma abertura ao invés do vidro fosco e do espelho.
Pelas aberturas, é possível ver uma projeção.

Todo o percurso é iluminado por luminárias feitas de barbante de sisal.

Ao final do labirinto, o visitante depara-se com um espelho d'água e uma queda d'água onde está projetada a frase 'MERGULHA EM MIM'.

Ao sair da instalação, é possível conversar com a artista que aguarda sentada em um sofá do lado de fora.

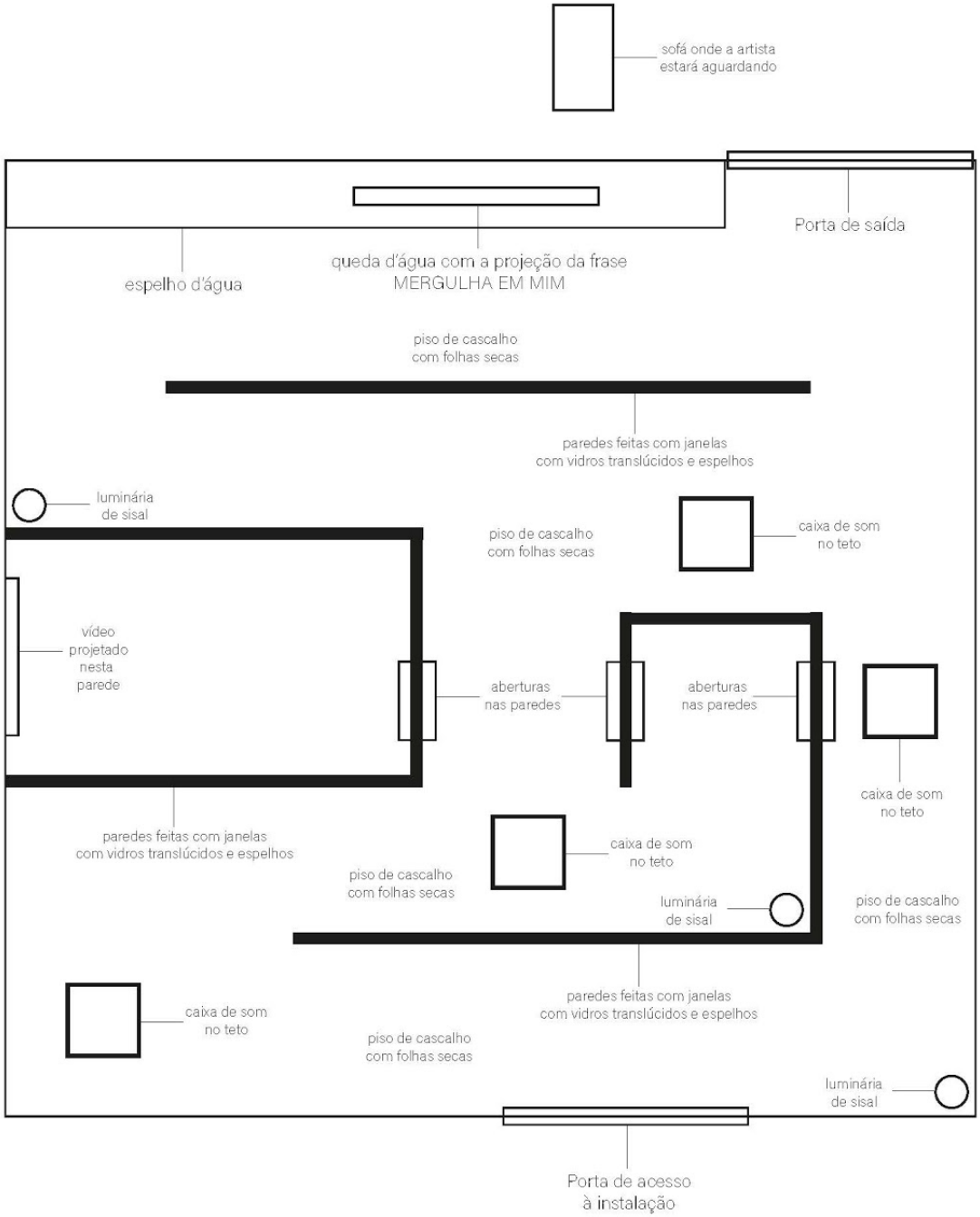
ENTRADA DA INSTALAÇÃO



INSTRUÇÕES DE ACESSO À INSTALAÇÃO:

A visitação deverá ser agendada. O acesso é individual, não será permetida a entrada de mais de uma pessoa por vez. Cada visitante poderá permanecer no interior da instalação por 30 minutos.

PLANTA BAIXA DO INTERIOR DA INSTALAÇÃO



VÍDEO COM SEQUÊNCIA DE FOTOS E SLOW MOTION, FEITO PARA A ENTRADA DA INSTALAÇÃO.

VÍDEO 01

https://bit.ly/38YXEsG

||||| *Vídeo: Anna Lucchese*

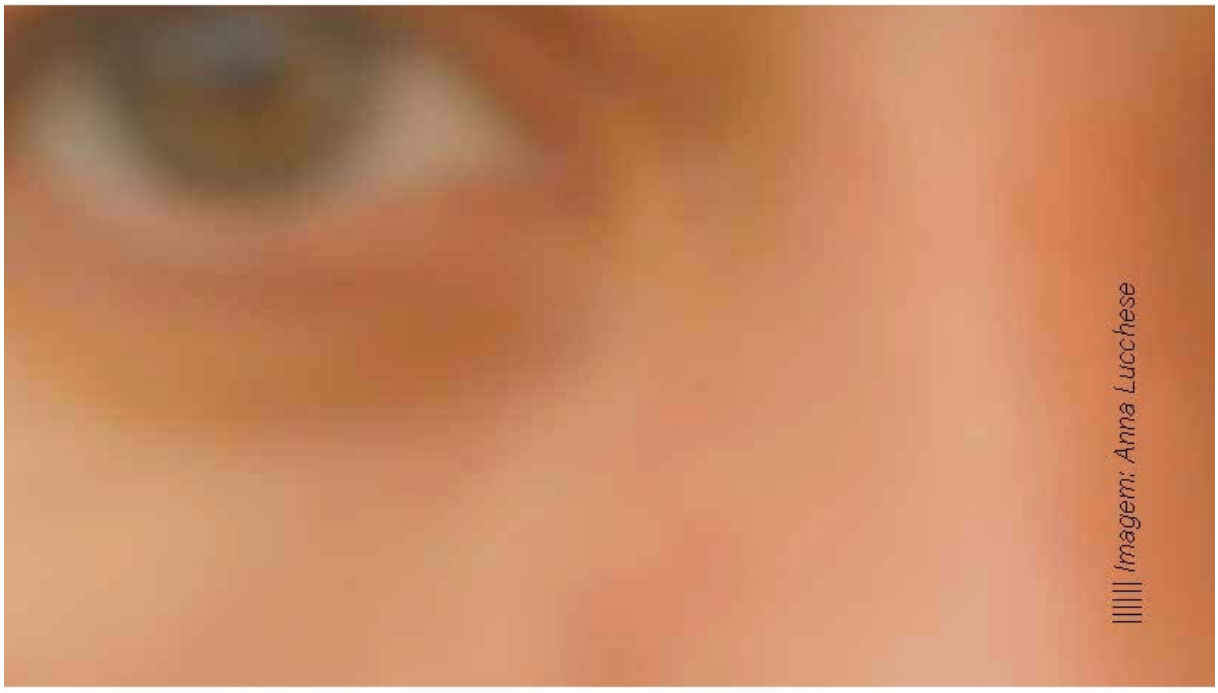
Imagem: Anna Lucchese

||||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*



|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

||||| Imagem: Anna Lucchese

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

Vídeo 01.

Espaço, tempo, corpo e linguagem no olhar.

Com ele, busco, sinto e enfrento.

Fragmentação e o que se perde em meio à aceleração, na tentativa de absorver todos os estímulos.

A falta de nitidez que o desconhecido oferece.

Hesitar. Não saber o que fazer.

A suspensão que acompanha o momento de decisão.

Janela ou espelho?

VÍDEO COM SEQUÊNCIA DE FOTOS, FEITO PARA A ENTRADA DA INSTALAÇÃO.

VÍDEO 02

https://bit.ly/2IX41C4

|||||| *Vídeo: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| Imagem: Anna Lucchese

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| Imagem: Anna Lucchese

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| Imagem: Anna Lucchese

|||||| Imagem: Anna Lucchese

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| Imagem: Anna Lucchese

|||||| Imagem: Anna Lucchese

||||| *Imagem: Anna Lucchese*

|||||| Imagem: Anna Lucchese

|||||| Imagem: Anna Lucchese

Vídeo 02.

Espaço, tempo, corpo e linguagem através do medo.

Não é a ausência dele. É sentir e experienciar o medo.

Essa barreira invisível que sufoca, paralisa e protege.

É uma luta travada com a emoção, sem a certeza que irá domá-la.

A falta de cor e calor diante do perigo da violência.

Qual a medida dos passos que libertam?

O caos que acompanha o momento de decisão.

Prisão ou abrigo?

VÍDEO COM SEQUÊNCIA DE FOTOS E SLOW MOTION, FEITO PARA A ENTRADA DA INSTALAÇÃO.

VÍDEO 03

https://bit.ly/39YY1oy

|||||| *Vídeo: Anna Lucchese*

|||||| Imagem: Anna Lucchese

Maria Anna Lucchese

||||| Imagem: Anna Lucchese

|||||| Imagem: Anna Lucchese

|||||| Imagem: Anna Lucchese

|||||| Imagem: Anna Lucchese

|||||| Imagem: Anna Lucchese

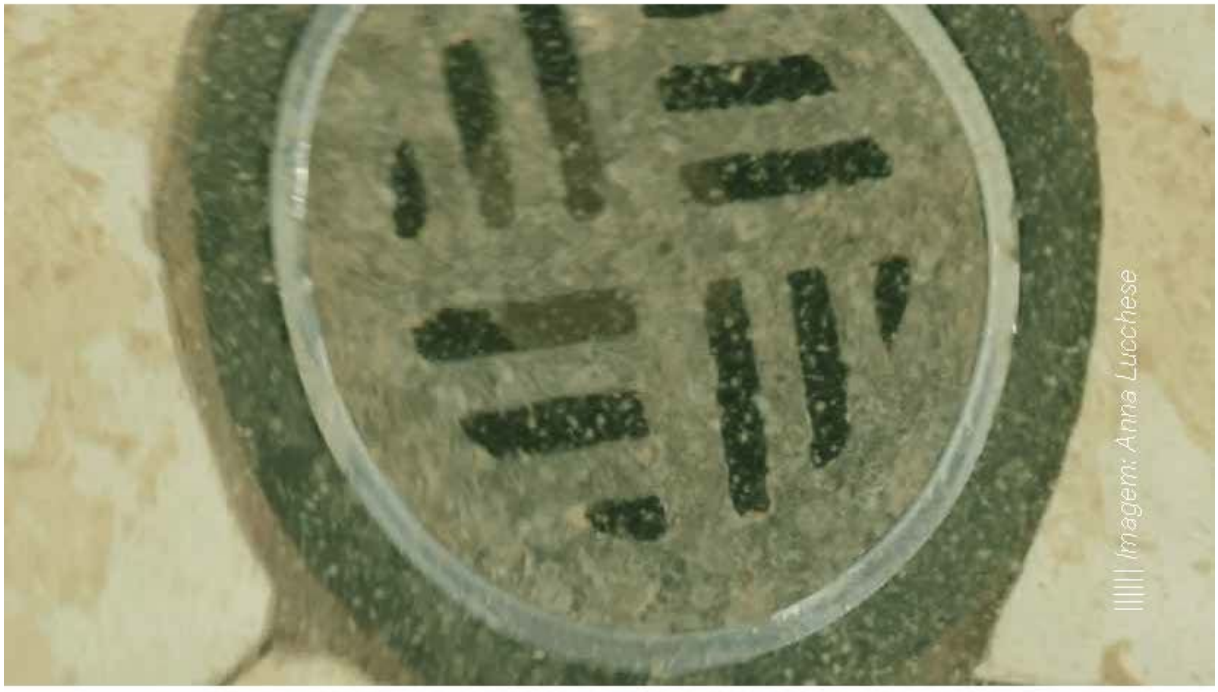
|||||| Imagem: Anna Lucchese

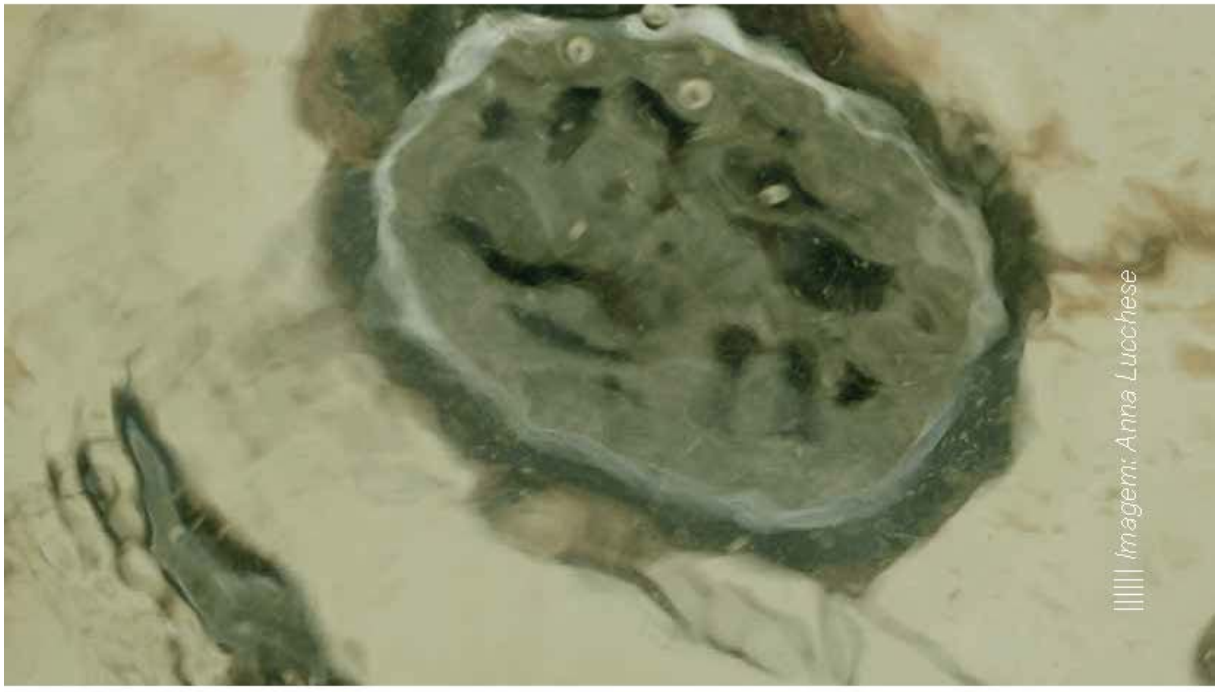
Imagem: Anna Lucchese

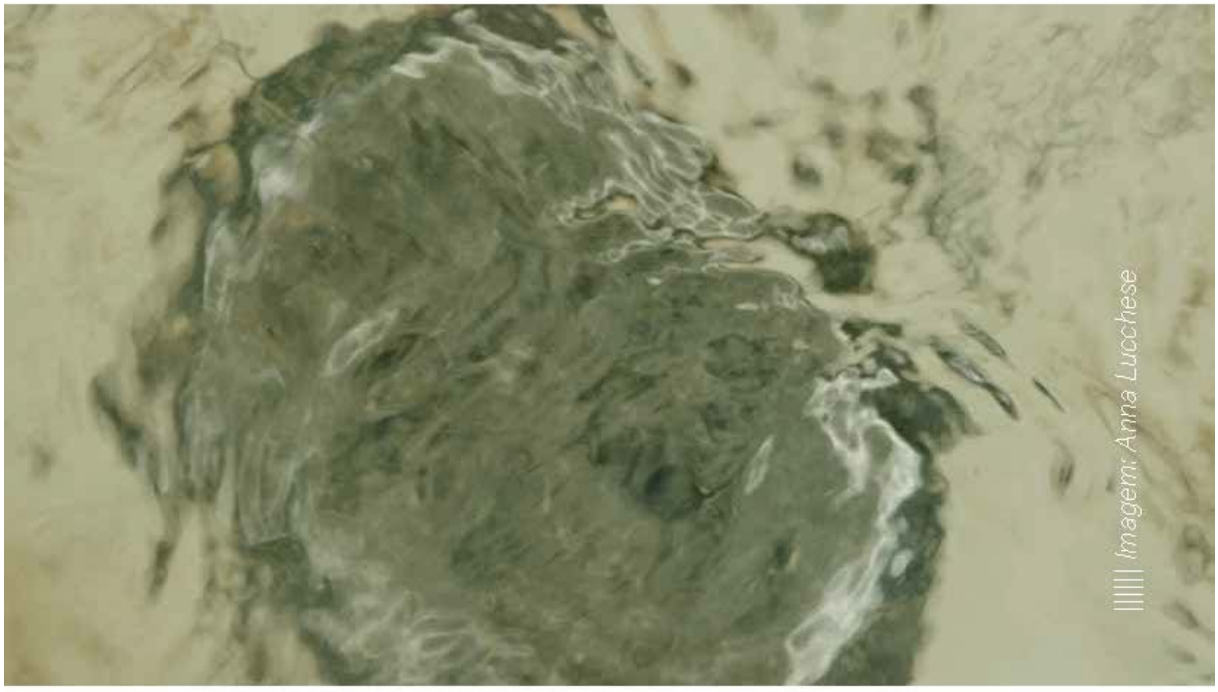
Imagem: Anna Luchese

|||||| Imagem: Anna Lucchese

Imagem: Anna Lucchese


||||| Imagem: Anna Lucchese


|||||| Imagem: Anna Lucchese


||||| Imagem: Anna Lucchese

Vídeo 03.

Espaço, tempo, corpo e linguagem durante a passagem.

A passagem de um estado para outro. O momento de transição.

O que há do outro lado dessa abertura? Quais a formas da travessia?

Há sujeira pelo caminho. Verde, marrom. Turva.

O acesso ao imaginário que seduz a curiosidade hesitante.

Um convite para a transformação passando por lugares obscuros do inconsciente.

Lugares que coletam resíduos indesejados.

Lugares deformados pela ação do ambiente que os cerca.

A ousadia que acompanha o momento de decisão.

O que há nesse buraco?

Mergulha em mim.

VÍDEO PROJETADO NO INTERIOR DA INSTALAÇÃO

VÍDEO SOLITUDE E NATUREZA

https://bit.ly/2vsiEu7

||||| *Vídeo: Anna Lucchese*

||||| *Imagens: Anna Lucchese*

Vídeo 04.

Espaço, tempo, corpo e linguagem na experiência presente.

A solitude.

Caminhar.

Nadar.

Voar.

Para dentro e para fora.

Descobrir o mundo e o outro.

O que há no aqui e no agora?

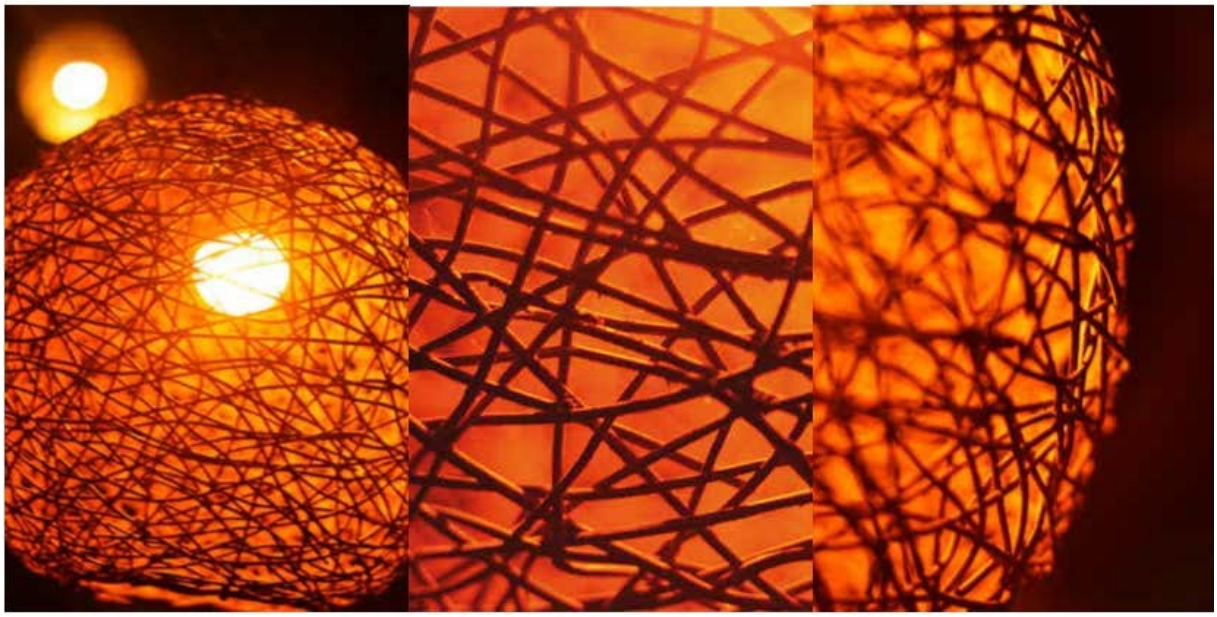
No interior da instalação:

Objetos, acontecimentos, afeto e memória.

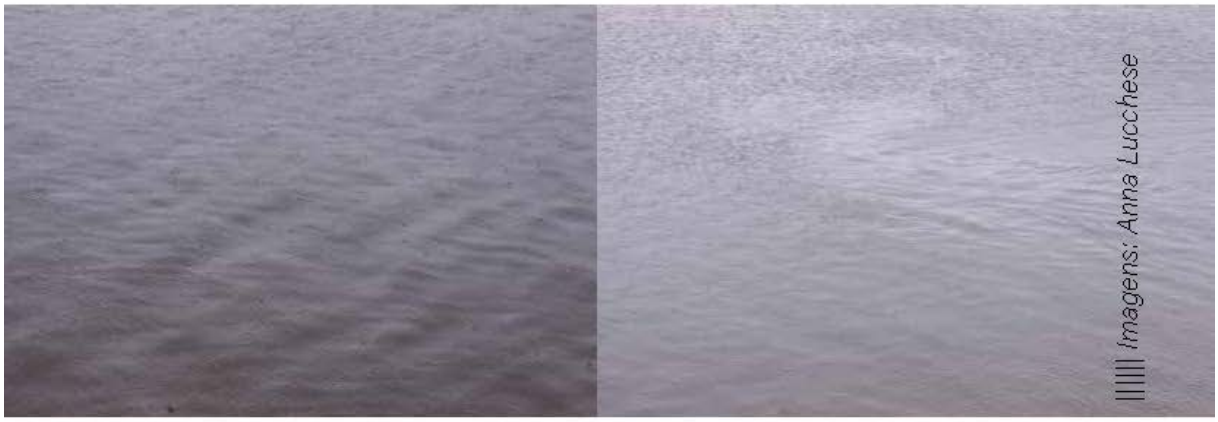
Labirinto com paredes feitas de janelas.

Chão coberto com folhas secas e cascalho.

Luminárias feitas com sisal.



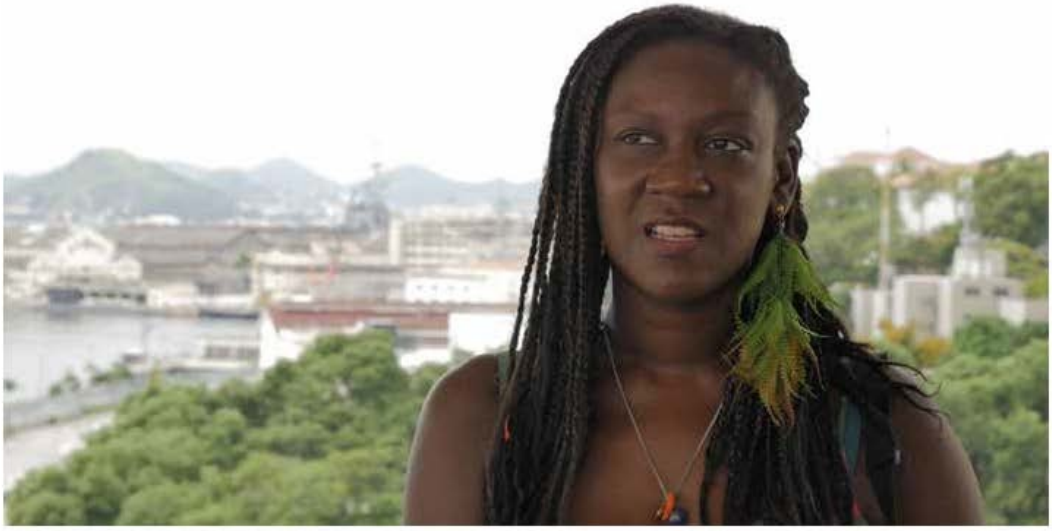
Espelho e queda d'água com projeção da frase MERGULHA EM MIM.



|||||| *Imagens: Anna Lucchese*

TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS DISTRIBUÍDOS PELAS CAIXAS DE SOM NO INTERIOR DA INSTALAÇÃO

AUDIO 01.



THAIS ROSA PINHEIRO

Eu me questionava muito o que era ser uma negra brasileira. E o fato de não ter contato com a história da minha família... ficava buscando referências na cultura, conhecendo mais elementos que me trouxessem algo para me identificar como afrobrasileira. E aí, quando eu conheci um quilombola no Fórum Social Mundial, em 2003, isso foi uma coisa que mudou muito essa minha percepção, de conseguir me reconhecer em algum lugar. Tem um pouco a ver com o fato de tudo que aprendi na escola sobre ser quilombola ou negro, foi uma história que não foi contada pela gente. Então, as referências que trouxeram disso, não tinham a ver com o que eu era e com o que as pessoas eram. Como a gente era representado nos livros é muito diferente da vida real. Então, eu acho que conhecer uma comunidade quilombola, foi uma mudança de chave para mim. Eu pude me conectar com raízes, com coisas que eu não imaginava.

A primeira vez que viajei para fora eu tinha 13 anos. Acho que talvez daí despertou isso... conseguir ver o Brasil de outra forma, através do olhar do outro. Na minha segunda experiência fora do Brasil, em 2008, eu trabalhei em um hotel que tinha mais duas brasileiras, na Inglaterra. Eu era a única negra e as pessoas não conseguiam entender 'como é que vocês são do mesmo país?'. As duas eram loiras.

Eu acho que esse sempre foi um sonho de criança. Eu lembro que, quando era criança, ficava louca vendo os mapas, o globo, enciclopédias, almanaques, gravando nomes de países. E eu também tinha um amigo que eu me correspondia por carta, em inglês. Ele era de Trinidad e Tobago. Hoje em dia, a gente se fala por Facebook. Mas na época, era emocionante a espera da carta. Um dia eu vou chegar lá, em Trinidad e Tobago.

Eu realmente tomei esse gosto por viajar sozinha. Para mim, foi uma grande descoberta. Viajar sozinha é um momento que você tem para você, para se redescobrir. Você tem a possibilidade de experimentar coisas que você não experimentaria no seu cotidiano, no seu dia a dia. Você fica muito mais aberto para estar com o outro. É um momento de compartilhamento com outras histórias. A gente fica mais focado no presente. Durante a nossa vida, normalmente, a gente está sempre tão no automático, para se manter vivo, sobreviver. A gente fica tão focado nessas coisas que a gente se distancia da gente, do nosso próprio corpo.

Acho que a chance da gente se entender como humanidade é a gente perceber que não vivemos numa bolha. Somos só um grãozinho de areia em tudo isso. O universo é muito grande e existem muitas possibilidades de viver. Não existe uma única forma de viver. E a gente pode criar essas possibilidades para a nossa vida. E acho que essa é a descoberta importante do viajar, que começou para mim, aqui na cidade, com meu pai, quando eu era criança... que sempre me levava para bairros diferentes do Rio de Janeiro. Então, desde criança, tive contato com outras realidades.

Eu tinha contato com outras crianças da minha idade que viviam de formas diferentes da minha. Eu até achava, em alguns momentos, que elas eram mais livres, porque corriam na rua, soltavam pipa e tinham brincadeiras diferentes da minha. Na minha rua passava carro, não tinha espaço para criança brincar. Então, era uma coisa que me chamava a atenção. Não existe só uma forma de brincar. Eu levei isso para a vida. A gente só consegue evoluir conhecendo o outro a partir dessas trocas de vivências, experiências, saberes.

https://bit.ly/2wtSOSc

AUDIO 02.

DOLORES BRUNATO

Posso ligar o bruto?
Embreagem, caixa, banco para frente.
Nossa, olha o trânsito como está. Tá horrível!
Vou ter que me meter. Eles não me deixam ir.
Pior vai ser quando tiver que bater a caixa para andar. Se não, não anda. Pronto, já bati. Tava na caixa pesada, agora estou na caixa leve. A gente vai pegar agora sentido Marginal.

Quando eu casei, a gente plantava coisas. Daí eu pegava o trator. Meu marido não tava em casa. Às vezes, não tinha ninguém para fazer isso. E eu falava 'peraí que eu vou!' Eu era meio doidona. Sempre fui meio doidona. Pegava o trator e ia lá, lavrava. Foi aí que eu comecei a gostar dessas coisas perigosas. Mas o caminhão eu aprendi mesmo foi indo nas lavouras buscar fumo. Engatava uma carretinha pequena atrás. Fui fazendo isso, aprendi e comecei a gostar. Meu marido já era caminhoneiro, carreteiro. E hoje, já são muitos anos na estrada.

-E tinha o sonho de ver como eram outros lugares?
Caminhão grande, normalmente, não dava para ter muito sonho porque não entrava em cidade. Mas dava adrenalina. Muitos natais, primeiro dia do ano, só via os fogos de longe. Sempre na estrada. Passei uns cinco natais, primeiro dia no ano na estrada. Sempre na estrada. Adorava!

Mas eu fui, vi alguns lugares, uns bailão. Lá em Salvador, qualquer cantinho, eles estão dançando. Aí, a gente ia de mansinho se infiltrando e dançava também. Mas não podia deixar muito tempo o caminhão sozinho. Se não, chegava e não tinha mais nada. Muita aventura!

Já fiquei dormindo em matagal, porque quebrou o caminhão. Lugar assim deserto, sozinha. As vezes, quebra um caninho do hidráulico e o caminhão já não funciona mais. Já tem que esperar para o outro dia. Tenho muita saudade. Não sei, acho que era por Deus, não dava medo. Sei lá, não dava medo. Uma vez, eu parei num canavial. Tive que jogar o caminhão no canavial porque estourou um caninho do hidráulico. Aí, começou a chover de madrugada e eu 'ai, caramba, e amanhã? Como é que eu vou sair daqui?'

Nunca achei que bandido fosse me pegar. Já levei corridão de bandido na marginal. Eles chegam e dizem que tá caindo coisa do caminhão, mas eu, macaca velha, digo 'Tá bom. Beijo.' Mas muito motorista para e são roubados. Teve uma vez que um cara me perseguiu de verdade. Aí é ruim. Se apontasse o revólver, eu tinha que parar. Uma vez, eu vi um revólver no colo de um bandido. Mas eu fazia que não via. Eles buzinando. E eu fingia que tava falando com alguém no caminhão. Para eles acharem que tava em dois.

Eu fiquei muito mais tempo sozinha. A gente vai acostumando. Vai e vem. Tem hora que a gente não conversa com ninguém. Quando vai falar, já tá até rouca. Mas a gente vai acostumando com isso. Tenho saudade. Eu gostava. Até hoje, eu gosto de morar sozinha. A não ser quando as meninas vão lá em casa. Aí eu gosto. Neta é neta, né?

https://bit.ly/2JcEFAC

AUDIO 03.

LILIAN CUNHA

Eu sempre gostei de tatuagem, na verdade. E sempre gostei da cultura japonesa e sempre me interessei pela cultura e tudo mais. Mas, a princípio, como eu sou de periferia, da zona sul de São Paulo, então, conhecer o Japão, para mim, era algo assim muito distante. Para mim, minha relação seria com o anime, jogos e amigos. Eu não tinha condição de viajar. Então, eu não tinha essa preocupação. Quando cheguei aqui, fiquei dois meses na casa de uma japonesa e quando ela me viu toda tatuada ela disse "Nossa, mas você gosta da cultura japonesa e, mesmo assim, você fez tatuagem? Você sabe que você não pode entrar nos lugares, né?" Então, mas eu não imaginava também que eu fosse conhecer esse lugar, né? Mas eu acho que mesmo que fosse algo que eu soubesse, eu também não deixaria de fazer a tatuagem porque eu sou estrangeira. O sentimento que eu carrego e o significado que que tem para mim e para o meu país é outro. Então, o intercâmbio cultural também é isso. Não é você tentar ficar o mais parecido possível com a cultura que você está indo conhecer. É você trazer o que você tem do seu lugar de onde você veio e aprender com o diferente.

O imaginário do japonês com relação à tatuagem é muito negativo. No passado, a tatuagem era feita para marcar as pessoas que cometiam crimes. Você olhava e já sabia que a pessoa tinha cometido um crime, que não era uma boa pessoa. E os japoneses prezam muito pelo tradicional, pela cultura. A gente observa como é o tratamento, como eles respeitam os templos, a natureza, os costumes, a polidez, a educação. Da mesma forma, o sentimento com relação à tatuagem, é difícil eles subverterem essa ideia e entender que pode ser arte também.

Eu comecei a estudar a língua japonesa com 16 anos. Depois, quando entrei na faculdade, fiz a inscrição de novo no japonês. Quando eu voltei a estudar, já me despertou o interesse de viajar. Eu vi que tinham bolsas de intercâmbio. Até então, nem passava pela minha cabeça. E de repente, opa, acho que posso ir. Eu prestei a bolsa, passei e a sensei me boicotou por causa da minha aparência, aquela coisa da tatuagem.

Eu fui num advogado e ele foi bem sincero. Disse que era bem complicado porque eu ia processar uma instituição que já estava acostumada com esse tipo de coisa. Tem coisas que a gente engole seco. Ao invés de pagar o advogado, a gente pediu um empréstimo no banco e eu investi na viagem.

Com relação a vir sozinha, a maioria dos brasileiros que vêm para cá são descendentes e vêm para trabalhar. Quando eu falava que não era descendente e que vinha para estudar e sozinha, sem ter família aqui, as pessoas falavam que eu era muito corajosa. Eu nunca tinha parado para pensar nisso, na coragem. Para mim, sempre foi um sonho e eu, batalhando para conseguir, não pensava muito nas outras coisas. Mas quando cheguei aqui, sozinha, uma mulher, do outro lado do mundo. Nunca tinha viajado de avião. Num primeiro momento, foi um deslumbre. Num acredito que tô aqui! Mas, depois, você vai vivendo umas experiências, conhecendo umas pessoas... Caraca, tem que ter coragem!

https://bit.ly/2UEqR7k

AUDIO 04.

ARCELINA HELENA DIAS

Quando vim para cá, eu me encantei com as característica desse Mosteiro Beneditino e com o prior que é um grande escritor. Era ano 2000 e falava-se muito em peregrinação aos lugares santos para conseguir uma indulgência plenária, mas lugares santos que a igreja fala são Jerusalém, as grandes basílicas de Roma, Nossa Senhora de Aparecida... e eu não queria fazer esse tipo de peregrinação porque aqui a gente tinha em toda essa Diocese de Goiás um trabalho religioso muito mais voltado para os pobres, os pequeninos, os assentados. Então, resolvi fazer minha peregrinação no meio do povo, onde Jesus fala que está, no meio dos pobres e excluídos. Daí eu fiz esse projeto para cinco continentes. Cinco continentes, 500 dias, cinco peregrinações e cinco livros.

Virgem Maria, hoje é domingo e daqui nove dias, estou a caminho da China. Era o continente que faltava, a Ásia. Então, o que que eu fiz? Todos os outros continentes eu fui em vários países. Ficava 15, 20 dias em cada país e focava em um assunto daquele país. Na China, é claro que tem pobreza e exclusão, apesar deles se dizerem comunistas.

Eu estudei Mandarim um semestre na UnB. Mas não dá para falar Mandarim, é muito difícil! Então, eu vou fazer realmente uma caminhada muito mais meditativa, contemplativa e de observadora do que eu vejo. Se eu fosse pintora, eu pintava, né?

Olha, o viajar sozinha é porque foi um projeto individual. Mas eu sempre convido as pessoas para irem comigo. Acho que é uma experiência tão rica! Mas nunca ninguém aceitou. (risos) Então, viajar sozinha porque é um projeto meu, né? Mas qualquer pessoa... por exemplo, eu tô na China, 90 dias! Eu convidei todos os meus sobrinhos, tenho bem uns 15! Tudo jovem! E eles não se interessaram. Sempre convido, ninguém se interessa. Acham que é loucura. Porque eu não vou pra hotel. Não vou pro bem bom. Geralmente, para todos os continentes, todos os lugares que eu fui, é a primeira vez que eu fico no hotel, porque eu fico em comunidades religiosas que me acolhem. Fiquei em mosteiro muçulmano, em mosteiro ortodoxo, em mosteiro ecumênico na Europa, em casa de família na África, numa tribo. Eu fiquei em vários lugares porque quero sentir este palpitar da vida.

Olha, eu comecei essa aventura quando eu estava já aposentada e vim para Goiás. A consciência de você desejar um país mais igualitário, mais justo, mais respeitador dos Direitos Humanos sempre teve na minha vida. Eu fui fazer jornalismo porque achava que podia mudar o mundo. Em plena ditadura eu ia escrever artigos bombásticos e ia mudar as pessoas. (risos) E eu vi que não tem isso. A gente reclama que na China não tem liberdade de expressão. Porra, que liberdade de expressão nós jornalistas temos trabalhando para um Mesquita, para uma TV Globo? A gente só pode fazer o que eles mandam.

Daí casei. A gente gostava de viajar muito. Ele tinha um pensamento bem diferente do meu, ele gostava de cinco estrelas. Então, eu conheci muito lugar, morei em Paris. E isso não me interessava mais, eu não queria isso pra minha vida. E quando me aposentei e fiquei livre... eu fui fazer o que eu queria. Mas é difícil encontrar alguém para me acompanhar nessa história. (risos) Eu sei que é meio louco, mas para mim é muito prazeroso, porque sinto que estou fazendo algo que acredito e com toda a liberdade.

https://bit.ly/39fBxhT

Obrigada pela fruição.

Estas páginas apresentam 3 peças de artemídia:

Documentarte expandido "Por que viajo sozinha?"
composto por 3 vídeos poéticos imersivos interativos.

Caderno de artista de Anna Lucchese,
disponível em instagram.com/annalucchese.

Livro com o memorial poético-descritivo
da instalação "Mergulha em mim".

Todas as imagens e design aqui apresentados
são de autoria de Anna Lucchese.

Todos os depoimentos e material de colaboração
foram cedidos por mulheres que viajam sozinhas,
que autorizaram a sua utilização neste trabalho.

Unesp, Instituto de Artes, maio de 2020.

DISSERTAÇÃO

1 INTRODUÇÃO

Esta *dissertação de mestrado* tem como objetivo apresentar uma descrição dos *Processos e Procedimentos Artísticos* aplicados no desenvolvimento do *Trabalho Equivalente*, resultante dos desdobramentos do projeto de *Por que viajo sozinha?,* o qual passou por uma série de transformações durante o mestrado, como consequência de minha formação como artista visual pelo programa de Pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp.

A proposta inicial baseava-se na realização de uma série de documentários sobre mulheres que viajam sozinhas. No decorrer da pesquisa, cheguei ao tema *Arte e Solitude Feminina*, o qual foi explorado tanto nos *Processos e Procedimentos Artísticos* utilizados durante a produção do trabalho como no conteúdo abordado. Em seguida, o projeto desmembrou-se em três peças de *Artemídia*, definida por meu orientador, Prof. Dr. Pelópidas Cypriano Oliveira PEL, como sendo “um produto na interface Arte-Ciência-Comunicação”.

Minha investigação foi provocada pela seguinte problematização: Como mulheres podem transformar o medo em prazer através de suas experiências? Como viajar sozinha pode representar um ato de coragem, desobediência e libertação na sociedade contemporânea? E qual o papel da criação artística e do uso expressivo do *eu* dentro desse contexto de enfrentamento?

Durante a pesquisa, estabeleci diálogos com diferentes áreas e formas de conhecimento, passando pela sociologia, filosofia, história, letras, comunicação, educação, psicologia e artes, para explorar melhor essas inquietações a respeito do tempo e do espaço em que vivo e elaborar uma resposta artística para elas. Minha expectativa com este trabalho foi criar uma sistematização, na linha de pesquisa de *Processos e Procedimentos Artísticos*, aplicada à produção das peças de *Artemídia*.

Organizei esse percurso artístico-científico em quatro “viagens”, nas quais descrevo a importância do trabalho de docentes, artistas e pesquisadores que me auxiliaram a extrair sentido dos fragmentos de experiência e expressão estudados. Meu ponto de partida é a vivência e a curiosidade, que foram apuradas pelo

pensamento, pelos testes realizados com a experimentação e que, finalmente, materializaram-se no gesto expressivo resultante do sentir.

Assim, no capítulo *Viagem, o partir*, apresento os principais acontecimentos que me guiaram na formulação do projeto de pesquisa com o qual ingressei no mestrado e descrevo os caminhos que me auxiliaram a entender as potencialidades de abordagens do gênero documentário dentro do campo das artes visuais. Em *Viagem, o pensar*, faço algumas reflexões sobre conceitos que julguei importante estudar para formular uma proposta artística em resposta às minhas inquietações. No seguinte capítulo, *Viagem, o experimentar*, descrevo as experimentações realizadas durante o mestrado para produzir os protótipos do *Trabalho Equivalente*. Em seguida, em *Viagem, o sentir*, aponto as decisões e as estratégias expressivas que tracei com o estudo de *Processos e Procedimentos Artísticos* no Instituto de Artes da Unesp.

Após essas “viagens”, explorando diferentes tipos de metodologia e abordagem científica e artística, explico a sistematização que criei para desenvolver o *Trabalho Equivalente,* com o conceito de *Poética Reflexiva do Eu*. Finalmente, apresento alguns exemplos de como esse estudo reverberou em diferentes tipos de relações, em um diálogo entre um processo individual e demandas de interesse geral. Para tanto, descrevo minha experiência com o ensino prático e experimental e contextualizo este projeto artístico-científico dentro da linha de pesquisa de *Processos e Procedimentos Artísticos*, em aderência ao estudo realizado por meu orientador, em específico, em torno do conceito de *Artemídia*. Além disso, comento a transformação de *Por que viajo sozinha?* para adequar-se ao programa desenvolvido pelo departamento do Instituto de Artes da Unesp, apresentando-se como uma produção que dialoga com os conceitos de *Estética Relacional* e *Cinema Expandido*.

O resultado prático da pesquisa, materializado no *Trabalho Equivalente*, está dividido em três peças de *Artemídia*, sendo elas: 1) Documentarte expandido *Por que viajo sozinha?*, série de vídeos que compõem o documentário poético imersivo interativo; 2) Memorial poético-descritivo *Mergulha em mim*; 3) Caderno de artista de Anna Lucchese concebido em rede social online de compartilhamento de fotos e

vídeos entre seus usuários. Essas três obras de arte contemporânea utilizam ferramentas expressivas do gênero documentário e demonstram a minha transformação durante o mestrado, assim como a aplicabilidade de minhas descobertas. Em síntese, vivências, referências artísticas, fundamentação teórica, processo, produção e sistematização são desenvolvidos aqui, no sentido de encontrar pontos de convergência entre criação artística e produção científica.

2 APRESENTAÇÃO DO TRABALHO EQUIVALENTE

O *Trabalho Equivalente* desenvolvido durante esta pesquisa de mestrado está segmentado em três peças de *Artemídia*: 1) Documentarte expandido *Por que viajo sozinha?*, série de vídeos que compõem o documentário poético imersivo interativo; 2) Memorial poético-descritivo *Mergulha em mim*; 3) Caderno de artista de Anna Lucchese, concebido em rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários.

2.1. Documentarte expandido *Por que viajo sozinha?*

SÉRIE DE TRÊS VÍDEOS de um minuto de duração que constituem o documentário poético imersivo interativo *Porque viajo sozinha?*, no qual trabalho com fragmentos de memórias, compostos por uma entrevista com uma mulher que viaja sozinha, registros de viagens solo feitas por mim e uma poesia, também de minha autoria. A peça é realizada a partir do tema da solitude feminina que, além de servir de fonte de inspiração para o conteúdo, foi explorada na elaboração de Processos e Procedimentos Artísticos durante a pesquisa e a criação, descritos no capítulo oito desta dissertação. A edição dos fragmentos apresenta-se com um papel fundamental de construção poética, imersiva e reflexiva, em que utilizo a repetição do texto, a mistura de discursos, a associação de memórias de diferentes fontes, a elaboração de uma narrativa sem começo, meio e fim, com informações incompletas e com margem para a abstração, a opção de fruição em conjunto ou individualmente do documentário e o espaço interpretativo para o espectador criar relações possíveis e pessoais com a obra. Além disso, a ideia de apresentar esse documentário de forma fracionada, em uma série de três vídeos, tem como objetivo criar um mecanismo para que as pessoas se apropriem do conteúdo, permitindo que elas selecionem a forma de exibição e construam uma nova ordem e conexão com a escolha do que desejam ver. Para desenvolver o trabalho, criei dois tipos de protótipo. No primeiro, explorei a sinestesia do material com o foco em três elementos: o corpo, o espaço e o tempo. Produzi um vídeo com o material de cenas

que gravei durante minhas viagens e com a gravação em áudio da minha voz recitando poesias escritas por mim em outros momentos. Essa escolha dos três elementos, que me orientaram na seleção das imagens e na escrita dos poemas utilizados na experimentação, tem como inspiração a tese de doutorado de Karin Leah Arndt (2013), intitulada *A room of one's own, revisited: an existential-hermeneutic study of female solitude*, na qual a psicóloga e autora do trabalho analisa os relatos de nove mulheres em retiros intencionais de solitude. A organização dessa análise é desenvolvida através dos tópicos: tempo, espaço, corpo e linguagem. Esse primeiro protótipo pode ser visualizado no link: https://youtu.be/LWr58OoAZuw. O segundo protótipo foi realizado já pensando na duração de um minuto, tendo em vista esse limite de tempo imposto pela rede social e plataforma de conteúdo Instagram. Para produzir o experimento, utilizei o material de duas mulheres que entrevistei em diferentes momentos. Elas não se conhecem e a relação que criei entre suas experiências e reflexões teve como base o tema a formação da identidade. Uma das depoentes é negra e a outra não. Uma é mais jovem e a outra é idosa. Cada uma apresenta um ponto de vista de acordo com o tempo, o espaço e o corpo que ocupam. Elas se expressam de formas diferentes, com um domínio pessoal da linguagem falada, escolhendo as palavras que melhor definem suas sensações e emoções diante da vivência que leva ao entendimento individual de uma identidade em construção. A edição das imagens estabelece relações possíveis entre o eu e o outro, criadas pela experiência de viajar sozinha. O protótipo pode ser visualizado nos seguintes links:

- https://www.instagram.com/p/B7juiBNnV73/
- https://www.instagram.com/p/B7j1NSEH4gf/
- https://www.instagram.com/p/B7j2D80H08t/

O documentário final está disponível em minha conta do Instagram e pode ser visualizado através dos seguintes links:

- Fragmento 01 – O outro:

https://www.instagram.com/p/CAQWY8lnG2G/?utm_source=ig_web_copy_link

- Fragmento 02 – O eu:

https://www.instagram.com/p/CAQXMsbH0Vp/?utm_source=ig_web_copy_link

- Fragmento 03 – O entre:

https://www.instagram.com/p/CAQXm7fHjia/?utm_source=ig_web_copy_link

2.2. Memorial poético-descritivo *Mergulha em mim*

LIVRO constituído do memorial poético-descritivo da instalação *Mergulha em mim*, que foi idealizada da seguinte forma:

- Na entrada do local, onde ela estará montada, haverá uma parede branca com o nome e a idade de turistas mulheres assassinadas durante suas viagens, escritos em vermelho. Além disso, três monitores estarão afixados na parede, cada um mostrando um vídeo diferente. Ao lado dos monitores, estará a porta de entrada da instalação, com fios de náilon pendendo na parte superior. Nela, poderá passar uma pessoa por vez para ingressar no interior. O próximo da fila deverá esperar aquele que está dentro sair. A ideia é que as visitas sejam agendadas anteriormente para não provocar espera. Na parte de dentro da instalação, haverá um labirinto com paredes feitas com janelas de madeira, vidro fosco e espelhos. Serão instaladas caixas de som em alguns pontos do teto com a reprodução de depoimentos de mulheres que viajam sozinhas. Além dos depoimentos, no decorrer de todo o labirinto, haverá o som de água corrente e do canto de cigarras. Independente da bifurcação que a pessoa escolher seguir, todos os corredores levarão até um espaço em que estará instalada uma queda d'água, na qual estará projetada a frase: "MERGULHA EM MIM". Na saída da instalação, estarei sentada em um sofá, com um álbum de fotos das minhas viagens, caso a pessoa queira conversar. O chão da instalação será coberto com cascalhos e folhas secas. A iluminação de todo o ambiente será feita com luminárias de sisal.

Essa concepção foi construída após a realização de um protótipo descrito a seguir:

- O protótipo da instalação representou meu primeiro experimento para a pesquisa de mestrado. O trabalho foi feito a partir de material enviado por mulheres que viajam sozinhas, que colaboraram com diferentes tipos de relatos, incluindo cartões postais, vídeos e áudios. Na entrada do local, coloquei um cartaz com a notícia do assassinato de duas turistas argentinas no Equador e, ao lado, uma tabela com os horários das sessões feitas no interior da sala, onde estava montada a instalação. Fiquei na porta, controlando a entrada do público a cada 15 minutos. Só era permitida a entrada de uma pessoa por vez. Dentro da sala, a luz permanecia apagada. Havia outra cópia do cartaz com a notícia dos assassinatos pendurada e iluminada por um foco de luz. Escrevi, à mão, a frase “Por que viajo sozinha?” em cima do texto, com uma caneta vermelha. Ao lado, coloquei uma televisão com um vídeo em looping, composto por um autorregistro do meu rosto molhado, coberto com um plástico transparente que eu tentava tirar. O vídeo foi feito com uma sequência de fotos. Mais à frente, havia um pufe com um fone de ouvido. A pessoa tinha 1:40 para sentar e colocar o fone e, então, o vídeo começava a ser projetado. Nessa segunda peça audiovisual, utilizei o material enviado pelas mulheres viajantes para montar uma narrativa fragmentada, ressignificando os relatos. Nenhum dos depoimentos descrevia acontecimentos negativos, toda a peça é construída para instigar uma fruição prazerosa.

Vídeos utilizados no protótipo:

- Vídeo 01 (entrada da instalação):

https://youtu.be/7cJ8SBqeX2E

- Vídeo 02 (projetado):

https://youtu.be/We2rVMfiRVY

(O vídeo começa a partir de 01:40)

Para realizar a instalação, meu primeiro passo foi produzir um material em vídeo e impresso, no qual faço um pedido para mulheres que viajam sozinhas colaborem com o trabalho, enviando memórias de suas viagens. Também abri uma caixa postal em uma agência dos correios para receber cartões postais e utilizei uma ferramenta do site Dropbox desenvolvida para requisitar arquivos, na qual um link é criado e, todo o material enviado por meio dele é automaticamente direcionado para um diretório específico previamente criado por mim.

Vídeo com o pedido:

https://www.youtube.com/watch?v=JmFlumy5nzI&feature=youtu.be

Material impresso (Figura 1):

Figura 1 - Material de divulgação *Mergulha em mim*

Pedido para mulheres que viajam sozinhas,

Meu nome é Anna Lucchese, sou mestranda no departamento de artes da Unesp, sob orientação do Prof. Dr. Pelópidas Cypriano. Tenho um projeto de pesquisa que se inicia a partir da colaboração de outras mulheres com material que será utilizado para a criação de uma obra de arte visual. Meu pedido é que mulheres que estejam viajando sozinhas me enviem dois tipos de materiais:

1. Um cartão postal do lugar onde está viajando. Nesse cartão postal, peço que escreva uma descrição do momento em que decidiu fazer a viagem. O cartão deve ser enviado para:

Anna Carl Lucchese
Caixa Postal 78460
CEP 1401970
São Paulo, SP, Brazil

2. Um vídeo de 30 segundos feito durante a viagem. O vídeo deve ser feito da seguinte forma: Preste atenção em como está se sentindo desde o momento em que começou a viagem. Quando sentir que algo dentro de você mudou, aponte seu celular ou câmera para o que você está vendo nesse momento e grave 30 segundos de vídeo sem parar. Não importa se você está sozinha olhando para o teto do hotel, se está diante de uma paisagem arrebatadora, se está no banheiro se olhando no espelho, ou conversando com outra pessoa. Se sentir essa mudança interna, grave o que está diante de você. Envie o vídeo para mim usando o seguinte link: https://www.dropbox.com/request/wczkgGXwnJ1SwpjuqT90

Meu estudo aborda questões como a relação entre a solidão e a liberdade, o medo e o prazer, o efêmero e o permanente e a criação de sentido através de fragmentos de vivências.

Você pode colaborar com os dois pedidos ou com apenas um. Pode se identificar ou não. Pode especificar se quer seu nome publicado ou não. Sinta-se a vontade. O andamento da pesquisa e os desdobramentos do projeto estão sendo postados nas redes sociais nos seguintes endereços:

https://www.facebook.com/whytravelalone/
https://www.facebook.com/groups/1666656773390717/
https://www.instagram.com/whydoitravelalone/

Se tiver alguma dúvida, por favor, escreva para mim no e-mail: annalucchese@gmail.com

Muito obrigada por compartilhar sua viagem e por fazer parte dessa obra. Espero que a diversidade de experiências possa trazer um olhar múltiplo sobre o comportamento feminino atual.

Fonte: imagem produzida pela autora, 2018.

Por fim, postei o pedido em uma página e em um grupo no *Facebook,* criados por mim para divulgar o projeto, além de uma conta no *Instagram*, que serviram como canal de comunicação com mulheres interessadas no tema do trabalho:

- www.facebook.com/whytravelalone
- www.facebook.com/groups/1666656773390717
- www.instagram.com/whydoitravelalone

Registro fotográfico do protótipo da instalação (Figuras 2 a 14):

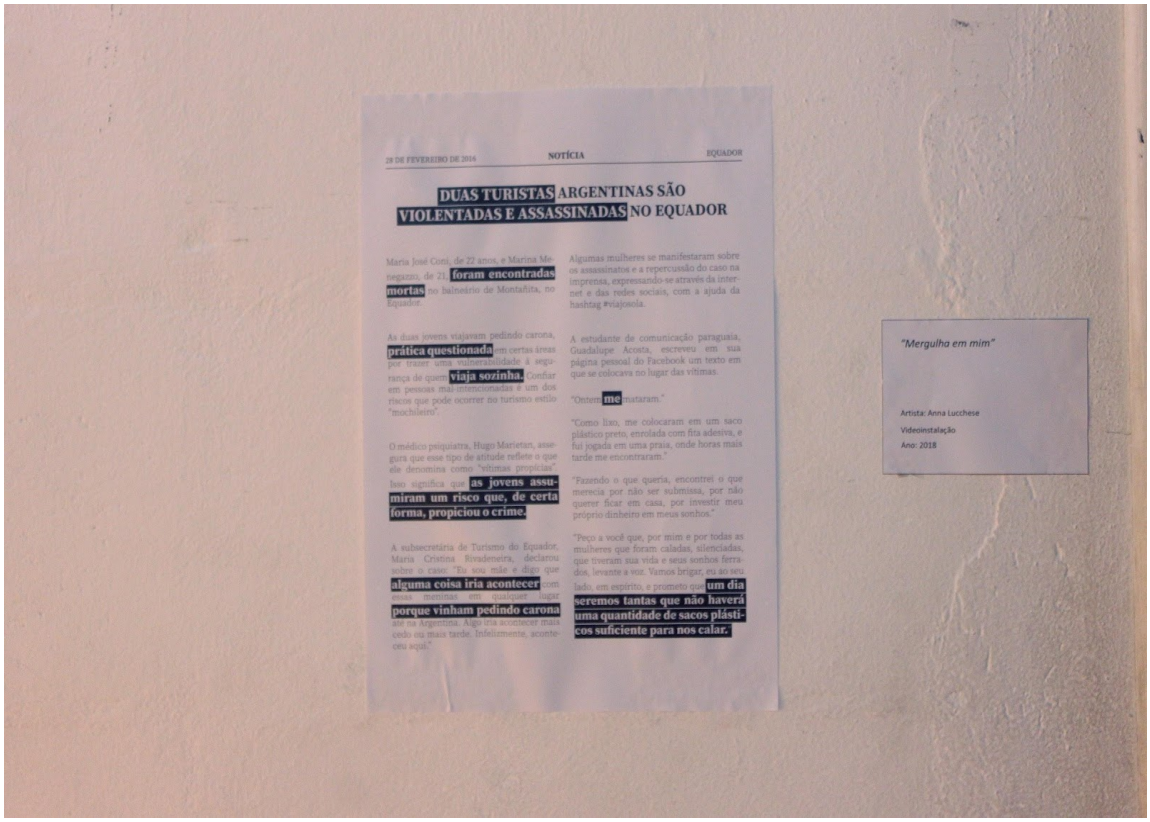
Figura 2 - Material de registro *Mergulha em mim* 01

Fonte: imagem produzida pela autora, 2018.

Figura 3 - Material de registro *Mergulha em mim* 02

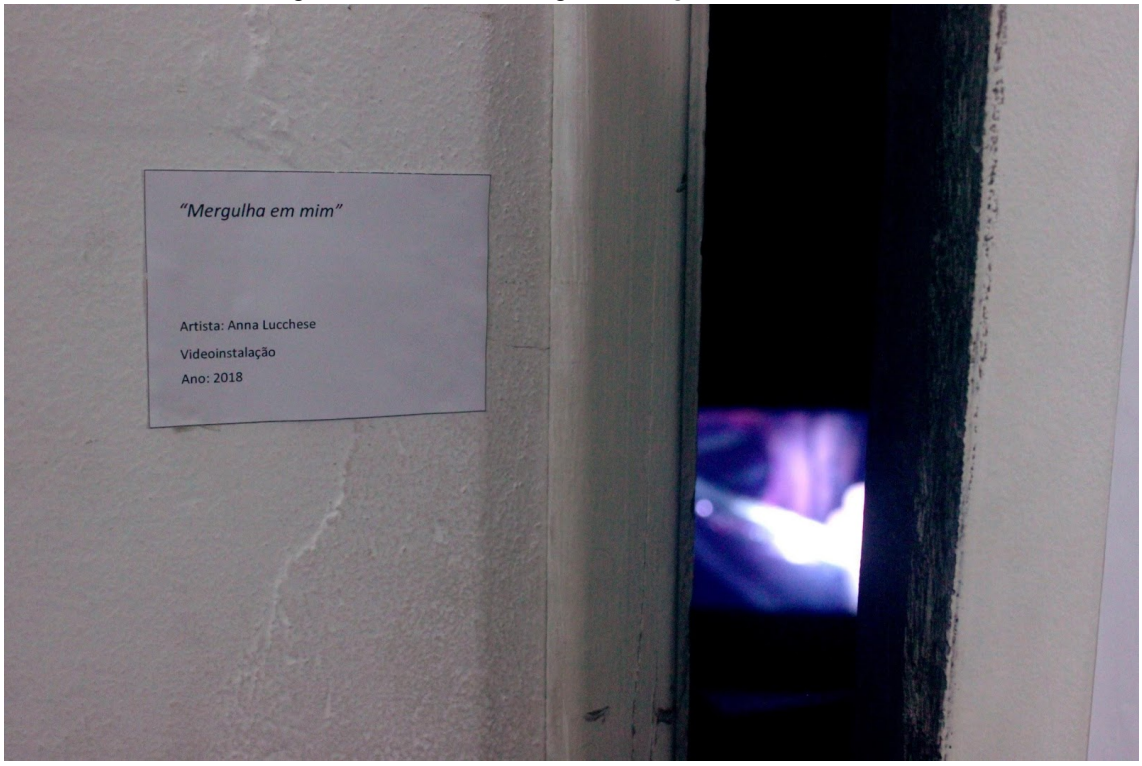
Fonte: imagem produzida pela autora, 2018.

Figura 4 - Material de registro *Mergulha em mim* 03



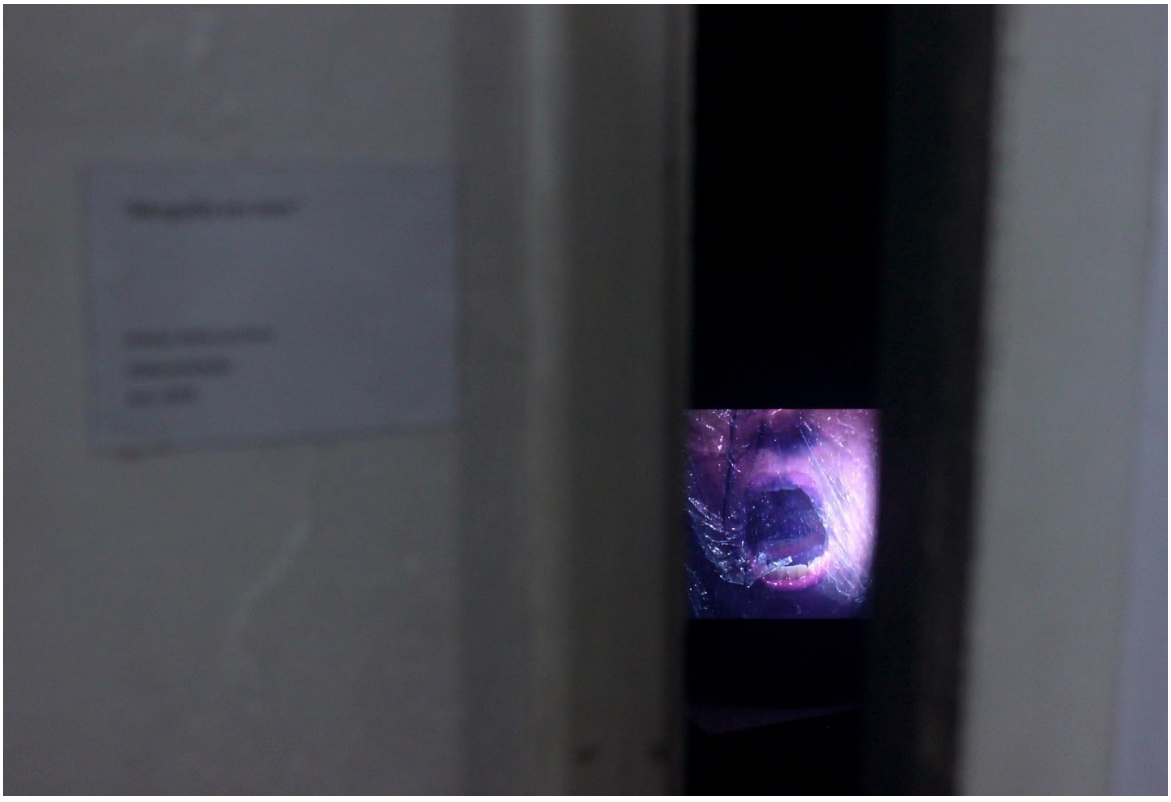
Fonte: imagem produzida pela autora, 2018.

Figura 5 - Material de registro *Mergulha em mim* 04



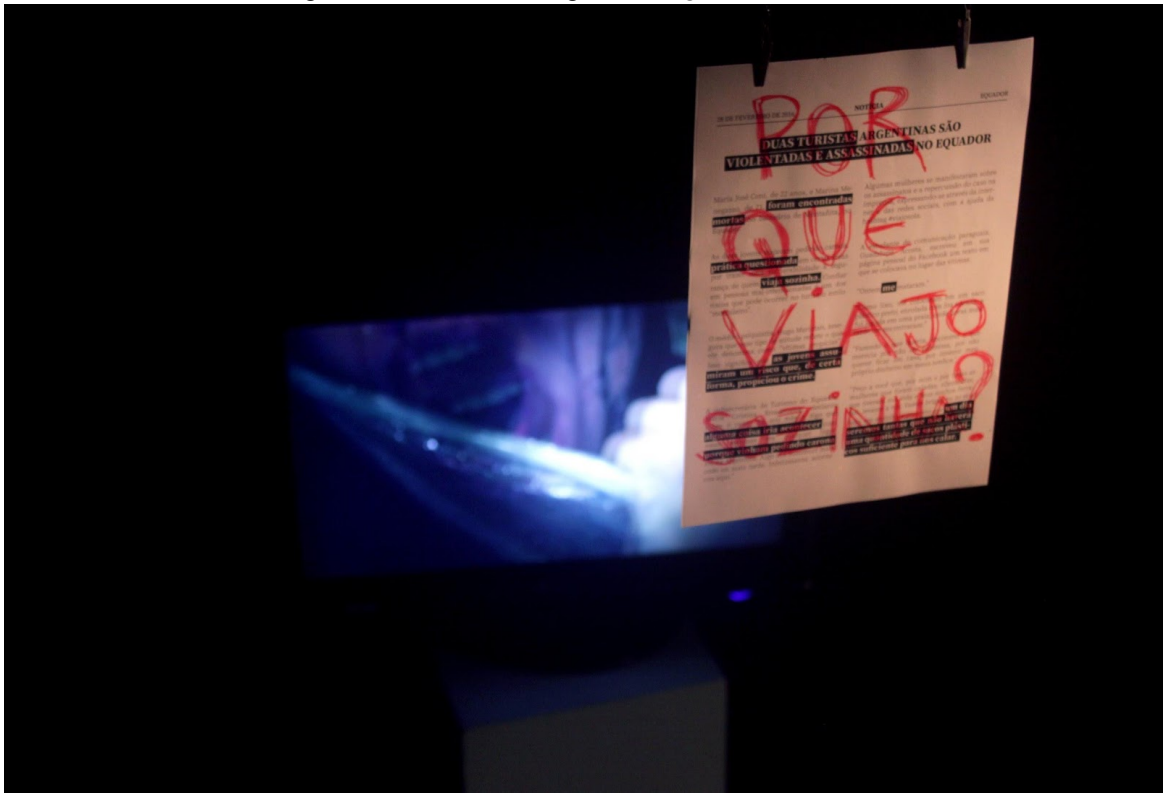
Fonte: imagem produzida pela autora, 2018.

Figura 6 - Material de registro *Mergulha em mim* 05



Fonte: imagem produzida pela autora, 2018.

Figura 7 - Material de registro *Mergulha em mim* 06



Fonte: imagem produzida pela autora, 2018.

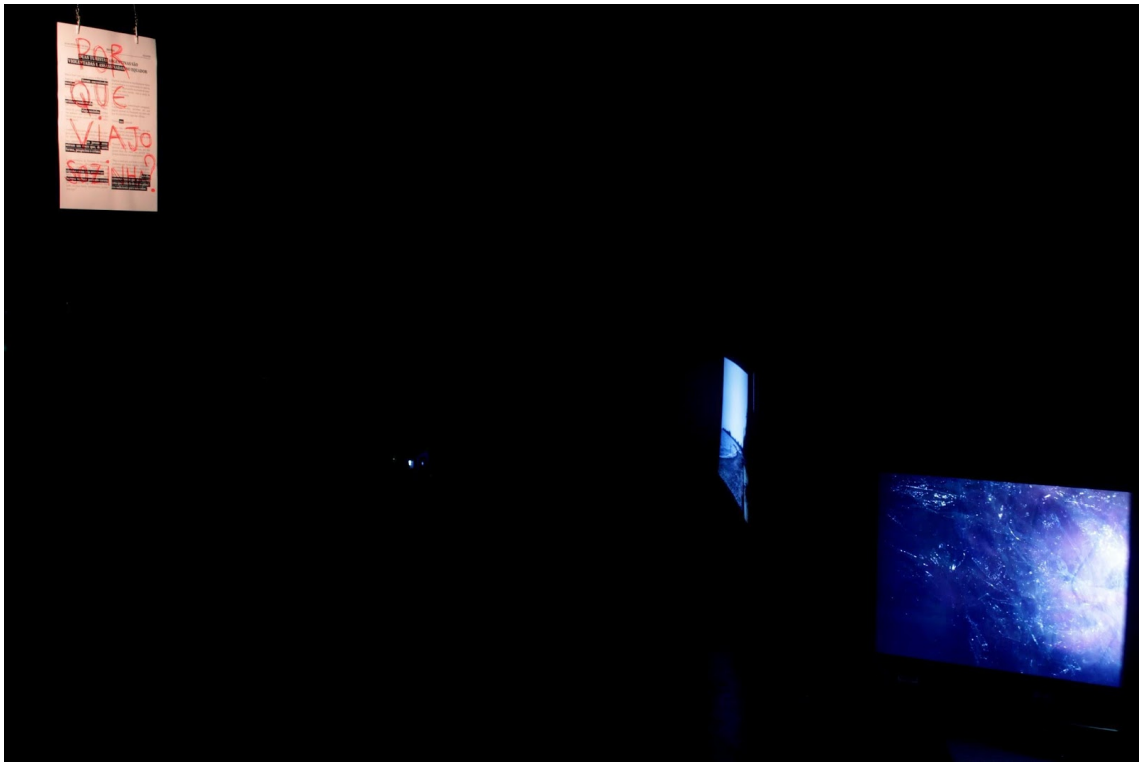
Figura 8 - Material de registro *Mergulha em mim* 07

Fonte: imagem produzida pela autora, 2018.

Figura 9 - Material de registro *Mergulha em mim* 08

Fonte: imagem produzida pela autora, 2018.

Figura 10 - Material de registro *Mergulha em mim* 09

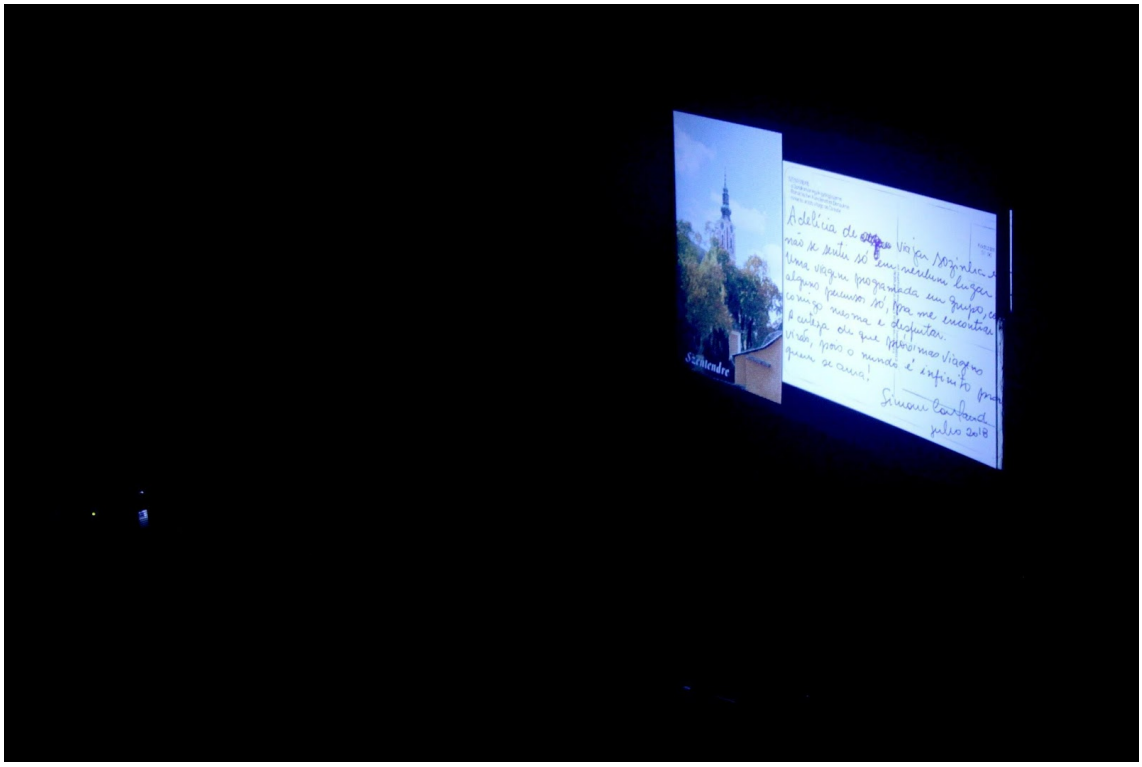


Fonte: imagem produzida pela autora, 2018.

Figura 11 - Material de registro *Mergulha em mim* 10

Fonte: imagem produzida pela autora, 2018.

Figura 12 - Material de registro *Mergulha em mim* 11

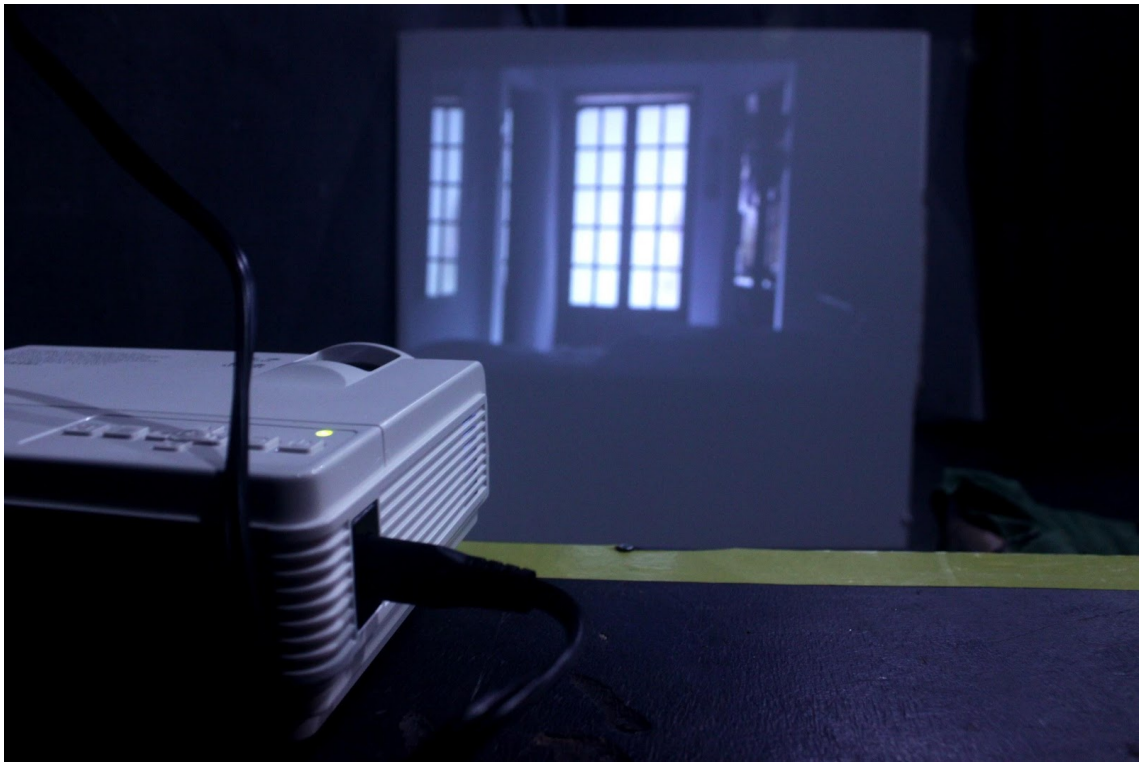


Fonte: imagem produzida pela autora, 2018.

Figura 13 - Material de registro *Mergulha em mim* 12

Fonte: imagem produzida pela autora, 2018.

Figura 14 - Material de registro *Mergulha em mim* 13



Fonte: imagem produzida pela autora, 2018.

2.3. Caderno de artista de Anna Lucchese

OBRA DIGITAL que apresenta, para o público da rede social do *Instagram*, fragmentos da produção artístico-científica e das reflexões sobre os *Processos e Procedimentos Artísticos* utilizados na criação das peças de *Artemídia* realizadas por mim durante o mestrado, os quais estou disponibilizando em minha conta pessoal do *Instagram*: https://www.instagram.com/annalucchese.

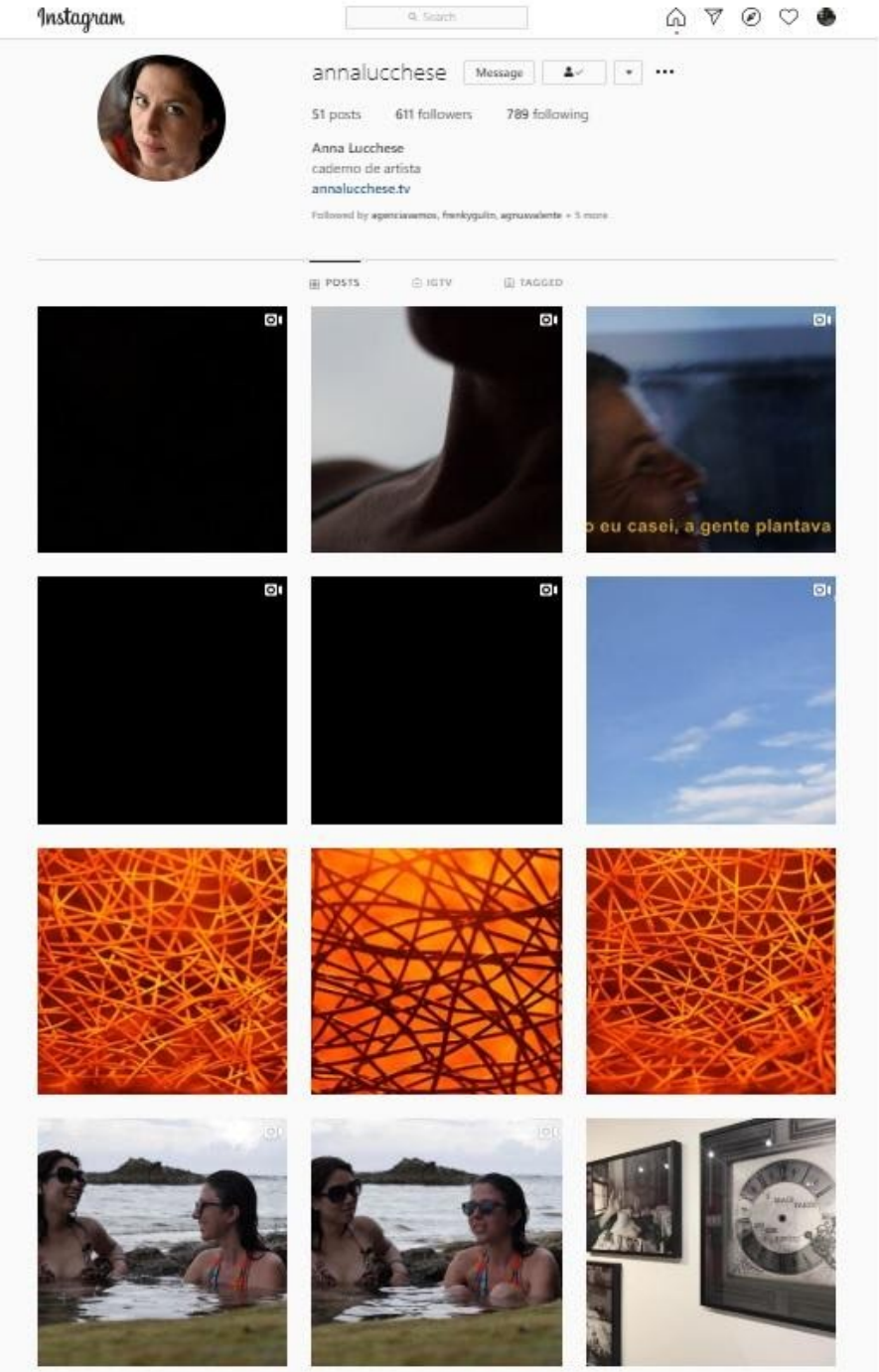
O objetivo da peça é explorar o suporte da *mídia social* para difundir as descobertas feitas no decorrer da criação das obras e da pesquisa para a sociedade em geral. Trabalhei com a ideia de tríade durante as postagens, em uma organização artística adaptada ao layout do aplicativo, cuja visualização do perfil do usuário é disposta em três colunas.

Na maioria dos fragmentos que compartilhei, disponibilizei imagens abertas a interpretação. Porém, durante o período de isolamento social em decorrência da pandemia da Covid-19, passei a criar conteúdos instigando a interação, com perguntas diretas ao receptor.

Também contei com a colaboração de outros artistas que me enviaram fragmentos de memória de suas experiências em isolamento social. Os vídeos criados seguem uma proposta artística similar ao documentarte *Por que viajo sozinha?*, criando nossas expansões para esta pesquisa artístico-científica.

A Figura 15 apresenta um print do caderno de artista publicado no *Instagram*, com imagens retiradas do meu perfil pessoal nessa rede social.

Figura 15 - PRINT caderno de artista Instagram



Fonte: meu perfil pessoal no Instagram.[1]

[1] Disponível em: <https://www.instagram.com/annalucchese/>. Acesso em: 20/abril/2020.

3 ROTEIRO DE PESQUISA E REALIZAÇÃO DO TRABALHO EQUIVALENTE

Durante o mestrado, desenvolvi uma pesquisa organizada nas seguintes etapas e objetivos específicos:

- Cumprimento dos créditos obrigatórios relacionados às disciplinas e às atividades complementares.
- Experiência com estágio docência e aprimoramento de metodologias didáticas no trabalho desempenhado como supervisora da *Produtora Experimental Audiovisual da Faculdade Cásper Líbero*.
- Descrição e reflexão sobre metodologias didáticas aplicadas no trabalho como supervisora da *Produtora Experimental Audiovisual da Faculdade Cásper Líbero.*
- Reescrita do projeto apresentado no processo seletivo do mestrado.
- Leitura, fichamento e reflexão de bibliografia relacionada ao projeto.
- Descrição e reflexão sobre vivências que me conduziram à pesquisa apresentada no programa de pós-graduação.
- Aderência do trabalho à pesquisa do orientador e ao campo das artes, produzindo uma criação que dialoga com os conceitos de *Artemídia*, *Estética Relacional* e *Cinema Expandido*.
- Descrição e reflexão sobre os *Processos e Procedimentos Artísticos* utilizados para construir uma proposta artística em resposta às minhas inquietações com relação ao contexto social em que estou inserida.
- Pesquisa e reflexão sobre o tema do trabalho, *arte e solitude feminina,* tendo como ponto de partida um comparativo entre as palavras solitude e solidão.

- Levantamento e reflexão sobre diferentes formas de expressão que utilizam o discurso na primeira pessoa, em especial, propostas autobiográficas, autoficcionais e ensaísticas.

- Definição do conceito de *Poética Reflexiva do Eu,* realizada a partir de uma sistematização da pesquisa aplicada ao Trabalho Equivalente.

- Mapeamento de obras artísticas que dialogam com a minha proposta de *Poética Reflexiva do Eu* e que foram utilizadas como referência para as peças que compõem o *Trabalho Equivalente*.

- Descrição e reflexão sobre meu processo de transformação no decorrer do mestrado, apontando como adequei minha formação e experiência profissional como documentarista ao campo das artes visuais, com minha proposta de *Trabalho Equivalente*.

- Realização de experimentos e protótipos para o *Trabalho Equivalente*.

- Produção e apresentação de três artigos em congressos.

- Montagem do boneco com as peças de *Artemídia*: 1) Documentarte expandido *Por que viajo sozinha?*, série de vídeos que compõem o documentário poético imersivo interativo; 2) Memorial poético-descritivo *Mergulha em mim*; 3) Caderno de artista de Anna Lucchese concebido em rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários.

- Escrita da dissertação com as conclusões obtidas a partir da pesquisa e da produção artística desenvolvidas no decorrer do mestrado.

4 VIAGEM, O PARTIR

Antes de ingressar no Programa de Pós-graduação em Artes da Unesp, cursei duas disciplinas como aluna especial na USP no primeiro semestre de 2017: *Os Protestos no Século XXI: Organização, Táticas e Sentidos*, no Programa de Pós-graduação em Sociologia da FFLCH-USP, ministrada pela docente Dra. Rosana Pinheiro-Machado e *História da Arte Contemporânea*, do Programa de Pós-graduação em Estética e História da Arte - PGEHA-USP, com a Prof. Dra. Elza Maria Ajzenberg. Dois anos antes, em 2015, também cursei como aluna especial, a disciplina *Poéticas e Técnicas da Montagem Audiovisual*, do Programa de Pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais, ECA-USP, ministrada por Dr. Almir Almas, Dr. Arlindo Machado e Dra. Maria Doura Mourão. Neste capítulo, descrevo como essas disciplinas e minha vivência profissional e pessoal culminaram no ponto de partida desta pesquisa de mestrado.

Sou formada em Rádio e Televisão pela Faculdade Cásper Líbero (2005) e possuo uma especialização em Direção Cinematográfica pela ESCAC – Escola Superior de Cinema i Audiovisuals de Catalunya (2008). Desde a graduação em comunicação, mantive meu foco profissional em trabalhos de não ficção (documentário, programa de entrevista, vídeo institucional, entre outros), especializando-me na área de direção, mas também atuando como roteirista e editora.

Ao cursar a disciplina *Poéticas e Técnicas da Montagem Audiovisual*, pesquisei sobre o documentário *Life in a day*, realizado por MacDonald e Clisby, em 2011, feito a partir de *crowdsourcing* e escrevi o artigo *O protagonismo do homem comum e a representação de seu cotidiano no documentário Life in a day*, apresentado como trabalho de conclusão da matéria. Desse primeiro contato com a investigação científica, comecei a desenvolver um interesse especial pela releitura de fragmentos de experiências através da edição. Também pude observar algumas potencialidades da internet no campo do documentário. A obra estudada foi feita pela e para a plataforma de vídeo *YouTube* e contou com a colaboração de pessoas

anônimas de vários lugares do mundo que gravaram um dia de suas vidas e enviaram o material para a equipe de produção do documentário.[2]

Dois anos depois, busquei ampliar meus estudos em áreas com as quais não possuía tanta familiaridade. Assim, o conteúdo sobre história da arte contemporânea, apresentado nas aulas da Profa. Dra. Elza Maria Ajzenberg, foi essencial para expandir minha formação sedimentada na área de comunicação. Também compreendi a importância do diálogo entre diferentes campos do conhecimento e seu impacto na criação artística com os livros de Zygmunt Bauman e Manuel Castells, estudados na bibliografia apresentada pela disciplina. Ao final do curso, fiz uma análise do filme *Andarilho* (2007), de Cao Guimarães, o qual serviu como base para o entendimento das possibilidades do gênero documentário dentro do campo de expressão e circulação das artes visuais.

Finalmente, o contato com teóricos da sociologia, no mesmo período, ampliou minha visão sobre as potencialidades do documentário como ferramenta de ativismo social. Com esse estudo, cheguei à campanha virtual *#viajosola* e ao texto *Ayer me mataron* (ACOSTA, 2016), fontes de inspiração para o meu projeto de produção artística *Por que viajo sozinha?*

Antes de ingressar no mestrado em artes, idealizei essa criação como uma série de documentários sobre mulheres que viajam sozinhas, na qual eu seria a protagonista. Fiz um vídeo promocional e criei um perfil em redes sociais da internet, em uma primeira tentativa de materialização da ideia.

Este é o vídeo promocional da série: https://vimeo.com/219846637

Após iniciar a pesquisa de mestrado, escolhi o tema da *solitude feminina* para me guiar em um novo processo de criação, que utiliza ferramentas do gênero documentário no campo de expressão e circulação da arte contemporânea. A seguir, descrevo como a pós-graduação em artes foi ressignificando o projeto a partir das vivências descritas acima.

---

[2] *Life in a day* está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JaFVr_cJJIY>. Acesso: 22/abril/2020.

4.1. A liberdade e o prazer

Figura 16 - #viajosola

Fonte: Telegraph, 2016.[3]

Em primeiro de março de 2016, a estudante paraguaia de comunicação, Guadalupe Acosta, postou um texto intitulado *Ayer me mataron* em seu perfil pessoal do *Facebook,* como reação ao assassinato de duas turistas argentinas no Equador. O poema foi deletado por essa plataforma digital, o que impossibilita o

[3] Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/travel/news/viajosolo-women-take-to-social-media-to-defend-their-right-to-travel-alone/>. Acesso em 20/abril/2020.

acesso à fonte primária de publicação. Entretanto, ele pode ser encontrado na internet em notícias da época sobre Guadalupe.[4] Ele pode ser lido na íntegra também no anexo desta dissertação. Além das palavras de Acosta, as mortes de Marina Menegazzo, de 22, e María José Coni, de 21, geraram uma comoção virtual global disseminada através da hashtag *#viajosola* (Figura 16). Essa manifestação despertou meu interesse. Durante o período que cursei a disciplina no departamento de Sociologia da USP, comecei a pesquisar os desdobramentos de *#viajosola* em veículos de comunicação e em outras reações individuais de mulheres inspiradas pela revolta de Acosta.

Com *#viajosola*, comecei a enxergar a importância das *Mídias Sociais*[5] no processo catalisador de transformações e como um potencial espaço de experimentação. Levantei dados e referências teóricas sobre o uso da internet como um mecanismo de representação e me deparei com um terreno fértil para a florescimento de expressões plurais de um *eu* feminino em processo de desenvolvimento.

Enquanto pesquisava os desdobramentos de *Ayer me mataron* (ACOSTA, 2016), sempre mantive o foco em duas questões que me chamavam mais a atenção no ato de viajar sozinha: a liberdade e o prazer. Quando comecei a desenvolver o projeto do mestrado, cheguei nas seguintes perguntas que, para mim, conectam fragmentos de experiências individuais relacionadas ao tema da *solitude feminina*, ao imaginário que serve como base para a construção de modelos de comportamento na contemporaneidade: Como mulheres podem transformar o medo em prazer através de suas experiências? Como viajar sozinha pode representar um ato de coragem, desobediência e libertação na sociedade contemporânea? Qual o papel da criação artística e do uso expressivo do *eu* dentro desse contexto de enfrentamento?

---

[4] Um dos sites que publicou o poema de Acosta na íntegra em 2016 foi o El País. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/02/internacional/1456911848_192026.html. Acesso em 25/junho/2017.

[5] Utilizo, nesta dissertação, a definição de *Mídia Social* proposta por Kaplan e Haenlein, em seu artigo *Users of the World, Unite! The Challenges and Opportunities of Social Media* (KAPLAN e HAENLEIN, 2010), no qual o termo abrange as várias formas de conteúdo disponível e criado por usuários na *World Wide Web*.

Com essas inquietações em mente, mergulhei em um processo de reflexão, na busca por uma resposta artística capaz de sintetizar minha expectativa científica e propor soluções para essa problematização.

> Ayer me mataron.
> Me negué a que me tocaran y con un palo me reventaron el cráneo.
> Me metieron una cuchillada y dejaron que muera desangrada.
> Cual desperdicio me metieron a una bolsa de polietileno negro, enrollada con cinta de embalar y fui arrojada a una playa, donde horas más tarde me encontraron.
> Pero peor que la muerte, fue la humillación que vino después.
> Desde el momento que tuvieron mi cuerpo inerte nadie se preguntó dónde estaba el hijo de puta que acabó con mis sueños, mis esperanzas, mi vida.
> No, más bien empezaron a hacerme preguntas inútiles. A mi, ¿Se imaginan? una muerta, que no puede hablar, que no puede defenderse.
> ¿Qué ropa tenías?
> ¿Por qué andabas sola?
> ¿Cómo una mujer va a viajar sin compañía? (...)
> (ACOSTA, 2016)

Um ponto chave, levantado por Acosta, em *Ayer me mataron* (ACOSTA, 2016) e que serviu como estopim para as manifestações de *#viajosola,* foi a maneira como a imprensa cobriu o ocorrido. Uma questão destacada, por exemplo, foi o fato de alguns meios de comunicação contextualizarem a notícia dizendo que as jovens viajavam sozinhas. Na verdade, elas viajavam juntas. Alguns jornalistas, como Catalina Ruiz-Navarro, do jornal colombiano *El Espectador*, questionaram os julgamentos que estavam implícitos nesse tipo de colocação vindo da imprensa.

> Los medios preguntaron qué traían puesto, que si estaban de fiesta en Montañita (ese vortex de perdición para los jóvenes), que si les gustaba mucho bailar. Sin duda, ellas provocaron su asesinato. Salir de sus casas fue temerario, irse a otro país, “solas” (aunque en realidad se fueron juntas), aún peor; querer conocer el mundo fue una provocación para el asesinato. (RUIZ-NAVARRO, 2016)

O psiquiatra Hugo Marietán declarou no site *BigBang* que as jovens haviam “brincado com fogo e havia uma alta probabilidade de que algo acontecesse com elas devido às condições do local” (BIGBANG, 2016). Ele fez essa afirmação ao explicar que uma vítima, ao assumir um alto risco, faz parte do que leva à consumação de um crime.

Ao levantar dados sobre as discussões ao redor do caso, concentrei meu foco nos aspectos relacionados à construção do imaginário sobre o ato de uma mulher viajar sem a companhia de um homem, a concepção de medo e coragem que a sociedade estabelece com essa experiência e a formação de estereótipos sobre viajantes solo. Em seguida, passei a refletir sobre a resposta expressiva de algumas mulheres com relação ao ocorrido.

Em 23 de abril de 2019, já em meu segundo ano de mestrado, apresentei o artigo *A construção do protagonismo e a expressão do eu em #viajosola* (APÊNDICE G), no *WCCA2019 - XII Congresso Mundial de Comunicação e Artes*. Relatei, em minha apresentação, que *Ayer me mataron* (ACOSTA, 2016) e a campanha virtual *#viajosola* inspiraram minha pesquisa sobre a experiência de estar só e sua reverberação na expressão de mulheres na contemporaneidade. Em seguida, fiz uma análise sobre o caso utilizando, como base teórica, o estudo desenvolvido por Manuel Castells (2013) sobre movimentos sociais do século XXI, o texto *Manifesto Ciborgue*, de Donna Haraway (1991), e o ensaio *Um quarto só para si*, de Virginia Woolf (1929).

Para Manuel Castells (2013), sociólogo cuja pesquisa é focada em sociedade da informação, comunicação e globalização; os novos movimentos sociais, que se manifestaram a partir da *Primavera Árabe*[6], caracterizados por uma associação em rede, que transita entre o espaço virtual e as ruas, estão mudando a maneira como o indivíduo se expressa diante de questões políticas.

A comunicação que se desenvolveu com o surgimento da internet criou um espaço estratégico, potente e ágil, que torna possível a atuação e o posicionamento do cidadão comum, o qual acaba encontrando, nos grupos com os quais se identifica, maneiras para conseguir transformar sua emoção em ação. Essas ações objetivam a modificação de uma estrutura social criada por instituições que não atendem aos desejos da população em geral ou de grupos específicos que anseiam por representatividade dentro da estrutura em que estão inseridos.

[6] O termo refere-se, como descreve, Castells, aos protestos, revoltas e revoluções populares ocorridos em 2011 contra governos árabes.

As *Mídias Sociais* ganham protagonismo nesse processo por constituírem um espaço de autonomia, diferente dos meios de comunicação em massa institucionalizados, dominados pelo governo e por empresas. A união, na segurança do ciberespaço, ajuda as pessoas a enfrentarem o medo e articularem ações para ocupar o espaço público.

As mulheres, desde cedo, perceberam a importância dos meios de comunicação como ferramenta de construção de práticas e de ideais políticos e sociais. A pesquisadora Carla de Abreu (2017) ressalta que, com o surgimento da internet, já na década de 1990, diversos grupos feministas começaram a se conectar dentro desse novo espaço de troca de informações. Segundo a autora, além de sites específicos sobre temas relacionados à luta das mulheres, também na década de 1990, inicia-se o *ciberfeminismo*, um movimento que se baseia no uso de tecnologias para a criação de arte visual na plataforma digital. As *Ciberfeministas* defendiam o anonimato para a construção de uma identidade digital, sem gênero, que podia ser tudo, dentro do espaço virtual.

A construção do *eu* e da identidade, inclusive, foi um tema muito recorrente nas discussões feministas da época. Donna Haraway (1991) escreveu o *Manifesto Ciborgue*, em que esboçou a criação de um mito político irônico no qual as mulheres podiam encontrar uma linguagem comum. Um organismo híbrido entre a máquina e o ser humano, o ciborgue representava uma metáfora da identidade com a qual a autora questionava uma visão binária e dualista representada pela divisão do ser humano em dois gêneros.

Donna Haraway (1991) descreve o ciborgue como uma criatura inserida na realidade social, mas que também não deixa de ser um produto da ficção. Essa descrição aproxima-se da ideia de Castells (2013) do cidadão comum que busca, através da ação, criar uma realidade que ainda não existe, forjada por um desejo latente, que mobiliza um grupo em luta por representatividade. A autora exalta a importância de se transformar a noção da experiência vivida por mulheres no final do século XX. Para ela, a libertação está na percepção de outras possibilidades de existência.

Haraway (1991) busca uma linguagem expressiva para descrever sua reflexão com relação à transformação da mulher no contexto da época. A ironia, o uso da figura do ciborgue e o jogo entre ficção e realidade são características marcantes de sua escrita. A autora tenta descrever um *eu* que não era compreendido pelo feminismo da época e o ciborgue foi a maneira com a qual conseguiu expressar essa representatividade, cuja existência ainda estava no campo do desejo.

Apesar do entusiasmo com relação à possibilidade de uma maior liberdade através da identidade digital, com o passar do tempo, as próprias *Ciberfeministas* foram percebendo que a internet reproduzia muito do que era a sociedade no mundo real e a utopia de uma unidade de gênero foi sendo substituída por uma busca por expressões diversas em um intercâmbio de experiências híbridas e fragmentadas pelo ciberespaço.

Carla de Abreu (2017) analisa a evolução desse processo e descreve uma nova geração de ativistas que atualmente utilizam as *Mídias Sociais* de uma forma diferente do movimento *Ciberfeminista* que as precedeu, valendo-se da experiência pessoal como ferramenta expressiva. A pesquisadora chama essas novas ativistas de *Digifeministas*, jovens que congregam muito das características de sua geração, a geração da selfie, da dispersão e da fragmentação, com feminismos plurais, que experimentam novas formas narrativas para contar suas próprias histórias, expondo suas experiências pessoais através de um *eu* em construção.

Com o discurso na primeira pessoa, os relatos pessoais e a autorrepresentação, essas mulheres estão construindo uma ferramenta de representatividade eficiente no ativismo que cresceu com as *Mídias Sociais*. Quando uma mulher assume o protagonismo de ações que lhe são negadas pela sociedade e pelas instituições, ela começa a construir uma nova narrativa biográfica, com valor simbólico para um determinado grupo. Dessa forma, outras mulheres passam a ter uma nova referência, um novo símbolo de representação, que começa a mexer com o imaginário que direciona o comportamento social.

Além do ensaio de Donna Haraway (1991), outra obra estudada como referência teórica para a elaboração do artigo foi *Um quarto só para si,* de Virginia Woolf (1929). O livro é baseado nos textos de duas conferências que a autora realizou na *Arts Society* em Newnham e em Girton, em que abordou o tema da mulher e a ficção. Um dos principais pontos levantados por Woolf, como deixa claro o título, é a necessidade de um quarto próprio para se escrever um bom romance. Nesse período, a autora estava inserida em uma sociedade que acompanhava o crescimento da noção de individualidade, do ambiente privado e do íntimo.

No livro *O show do eu,* Paula Sibilia (2016) explica os fatores sociais e históricos que alimentavam o imaginário de Woolf nessa época. A construção da privacidade nascia com as sociedades industriais e com a vida nas cidades e no espaço urbano. Desse processo, surge a busca pela interiorização que encontra um canal de expressão através da escrita e da leitura. Cresce a fruição de romances que acompanham a solidão do leitor. Da necessidade de estar só, que caracteriza o tempo que vive a escritora, até a realidade do período atual, há o desdobramento de um processo de transformação das mulheres e, consequentemente, da maneira como se expressam e protagonizam experiências e histórias.

Virginia Woolf (1929), assim como Haraway (1991), flerta com a ideia de uma mistura entre ficção e realidade, representada por um *eu* que descreve como uma forma de expressão para uma existência fictícia. Ela passeia com o leitor por espaços não ocupados pelas mulheres naquele momento, locais que refletem a falta de independência econômica e a dificuldade de acesso à educação que as segregavam ao ambiente e aos afazeres domésticos. Uma mulher dificilmente poderia estar só em 1929 e ela associa essa questão com as limitações criativas e expressivas que as escritoras enfrentavam para poder produzir romances como homens.

De 1929 até 2016, quando ocorreram os assassinatos das duas turistas argentinas, estar só ainda exerce a função de uma experiência propulsora para a expressividade feminina. O prazer e a liberdade encontrados no ir e vir provocam uma transformação que oferece inúmeros caminhos para a reflexão.

Quando me deparei com o texto de Guadalupe Acosta (2016) e no processo que ele desencadeou nos meios de comunicação, com matérias e debates, e também no comportamento de mulheres, com a campanha *#viajsola*, percebi que havia encontrado, entre diversas postagens em contas pessoais dispersas na rede, uma obra que, com sua poética reflexiva, provocou no leitor um posicionamento crítico sobre uma situação de violência e ruptura e chamou a atenção para relações complexas que alimentam o imaginário contemporâneo. O texto retrata o medo, a dor, a vergonha e o sentimento de impotência das duas turistas mortas, sem poder questionar a culpa que lhes foi atribuída após sua morte. Culpa por não seguir um modelo de comportamento que as impedia de viver as experiências que desejavam. Com esse trabalho, Acosta (2016) inspirou uma série de manifestações de viajantes solo, que passaram a exibir suas histórias com finais felizes e prazerosos, conectadas à hashtag *#viajosola*. A maioria das postagens seguia as características de um modelo de espetacularização da intimidade, baseado em selfies e em relatos pessoais. Mas esse conjunto de expressões positivas, atreladas ao ato de uma mulher viajar sozinha, transformou-se em um instrumento catalisador do imaginário e em uma ferramenta de enfrentamento social.

Assim como outras mulheres, eu assumi a primeira pessoa ao ler o texto *Ayer me mataron* (ACOSTA, 2016) e lembrei de estímulos arquivados na memória que instigavam em mim o medo de estar sozinha. Ao ver essas mulheres exibindo suas experiências pessoais como forma de reação, também lembrei de um texto que escrevi na adolescência sobre o desejo de reviver uma curiosidade libertadora que havia perdido ao longo da infância.

A psicóloga, psicanalista e pesquisadora, Danielle Knafo (2012) escreveu um trabalho intitulado *Alone Together: Solitude and the Creative Encounter in Art and Psychoanalysis*, no qual, em determinado trecho, descreve a psicanálise como uma dança que oferece liberdade para uma expressão pessoal e para uma reinvenção intuitiva e espontânea. Para ela, quando um ser humano busca uma transformação pessoal, há um esforço tanto terapêutico como artístico sendo feito. Em um trecho do texto, ela analisa o papel da solitude no processo criativo de uma artista. Para isso, descreve o caso clínico de uma mulher que não conseguia estar sozinha em

nenhum momento e essa dificuldade lhe trazia uma grande angústia, até que, após começar a fazer análise, ela passou a escrever um diário, com o qual desenvolveu o prazer em momentos de solitude. Assim, ela descobriu o desejo pela experiência de estar sozinha ao dedicar-se à arte da escrita. Para Danielle, a paciente, com a prática de elaboração do diário, envolveu-se em um processo de renascimento, o qual a ajudou a criar uma subjetividade mais profunda e rica, capaz de incorporar sua realidade atual e as experiências do passado. Ou seja, a arte praticada na solitude possibilitou uma ponte entre passado, presente e futuro, abrigando o espaço necessário para uma transformação pessoal. A prática de colocar sua vida em palavras ajudou a paciente a lidar com um vazio preenchido por ansiedade e tristeza e a fazer dele uma fonte de criatividade produtiva.

Com base nesses estudos teóricos e levantamento de dados, fiz uma lista de elementos criativos a serem incorporados pelo *Trabalho Equivalente*, sendo eles: a busca por uma pluralidade expressiva, como uma maneira de representar um *eu* feminino em transformação, baseado em uma reinvenção intuitiva e espontânea direcionada pelo prazer; a pesquisa de uma forma de produção híbrida, mais livre e maleável, que transite entre a realidade e a ficção e; finalmente, a utilização da prática da solitude como um procedimento artístico. Esse levantamento serviu como ponto de partida para o processo de transformação de *Por que viajo sozinha?* durante o mestrado.

4.2. A curiosidade e a imersão na experiência presente

Além do estudo teórico e do levantamento de dados, percebi que viver a experiência de mulher viajante na pele era fundamental para esta pesquisa. Esse primeiro passo em direção à prática da solitude abriu espaço para a curiosidade e suas reverberações. A liberdade para aceitar a expressão da maneira como ela surge no corpo e transborda é uma descoberta que surgiu dessa experiência.

Antes de ingressar no programa de pós-graduação em artes, eu já havia começado a entrevistar algumas viajantes solo e a buscar, na história, vestígios de

precursoras desse movimento em outras épocas. Também passei a viajar sozinha e a colher fragmentos das minhas experiências durante as viagens. Ainda não tinha claro para onde queria ir nesse momento, mas segui caminhando, aberta para as surpresas do acaso.

Da minha vivência como documentarista, desenvolvi a prática da observação antes da planificação. Por mais que alguns estudos possam prever os resultados de uma ação, sinto que existe um processo silencioso, que atua no corpo e na mente durante uma experiência, o qual o pensamento racional não é capaz de antecipar por completo. Assim, acredito que é preciso estar o mais aberto e acessível possível a essa vivência do presente antes de pensar em qualquer tipo de organização. Portanto, tentei explorar, nesse primeiro contato com o tema da pesquisa, uma inocência do olhar, como uma criança que está desbravando um ambiente novo e descobrindo o prazer que o mundo pode oferecer.

Durante a busca por um contato sensível com a experiência do presente através da prática da solitude, fiz algumas descobertas que se iniciam em uma viagem interna e externa de imersão e seguem para a ressignificação do meu trabalho como documentarista dentro do campo das artes visuais. Após iniciar esse processo, senti a necessidade de buscar mais referenciais teóricos para entender a relação entre os conceitos de *Inconsciente*, *Imaginário*, *Arquétipo* e *Estereótipo*. Esse estudo foi importante para que eu pudesse enxergar caminhos para acessar formas de expressão mais espontâneas e intuitivas. Por meio desse diálogo com a área da psicologia, tive um reencontro com a poesia, que é a maneira com a qual eu acesso o *Inconsciente* e deparo-me com o *Arquétipo* da *Mulher Selvagem* que existe dentro de mim. Com ela, vivencio em meu corpo o *eu* feminino em construção mencionado no começo desta “viagem”.

A seguir, relato com mais detalhes os resultados que a experiência da solitude e o impulso da curiosidade propiciaram para minha produção artística.

Figura 17 - Museu de Teshima

Fonte: Benesse Art Site Naoshima[7]

Em agosto de 2017, viajei sozinha para o Japão e visitei o *Museu de Arte de Teshima* (Figura 17), localizado em uma das ilhas, que faz parte de um conjunto de locais dedicados à arte contemporânea no país. É preciso tirar os sapatos e não se pode usar o celular dentro do local. Ao entrar, percebi que a arquitetura do museu criava uma relação única com o tempo e o espaço do presente. Projetado em forma de uma concha branca com duas entradas circulares no teto, o edifício é amplo e vazio. Depois de alguns minutos caminhando, pude notar os elementos que fazem parte da estrutura. Há linhas penduradas no teto, que se movimentam com o vento, e pontos no solo em que aflora um líquido, o qual dá a impressão de ser água, e que circula pela superfície até encontrar poças, as quais conectam o conteúdo dessas diferentes fontes. Pelas aberturas do teto, entram folhas de árvores, além do som da natureza ao redor. É possível ver muitas pessoas circulando sozinhas ou sentadas em silêncio, observando as paredes da concha e o que ela propicia de sensações.

Ao sair do museu, tive a impressão de ter me deparado com uma obra que representa uma forma de enfrentamento através do simulacro. Ela instiga uma experiência incomum por proporcionar o contato com um estado de presença que se distancia do que estamos acostumados no cotidiano da vida contemporânea,

[7] Disponível em: <http://benesse-artsite.jp/en/art/teshima-artmuseum.html>. Acesso em: 20/abril/2020.

marcado por interfaces, por estímulos em excesso e pela desconexão com o ambiente ao redor. Entre a descoberta de *#viajosola* e minha viagem, percebi que a experiência vivida por mim e o contato com diferentes formas de expressão em reação ao mundo atual, criam uma rede de relações que oferecem novas possibilidades de fruição da realidade.

Quando entrei no *Museu de Arte de Teshima*, havia poucos elementos ao meu redor e eu pude libertar minha curiosidade em cada um deles, ocupando minha atenção com o movimento que eles faziam, deixando a imaginação completar os vazios com sentidos inesperados. Estava imersa naquele espaço, conectada a sons, formas e texturas. Era um papel em branco em que eu poderia começar a traçar os esboços de um imaginário em expansão. Assim, percebi a necessidade de buscar esses momentos de esvaziamento na rotina experienciada em uma grande metrópole, algo que desse a oportunidade de sentir os processos sendo consolidados internamente, antes de seguir para a próxima atividade diária.

> Acordei agora. Perdi a hora. Acabo de começar o dia e já estou fora do lugar. Estou olhando para a porta que dá para o quintal e percebendo que há muita luz entrando pelo vidro. A porta é de madeira com quadrados de vidro fosco. Dá a sensação que eu moro em uma casa de veraneio. Mas às 5 da manhã só há escuridão. Agora são 8h5. Uma sensação muito forte que eu carregava deixou meu corpo. Acabo de notar a sua ausência. Alguma coisa dentro de mim mudou. (APÊNDICE D)

Esse texto faz parte do protótipo desenvolvido para a instalação *Mergulha em Mim*, em 2018. Nele, recrio a descoberta feita no Japão dentro da minha casa, um dia de manhã, ao acordar. Com esse exercício, o simulacro do museu começa a fazer parte da minha realidade e é incorporado à produção artística.

Jorge Larrosa (2004) propõe uma reflexão sobre a educação nos dias de hoje e exalta o papel da experiência como fonte importante de conhecimento na vida contemporânea. Para o autor, vivemos em uma época caracterizada pelo excesso de informação que distancia o sujeito da experiência. Há uma busca frenética por estar informado e, com isso em mente, faço um paralelo com o ato de viajar sozinha. Uma mulher bem informada sabe que estará sujeita ao perigo se decidir desbravar o mundo desacompanhada, mas, ao mesmo tempo, ela pode se proteger planejando

todos os passos que dará, certificando-se de estar sempre dentro dos limites do caminho previsível. Assim, o que sobra da experiência espontânea que leva ao desconhecido, que é movida pela curiosidade por aquilo que ainda não se sabe, por algo que ainda não se experienciou? Sobre a importância da experiência para o entendimento do mundo ao redor, o autor complementa: “pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.” (LARROSA, 2004, p. 152)

Esse autor aponta ainda outra característica contemporânea que prejudica a experiência: o excesso de opinião. Uma pessoa bem informada também consegue opinar sobre aquilo que não viveu. Além disso, essas opiniões vão sendo moldadas e manipuladas segundo um modelo que vai se cristalizando com o tempo. Assim, o imaginário é alimentado por narrativas que nos ensinam a viver um papel que não sabemos ao certo se corresponde aos nossos desejos, um papel que não é construído a partir da curiosidade e da relação sensível com o mundo ao redor, mas pela informação e pela opinião que nos afastam da experiência.

Finalmente, o autor destaca a questão da escassez de tempo para a experiência, que está sujeita à instantaneidade da vivência e da necessidade constante de novidade. O indivíduo contemporâneo passa pelos acontecimentos sem o tempo necessário para a conexão e para a criação de sentido. Aliado à falta de tempo está o excesso de trabalho que converte tudo em mercadoria. Consequentemente, essa pessoa está constantemente ocupada em "conformar o mundo" "segundo seu saber, seu poder e sua vontade" (LARROSA, 2004, p. 159).

Ele conclui seu raciocínio com os pré-requisitos necessários para que uma pessoa resgate a experiência:

> A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros,

> cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2004, p. 160)

Além disso, ele descreve a maneira com a qual podemos nutrir, em nós, um terreno no qual a experiência seja capaz de florescer:

> O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (LARROSA, 2004, p. 161)

Essa abertura e exposição diante do mundo e dos perigos e das ameaças que o povoam não são uma tarefa fácil de se cumprir, mas, ao mesmo tempo, como o próprio autor destaca, são a chave da transformação de uma pessoa. Com base nessa ideia, entendo que, assim como o medo que paralisa é construído na subjetividade, a curiosidade e o prazer que libertam precisam de um terreno propício para se desenvolver. Mas, como criar uma nova relação com o mundo dentro de si? Como alimentar o imaginário com novas referências de existência?

No mesmo ano em que tive contato com *Ayer me mataron* (ACOSTA, 2016) e a campanha #viajosola, descobri uma trilogia sobre a solidão realizada pelo artista visual Cao Guimarães, que organizou o trabalho em dois documentários e um longa-metragem de ficção, sendo eles: *A alma do osso* (2004), *Andarilho* (2007) e *O homem das multidões* (2013). Nos dois primeiros filmes, o cineasta mostra homens que decidiram se distanciar do convívio social para ficar sozinhos. Não há respostas que expliquem sua decisão, apenas o registro de vivências que fogem dos modelos de comportamento com os quais estamos habituados.

A curiosidade por outras formas de se viver e a investigação sobre experiências e decisões internas que nos levam a construir uma nova relação com o mundo já fazem parte da minha vida há algum tempo. Antes de iniciar o mestrado, em 2015, eu havia finalizado o documentário *Identidade Cotidiana*, em que abordei o

tema da construção da identidade no cotidiano de uma grande metrópole, no caso, São Paulo. Nesse filme, experimentei o uso de uma escrita poética na primeira pessoa, que conectava alguns fragmentos da vida de seis personagens. Através desses indivíduos, ressignifiquei a relação que havia construído com a cidade em que nasci.

Quando comecei a estudar comunicação, na graduação, percebi que o gênero documentário me atraía mais do que qualquer outra forma de expressão no audiovisual por conta das surpresas que oferecia com as possibilidades de uma história em construção. Os dois filmes que, na época, instigaram meu fascínio foram *F for fake*, de Orson Welles (1973) e *Chats Perchés*, de Chris Marker (2004). Os dois trabalhos tinham em comum o experimentalismo e o afrouxamento entre os limites que dividem a ficção da realidade. Ambos questionavam a noção de verdade.

Descobri Cao Guimarães quando procurava outras referências as quais também trabalhassem com uma forma de produção híbrida, com a transgressão de formatos e gêneros e que, de alguma maneira, materializavam a fragilidade da nossa noção de verdade, ou seja, as quais exploravam uma subjetividade poética e reflexiva, capaz de transformar nossa relação com o mundo.

Do desejo de alimentar o imaginário com novas referências de existência e com outras formas de relação com a experiência presente, nasceu meu interesse pelas artes visuais. Assim, usei a *Trilogia da solidão* como base para estudar as características de documentários considerados obras de arte visual, ou seja, para entender quais as peculiaridades de filmes como *A alma do Osso* (2004) e *Andarilho* (2007), que possibilitam sua circulação por galerias, exposições e museus. Mas, acima disso, meu intuito era entender como a arte contemporânea pode oferecer caminhos para libertar a expressão do *eu*. Uma característica fundamental dos filmes de Cao Guimarães é sua capacidade imersiva que substitui uma construção narrativa clássica do cinema. Em qualquer momento do filme, é possível conectar-se à história contada, já que ela não obedece a uma ordem cronológica de começo, meio e fim, nem cria uma dependência elucidativa entre as cenas apresentadas.

Cao Guimarães traz o espectador para a experiência do momento presente e para a contemplação de uma paisagem audiovisual.

A contemplação do espaço e do tempo presentes nesses dois documentários de Cao Guimarães também permite que o espectador se aproprie da obra e crie novas possibilidades interpretativas e de assimilação do que é registrado pela câmera. Assim, a solidão que o artista apresenta não está apenas no tema das obras, como também na forma expressiva que ele encontrou para materializar a experiência contemporânea, algo que também busquei em meu trabalho.

No documentário *Andarilho* (2007), por exemplo, o realizador acompanha três errantes solitários que percorrem ruas e estradas no nordeste de Minas Gerais. O filme, informa Guimarães em seu site, aborda “a relação entre o caminhar e o pensar”. A narrativa é subjetiva e fragmentada e o pensamento é errante. Tendo como ponto de partida personagens que vivem à margem da sociedade e devaneiam solitários pelo mundo, o artista observa e cria uma sensação plástica do universo que os rodeia.

Em uma sequência, a câmera registra a estrada deformada pelas ondas de calor, produzindo um desenho trêmulo (Figura 18), que se transforma com o movimento dos carros e dos personagens que entram e saem do quadro.

Figura 18 - *Andarilho*

Fonte: Galeria Nara Roesler.[8]

Ao mostrar pessoas que vivem em uma realidade paralela à vida contemporânea, à margem da sociedade, as quais seguem seu próprio ritmo em um fluxo de pensamento e caminhar, o filme faz um convite imersivo para o espectador, para que ele pare e observe esses indivíduos, desconectados da estrutura social, em sua loucura de perambular pelo mundo.

Quando entrei em contato com esses filmes, comecei a pensar nas potencialidades de uma expressão menos verbal. Eu me apoiava no uso da palavra como forma de organização da experiência e da autoconstrução, mas a racionalidade desse processo deixa pouco espaço de diálogo com o espectador. Percebi que havia uma potência muito forte no silêncio da solitude e nos questionamentos que ele provoca. Também notei que experienciar, sem a necessidade de uma explicação lógica, abre caminho para a espontaneidade e para uma criação original e múltipla. Com isso em mente, passei a buscar como foco, no fazer artístico, a construção de um canal de contato sensível entre artista, mundo ao redor e público. Ao estudar sobre o *Inconsciente* e o *Imaginário*, pude elaborar as diretrizes do que chamei de *Poética Reflexiva do Eu*, para alcançar esse objetivo.

[8] Disponível em: <https://nararoesler.art>. Acesso em: 21/abril/2020.

Na mesma viagem em que descobri o *Museu de Arte de Teshima*, fui constantemente acompanhada pelo som de cigarras que caracterizam o verão japonês. Fiquei por um bom tempo observando e registrando com a câmera um desses insetos movendo-se no asfalto, depois de cair de uma árvore. Enquanto acompanhava o animal, lembrei da fábula *A cigarra e a formiga*, das *Fábulas de Esopo* (DRUMMOND, 2016), que surgiu de repente no meu *Inconsciente* para me alertar que o prazer pode levar à morte enquanto o trabalho garante a sobrevivência. A culpa e o medo da morte mais uma vez assombravam a experiência, somando-se à voz da razão que distraía a atenção do momento presente. Uma amiga me disse mais tarde que, em sua interpretação pessoal da fábula, a cigarra representa o artista.

A vida das cigarras instigou minha curiosidade e comecei a pesquisar um pouco mais a fundo sobre sua existência. Descobri que elas passam a maior parte de suas vidas debaixo da terra - tempo que pode chegar a ser de 17 anos, dependendo da espécie - e têm apenas um período curto de vida na superfície, depois de uma transformação em que ganham asas. Ou seja, o prazer, materializado no canto delas, tão criticado pela formiga, é uma parte efêmera de sua existência.[9]

Decidi usar a imagem da cigarra em um dos protótipos de *Por que viajo sozinha?* e o áudio de seu canto no projeto da instalação *Mergulha em mim*. A fábula remete a uma forma de conhecimento baseada na cultura oral, a qual tinha a função de passar saberes de uma geração para outra. *A cigarra e a formiga* situa o espectador de *Por que viajo sozinha?* dentro da lógica da obra, que questiona modelos de comportamento cristalizados no imaginário. Entretanto, a referência é sutil e pode passar despercebida, dependendo do espectador. Essa narrativa incerta, suscetível às múltiplas interpretações, materializa a nova proposta do projeto, que começou como uma série de documentários e se transformou em uma criação híbrida e expandida. Esse é um dos exemplos de como fui incorporando uma abordagem menos racional e mais imersiva, construída pela releitura abstrata e

[9] As informações foram tiradas da tese de doutorado Cigarra (Hemiptera: Cicadidae): emergência, comportamento acústico e desenvolvimento de armadilha sonora, de Douglas Henrique Bottura Maccagnan.

sensorial de fragmentos de experiências, com o objetivo de criar um espaço poético e reflexivo, no qual seja possível o desenvolvimento de possibilidades e também o encontro (ou não) com memórias afetivas diversas, capazes de acessar o *Inconsciente* do espectador de maneiras que não tenho como prever totalmente.

No livro *Mulheres que correm com os lobos*, a psicanalista norte-americana, Clarissa Pinkola Estés (2014), traz um compilado de histórias oriundas da tradição oral de diferentes culturas do mundo e analisa cada uma das narrativas utilizando *Arquétipos Junguianos*. A autora ressalta a importância de se resgatar o conhecimento das narrativas orais que formam a base do *Inconsciente Coletivo* das civilizações que originaram a sociedade contemporânea.

Carl Gustav Jung (2000, p. 53) define o *Inconsciente Coletivo* como "uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal." O *arquétipo* é uma ideia sobre uma experiência universal que vai sendo passada de geração para geração e que dá sentido à existência humana, formando o conhecimento que origina o *Inconsciente Coletivo*. O imaginário é alimentado por esse *Inconsciente*.

Em Mulheres que correm com os lobos, a autora analisa em especial o *Arquétipo da Mulher Selvagem* que, através do que lhe é intuitivo, conecta-se a um *eu* libertador e autêntico. Ela descreve algumas formas com as quais as mulheres podem se reconectar a esse *Arquétipo*:

> Cada mulher tem acesso potencial ao Río Abajo Rio, esse rio por baixo do rio. Ela chega até ele através da meditação profunda, da dança, da arte de escrever, de pintar, de rezar, de cantar, de tamborilar, da imaginação ativa ou de qualquer atividade que exija uma intensa alteração da consciência. Uma mulher chega a esse mundo-entre-mundos através de anseios e da busca de algo que ela vê apenas com o cantinho dos olhos. Ela chega lá com artes profundamente criativas, através da solidão intencional e da prática de qualquer uma das artes. E mesmo com essas práticas bem executadas, grande parte do que ocorre neste mundo inefável permanece para sempre um mistério para nós por desrespeitar as leis físicas e racionais como as conhecemos. (ESTÉS, 2014, p.45)

Com esses apontamentos, Clarissa Pinkola Estés (2014) ressalta a atividade artística e a prática da solidão como formas de se encontrar essa *Mulher Selvagem*, que explora novas possibilidades de expressão, as quais criam um caminho de inspiração singular e livre dos limites impostos pelo pensamento racional. Ela define esse processo como uma "volta ao lar" que liberta a *Mulher Selvagem* de um determinado papel que tenha assumido para si, outro *arquétipo* que a esteja aprisionando.

> A mulher tem que se afastar, ficar sozinha e examinar, para início de conversa, como ficou presa a um arquétipo. É preciso resgatar e desenvolver o instinto selvagem básico que determina os limites "só até aqui e nem um passo a mais, só esse tanto e nada mais". É assim que a mulher se mantém norteada. É preferível voltar ao lar por algum tempo, mesmo que isso irrite os outros, em vez de ficar, para se deteriorar e acabar indo embora rastejando, em frangalhos. (ESTÉS, 2014, p. 323)

Por indicação de meu orientador, Prof. Dr. Pelópidas Cypriano PEL, li outras pesquisas de mestrandos que estiveram sob sua orientação no Instituto de Artes da Unesp e encontrei um trabalho realizado por Rosângela D. Canassa (2006), psicóloga, que usou seus conhecimentos da graduação, para "analisar o enredo de três filmes, em uma abordagem mítica e psicológica, considerando a questão do comportamento feminino, associado com as deusas da Mitologia Grega."

Essa dissertação me ajudou a entender melhor como o *Inconsciente* e os *Arquétipos* podem servir como ferramentas, no processo criativo, para a construção de um imaginário diverso, de maneira a produzir um diálogo entre o mundo exterior e interior, que alcança um terreno sensível mais amplo. Assim como Larrosa (2004) descreve o excesso de informação, opinião e trabalho, além da escassez de tempo, como empecilhos para se viver a experiência de maneira mais substancial, as barreiras impostas pelo *Inconsciente* e pelos *Arquétipos*, também impedem um contato mais livre e espontâneo com o mundo.

A personagem de Lulu, no filme *A Caixa de Pandora* (1928), por exemplo, explica a autora, vivencia a experiência desejada através do outro, em uma projeção. Ou seja, ela busca externamente, na figura masculina dos homens com os quais se relaciona, a força de um herói que deseja ser, mas tem dificuldade de

alcançar internamente. Esse processo faz com que Lulu (e muitas outras mulheres que se identificam com a personagem) crie uma relação de dependência com o pai e, posteriormente, com o companheiro amoroso. A possibilidade de perder essa projeção, criada com o laço afetivo, ocasiona uma instabilidade emocional muito grande na mulher, já que a existência dela depende das atitudes e decisões de outra pessoa. Além disso, ao transferir essa função, explica Rosângela, o indivíduo deixa de desenvolver a reflexão sobre suas decisões e não assume a responsabilidade de sua atitude com relação ao mundo exterior. Assim como existe uma lacuna no conhecimento que construímos baseando-nos somente nas opiniões de outras pessoas, Lulu sente um vazio ao viver seus desejos através da experiência dos homens com os quais convive.

Essa noção foi fundamental para elaborar tanto minha metodologia científica como artística. Percebi, por intermédio de Lulu, que só poderia entender o tema desta pesquisa ao vivenciá-lo no corpo. Sem a experiência, as referências teóricas e criativas não são capazes de dar conta do conhecimento necessário para realizar um trabalho capaz de expressar o tempo e o espaço em que vivo.

A curiosidade pelo *Inconsciente* fez com que eu começasse uma prática. Passei a anotar meus sonhos para usá-los como material para a produção artística. Além dos sonhos, percebi que a escrita poética, como já mencionado, também nutria a capacidade de me conectar à *Mulher Selvagem* e, de alguma forma, catalisar os estímulos da experiência.

Essa descoberta ocorreu quando, na busca por uma pluralidade expressiva e por uma forma de expressão híbrida que libertasse meu fazer artístico, lembrei que, entre 2015 e 2016, utilizei a prática de escrever poesias como uma válvula de escape para aliviar angústias e ansiedade. Decidi revisitar esse material durante o mestrado, em um segundo processo de edição, lapidação, reencontro, reescrita e experimentação com palavras, memórias, sensações e sentimentos desse período. Enxerguei na poesia a liberdade que eu procurava para aceitar a expressão da maneira como ela surge no corpo e transborda.

Ao pesquisar sobre solidão, arte contemporânea e modelos de comportamento percebi que o exercício da solitude em espaços de imersão pode abrir novos caminhos para a expressão por oferecer o contato com o desconhecido, que revela diferentes possibilidades de existência. Assim, passei também a explorar a prática dentro do campo de pesquisa de processos e procedimentos artísticos, tendo como foco a busca do conhecimento construído através da experiência sensível.

Em síntese, depois dessa viagem de imersão, incorporei a ideia de viver a experiência guiada pela curiosidade e pelo desejo como forma de enfrentamento ideológico, de exercício de esvaziamento e de distanciamento de informações e opiniões. Com essa prática, objetivei abrir espaço para uma maior exposição diante do tempo e do espaço ocupados no presente e, com isso, estabelecer um contato mais sensível com o mundo e enxergar formas de expressão menos racionais e objetivas, como a poesia.

No capítulo seguinte, descrevo como dei continuidade ao desenvolvimento da investigação a partir do aperfeiçoamento científico do trabalho com a disciplina da Profa. Dra. Rosangella Leote e com diferentes referenciais teóricos, que me auxiliaram a pensar nas articulações possíveis das experiências e estudos os quais me trouxeram até o mestrado e a organizar os processos e procedimentos artísticos utilizados nesta jornada.

5 VIAGEM, O PENSAR

Seminários de Pesquisa I - Artes Visuais é uma disciplina obrigatória do *Programa de Pós-graduação em Artes da Unesp*, ministrada pela Profa. Dra. Rosangella Leote. O objetivo da matéria é aprofundar conhecimentos específicos ligados ao mestrado, com a apresentação de modelos, ferramentas e características de uma pesquisa científica no campo das artes. Nas aulas, trabalhamos na melhoria do projeto apresentado no processo seletivo do mestrado, seguindo um modelo de formatação e aperfeiçoando todos os itens do trabalho. Cada aluno leu o projeto de um colega e sugeriu modificações com base no conteúdo apresentado pela Profa. Dra. Rosangella. O projeto reformulado pode ser lido na íntegra no Apêndice I desta dissertação. Após esse processo, fizemos uma simulação de apresentação para banca, com a avaliação da docente e de um segundo colega a quem a leitura do projeto havia sido destinada. Paralelamente, foram apresentadas as peculiaridades de cada linha de pesquisa do programa, assim como a indicação de autores para os temas estudados, discussão de processos metodológicos no campo das artes, formatação de artigos acadêmicos, descrição do processo de qualificação e demais detalhes ligados ao amadurecimento dos estudantes como pesquisadores. A disciplina trouxe muitas melhorias para a minha pesquisa e solucionou dúvidas com relação à pós-graduação como um todo. Sobre a bibliografia estudada, em específico, o livro *Descobertas Acidentais em Ciências* (ROBERTS, 1995) foi de fundamental importância para o entendimento do conceito de *Serendipidade,* através da apresentação de inúmeros exemplos que utilizam essa técnica em estudos científicos. A aplicação de *Serendipidade* em minha pesquisa, em específico, foi trabalhada com meu orientador, Prof. Dr. Pelópidas Cypriano PEL, no decorrer da pós-graduação.

Para dar continuidade ao desenvolvimento da pesquisa, com essa viagem pelo pensar a partir dos conhecimentos adquiridos com essa disciplina, julguei importante fazer um mergulho profundo na memória, resgatando no passado as bases nas quais meu trabalho artístico floresceu e onde reencontrei a expressão através da poesia. Descrevo essa trajetória com o filtro de um novo modo de pensar,

desenvolvido com a leitura de diferentes referenciais teóricos e direcionado para o aperfeiçoamento do processo artístico e para a realização do *Trabalho Equivalente*.

5.1. O imaginário e a experiência de estar só

Figura 19 - *Jogo de cena*

Fonte: Blog - Várias tentativas.[10]

Começo minha viagem com o tema da *solitude feminina,* com uma análise sobre a construção do imaginário ao redor da experiência de estar só vivida por uma mulher. Nesse percurso, dois sentimentos ganham destaque: o medo e a coragem, que marcam as limitações e a libertação da expressão. Nos parágrafos seguintes, irei apresentar algumas obras artísticas que fizeram parte da minha infância e adolescência e descrever como o contato com elas ecoou em meu processo artístico.

[10] Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/varias_tentativas/2014/09/um-filme-para-chamar-meu-jogo-de-cena.html>. Acesso em: 21/abril/2020.

A imagem que escolhi para representar este início (Figura 19) é uma composição feita com personagens do filme *Jogo de Cena*, de Eduardo Coutinho (2007). A obra é construída com depoimentos de mulheres reais contando suas experiências de vida e com a performance de atrizes que as interpretam. Não há aviso prévio que oriente o espectador sobre o que é documentário e o que é representação. Essa abordagem conecta fragmentos de histórias, formando uma unidade poética.

Em um dos depoimentos, uma mulher negra fala:

> Eu queria ser Paquita do Show da Xuxa. Impossível né?! Do tipo, não tinha pele clara, olho azul nem cabelo bom. Mas aí eu falei, pow, não dá pra ser Paquita, mas eu vou fazer teatro, que já é um mundo muito louco já. Mas eu não tinha noção do que era ser atriz, do tipo, o que é ser atriz? (JOGO DE CENA, 2007)

Saberemos mais tarde, no decorrer da narrativa fílmica, que essa fala é uma interpretação feita pela atriz Mary Sheila, sobre a história de vida de outra atriz, Jack Brown, que aparecerá em um momento posterior do filme. Lembro de quando vi *Jogo de Cena* pela primeira vez e como a ideia dessa mulher negra almejar ser uma paquita na infância foi impactante para mim. Muitas meninas que cresceram no Brasil nos anos de 1980 tinham esse desejo, mas, ao vê-lo manifestado no corpo e na fala de Mary Sheila, a ideia da impossibilidade é automaticamente compreendida.

Uso esse exemplo para dar início a uma reflexão sobre a força do imaginário no processo de autoconstrução de mulheres na sociedade contemporânea. Esse entendimento é delineado com base em um recorte, em que associo a construção simbólica com a produção de modelos de comportamento. Cheguei a esse entendimento a partir do conceito de *Inconsciente* e da necessidade de delinear uma definição conceitual para *Imaginário,* tarefa realizada com o auxílio de artigos científicos de pesquisadores das áreas de arte, comunicação e psicologia.

Carlos Augusto Serbena (2003), por exemplo, é um estudioso com formação em psicologia e com doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas, que descreve o *Imaginário* como um conceito formado por “imagens, símbolos, sonhos,

aspirações, mitos, fantasias, muitas vezes pré-racionais e com forte conotação afetiva que existem e circulam nos grupos sociais" (p. 2).

Ao discorrer sobre símbolos e mitos dentro desse contexto, o autor faz a seguinte reflexão:

> Os símbolos e mitos podem tornar-se receptores das projeções dos medos, interesses e aspirações, modelando comportamento, condutas e visões de mundo desde que partilhados por pessoas criando uma comunidade de sentido e solidificando uma determinada visão de mundo. Neste sentido, o campo do imaginário é também um campo de enfrentamento político, extremamente importante nos momentos de mudança política e social e quando se configuram novas identidades coletivas. (SERBENA, 2003, p.2-3).

Há um paralelo traçado aqui entre o mundo real e o *Imaginário*, associado ao comportamento e à forma como as pessoas interagem com a realidade ao seu redor. A função social dessa interação está ligada, segundo o autor, a aspectos políticos os quais articulam a formação das identidades e a organização do passado, presente e futuro.

Ana Taís Martins Portanova Barros (2009), pesquisadora do campo da comunicação, também associa o *Imaginário* às criações de símbolos e mitos. Ademais, acrescenta um terceiro elemento: o *Estereótipo*, que incorpora o esvaziamento de significação e sentido presente no símbolo. Isso ocorre pela grande quantidade de estímulos imagéticos incorporados à experiência contemporânea, banalizando a sua presença e, consequentemente, a construção simbólica que esses estímulos poderiam proporcionar.

Assim, ao associarmos o uso de símbolos e mitos na construção de modelos de comportamento que definem a relação do indivíduo com o ambiente em que está inserido, é importante salientar a influência de *Estereótipos* e a barreira que eles representam para o desenvolvimento de expressões singulares.

Barros (2009) demonstra como um *Estereótipo* pode degradar uma imagem impregnada de sentido. Ela exemplifica o processo por meio de uma representação que retoma o *Mito Melusiano*, constituído por uma bela mulher que aceita ser esposa de um cavaleiro com a condição de nunca ser vista nua por ele. Ao

descumprir o trato, o homem vê a amada que banhava-se transformar-se em uma serpente. Entretanto, antes de desaparecer, Melusina perpetua sua linhagem divina através dos filhos. A pesquisadora retoma esse mito ao analisar uma famosa imagem de Marilyn Monroe, que segura sua saia voando sobre um respiradouro do metrô de Nova York. Ana ressalta que a exposição contínua a essa representação cria um *Estereótipo* o qual propaga uma relação simbólica superficial.

> Marilyn lembrada repetidamente com sua saia esvoaçante torna-se um estereótipo da feminilidade na medida em que alija o mito melusiano de seu viés libertário. A mulher divina e forte, capaz de reconduzir a humanidade à transcendência reduz-se à simples sedutora que sorri, afetadamente espantada com o suposto acidente que lhe revela as pernas. (BARROS, 2009, p.9)

Para Valéria Cristina Pereira da Silva (2018), pesquisadora na área de estudos socioambientais, a arte ativa a possibilidade de imaginar futuros possíveis, em “um fluxo, não necessariamente linear, entre o criar, o lembrar, o perceber e o imaginar. A convergência entre vida, experiência e sensibilidade amadurece sob o nome de arte.” (SILVA, 2018, p.95)

Ao analisar os estudos de Bachelard[11], a autora faz um apontamento sobre a complexidade dos processos percorridos pela imaginação: “não basta somar fragmentos do real percebido e do real vivido para atingirmos o domínio de uma imaginação fundamentalmente criadora” (SILVA, 2018, p.97). Ou seja, ela explica que o artista precisa fazer o exercício constante de busca por sentido, diante das imagens que povoam a experiência contemporânea.

Com essas questões em mente, faço uso do conceito de *Imaginário* para descrever o caminho percorrido entre o medo e a coragem nas vivências em que não contei com a companhia de outra pessoa e como essa trajetória guiou meu processo criativo em cada detalhe, por exemplo, na decisão de escolher a palavra *solitude* ao invés de *solidão*, para descrever a construção da minha relação com a experiência de estar só, e sua reverberação na expressão materializada no fazer artístico.

> When I was a little girl I really thought I could fly. And then I grew up. I used to have so many opinions about everything, but I started

[11] BACHELARD, Gaston. poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

> learning that stars are just as real as the ground under my feet and at last it didn't have the same magical brightness anymore. I used to be so curious about simple things, but the simple things became too ordinary to be part of my day. I've got busy and I've got used to the stuff around. It is just there and it has always been there.
> (...)
> When I look around I see so many things that amazes me! Things that change me or, better than that, things that awake an old feeling inside myself. It starts as a sentence, a sound, an image, or maybe a soft smell and suddenly a new world pops in my head and it is like that little girl is back again. (APÊNDICE A)

Escrevi esse texto em 1999, quando morei sozinha pela primeira vez, aos dezessete anos de idade. Nele, descrevo a sensação de perda do entusiasmo pelo mundo ao meu redor e o desejo de recuperar a curiosidade que alimentava minhas descobertas na infância. Relato a seguir o que alimentava meu *Imaginário* nesse momento.

Eu havia me mudado para os Estados Unidos com meu irmão, que recebeu a proposta da companhia aérea na qual trabalhava para viver dois anos em Los Angeles. Eu iria ingressar na faculdade no ano seguinte, já havia definido o cinema como meu maior interesse profissional e a Califórnia apresentava-se como uma boa oportunidade de estudos e trabalho. Por isso, decidimos ir juntos, sem saber que ele perderia o emprego pouco tempo depois.

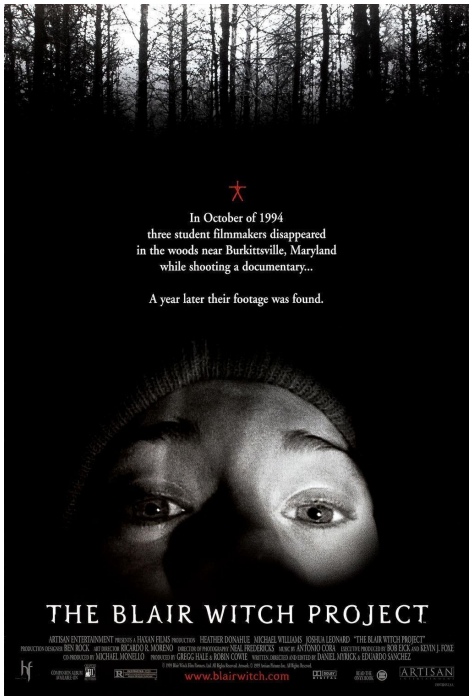
Diante desse novo cenário, meu irmão optou por voltar ao Brasil e eu escolhi ficar. Durante os seis meses seguintes, em que morei sozinha e estava me familiarizando com uma nova língua, passava a maior parte do tempo na escola estudando ou, em casa, sem nenhuma companhia. Dessa primeira experiência de estar só, tenho, na lembrança, a construção de um *Imaginário* marcado pelo medo e a sensação constante de solidão.

Nesse ano, ocorreu um fato histórico que causou um impacto em mim e na sociedade estadunidense como um todo. Em 20 de abril de 1999, dois alunos chegaram armados na escola de ensino médio onde estudavam, em Columbine, no estado do Colorado, e mataram colegas e professores para, em seguida, tirarem as próprias vidas. Vários filmes utilizaram a tragédia como fonte de inspiração. Entre

eles, o documentário *Tiros em Columbine* (2002), de Michael Moore, e o longa-metragem ficcional *Elefante* (2003), de Gus Van Sant.

Também recordo, dessa época, de ter assistido ao filme *Bruxa de Blair* (1999), produção do cinema independente norte-americano que teve grande repercussão. O longa-metragem conta a história de três estudantes de cinema os quais encontram um fim trágico durante uma viagem. O pôster do filme (Figura 20) estampa a expressão assustada da única representante feminina do grupo e, também, a última sobrevivente, a qual o espectador acompanha sozinha nos momentos finais da narrativa. O formato incomum da obra, de pseudodocumentário, produz uma sensação de realidade que instiga os sentidos de forma diferente da ficção mais tradicional com a qual o público estava habituado na época.

Figura 20 - *Bruxa de Blair*



Fonte: Internet Movie Poster Awards.[12]

Em julho de 2019, a empresa de mídia digital *Vice* publicou uma entrevista com os realizadores do filme, em comemoração aos vinte anos de *Bruxa de Blair*. Na matéria, Myrick e Sánchez explicam os procedimentos que experimentaram

[12] Disponível em: <http://www.impawards.com>. Acesso em: 21/abril/2020.

durante a realização do trabalho. Antes do início das gravações, os três atores que estrelaram o filme passaram por um treinamento para que soubessem operar os equipamentos que usaram para gravar som e imagem, já que tiveram de fazer tudo sozinhos. Assim, cada um registrava a si ou ao outro ator, sem a intervenção dos realizadores. Para que a trama tivesse uma continuidade, a equipe de produção deixava bilhetes com instruções a cada dia. Dessa forma, eles sabiam o que deveriam fazer, mas desconheciam o desfecho dessa ação ou a reação do colega diante da proposta. Esse experimento artístico trouxe o resultado realístico almejado por seus idealizadores, baseando-se no afrouxamento do controle, na espontaneidade a partir do imprevisto e em descobertas acidentais (TENREYRO, 2019).

Tanto os produtos audiovisuais baseados no massacre de Columbine, como *Bruxa de Blair* (1999), contavam histórias muito próximas da minha realidade e simulavam os perigos do mundo ao meu redor. Eles mostravam situações de violência e ruptura da ordem sem explicar a complexidade relacionada à construção desse *Imaginário*. O texto que escrevi sobre querer relembrar a vida quando era uma criança marcou, para mim, o início de uma descoberta expressiva. A escrita foi uma reação diante desses estímulos.

Em nenhum trecho do relato falo sobre o medo e a solidão, apenas expresso o desejo por liberdade e pelo reencontro com uma curiosidade inspiradora. Eu usava aquelas palavras para lutar contra algo que não podia controlar ou prever, as ameaças que me cercavam e alimentavam meu *Imaginário*. Quando comecei a escrever, passei a me sentir melhor. A sensação era de que estava estabelecendo uma conversa com o medo que aflorava em mim.

Antes da escrita, porém, eu havia me interessado pelo cinema. Isso ocorreu entre a infância e a adolescência, quando tive contato com a série de filmes que narra as aventuras de Indiana Jones, um professor de arqueologia o qual se transforma em um aventureiro, em busca de relíquias históricas, escondidas em locais de extremo perigo. Os filmes em questão eram, *Indiana Jones e os caçadores da arca perdida* (1981), *Indiana Jones e o templo perdido* (1984) e *Indiana Jones e a grande cruzada* (1989). Quando vi o personagem na tela de cinema, percebi que

gostaria de ser como ele. Assim, minha primeira escolha profissional foi a arqueologia.

Entretanto, alguns anos depois, vi o filme *Coração Valente* (1995) que termina com o grito de liberdade de um personagem que, mais do que aventureiro, como Indiana Jones, apresentava-se na pele de um herói. Ao sair do cinema, decidi que iria fazer aquilo, o que quer que aquilo fosse. Dessa forma, antes de me deparar com o medo, tive contato com a coragem, materializada nesses outros produtos audiovisuais.

Ao retomar as referências fílmicas da minha infância e adolescência, percebo que encontrei o modelo do que gostaria de ser em personagens masculinos. Assim como Jack Brown e seu desejo por ser paquita, havia uma barreira invisível com a impossibilidade entre quem eu era e quem gostaria de ser. Mas, para um olhar infantil e inocente, esses detalhes passaram despercebidos. Mais tarde, quando já estava deixando a adolescência e me deparei com personagens mais próximos da minha realidade, nos Estados Unidos, comecei a experienciar os limites do medo, que só consegui ultrapassar através da escrita, em que resgatava sentimentos guardados na memória.

Assim, a consciência sobre as fontes que alimentam o *Imaginário,* que carrego no meu corpo, e a forma como ressignifico esses estímulos, em um processo de autoconstrução, são de essencial importância para o entendimento do processo artístico que venho desenvolvendo com a experiência da solitude. A seguir, descrevo a reflexão que fiz para explicar a maneira como trabalho com a memória no presente, com a criação de possibilidades, para desconstruir *Arquétipos* e *Estereótipos*.

5.2. A solitude e a solidão

Tendo como base a consciência da subjetividade que envolve a experiência e a maneira como símbolos, mitos e *Estereótipos* direcionam o comportamento

contemporâneo, faço, aqui, alguns apontamentos, sobre o *Imaginário* ao redor da ideia de estar só e, como o período em que vivemos alimenta o pavor com relação a essa vivência.

Após um levantamento de dados históricos, com base na bibliografia especializada na investigação a respeito dos significados de solitude e solidão, chamo a atenção para o uso das *Mídias Sociais* nesse processo. Assim como a internet pode ser uma ferramenta produtiva, importante para a união de grupos identitários que reivindicam representatividade, também pode servir como instrumento para outros fins, que podem resultar em uma trajetória infértil de desconexão social. Ao final desta reflexão, descrevo um momento de experiência pessoal no qual me reconectei à solitude da escrita poética, que havia deixado de lado no decorrer da vida adulta.

Paula Sibilia (2016), em seu livro *O show do eu: a intimidade como espetáculo*, ressalta a importância de se estar só para que o indivíduo consiga consolidar o processo de autoconstrução. Ela faz um levantamento crítico sobre o momento atual em que as pessoas são estimuladas à exposição constante e à interação ininterrupta através das *Mídias Sociais*. Desse cenário, afloram alguns questionamentos. Se todos expressam sua opinião e emoções o tempo inteiro, quando é realizado o amadurecimento das ideias e a reflexão silenciosa do que é vivido? Além disso, o que acontece com o que é vivido, com a experiência presente, sem interfaces e interrupções?

A descoberta que fiz, no período em que morei nos Estados Unidos, da expressão por palavras, foi possível em uma época na qual eu não contava com outra pessoa ao redor para conversar o tempo inteiro, nem possuía o hábito de trocar mensagens instantâneas, nem tinha acesso ao contato constante pelo celular. O que se usava em 1999 eram cartas e e-mails. Para escrever relatos nesses formatos, era preciso praticar a construção narrativa, reviver a memória e aplicar técnicas de síntese.

A pesquisadora Fay Bound Alberti (2018), em um artigo que escreveu para o jornal britânico *The Guardian*, ressalta que a palavra solidão (loneliness) começa a

ser usada com mais frequência a partir do século XVIII em decorrência das mudanças sociais daquele período. Antes disso, estar só, ou em solitude, não carregava sentimentos negativos e de desconexão que caracterizam a definição de solidão. Nos séculos que antecedem esse período histórico, as pessoas viviam em comunidades nas quais a prioridade era o bem comum, os indivíduos faziam parte de um todo. Como descreve a autora, essa transformação, consequência da industrialização, instiga um crescente foco no individualismo.

Dos levantamentos feitos por Sibilia (2016) e Alberti (2018), em suas pesquisas, é possível traçar um simulacro de como as pessoas foram moldando sua relação com a experiência de estar só no decorrer do tempo, a partir da industrialização até a atualidade. Se pensarmos no crescente desejo por isolamento, no processo de individualização, manifestado, por exemplo, no campo artístico, com a popularização do gênero literário do romance no século XIX, como menciona Sibilia (2016), até a explosão de interatividade e exposição na era da espetacularização do *eu,* através das *Mídias Sociais*, é interessante notar como o desejo por estar só foi substituído pelo pavor com relação à mesma experiência, porém, com uma nova realidade, a do desejo pela interação imediata, intermediada por interfaces, ou seja, o impulso de buscar a companhia virtual e instantânea de multidões, onde quer que elas estejam.

Qual o impacto dessa transformação em um período tão curto de tempo, da relação de uma pessoa com a experiência de estar apenas diante da própria presença, substituída pela companhia constante de desconhecidos?

No dia 15 de julho de 2019, a blogueira Alinne Araújo, de 24 anos, suicidou-se, após ter se casado consigo mesma no dia anterior. Seu noivo desistiu do casamento 24 horas antes da cerimônia e a informou por um aplicativo de mensagens. Ou seja, no período de três dias, ela recebeu a notificação do fim do relacionamento virtualmente, seguiu com a festa de casamento, foi intensamente criticada por seus seguidores por ter tomado essa decisão e, em seguida, atirou-se pela janela do prédio em que morava (Figura 21).

Figura 21 - Blogueira

Fonte: Hypeness[13]

Em que momento ela ficou só para tentar entender o que estava acontecendo dentro de si? Quando parou para processar a solidão em que se encontrava? A jovem tinha um perfil no *Instagram* chamado *Seje Sincera* em que falava sobre problemas pessoais relacionados a autoestima, ansiedade e depressão.[14]

O suicídio não é uma novidade na história da humanidade, principalmente, quando ligado à motivação amorosa. O *Imaginário* criado por Shakespeare em *Romeu e Julieta* é frequentemente resgatado por obras audiovisuais. A morte de mulheres, inclusive, apresenta-se em diversas narrativas que alimentam a subjetividade contemporânea. E essa é uma questão fundamental para o meu trabalho artístico e que irei desenvolver no decorrer desta pesquisa.

Em *O show do eu: a intimidade como espetáculo,* Sibilia (2016) ressalta que a relação do indivíduo com o que interage através da internet afeta diretamente a maneira com a qual ele constrói subjetividades, ou seja, sua conexão com o *Imaginário*. Além disso, ela complementa que a forma como ele consolida sua própria experiência, em um processo de autoconstrução, e sua relação com o mundo e com os outros sujeitos, passou por um intenso processo de reconfiguração por conta do surgimento das *Mídias Sociais*, fenômeno ainda muito recente para podermos analisar por completo.

---

[13] Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/07/blogueira-que-se-casou-com-ela-mesma-suicida-apos-ataques-na-internet-e-abandono-de-noivo/>. Acesso em: 21/abril/2020.

[14] Disponível em: <https://www.instagram.com/sejjesincera/>. Acesso: 23/abril/2020.

Com essa barreira da impossibilidade de entender inteiramente um acontecimento tão novo, decidi buscar refúgio no passado e resgatar memórias que evidenciem a trajetória de construção da relação do indivíduo com a experiência de estar só, manifestada pela expressão artística. Assim, desfrutei da companhia (através da leitura de seus trabalhos) de duas pesquisadoras, Fay Bound Alberti (2019) e Karin Leah Arndt (2013), que analisam diferentes registros de vivências relacionadas ao tema desta pesquisa. Dessa leitura, destaquei alguns pontos referentes à construção do significado, respectivamente, das palavras solidão e solitude.

Com o livro *A Biography of Loneliness*, Alberti (2019) apresenta dados sobre como as transformações históricas, desde o período da industrialização, reverberaram na relação das pessoas com a ausência de companhia. Já Arndt (2013), em sua tese de doutorado, *A room of one's own, revisited: an existential-hermeneutic study of female solitude*, analisa nove relatos em primeira pessoa de diferentes mulheres, sobre suas experiências particulares em longos períodos de retiro intencional em solitude. Os diários correspondem a experiências vividas no século XX e XXI.

Alberti (2019) inicia seu livro com a música *Eleanor Rigby* (MCCARTNEY, 1966), para explicar como transformações sociais na década de 1960, nos Estados Unidos e Reino Unido - que ocasionaram mais pessoas morando sozinhas e fora da unidade tradicional familiar - inspiraram Paul McCartney a criar a letra de sua música, que faz o seguinte questionamento, "all the lonely people, where do they all come from?" (MCCARTNEY, 1966). Similarmente a Alberti (2019), Arndt (2013) também utiliza uma obra artística para explanar seu estudo: o livro de Virginia Woolf (1929), *A room of one's own*, em que a escritora descreve o motivo pelo qual mulheres não escreviam romances como homens na época em que viveu. Como já mencionado nesta dissertação, ela diz que é preciso um espaço de solitude e independência financeira para que escritoras possam se desenvolver artisticamente como homens.

Antes de prosseguir, faço um esclarecimento conceitual. Nesta dissertação, utilizo a definição de solidão a partir da descrição elaborada pelo professor Lars

Andersson, da Universidade de Linköping, na Suécia, mencionada por Alberti (2019) em seu livro. Para o pesquisador citado por ela, a palavra está ligada a um estado emocional de sofrimento originado pela sensação de desconexão, rejeição e desentendimento com relação a outras pessoas ou a uma falta de parceiros sociais os quais possibilitem um senso de integração dentro de uma comunidade ou propiciem uma oportunidade de intimidade emocional. Ou seja, a palavra não se refere ao estado físico de uma pessoa estar ocupando um espaço sem a companhia de outros indivíduos, ela descreve um sentimento.

Quando morei sozinha nos Estados Unidos, senti a solidão descrita por Lars, fruto do medo diante de um mundo exterior o qual não compreendia. Aos poucos, esse estado emocional de sofrimento foi se transformando e restou apenas a experiência física de estar em um espaço sem a companhia de um conhecido. Ao elaborar a instalação *Mergulha em mim,* quis simular esse mesmo processo. A pessoa, na entrada da obra, depara-se com o medo. Quando entra e começa a desfrutar os depoimentos prazerosos de viajantes solo, ela continua sozinha, mas eu passo a estimular outra forma de emoção relacionada com essa vivência.

Em *A biography of Loneliness*, Alberti (2019) relata, além do seu interesse histórico pelo tema, uma curiosidade pessoal, que nasceu de sua experiência com a solidão na infância, vivida em um lugar isolado, sem internet ou telefone, com uma família *hippie* que, segundo ela, alimentou seu desenvolvimento com episódios traumáticos e infelizes. Mas, apesar desse cenário, ela aprendeu a apreciar a solidão, a qual reviveu em outros períodos da vida, manifestando-se de diferentes formas em cada momento. “A natural introvert, I spent my days in the woods, making up stories, plotting alternative lives. My community was populated by fictional characters.” (p. ix)

Existe, segundo ela, uma solidão transitória, da qual uma pessoa entra e sai durante a vida, quando, por exemplo, muda de emprego, termina a universidade ou após o fim de um relacionamento. Nesses casos, esse sentimento pode ajudar no crescimento pessoal, de modo a abrir um espaço para a reflexão sobre o que o indivíduo quer em relação aos demais que o cercam.

Ela ressalta também que a solidão não é necessariamente algo ruim e tanto ela como a solitude são frequentemente utilizadas em processos artísticos. Alguns artistas que as descrevem como fonte de inspiração, citados pela autora, são William Wordsworth, Virginia Woolf e May Sarton. Porém, com essa observação, Alberti (2019) questiona: é possível tirar melhores frutos da solidão que adoece a sociedade do século XXI? Somos capazes de criar grandes obras sem que sejamos necessariamente solitários? E o prazer da solidão, pode ser relevante para aqueles que não produzem arte? A questão da saúde mental é uma das grandes preocupações do livro que descreve o problema atual da solidão como uma epidemia em crescente evolução. O foco da pesquisa concentra-se no Reino Unido e, segundo seu levantamento de dados, as consequências desse sofrimento emocional vem despertando a atenção do governo, o qual, em janeiro de 2018, anunciou a criação de um ministério para a solidão.[15]

A autora diz que o termo, como descrito por Andersson, como uma aflição social moderna, cresceu em uma sociedade menos inclusiva e comunitária, baseada na ideia de uma mente individualizada, científica e medicalizada. No atual século XXI, soma-se a essa construção ideológica o crescente uso das *Mídias Sociais* e suas consequências. Para ela, o *eu* digital pode ser múltiplo e conflitante e a satisfação obtida com ele não é necessariamente substancial ou integral como ao que é experienciado em situações da vida real. Alberti (2019) dedica um capítulo inteiro de seu livro à vinculação do surgimento das *Mídias Sociais* e da construção de comunidades online com o aumento da sensação negativa com relação à falta de companhia na contemporaneidade, e inicia sua análise com o seguinte questionamento: o uso excessivo de *Mídias Sociais* é a causa ou a consequência da solidão que se dissemina no século XXI?

Para tentar desvendar o caminho percorrido por essa problemática atual, ela cita um estudo de 2015 que descreve a falta de contato “cara-a-cara” como um agente responsável pelo agravamento da sensação de solidão.[16] Para a autora, há

---

[15] Fonte: BBC News. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/uk-42708507>. Acesso: 23/abril/2020.

[16] A.M. Manago and L. Vaughn, ‘Social media, friendship, and happiness in the millennial generation’, in M. Demir (ed.), Friendship and happiness across the life-span and cultures (Dordrecht: Springer, 2015), pp. 187–206:

uma relação cíclica entre o sentimento negativo e o engajamento nas *Mídias Sociais*. Com esse apontamento, retomo novamente à conexão do *Imaginário* com a construção de modelos de comportamento. Assim como as *Mídias Sociais* apresentam-se como espelho para o indivíduo, a arte e produtos artísticos e de comunicação em geral seguem um fluxo cíclico, retroalimentado pelos estímulos da época em que estão inseridos. Porém, há um agravante, a internet possibilita um alcance e uma velocidade de influência ou contágio emocional sem precedentes.

Esse questionamento sobre a função da arte e da comunicação também aparece em minha instalação através dos materiais escolhidos para compor seu interior. Um labirinto com janelas e espelhos direciona o olhar do fruidor e, de forma sutil e subjetiva, aborda a questão da construção de modelos de comportamento. Além disso, nos vídeos que compõem o documentário *Por que viajo sozinha?* apresento fragmentos de experiências de diferentes tipos de mulheres e suas visões particulares sobre o mundo que as rodeia e, na sequência, crio uma releitura poética com a minha relação subjetiva em relação a essas histórias. Meu objetivo, com a transferência de estímulos entre o *eu* e o outro, é evidenciar uma trajetória de autoconstrução a partir de múltiplas referências de existência.

Alberti (2019) chama a atenção do leitor para outra questão pouco explorada por estudos sobre *Mídias Sociais*: como elas afetam a solitude, ou seja, o ato ou a capacidade de estar sozinho. Ela também ressalta os benefícios que essa experiência, a da solitude, traz para a criação artística e para a saúde mental e, como é cada vez mais difícil ter contato consigo mesmo, quando a cultura da tela e a conexão múltipla e ininterrupta tornam-se tão presentes na vida contemporânea.

Ao ler as reflexões de todas essas autoras acima citadas, lembrei de outro texto meu, escrito em uma época na qual a solitude me foi cerceada pela realidade em que eu estava inserida.

> Eu e os mil rostos que carrego em mim.
>
> (...) Fui lembrando de memórias que um dia invadiram meu rosto. E percebi como ele era o escudo da minha alma, uma feição que se

https://www.multivu.com/players/English/8294451-cigna-us-loneliness-survey/docs/IndexReport_1524069371598-173525450.pdf

> defende. Tentei resgatar no pensamento minhas fotos de criança. Dessa vez, não perdi tempo com as imperfeições. Acabei indo direto para um olhar curioso estampado em um retrato de 85, feito no quintal de casa. Passei pelo sorriso afetuoso ao ver o cachorro de uma vizinha em 87. Esbarrei em uma feição indescritível que representava o que senti quando a onda do mar avançou até meus pés pela primeira vez em 83. Encontrei em todas aquelas fotos o mesmo rosto: o meu. Voltando ao espelho, tive muitas saudades dele, daquele meu rosto, mais do que qualquer outro rosto que tivesse passado pela minha vida. Foi assim que nos reencontramos. Eu e meu rosto. (...) (APÊNDICE B)

Esse texto foi escrito em um período no qual relembrei, inconscientemente, a descoberta expressiva através da escrita, feita em 1999. Contextualizo um pouco da situação que vivia quando retomei esse hábito. Eu havia sido contratada para ser diretora de um programa de entrevistas e a expectativa de meus contratantes era que eu desenvolvesse, junto com eles, um formato experimental e inovador. O programa se chamava *A Máquina* (2012-2016) e era conduzido por um apresentador com pouca experiência prévia em televisão.[17] Seu nome era Fabrício Carpinejar, um escritor e poeta, que se tornou mais conhecido pelo público em geral devido às frases que postava em seu perfil no *Twitter*.

O projeto baseava-se em uma narrativa ficcional, na qual Carpinejar havia sido capturado por uma máquina imbuída do desejo de humanizar-se. Para tanto, ela precisava entender questões relacionadas à emoção e à subjetividade. Assim, esse ser ficcional mantinha o poeta em cativeiro e, a cada semana, sequestrava um entrevistado diferente, para extrair informações a respeito da natureza humana, a partir da conversa entre o apresentador e o outro capturado.

Fui contratada para dar vida à máquina. Tinha a tarefa de desenvolver uma linguagem e uma identidade que iriam se transformando no decorrer do tempo, conforme ela fosse se humanizando. Usei o *Twitter* para que o público do programa pudesse conversar com esse ser em transformação e para que, aos poucos, fosse compreendendo a proposta de abordagem das entrevistas.[18]

---

[17] As entrevistas exibidas no decorrer dos cinco anos de veiculação do programa estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/user/AMaquinaTVGazeta>. Acesso em: 23/abril/2020.

[18] O perfil do programa no Twitter está disponível em: <https://twitter.com/amaquinanaweb>. Acesso em: 23/04/2020.

Alguns meses após a minha contratação para dirigir o programa, que começava a ser exibido na TV Gazeta, recebi a notícia de que havia conseguido captar recursos suficientes para produzir outro projeto de minha autoria, fora da TV: um documentário de longa-metragem, intitulado *Identidade Cotidiana*. Assim, entre 2012 e 2015, dividia meu tempo entre o trabalho criativo desenvolvido na televisão e o documentário cinematográfico. Não havia um momento de solitude em minha vida e, apesar de estar envolvida com trabalhos criativos experimentais e que propiciavam uma abordagem mais autoral, percebia uma série de barreiras para a minha libertação artística, que envolviam a responsabilidade de atender à expectativa de muitas pessoas comprometidas com os projetos.

Eu havia voltado a escrever textos poéticos para materializar o processo de transformação e expressão do personagem da máquina e isso me trouxe uma sensação de prazer muito grande. Assim, quando era tomada por angústia e ansiedade pelo excesso de trabalho, abria o bloco de notas do celular e escrevia poesia. *Eu e os mil rostos que carrego em mim* (APÊNDICE B) é um dos frutos desse processo. Também passei a postar as poesias em meu perfil do *Facebook* e acompanhar a reação das pessoas com relação a elas.

Após fazer um levantamento sobre a disseminação da solidão na atualidade e descrever um momento em que precisei resgatar a solitude, volto a atenção desta reflexão para uma colocação mais positiva sobre a experiência de estar só no contexto da vida contemporânea, em especial, sob o ponto de vista feminino, e, em específico, seu aproveitamento em processos e procedimentos artísticos.

Karin, em sua tese *A room of one's own, revisited: an existential-hermeneutic study of female solitude* (ARNDT, 2013), analisa a prática da solitude na contemporaneidade, tendo como base sua formação em psicologia. Ela descreve uma literatura que define a palavra solitude em quatro prismas distintos: como uma forma específica de estar só, diferente de solidão, por exemplo; como uma prática psico-espiritual intencional; como um modo de existência ou impulso psicológico que é diferente ou complementar a um modo relacional; e, finalmente, como uma capacidade psicológica ou uma conquista para o desenvolvimento.

A pesquisadora retoma o estudo de D. W. Winnicott e seu artigo *The Capacity to be Alone* (WINNICOTT*,* 1958), para descrever a reflexão do autor, que ressalta a importância da solitude desde a infância, para o desenvolvimento do indivíduo, para que ele se torne um ser integral. Ela explica que, nos últimos cinquenta anos, é possível observar uma série de relatos em primeira pessoa, publicados por mulheres nos Estados Unidos, em que descrevem retiros intencionais em solitude, em sua maioria, em formato de diário. Ela selecionou nove dessas publicações para tentar estabelecer um diálogo com elas na busca por diferentes caminhos para acessar a relação entre mulheres e solitude. Desses pensamentos, saliento a ideia de solitude atrelada a uma capacidade de desenvolvimento que se materializa por meio de uma expressão artística; um relato em primeira pessoa.

Assim, diante de uma onda de solidão que espalha-se rapidamente através das *Mídias Sociais*, como descreve Alberti (2019), essa capacidade de estar só me parece uma forma de reação que pode trazer importantes descobertas para a reformulação de um *Imaginário* alimentado constantemente por estímulos, que se esvaziam de sentido, como já citado, pela quantidade e pela rapidez em que se apresentam no cotidiano da vida contemporânea.

Para entender a importância da reconstrução simbólica e subjetiva da experiência de estar só, descrevo uma comparação feita em *A Biography of Loneliness*. A autora analisa o livro *The Life and Adventures of Robinson Crusoe*, escrito por Daniel Defoe (1719) e o filme *Náufrago* (2000), de Zemeckis. Ambos retratam a história de um náufrago que passa muito tempo sem o convívio com outra pessoa, porém não há uma única referência no livro que conta a vivência de Crusoe sobre o aventureiro sentir-se solitário ou sob os efeitos da solidão. Já o personagem de Tom Hanks, no filme, precisa de uma bola com um sorriso para chamar de Wilson e não sucumbir aos sentimentos negativos provenientes da falta de uma companhia humana.

Cada uma dessas obras representa uma relação diferente com a experiência de estar só que reflete a época em que cada uma delas foi produzida. Com esse exemplo, destaco o papel da comunicação e da arte na produção e circulação de expressões que alimentam o *Imaginário* e percebo, mais uma vez, a necessidade

contínua de um distanciamento crítico e do cultivo de espaços para o exercício da solitude, com o objetivo de elaborar questionamentos e nutrir sentidos referentes à minha relação (como artista) com a sociedade e o tempo em que estou inserida.

Ao *Trabalho Equivalente,* incorporo a trajetória de um *eu* que, em determinados momentos, manifesta-se de forma múltipla e conflitante e, em outros, assume uma identidade mais substancial e integral, servindo como um espelho e uma janela para a sociedade em que vivemos, com estímulos que nos conduzem por uma viagem cíclica entre o medo e o desejo de estar só. Meu objetivo com essa proposta é dar possibilidades de vivência para o público fruidor das obras, ao invés de oferecer um único modelo de comportamento fixo e determinado.

6 VIAGEM, O EXPERIMENTAR

Paralelamente ao exercício do pensar, aprimorado com os conhecimentos desenvolvidos a partir das aulas da Profa. Dra. Rosangella, desenvolvi a prática do experimentar, colocando à prova algumas propostas relacionadas à expectativa de sistematização apresentada na introdução desta dissertação.

Comecei esse processo com a disciplina *Meios de produção e práticas híbridas na Arte Contemporânea*, ministrada pelo Prof. Dr. Agnus Valente, que abordou conceitos de hibridismo nas artes através da produção de obras ligadas à linha de pesquisa de cada estudante.

O docente pediu aos alunos que fizessem a planificação da execução do trabalho e expusessem para a classe os processos e procedimentos utilizados. As aulas culminaram na *II Mostra de Práticas Híbridas – Edição Internacional,* que ocupou o primeiro andar do Instituto de Artes da Unesp em outubro de 2018.

Aproveitei a oportunidade para fazer o primeiro experimento da minha pesquisa de mestrado com a obra *Mergulha em mim*, uma instalação colaborativa que se transformou em um protótipo para o *Trabalho Equivalente*. Explorei o hibridismo com diferentes tipos de materiais (vídeo, áudio, cartões postais, notícias de jornal, arquivos do *whatsapp* e fotografias), que tinham em comum a expressão do *eu,* materializada por histórias de mulheres que viajam sozinhas.

Com relação à bibliografia apresentada, o texto sobre o prazer estético de Hans Robert Jauss (1999) trouxe um panorama histórico sobre a relação do prazer com a obra de arte, em especial sua definição como “um modo de domínio do mundo e de auto-conhecimento” (p.92) e estimulou uma reflexão sobre a relação do público com a criação artística, a qual aprofundei com a minha produção durante o mestrado.

Os artigos escritos pelo Prof. Dr. Agnus Valente também trouxeram pontos importantes sobre o conceito de *hibridização* que utilizei em minha pesquisa, tanto do ponto de vista do criador como da recepção pelo público.

Durante o processo de experimentação, fiz algumas descobertas que descrevo a seguir.

6.1. O acaso e a memória

O presente é marcado por acontecimentos ao acaso. Todos os dias passamos por algo que não havia sido previamente planejado, que foge ao controle. Para mim, o acaso é como um susto que me desperta para o que está acontecendo ao redor e esse susto redireciona meu pensamento automaticamente. Neste momento da dissertação, faço uma reflexão sobre o acaso e a memória e descrevo algumas técnicas para lidar com esses dois elementos que conectam passado, presente e futuro.

Segundo Royston M. Roberts (1995), a descoberta serendípica, ou seja, aquela revelação feita por acaso, por acidente, sem que o pesquisador procurasse o que acabou encontrando, só ocorre quando a pessoa está preparada para conseguir entender que está diante de uma descoberta, para que a revelação não passe sem ser notada. O autor destaca duas possíveis qualidades que auxiliam o pesquisador nesse preparo: a curiosidade e a percepção. Do ponto de vista mais prático, ele indica algumas ações para facilitar o processo, por exemplo, observar e anotar constantemente quando se está desenvolvendo um trabalho, sem a preocupação em distinguir as informações como certo ou errado. Além disso, preparar a mente com o estudo aprofundado de conceitos em uma área específica faz do indivíduo uma pessoa mais bem preparada para enxergar uma solução que pode passar despercebida diante de outros olhares.

Em julho de 2019, fiz um curso de poesia com Angélica Freitas e, no último dia de aula, ela passou um exercício que utilizava uma ferramenta chamada *estratégia oblíqua*.[19] A proposta era que entrássemos em um site indicado pela docente, que proporciona dicas aleatórias em momentos de bloqueio criativo. Assim, eu tinha um poema em mãos, que havia escrito na aula anterior, e ela pediu que eu

[19] A ferramenta está disponível em: <http://stoney.sb.org/eno/oblique.html>. Acesso em: 23/abril/2020.

tentasse mudar algo que não me agradava nele através da estratégia oblíqua proposta pelo site.

Eu não gostava do título do poema, "A risada que vem da infância", e quando entrei no site ele me sugeriu "respire profundamente". Não consegui fazer nada com essa sugestão. Cliquei em um local indicado para uma nova sugestão que foi "o menor denominador comum". No momento em que li essas palavras, veio na minha mente "cocô e xixi" e o título do poema passou a ser "Entre o cocô e o xixi, a infância".

Pouco tempo depois, em meu grupo de pesquisa, novamente surgiu a ideia da *estratégia oblíqua*, sugerida pelo Prof. Roberto D'Ugo, doutorando também sob orientação do Prof. Dr. Pelópidas. Ele passou algumas referências que explicavam de onde vinham as táticas sugeridas pelo site. Elas foram escritas por Brian Eno para auxiliá-lo em seu processo criativo, especificamente, em momentos de bloqueio, quando estava produzindo algo sozinho. Além de músico, Brian é artista visual, produtor e teórico das artes. Ele comenta que, quando está criando algo com outra pessoa, fica mais fácil sair do bloqueio criativo, já que há muita informação sendo trocada o tempo todo. Mas, na solitude, é preciso buscar um deslocamento, algo novo que mude a perspectiva sobre uma ideia fixa que vem sendo trabalhada sem descanso. O artista escreveu as estratégias oblíquas pensando no que o ajudou a alcançar esse deslocamento em diferentes situações. Depois, colocou cada uma delas em cartas, que pudessem ser tiradas aleatoriamente, dando espaço também para o acaso. Dessa forma, o trabalho artístico bloqueado podia ser experienciado de uma outra forma pelo criador, sob um novo ponto de vista, com uma nova estratégia de aproximação, como uma viagem solitária sem sair do lugar, um deslocamento da mente, exposta ao acaso das cartas.[20]

Eno também alimenta especial interesse na arte como experiência e na busca de uma produção que ofereça a quem tem contato com ela a chance de usufruir do trabalho de forma pessoal e única, como é o caso das cartas com as *estratégias*

[20] Essas informações foram tiradas da matéria “Oblique Strategies: Brian Eno’s Prompts for Overcoming Creative Block, Inspired by John Cage”, disponível em: <https://www.brainpickings.org/2014/01/22/brian-eno-visual-music-oblique-strategies/>. Acesso em: 01/agosto/2019.

oblíquas, que fez em parceria com o compositor alemão Peter Schmidt. Cada pessoa que acessa o trabalho, interpreta e usa a estratégia de forma única para auxiliar sua própria criação.

Como as estratégias foram escritas a partir de uma lista que o artista tinha de táticas as quais o haviam auxiliado a encontrar uma saída no passado, entendi a importância da memória, do olhar atento para o processo, do registro de cada passo dado durante a criação de uma obra, para que as descobertas e os erros possam gerar conhecimento a ser sistematizado. Segundo Popova (2014), o Brian Eno ainda completa: “Stop thinking about art works as objects, and start thinking about them as triggers for experiences.”

Por se tratar de uma pesquisa focada no meu próprio processo artístico para desenvolver um *Trabalho Equivalente*, comecei a anotar a experiência que estava vivenciando com o mestrado desde o começo, incluindo frustrações, desvios de caminhos, dispositivos que não traziam o resultado que eu esperava, contribuições de outras áreas do conhecimento e atividades que eu desenvolvi fora do mestrado e aparentemente distantes do foco da pesquisa.

> Cartão postal do corpo.
>
> Acordei cedo no primeiro dia e caminhei até o ventre para ter uma visão geral. Rumei norte até o umbigo. Apreciei a vista do orifício imaginando o que estaria do outro lado. No dia seguinte, segui viagem até o peitoral. Estava cansada. Tinha a opção de continuar pelo vale ou arriscar uma escalada. Escolhi o seio direito pela pinta que estava logo adiante. Quando alcancei a ponta, pingava suor. Mas que vista! Sentei um pouco no conforto dos mamilos para recuperar o fôlego. Esperei um vento favorável e peguei um atalho pelos ares até a boca. Que voo! Que aterrissagem! Que pôr de sol maravilhoso! Amanhã tem mais. O sul promete um dia inesquecível. Mas você terá que imaginar como foi enquanto lê este postal. Aproveite a vantagem desses mistérios entre o tempo passado, presente e futuro da correspondência, que nunca poderemos controlar. (APÊNDICE E)

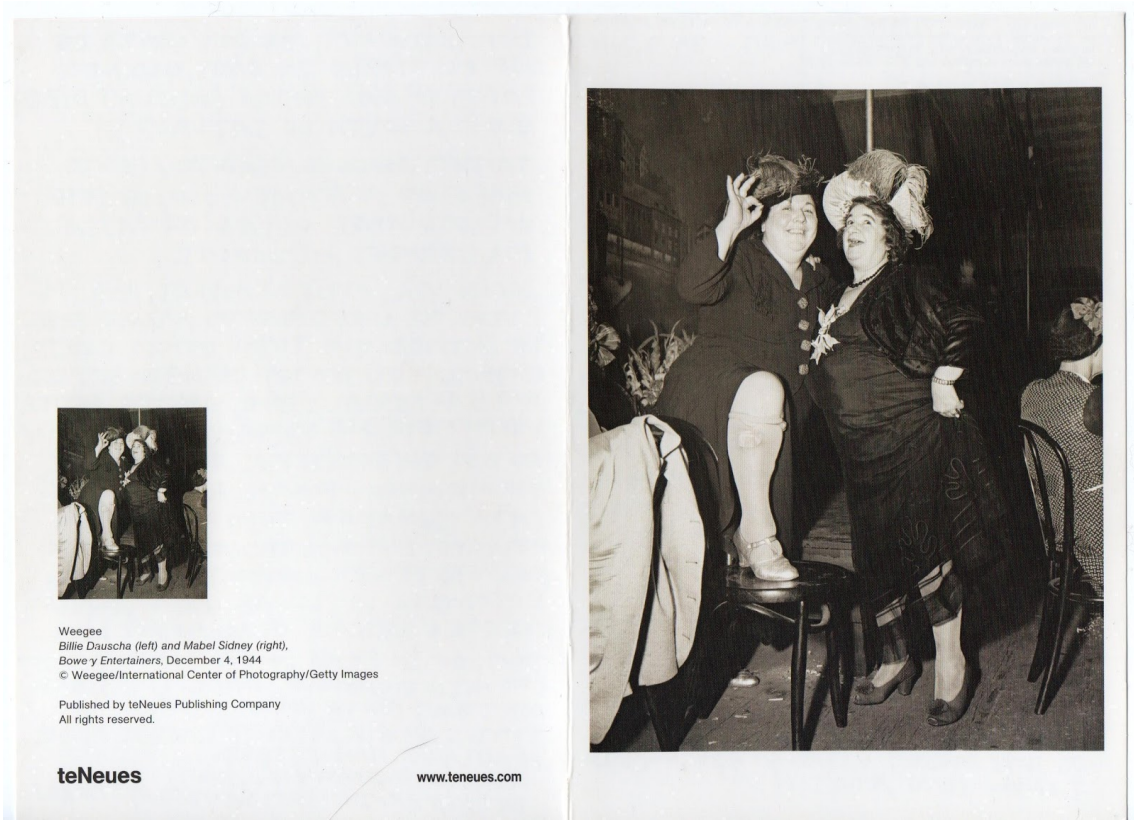
No primeiro semestre de 2018, criei o protótipo de *Mergulha em mim* que, como já explicado, consiste em uma instalação realizada com a colaboração de algumas mulheres que mandaram materiais referentes às viagens que fizeram sozinhas. A instalação foi produzida seguindo os parâmetros de um *Brainstorm*

Orientado, elaborado pelo Prof. Dr. Agnus, que consistia em um questionário de dez perguntas que cada aluno deveria responder levando em consideração a realização de sua obra. Com essa orientação, foi feito um planejamento sobre pontos como: materiais utilizados, espaço, iluminação, tipo de relação almejada com o público e demais detalhes pertinentes à concepção artística.

Em um primeiro momento, ao idealizar a proposta colaborativa, delimitei os tipos de materiais que aceitaria de outras mulheres para compor a obra. Assim, pedi que as viajantes solo enviassem duas formas de registros da viagem: um cartão postal em que fosse descrito o momento no qual a pessoa decidiu fazer a viagem e/ou um vídeo realizado quando sentisse uma transformação interna durante a experiência. O vídeo poderia ser feito com câmera ou celular, deveria durar aproximadamente trinta segundos e conter apenas o registro do que a viajante estava observando quando percebeu essa nova sensação.

A imagem de duas mulheres, que ilustra um cartão postal (Figura 22) enviado para fazer parte da instalação *Mergulha em mim*, revela o cuidado de uma das colaboradoras deste projeto, diante da problematização que compartilhei com ela, sobre a relação entre prazer e enfrentamento explorada por mulheres que viajam sozinhas. Sua escolha revela como o acaso pode criar nossas relações com a memória."

Figura 22 - Cartão Postal



Fonte: teNeues

Minha ideia com esse direcionamento de como os materiais deveriam ser produzidos tinha como base os conceitos teóricos estudados e a tentativa de criar um contato das mulheres com questões que faziam parte da reflexão proposta pela pesquisa. O uso do cartão postal retomava o processo que descrevi quando mencionei minha experiência nos Estados Unidos na década de 1990. Assim como os e-mails e as cartas, essa forma de expressão trabalha o exercício da construção narrativa, faz com que a pessoa tenha que reviver a memória e aplique técnicas de síntese.

Quando comecei a pedir os cartões postais para a instalação, tive contato com o trabalho de outra artista que estava fazendo um estudo que, de certa forma, dialogava com a minha proposta. *Postcards by a feminist* (Figura 23) é um projeto desenvolvido pela fotógrafa brasileira Letícia Zica, em 2018, que percorre com sua pesquisa os seguintes temas: autorretratos, feminismo, surrealismo e cultura brasileira. Ela é mestranda, com foco na área de fotografia, na Universidade Paris 8.

Figura 23 - *Postcard by a feminist*

Fonte: Leticia Zica.[21]

A pesquisadora relata em seu site[22] que seu projeto é inspirado em um caderno de sua avó Catarina que data de 1959 e contém anotações sobre tarefas do lar, decoração, cuidado com a família e demais trabalhos domésticos. O objeto documenta o papel da mulher naquele período e naquela comunidade em questão. Ao ter contato com o caderno, Letícia questionou como uma mulher poderia definir-se como indivíduo naquele contexto e como sua avó poderia ser ela mesma, a parte do papel que descrevia no registro de suas memórias cotidianas.

Com esse questionamento em mente, a artista selecionou algumas passagens do caderno de Catarina e ressignificou esses fragmentos do passado ao colocá-los junto a uma série de fotografias que fez com o objetivo de criar um desconforto entre texto e imagem. Letícia transformou essa nova peça, que conecta passado e presente, em um cartão postal que enviou para outras mulheres que

[21] Disponível em: <https://www.leticiazicaphotography.com/postcards-by-a-feminist>. Acesso em: 21/abril/2020.
[22] Disponível em: <https://www.leticiazicaphotography.com/postcards-by-a-feminist-1>. Acesso em: 23/abril/2020.

aceitaram participar do projeto. Elas deveriam escrever no verso do postal o que ele representava e enviá-lo de volta para a artista.

Tanto o meu experimento artístico como o projeto de Letícia lidam com angústias e questionamentos de mulheres inseridas na sociedade contemporânea e também buscam uma criação colaborativa com pessoas que não são necessariamente artistas, além de tratar-se de trabalhos com inspiração autobiográfica e, finalmente, desenvolverem a ideia de realizar um produto híbrido que mistura diferentes suportes de linguagem e expressão.

> It was interesting to note that, with this project, photography can be a vehicle for common reflection, where people who are not in the art world can also share their ideas and share their individual experiences. (ZICA)

Outro fotógrafo que também utiliza a solitude de suas viagens em seu processo artístico como fonte de inspiração e registro da memória é J.R. Duran. Em seu livro *Caderno de viagem* (2012), ilustra as páginas com aquarelas que fez retratando os quartos de hotéis nos quais se hospedou em viagens feitas entre 2008 e 2010. Além do livro e das aquarelas, Duran também envia cartas para si quando está fora de casa. Ele mantém a correspondência fechada em seu escritório e explica o hábito da seguinte forma: "Cansei de mandar cartas e não receber respostas" (DURAN, 2013).

Também notei essa falta de retorno em meu projeto de instalação. Recebi alguns cartões postais de amigas e apenas um, de uma colaboradora desconhecida. Sem ter nenhum laço afetivo comigo, ela escolheu um cartão, comprou, descreveu o motivo de sua viagem e postou. Ao refletir sobre o esforço que demandava esse processo, percebi que estava exigindo demais das minhas colaboradoras.

O segundo tipo de material que pedi, foi um vídeo, que poderia ser feito do celular. Achei que seria um material mais fácil de ser produzido e, por conta disso, receberia mais contribuições. Mas, ao conversar com as mulheres, notava que era um pedido um pouco difícil de se entender. Algumas viajantes voltaram a câmera para si e deram depoimentos, em uma paisagem bonita de fundo, em um formato

que já estavam acostumadas a ver nas redes sociais. Outras, mesmo não voltando a câmera para si, acharam importante falar algo.

Quando pensei na proposta do vídeo, queria justamente evitar a selfie na paisagem bonita de fundo. Queria colocar as mulheres em uma situação nova, inusitada, que as fizesse refletir sobre a experiência presente, sobre como estar em contato com uma realidade diferente poderia estimular a percepção sensível, sem a necessidade de uma explicação verbal. Queria que elas parassem por alguns segundos, em silêncio, quando sentissem essa transformação, para saborear o momento antes de fazer qualquer outra coisa.

Eu tinha lido um artigo sobre o trabalho do fotógrafo Fábio Seixo e sobre sua percepção de como as pessoas estavam mais preocupadas em clicar do que viver. A reflexão retoma o estudo de Paula Sibilia (2016) sobre a sociedade do espetáculo, sobre a necessidade de mostrar que estivemos em um ponto turístico, mais do que realmente viver a experiência de conhecer um novo lugar. Segundo o fotógrafo “A câmera é um anteparo entre você e as coisas. Então, quando se fotografa, deixa-se de viver o presente para vivenciar a experiência de estar fotografando.”[23] Para ele, quanto mais se fotografa, menos memória se tem e menos sentido se tira das fotos. A fotografia dá permissão para o esquecimento. Além disso, as pessoas estão cada vez mais a serviço da foto, como personagens atuando para o registro.

Achei que iria subverter esse fenômeno contemporâneo e recolocar o registro a serviço da experiência com minha ideia do vídeo de trinta segundos. Entretanto, durante o processo, não sentia que havia proposto um dispositivo que trouxesse os resultados esperados. Minha metodologia de produção parecia falha. Não sabia ao certo como resolver a questão até que uma amiga me mandou um áudio através do aplicativo *whatsapp* descrevendo o local onde estava. O áudio foi feito com seu celular. Ao ouvir o material, percebi que tinha uma força expressiva surpreendente. Talvez por se tratar de uma radialista e musicista, ela se sentiu mais à vontade em se comunicar através do áudio do que dos demais materiais que eu havia pedido.

---

[23] Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/clicar-em-vez-de-viver-tornou-se-norma>. Acesso em: 30/julho/2019.

O som, sem a imagem, criava um mistério sobre o local e a pessoa que o protagonizava. Além disso, abria espaço para a imaginação do receptor ilustrar a cena que estava sendo descrita da maneira que quisesse. Havia também uma característica de testemunho/confissão que o áudio apresentava e que retomava a ideia dos diários analisados por Karin Leah Arndt (2013). Percebi que, por conta de não haver uma pessoa interrompendo ou dirigindo sua fala com perguntas e por não ter uma câmera apontada para ela, minha amiga libertou um fluxo de pensamento espontâneo e íntimo. Outra característica interessante foi que o ambiente ao seu redor se manifestava enquanto ela falava. Foi possível ouvir o barulho de uma fonte, de pessoas conversando em outra língua e o pedido para que ela saísse da frente de um ponto turístico para que alguém tirasse uma foto.

A partir dessa descoberta serendípica, comecei a solicitar áudios através do *whatsapp* para outras mulheres. Notei que a proposta foi melhor aceita e os resultados do que me foi enviado também me pareceram mais genuínos do que o material dirigido pelos meus parâmetros específicos. Os áudios tinham como característica um relato leve, alegre, cheio de entusiasmo. A sensação que tinha ao ouvi-los era de estar diante de uma criança curiosa descobrindo o mundo. Nenhuma delas, mesmo ao falar sobre medos e tristezas, demonstrava, no tom da voz, que a experiência era carregada de algo negativo. E esse tom da voz me pareceu mais expressivo que as palavras. Ao mostrar os áudios para outras pessoas, percebia que eles sempre provocavam sorrisos e satisfação em que escutava. Além disso, eu poderia ressignificar esses áudios, ao colocá-los junto a imagens criadas por mim, com o objetivo de provocar diferentes associações, contrapontos e diálogos.

Com essa descoberta percebi que a serendipidade é como uma conversa entre duas pessoas que estejam abertas para uma troca honesta. Essa experiência carrega o acaso de um assunto que pode surgir de repente ou de uma reação inusitada e é capaz de propiciar uma revelação que nasce do encontro, em que se estabelece uma conexão. Se houver um ponto de intersecção na memória desses indivíduos que aflore nesse instante, algo que o *Inconsciente* saiba reconhecer e sentir acolhimento, esse gesto, por si só, revela-se com força expressiva e torna-se único, como uma obra de arte.

Ao entender a importância das descobertas serendípicas e da necessidade de preparar-me para conseguir enxergar essas revelações, comecei a buscar, além do estudo teórico para instigar a sagacidade do meu olhar, outros mecanismos para ativar a curiosidade e a sensibilidade diante do mundo ao meu redor. As viagens solo e a poesia foram essenciais nesse processo. Comecei a perceber que, quanto mais eu me abria para experiências diversas e me permitia momentos de distanciamento, mais claro ficava o caminho criativo e os elementos expressivos que possuíam mais força tornavam-se mais evidentes também. Passei a ver, na prática, que o exercício da solitude trazia os resultados esperados.

Assim, notei no *whatsapp* uma materialização de conceitos filosóficos, históricos e psicológicos que estudei para entender o comportamento contemporâneo. Ao abrir espaço para outros dispositivos e direcionamentos diferentes do que eu havia planejado, libertei minhas colaboradoras para que se expressarem de forma mais espontânea e autêntica. Desse experimento com *Mergulha em mim* em diante, passei a ver a curiosidade e a sensibilidade - ou, percepção, como sugere Roberts (1995) - como uma forma de criar um diálogo mais verdadeiro com o mundo externo e estabelecer um contato mais presente com a experiência vivida, retomando os estudos e vivências que haviam me direcionado para esta pesquisa de mestrado.

Após realizar o protótipo da instalação, comecei a fazer alguns experimentos voltados para a produção do documentário *Por que viajo sozinha?*. Tive, como um primeiro impulso, a necessidade de usar a poesia para expressar minha vivência com a solitude. Ao pensar nas palavras, deixei-me levar por uma relação com o tempo, o espaço e o corpo. Descrevi experiências intensas que me fizeram sentir um estado de presença e conexão com o sensível através da solitude feminina, no espaço da espera, no tempo do agora e no corpo de uma personagem fictícia, que eu inventei.

Fiz esse protótipo pensando em uma visão tríplice do tema porque, paralelamente ao documentário, estava começando a disponibilizar fragmentos desta pesquisa no *Instagram* e a experiência de três tentativas de abordagem me pareceu interessante, como se eu oferecesse ao público a possibilidade de uma

tese, antítese e síntese desta viagem. Fiz o teste de criar os vídeos separados com cada uma das três leituras e, em seguida, coloquei-os juntos. Percebi que eles tinham independência e vida própria.

Ao mostrar o experimento para uma mulher, ela descreveu o vídeo como um retrato poético sobre o aborto. Em nenhum momento, durante a criação, tive a intenção de descrever a interrupção de uma gravidez, mas percebi, com esse relato, que havia deixado espaço para a imersão e para interação do espectador. A partir desse momento, passei a ver o documentário como uma obra poética imersiva e interativa.

Já em um segundo experimento, utilizei fragmentos de experiências de outras mulheres para expressar, por elas, respostas para as minhas inquietações. São duas viajantes que não se conheciam, falando sobre o tema da *solitude feminina* através de corpos, tempos e espaços diferentes do meu e entre si. Nessa segunda abordagem, proponho uma relação entre o *eu* e o outro. O protótipo é composto por três vídeos de um minuto, independentes entre si, que postei em minha conta no *Instagram*. O caderno de artista, nesse ato, passa a ter uma função híbrida de suporte para o processo e para o produto final da criação.

Com o começo do distanciamento social e do isolamento provocados pela pandemia da Covid-19, percebi que a função geral da plataforma do *Instagram* estava se transformando, ganhando novos sentidos, para atender a demanda de um público em busca de um simulacro da presença e da relação com o outro. Passei, então, a experimentar postagens mais provocativas, convidando diretamente o receptor para a interatividade. Além disso, produzi trabalhos colaborativos com outros artistas, os quais me enviaram fragmentos de suas experiências em isolamento. Entendi que estamos vivendo um momento em que o estar só ganha novas reverberações, as quais estão sendo propagadas enquanto escrevo estas palavras. A produção artística continua viva, sendo ressignificada a cada dia.

Durante essa viagem através da experimentação, destaco alguns elementos expressivos levantados para a elaboração do *Trabalho Equivalente*. O encontro e a conversa entre duas pessoas é o mais importante deles. Essa descoberta ocorreu

de uma observação do Prof. Dr. Agnus. Ele relatou o seguinte: o que mais chamou sua atenção durante a realização de *Mergulha em mim* foi a minha presença no local, recebendo as pessoas que passavam pela instalação, as quais instintivamente vinham falar comigo após a experiência. A necessidade dessa conversa e a maneira como ela se deu representaram uma performance, que passaria despercebida por mim, se não fosse o comentário do professor.

Além disso, o áudio do *whatsapp* revelou-se como a forma mais eficiente de colaboração de outras mulheres para os fins que eu desejava, os quais incluíam um questionamento pessoal sobre o ambiente que cada uma delas estava inserida, um relato autobiográfico ou autoficcional que conseguisse deixar aflorar elementos sensíveis do *Inconsciente* e, por fim, um gesto expressivo que encontrou um caminho próprio pela abertura possível através do hibridismo da realização.

Ao elaborar o memorial poético-descritivo do projeto da instalação, na etapa final de realização do *Trabalho Equivalente*, utilizei a transcrição de trechos de conversas que tive com viajantes solo antes de entrar no mestrado. A ideia era deixar esse material para ser utilizado apenas na série de vídeos do documentário *Por que viajo sozinha?*, porém, tendo em mente a ideia de hibridização e de um projeto expandido que pode ser constantemente ressignificado com novas relações possíveis e diferentes formas de fruição, decidi agregar esses áudios ao conteúdo da instalação. Neles, resgato novamente o dispositivo da conversa e do encontro que se mostrou tão potente no protótipo e começo a caminhar no sentido de uma troca entre o *eu* e o outro a qual irei me aprofundar mais adiante nesta dissertação.

Outra solução que encontrei para atender o meu desejo de proporcionar uma experiência de presença com o trabalho, foi o uso de outros tipos de materiais. Além dos estímulos audiovisuais, planejei o espaço da instalação com um labirinto cujas paredes serão feitas com janelas de madeira, vidro fosco e espelho. Cobrirei o chão com cascalho e folhas secas. O percurso pelo local será marcado com luminárias de sisal e haverá um espelho e uma queda d’água ao final do labirinto. Todos esses elementos estimulam o corpo a sentir a presença no espaço que ocupam, além de

auxiliar a pessoa a conectar-se à memória emotiva de outras vivências que também foram marcadas pelo contato com esses elementos da natureza e do cotidiano.

Por fim, decidi fundir os dois protótipos de *Por que viajo sozinha?* em uma tríade de um minuto cada. O primeiro vídeo apresenta a experiência de uma mulher, o segundo, retrata minha releitura poética do outro e, por fim, apresento um fragmento de paisagem sem interlocutor, para ser vivido e preenchido de sentido pelo espectador. Assim, assumo o carácter híbrido do meu caderno de artista virtual, para onde o documentário poético imersivo interativo passou a ser destinado.

6.2. A solitude feminina e a expressão do eu

Comecei a utilizar a expressão na primeira pessoa desde o primeiro documentário que fiz, quando estava finalizando a graduação em comunicação. O filme, chamado *Olhar Transeunte* (2005), tinha como introdução um texto de minha autoria que gravei com a minha voz, e no qual expresso algumas sensações que tive para situar o espectador na história. Na época, o professor que orientou o projeto pediu para que eu tirasse essa parte e deixasse o filme com uma abordagem mais observacional, sem minha interferência explícita. Naquele momento, percebi que a expressão do *eu* não era vista com bons olhos por muitas pessoas, sempre pautadas no argumento de que a vaidade narcisista não poderia estar acima da obra, além de também ser um fator que desvia a objetividade no tratamento dos dados, provocando uma deturpação dos fatos e da verdade.

Por muito tempo, aceitei essa argumentação e passei a me dedicar ao registro observacional da vida em meus trabalhos. Porém, percebi que havia um conflito em mim com relação a essa aceitação. Como já mencionado, voltei a escrever poemas na primeira pessoa como uma forma de terapia e de contato com minha solitude. Até então, meu trabalho parecia aprisionado e longe de alcançar a potencialidade que eu desejava. Quando passei a me expressar através do *eu* de uma máquina, no programa que dirigia na TV Gazeta, isso me ajudou a também ter coragem de utilizar o discurso na primeira pessoa em outros trabalhos. Os

experimentos que comecei a realizar nas artes visuais, por fim, terminaram de completar essa libertação expressiva. Independente do nome que essa atitude artística pode receber - hibridismo, cinema expandido ou transmídia (um termo mais usado na área da comunicação) - transcender as barreiras da forma, da expressão e da circulação solidificou meu processo de transformação durante o mestrado.

Lembrei de outro fator importante com relação à descoberta da expressão do *eu*. Quando comecei a criar as locuções que faria em primeira pessoa para o filme *Identidade Cotidiana* (2015) (Figura 24), uma das decisões que tomei, com relação ao conteúdo do texto, foi a de não expressar minha opinião sobre determinados assuntos.

Figura 24 - *Identidade Cotidiana*

Fonte: Documentário Identidade Cotidiana

Para falar sobre algum tema específico, optei por descrever algo que havia vivido e como me senti durante essa experiência. Assim, deixei a cargo do espectador tirar suas próprias conclusões e formular sua opinião a partir desse relato de vivência pessoal. Ou seja, o pensamento desenvolvido nesta pesquisa de pós-graduação já estava sendo formulado há muito tempo. Por essa razão descrever a memória do meu desenvolvimento artístico em diferentes épocas foi tão valioso para a fundamentação desta dissertação. O programa de investigação no campo das artes me auxiliou na elaboração de um novo olhar sobre esses

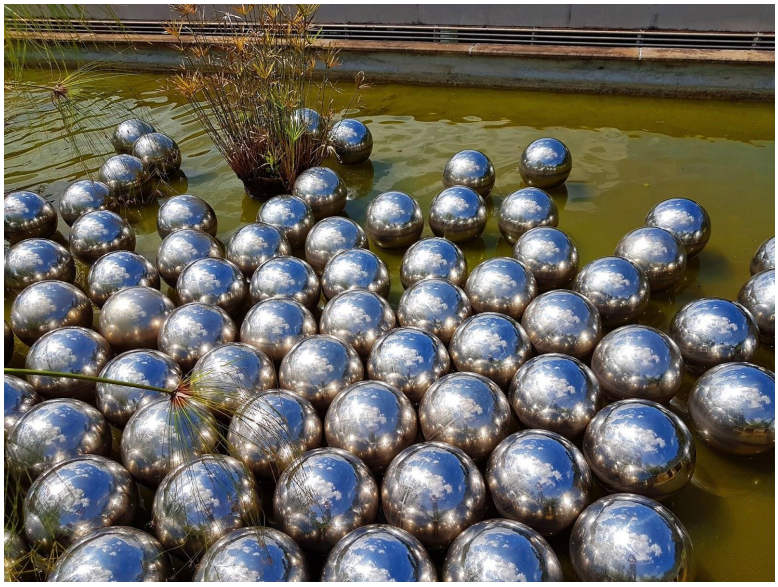
fragmentos expressivos e na consolidação do meu processo de autoconstrução como artista.

A sensação de ousadia no uso da expressão do *eu* e os possíveis ganhos e perdas que ela pode trazer para um trabalho artístico continuaram instigando minha curiosidade e fizeram com que eu dedicasse parte da pesquisa ao estudo e à reflexão desse dispositivo de criação. A seguir, descrevo alguns caminhos os quais me auxiliaram a nutrir o discernimento necessário para produzir meu trabalho artístico e científico na primeira pessoa.

6.2.1. O narcisismo e a autoconstrução

A primeira criação que a artista visual japonesa Yayoi Kusama apresentou em um grande evento de arte chama-se *Jardim de Narciso* (1966) (Figura 25) e é constituída por uma série de esferas de plástico metalizadas que funcionam como espelhos para quem se aproxima delas.[24]

Figura 25 - *Jardim de Narciso*



[24] As informações sobre a obra foram retiradas da matéria “A primeira obra desta artista critica o narcisismo. E virou hit de selfies.”, diponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/06/21/A-primeira-obra-desta-artista-critica-o-narcisismo.-E-virou-hit-de-selfies>. Acesso em: 27/março/2020.

Fonte: Blog - Uma senhora viagem.[25]

Além dos objetos, a artista apresentou a obra através de uma performance que utilizou como estratégia para burlar o sistema de curadoria pelo qual seu trabalho não havia sido agraciado até aquele momento. Ela espalhou as esferas pelo jardim da 33ª Bienal de Veneza e vendeu cada uma delas por US$ 2,00. Kusama não fazia parte do programa do evento e foi convidada a se retirar pela organização. O objetivo de seu trabalho era justamente criticar o narcisismo ao redor da comercialização e da circulação da arte contemporânea.

O interessante é que Yayoi ficou conhecida como a artista das selfies, a preferida do *Instagram* e sua obra *Jardim de Narciso* (1966) serve de paisagem de fundo para diversos autorretratos que povoam as redes sociais atualmente. Esse trabalho chamou minha atenção por sua interpretação aberta, por carregar um sentido cercado de ambiguidade que pode variar de acordo com o contexto em que está inserido. Depois da performance em 1966, a obra foi recriada em outros lugares do mundo e pode ser vista atualmente no Museu de Inhotim, em Minas Gerais. O tempo e o espaço atuam de forma interessante na fruição da criação. As redes sociais e a fotografia criaram um novo laço das pessoas com as esferas de Kusama. A obra está viva e permite outras possibilidades de relação.

Quando comecei a colher dados sobre a campanha *#viajosola,* também me questionei sobre a relação narcisística alimentada com as autorrepresentações difundidas pelas redes sociais virtuais. Entretanto, outras associações foram se revelando durante a pesquisa, entre elas, a possibilidade de afeto na exposição da fragilidade, de formulação de estratégias para nutrir a coragem, de ressignificação da realidade e, sobretudo, de autoconstrução. A contradição faz parte dessas expressões e eu percebi que ela agrega mais valor simbólico e autenticidade justamente por criar ambiguidade e possibilidades múltiplas de apropriação na contemporaneidade.

[25] Disponível em: <https://www.umasenhoraviagem.com/2018/08/roteiro-1-dia-no-inhotim.html>. Acesso em: 21/abril/2020.

O artista multimídia Chris Marker, ao ser questionado sobre as expressões poéticas do *eu* que se permitia utilizar em seus trabalhos, respondeu: “Ao contrário do que se costuma dizer, usar a primeira pessoa em filmes tende a ser sinal de humildade: a única coisa que tenho a oferecer sou eu mesmo.”[26]

Pesquisador de linguagens e conhecido por seu experimentalismo no campo das artes, Marker buscou o diálogo com seus trabalhos ao posicionar-se diante do mundo que o cercava. Ele não estava preocupado com a verdade universal, ele buscava a verdade única que pertence a cada indivíduo que ressignifica os estímulos externos e internos com os quais se depara todos os dias. O que mais atraiu meu interesse para o seu trabalho foi a diversidade de abordagens que experimentou durante sua carreira, de apropriação de imagens de arquivo e de fragmentos de memórias, criando relações surpreendentes com o material. A obra *OWLS AT NOON Prelude: The Hollow Men* (2005) que criou para The Museum of Modern Art (MOMA) de Nova Iorque é um exemplo dessa forma de expressão do artista. Ele faz uma interpretação pessoal de um poema de T.S. Elliot e manipula fotografias da I Guerra Mundial, tendo como resultado um trabalho sensorial e imersivo em uma “jornada subjetiva” pelo século XX, como descreve o site do museu.[27]

Assim como Cao Guimarães, Chris Marker é uma referência de artista que traz elementos do documentário para as artes visuais e propõe uma abordagem diferente sobre trechos da vida cotidiana, para a fruição de um público que busca na arte contemporânea algo que não encontra no que é produzido pelos meios de comunicação tradicionais. O artista visual através da expressão de seu *eu,* mais subjetivo e preocupado com uma tradução original da realidade, ultrapassa o entendimento racional do mundo e busca o conhecimento sensível da realidade pela própria experiência.

Outra artista que levou sua experiência como documentarista para o ambiente de circulação das artes visuais é Agnès Varda. Em muitos de seus trabalhos,

---

[26] Frase extraída da matéria “Chris Marker não se chama Chris Marker.” Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/CHRIS-MARKER-NAO-SE-CHAMAVA-CHRIS-MARKER/>. Acesso em 27/março/2020.

[27] Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/98614>. Acesso: 27/abril//2020.

colocou-se na primeira pessoa, sempre fazendo uma conexão de sua história pessoal com o tema que investigava em suas produções. Foi por meio de um artigo sobre ela (BOYLE, 2012) que tive contato, pela primeira vez, com o termo *Autoficção* e com as *Tecnologias do Eu*, conceituadas por Michel Foucault, os quais irei discorrer mais para frente nesta dissertação.

Assim como Marker, Varda explorou, em sua carreira, o hibridismo e o experimentalismo. A *Nouvelle Vague* e o processo de absorção de novas linguagens, que permearam o movimento, serviram como base para o modo de pensar dos dois artistas que demonstraram algumas similaridades em suas produções, como destaca Luiza Beatriz Alvim (2018), em um artigo no qual analisa algumas características em comum em ambos os cineastas nesse período. Agnès transitou entre o documentário e a ficção e, nos anos que antecederam sua morte, passou a articular seus conhecimentos com cinema em vídeo instalações. Participou da Bienal de Veneza de 2003, apresentou trabalhos em galerias e foi convidada pela *Fondation Cartier pour l'art contemporain* para a criação de uma exibição de maior escala.[28]

Ao ver os trabalhos dela e de Marker no contexto da arte contemporânea e com a absorção de um hibridismo de materiais, estético e de fruição, percebo com mais clareza que a transição entre o campo da comunicação e a área das artes visuais é marcada por uma tentativa de deslocamento com relação ao que já estamos habituados, com o senso comum, com aquilo que entendemos e podemos absorver mais facilmente. O que essa trajetória revelou para mim, neste momento de formação, construído pelo mestrado, é um outro tempo e espaço de criação, que reverbera em um outro tipo de repertório. Assim, processo e produto final fazem parte de um mesmo gesto e caminham lado a lado.

O uso da solitude durante a criação do *Trabalho Equivalente* reverbera dessa noção sobre o processo. Minha experiência profissional com televisão e cinema sempre foi marcada pela criação através de um trabalho coletivo. Percebo que o

[28] Informações retiradas da matéria "Agnes Varda Opens at Fondation Cartier." Disponível em: <https://artdaily.cc/news/16240/Agnes-Varda-Opens-at-Fondation-Cartier#.XoI1uohKiUk. Acesso em: 30/março/2020.

processo do artista visual, em muitos dos exemplos que pesquisei, caminha para um desenvolvimento mais individual. Diferente da comunicação racional, a busca pelo conhecimento sensível não é materializada por uma trajetória tão linear e prática que possa ser articulada facilmente por uma equipe. O artista que encabeça a produção de uma obra de arte visual precisa do tempo e do espaço da solitude para criar uma expressão que articule estímulos internos e externos através de um *eu* transformado pela experiência presente. Mesmo que ele conte com a colaboração de outras pessoas durante a produção da obra, o contato com o outro, nos casos que observei, é intercalado por etapas de organização em solitude ou, no máximo, em dupla, como em alguns exemplos citados nesta dissertação.

Ao ler sobre o trabalho realizado por Varda para *Fondation Cartier pour l'art contemporain,* percebi uma série de similaridades com o projeto da instalação *Mergulha em mim*. A artista recriou uma passagem a partir de uma memória afetiva, que remete a uma ponte da ilha de Noirmoutier, onde viveu com o marido (Figura 26). Essa passagem convida o público a entrar na instalação e a desvendar vídeos escondidos. Ela também utiliza cartões postais e depoimentos de mulheres como material para sua criação.

Figura 26 - *La Grande Carte Postale* ou *Souvenir de Noirmoutier*

Fonte: Fondation Cartier.[29]

Esse dispositivo com o qual o artista utiliza suas memórias afetivas para criar uma experiência que pode ser ressignificada por quem frui a obra é uma descoberta que fiz a partir de algumas referências artísticas que trabalham com a expressão do *eu*. Além de Varda, anos antes de começar o mestrado, tive contato com o trabalho de Sophie Calle em uma de suas exposições, intitulada *Cuide de você* (2007). A proposta de seu trabalho foi enviar para algumas mulheres um e-mail que recebeu de seu antigo parceiro no qual ele terminava o relacionamento com ela. A exposição apresentava a resposta dessas mulheres com relação à mensagem.[30]

Calle não expôs em nenhum momento sua reação diante da ruptura, sua opinião sobre o comportamento do outro, nem seus sentimentos com relação ao que

[29] Disponível em: <https://www.fondationcartier.com/en/editions/agnes-varda-1>. Acesso em: 21/abril/2020.
[30] As informações foram retiradas do site da Associação Cultural Videobrasil. Disponível em: <http://site.videobrasil.org.br/exposicoes/calle>. Acesso em: 23/abril/2020.

estava vivendo a partir daquela experiência pessoal. Ela disponibilizou um fragmento de sua vida para que outras pessoas se apropriassem dele e ressignificassem sua memória afetiva. Essa relação, que estabeleceu com mulheres que não eram necessariamente artistas e com o público da exposição, materializou a expressão de seu *eu*. Sem a colaboração de outras mulheres e do público, a criação não existiria. Ela precisou dessa relação para criar sentido e força poética.

O fato de Calle expor sua vida pessoal e utilizar essa estratégia como dispositivo artístico traduz a contemporaneidade e muitas das questões sobre a espetacularização do *eu* que aborda Paula Sibilia (2016) em sua pesquisa. Deslocar esse tipo de atitude, tão comum de ser vista em redes sociais e nos meios de comunicação em geral, para o espaço de um museu ou da galeria, cria uma nova relação de contato com a experiência do cotidiano da vida contemporânea.

Ao me deparar com essas obras e artistas, comecei a traçar uma trajetória de pensamento e criação que transita entre o comportamento narcisístico e a expressão do *eu*. O problema que, para mim, apresentou-se crucial, depois de refletir através da arte, foi o entendido de que há dois destinos para os quais o fazer artístico autobiográfico pode me conduzir. Um deles pode ser o da ansiedade que preenche um vazio e, o outro, ser uma fonte de criatividade produtiva. Ambos podem produzir objetos estéticos, mas só um deles concretiza o tipo de relação que busco por meio do contato com as artes visuais. Formulo essa inquietação a partir do estudo de Danielle Knafo (2012) e da escolha do foco da minha pesquisa no prazer e na curiosidade e suas potencialidades.

Ao descrever minhas tentativas tímidas de uso da primeira pessoa, minha justificativa para o medo foi sempre o outro. Com este trabalho de pesquisa e reflexão, assumi a responsabilidade pela minha decisão. Tive muito prazer com cada dúvida e com cada descoberta; e esse conhecimento adquirido com essa experiência me auxiliou a construir uma outra relação com o fazer artístico. Assim como estar só pode resultar em solitude ou em solidão, a viagem criativa também reflete o tempo e o espaço, nos quais ela é produzida; e a ruptura, que cria novas relações do artista com o mundo ao redor, reverbera em um gesto de enfrentamento.

6.2.2. As formas de expressão através do eu

Durante a investigação sobre a relação da primeira pessoa com a criação artística, senti a necessidade de buscar exemplos de como essa abordagem molda formas de produção. Encontrei em estudos teóricos do campo das letras conceitos que me auxiliaram na formulação de uma sistematização aplicada às artes visuais e à produção do *Trabalho Equivalente*. Entre eles, destaco três gêneros literários: ensaio, autobiografia e autoficção.

Minha análise iniciou-se com o trabalho de Timothy Corrigan (2011) sobre *filme-ensaio*. Ele traça uma conexão entre o filósofo e escritor Michel de Montaigne e Chris Marker e explica como o gênero literário foi aplicado ao cinema. O autor inicia sua reflexão destacando a característica de subversão do ensaio, de como ele expande formas pré-concebidas de expressão, como é o caso do documentário, e questiona “noções de verdade e julgamento relacionados à complexidade da experiência.”

O autor cita os estudos de Adorno sobre o tema para salientar a ideia de um “gênero da experiência” que, por esse motivo, carrega desafios e contradições as quais submergem de camadas de representação, expostas como um diário ou relato de viagem, em constante transformação, resultante do contato sensível com o mundo. Essa forma de expressão congrega, assim, pontos autobiográficos objetivos e, ao mesmo tempo, abstratos.

Ao imaginar uma obra de arte contemporânea, que transita entre o concreto e o subjetivo de uma experiência individual, materializada de tal forma que pode ser vivida e reinterpretada por outro, o conceito de ensaio pode servir como base para a construção de um pensamento sensível absorvido pela área das artes visuais.

Corrigan (2011) descreve o ensaio como um processo que deixa o corpo disponível para transitar entre a imagem narcisística e o que está além do espelho, um corpo privado e outro, público. E ademais, acrescenta: o que é mais interessante

desse gênero não é propriamente a expressão do *eu,* mas, sim, as questões e problematizações ao redor da noção que temos sobre a expressão e sua relação com a experiência. Assim, uma produção ensaística demanda uma perda e uma reformulação desse *eu*. Entre uma forma de criar conhecimento sensível e uma tentativa de subverter a estética com a qual estamos habituados, o ensaio proporciona uma reordenação da vida por meio de uma poética reflexiva que analisa as questões contemporâneas através de um *eu* em construção.

Em seguida a esse contato com o trabalho de Corrigan (2011), passei a estudar o gênero da autobiografia pelos estudos de Philippe Lejeune (2008), que descreve uma série de regras para que um texto possa ser considerado uma obra autobiográfica. A principal delas é que autor, narrador e personagem principal precisam ser a mesma pessoa.

Entretanto, não me interessei tanto por esses aspectos formais de sua pesquisa. O que me chamou a atenção na trajetória do autor foi uma iniciativa sua de fundar a *Association pour l'Autobiographie et le Patrimoine Autobiographique,* que surgiu de uma necessidade de Philippe de organizar e arquivar dados materializados nas cartas de autobiógrafos e nos diários os quais passou a receber depois de tornar-se conhecido por seu estudo do gênero. Esse material foi produzido por pessoas comuns, que não eram escritores conhecidos, mas que sentiam a necessidade de expressar seu *eu* através de autobiografias as quais enviaram para o pesquisador. Graças à associação, criada em conjunto com Chantal Chaveyriat-Dumoulin, a memória dessas pessoas passou a ser conservada na biblioteca municipal de Ambérieu-en-Bugey, na França.

Por um lado, com os estudos sobre o gênero do ensaio, passei a refletir sobre uma expressão do *eu* com o objetivo de encontrar a libertação de um conhecimento sensível que nasce da experiência e transita por um olhar o qual intercala subjetividade e objetividade sobre mundo, em um processo de autoconstrução. Nessa trajetória, marcada por questionamentos e contradições, há um diálogo entre o desejo de exibição narcisístico e a curiosidade pelo outro e pelo que está ao redor. Absorvi essas descobertas no projeto da instalação *Mergulha em mim*, na qual,

como já mencionado, trabalho com janelas e espelhos em um espaço que convida para a experiência e distrai com o reflexo do ego.

Já com a questão levantada por Lejeune (2008), sobre a importância da autobiografia de pessoas comuns, passei a entender melhor o meu desejo de explorar a memória do tempo e do espaço da contemporaneidade, através das histórias de indivíduos que habitam o aqui e agora e querem relatar sua experiência com sua voz, suas próprias palavras ou alguma outra forma de expressão na qual se sintam à vontade.

Essa percepção, entretanto, precede meu estudo sobre autobiografia que, na verdade, serviu para resgatar a pesquisa que realizei durante o desenvolvimento do projeto do documentário *Identidade Cotidiana* (2015), com a qual cheguei ao Museu da Pessoa.[31]

Na época, buscava formas de abordagem para registrar o relato de pessoas comuns sobre sua vivência cotidiana na cidade de São Paulo. O trabalho do museu, assim como o da associação de Lejeune, é de organização, preservação e tratamento de depoimentos de pessoas contando suas histórias. Os registros são feitos em vídeo e extraídos por meio de uma entrevista, que segue um roteiro de perguntas preestabelecido.

Essas duas iniciativas voltadas para a pesquisa científica podem ser também absorvidas por um processo criativo e apresentar desdobramentos artísticos, com uma ressignificação dos relatos. Um exemplo dessa relação é o caso do documentário *Pessoas - contar para viver* (2019) que propõe uma releitura autoral sobre fragmentos de vidas que fazem parte do acervo do Museu da Pessoa. Assim, percebo que, além do aprimoramento estético e artístico, procuro, com a minha produção, uma forma de trabalhar com estudos sociais e históricos, aplicando pesquisas de outras áreas na criação de peças de *Artemídia*, com isso viabilizando um diálogo interdisciplinar que vai ao encontro da linha de pesquisa do meu orientador, Prof. Dr. Pelópidas, que instiga em seus orientandos essa visão expandida da qual resulta “produtos na interface arte, comunicação e ciência.”

[31] https://www.museudapessoa.org.

Além dos gêneros do ensaio de autobiografia, encontrei na autoficção algumas reflexões que me auxiliaram no desenvolvimento e amadurecimento da proposta de abordagem com relação aos fragmentos de expressões que utilizei nas peças do *Trabalho Equivalente*. A ideia de criar um simulacro do desejo foi a principal delas, pela proposta de moldar o *Imaginário* com uma expansão das possibilidades de existência e, assim, forjar uma realidade em construção.

Como já mencionado, meu primeiro contato com a palavra autoficção ocorreu através do artigo *Self-Fictions and Film: Varda's Transformative Technology of the Self in Les plages d'Agnès*, de Claire Boyle (2012). Como deixa claro no título, a autora analisa o filme dessa artista, destacando como Varda cria uma narrativa ficcional que descreve o processo de superação do luto, o qual ainda não é capaz de articular e concretizar na realidade. Assim como as mulheres de *#viajosola* registram suas viagens e demonstram a superação do medo que ainda habita seus corpos, o filme *Les Plages d'Agnès* (2008) cria um mecanismo de autoconstrução e de cuidado de si, o qual reverbera do *Imaginário* para a vida real.

A hibridização do termo que agrega duas palavras, ficção e autobiografia, também ocorre em sua expansão pelo cinema, teatro e pintura, além da literatura, como descreve Serge Doubrovsky, em uma análise sobre a trajetória da palavra, desde quando a utilizou pela primeira vez, na quarta capa de seu livro *Fils*, em 1977, até a publicação de seu artigo *Mon dernier moi*, em 2010, com essa reflexão. Forma e conteúdo dialogam em um processo de transformação e reinvenção o qual absorvi em meu trabalho. O hibridismo da linguagem expande a expressão, possibilita uma maior gama de relações e oferece novas camadas para o conhecimento sensível adquirido com a experiência.

Também li outros textos que analisam, por exemplo, o uso da autoficção como ferramenta de expressão feminista, utilizada para criar um novo modelo de representatividade para o grupo. Essas análises destacam que certas personagens de autoficção protagonizam de forma assertiva sua história e oferecem uma referência diferente dos padrões que algumas mulheres estão acostumadas a observar na realidade ao seu redor (NWEZE, 2015).

Todas essas reflexões dialogam com o conceito de *Tecnologias do eu*, de Michel Foucault, que utilizei para expandir minha experiência de solitude criativa durante o processo de ressignificação de fragmentos de vivências e expressões, cujo resultado apresento no *Trabalho Equivalente* do mestrado.

6.2.3. Foucault e o cuidado de si

Foucault (1988) define as *Tecnologias do eu* como uma técnica de autoconhecimento que permite ao indivíduo desenvolver uma série de ações em seu corpo, alma, pensamento, conduta e existência, com o intuito de transformar-se até alcançar determinado estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição e imortalidade. Essa prática foi desenvolvida pelos gregos da Antiguidade como uma proposta de cuidado de si, dentro de uma regra de conduta social e pessoal que guiavam a vida naquele período.

Quando uma pessoa adoecia, do ponto de vista psicológico, e perdia a capacidade de exercer uma função social, ela se afastava e buscava na solitude um encontro com seu *eu*, para enfrentar o problema que afligia sua existência e, pelo autoconhecimento, elaborar um processo de cura. Essa prática foi condenada pelo Cristianismo cuja moral tem como base a autorrenúncia para se alcançar a salvação. Assim, a contemporaneidade é marcada pela influência de um período histórico que sucedeu o modo de vida dos gregos e nos preencheu com o peso da culpa cristã refletida no espelho e no olhar para si.

A escrita é uma das formas de expressão apontadas por Foucault como um caminho para organizar o autoconhecimento e como uma forma de materializar descobertas que possam ser apresentadas para o outro, iniciando um diálogo e uma troca de conhecimento sensível entre duas pessoas. Cada indivíduo sente o mundo ao seu redor de forma diferente e o sentir também é parte de um processo de aprendizagem e entendimento da realidade. Com essa questão em mente, descrevo, a seguir, a coleta e o tratamento de dados referentes às sensações e

sentimentos derivados desta pesquisa e da minha experiência com a solitude e o cuidado de si descrito por Foucault (1988).

7 VIAGEM, O SENTIR

A disciplina *Artemídia equivalente: difusão da produção artístico-científica*, ministrada pelo Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira PEL, meu orientador, apresentou importantes aspectos sobre metodologia de pesquisa. Além da discussão dos autores da bibliografia apresentada no programa, entre eles Silvio Zamboni (1998) e Umberto Eco (1985), foi aprofundado o conceito de *Serendipidade*. As aulas esclareceram minhas dúvidas sobre o uso da primeira pessoa na dissertação de mestrado e sobre o papel do artista-pesquisador. Com essa discussão, decidi que, ao invés de propor uma hipótese, iria descrever uma expectativa, tendo como base a minha experiência e as sensações e sentimentos materializados na expressão do *eu*.

As discussões com os demais colegas sobre nossos projetos e sobre as diferentes etapas de produção da pós-graduação também contribuíram para que eu pudesse organizar melhor meu cronograma de trabalho e os procedimentos metodológicos. Para o Prof. Dr. Pelópidas, a presença e a convivência dos orientandos em sua disciplina e no grupo de pesquisa, além do diálogo com os alunos da graduação através do estágio de docência, possibilitam o entendimento da linha de pesquisa do orientador e, consequentemente, a aderência ao seu trabalho.

Essa experiência cotidiana revela como os processos se consolidam no tempo de produção artística, na contínua discussão e nos encontros entre pessoas com afinidades e discordâncias. Além dos dados objetivos e concretos do trabalho, são essenciais os laços afetivos, a construção de uma sensação de segurança, o exercício da paciência e da empatia e o ambiente para a realização da prática individual e coletiva.

Nesta etapa da dissertação, descrevo o aprendizado derivado desses outros elementos dentro da linha de pesquisa de processos e procedimentos artísticos, que me auxiliou no tratamento de sensações e sentimentos que afloraram em mim durante minha trajetória acadêmica e no decorrer da elaboração do *Trabalho*

Equivalente, tendo como principal foco a reflexão sobre o conhecimento sensível explorado nesta produção artístico-científica.

Descrevo a seguir o que mais me tocou e impulsionou em todo o processo, que é minha relação com os limites impostos por modelos de comportamento, presentes em representações da realidade, construídas no contexto da vida contemporânea. No capítulo seguinte, explico minha reação artística diante dessa problematização, explicitando como utilizei a *solitude feminina* como estratégia sistematizada no que dei o nome de *Poética reflexiva do eu*, conceito com o qual pontuo decisões decorrentes do meu processo de transformação e das descobertas concretizados durante o mestrado.

7.1. A vulnerabilidade feminina e as estratégias de sobrevivência

Para iniciar este tópico da pesquisa, gostaria de relembrar uma cena que ocorreu comigo e minha sobrinha que, na época, devia ter por volta de quatro anos de idade. Estávamos no aeroporto e ela se deparou com uma policial. No momento em que viu a mulher, ficou paralisada e seus olhos admiraram aquela figura por algum tempo sem conseguir desviar a atenção. As únicas vezes que a vi dessa forma ocorreram quando viu representações da personagem de Elsa, do filme *Frozen* (2013). Eu puxei sua mão e seguimos andando, mas ela não conseguia afastar o olhar. Perguntei se gostaria de falar com a policial, mas ela estava tímida, como se estivesse diante de uma celebridade. Provavelmente, era a primeira vez que ela via uma mulher assim, séria, imponente, com ar de autoridade, de uniforme e armada. Não sei o que passou pela cabeça da minha sobrinha naquele momento, mas o impacto e a admiração diante daquela forma feminina eram evidentes.

No dia 12 de maio de 2018, uma policial militar reagiu a um assalto na frente da escola da filha, em Suzano, no interior de São paulo, e matou o assaltante. Todo o ocorrido foi registrado por uma câmera de segurança cujas imagens circularam por diversos veículos de comunicação nos dias seguintes. A mulher foi homenageada pelo governador e ganhou as eleições do ano seguinte, sendo eleita deputada

federal. Meu orientador, Prof. Dr. Pelópidas me perguntou qual era a minha opinião sobre o ocorrido e eu percebi que sentimentos contraditórios surgiram em mim. Nos parágrafos seguintes, descrevo o entendimento que tenho sobre a relação do meu trabalho com a construção do imaginário a respeito da *solitude feminina*, tendo como ponto de partida a reconfiguração da fragilidade do corpo de mulheres.

Durante o estágio docência, que fiz no segundo semestre de 2018, com o Prof. Dr. Pelópidas, no qual o auxiliei na disciplina *Artemídia Residente: Empreendedorismo e Inovação em Artes – Edição 2018*, matéria optativa oferecida a todos os cursos do Instituto de Artes da Unesp, observei sua conduta com os alunos de graduação e ele me passou sua visão a respeito do trabalho do docente através do que descreve como *sensação subjetiva de segurança*.

O Prof. Dr. Pelópidas possui experiência e formação em diferentes áreas do conhecimento e o conceito de *sensação subjetiva de segurança* veio de seu trabalho no doutorado da Polícia Militar do Estado de São Paulo, durante uma disciplina que ministrou sobre *Segurança e Patrimônio Imaterial,* a partir de uma conversa que teve com a doutoranda Eliane Nikoluk (Figura 27).

Figura 27 - PM mulher

08/03/2017 08h28 - Atualizado em 08/03/2017 15h06

'Mulheres não podem achar que são fracas', diz comandante da PM no Vale

Eliane Nikoluk está há quase 3 anos no mais alto posto da PM no Vale. Com 28 anos de experiência, ela quer combater violência contra mulher.

Poliana Casemiro
Do G1 Vale do Paraíba e Região

FACEBOOK

Na PM, a coronel diz nunca ter sido vítima de preconceito, mas admite que durante os anos em que atuou nas ruas, foi alvo de olhares de estranhamento (Foto: Camilla Motta/G1)

Fonte: G1.[32]

Ela explicou para o professor que a sensação de segurança é diferente da ausência de perigo real. Uma mulher, por exemplo, pode deixar de fazer algo com medo de colocar em risco sua integridade física, mas essa decisão possivelmente foi tomada a partir de uma noção subjetiva.

Meu orientador diz que o docente precisa passar uma noção de segurança para seus alunos com relação às demandas da vida acadêmica e, posteriormente, de seu desdobramento profissional. Isso serve como parâmetro para essa construção subjetiva de uma realidade com a qual o discente está se familiarizando. De qualquer forma, esse parâmetro pode ou não corresponder à realidade, devido às inúmeras variantes que surgirão no decorrer do processo, mas a sensação subjetiva liberta o aluno de angústias as quais atrapalham mais do que auxiliam seu desenvolvimento.

---

[32] Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2017/03/mulheres-nao-podem-achar-que-sao-fracas-diz-comandante-da-pm-no-vale.html>. Acesso em: 21/abril/2020.

Como já mencionado, Karin Leah Arndt (2013), em sua tese sobre *solitude feminina*, destaca que a solitude pode ser entendida também como uma capacidade psicológica e uma conquista para o desenvolvimento. Retomo sua reflexão sobre o artigo *The Capacity to be Alone,* de Donald Winnicott (1958), em que o psicanalista, especializado no desenvolvimento infantil, orienta que a mãe ou a pessoa responsável pelo cuidado de uma criança deve dar espaço para que o infante possa explorar o ambiente ao redor por conta própria. Porém, ele deve sentir que está seguro para fazê-lo, em um ambiente acolhedor, protegido pela presença próxima de um adulto em que confia.

Em uma entrevista para o programa de televisão *A Máquina* (2012), o publicitário Washington Olivetto declarou que seu processo criativo teve como origem um momento de solidão que experienciou na infância. Entre quatro e cinco anos de idade, ele teve uma enfermidade que não conseguiu ser diagnosticada. Por essa razão, sua família decidiu isolá-lo por um ano, para evitar um possível contágio da irmã mais nova, recém-nascida. Durante esse período, Olivetto aprendeu a ler e a escrever com livros de Monteiro Lobato. Ele acredita que esse episódio mudou sua vida e sua maneira de se relacionar com o mundo ao redor, abrindo caminho para um processo expressivo que trouxe importantes frutos para sua carreira.

Outro caso similar, que conecta o isolamento forçado na infância com um futuro criativo, é analisado pela psicóloga e psicanalista, Danielle Knafo (2012), em *Alone Together: Solitude and the Creative Encounter in Art and Psychoanalysis*. Um de seus pacientes conta que, quando criança, sua mãe o trancava em um quarto por longos períodos de tempo. Para lidar com a situação, ele criou um mundo imaginário que pode expressar pela escrita anos mais tarde. Danielle explica que, assim como sua outra paciente que descobriu o prazer da solitude na escrita de um diário, a criatividade e o fazer artístico ajudaram o rapaz a se reinventar e a superar um trauma, utilizando o *Inconsciente* como fonte de inspiração e, com ele, traçando diferentes caminhos que possibilitaram experienciar a realidade de outras formas.

> After he wrote the poem, he rekindled what had been a very strained relationship with his mother. The poem, rooted in her solitary confinement of him, now contained all the toxicity of their connection, and could transform the trauma into images and connections he

> created and controlled. This new expressive relationship with his “created” mother helped free him to lessen his anger toward his actual mother. (KNAFO, 2012, p.98)

Porém, para uma mulher alcançar a *sensação subjetiva de segurança*, ela precisa enfrentar muitas barreiras internas e externas que foram ensinadas durante seu desenvolvimento. Estar só é um estado associado a um risco em potencial de dano físico, como comentado desde o começo deste trabalho. Assim, poder usufruir da solitude e estar aberta para a experiência, como as mulheres descrevem em seus relatos enviados por *whatsapp* para a instalação, é um ato de enfrentamento, transgressão e uma conquista para o desenvolvimento psicológico dessas viajantes. A sensação subjetiva de segurança conquistada pelas mulheres que viajam sozinhas abre espaço para um contato diferente com o mundo, para uma reativação de uma curiosidade e uma sensibilidade em processo de aprendizagem, que remete ao desenvolvimento saudável estimulado por D.W. Winnicott (1958), para a reflexão sobre educação de Jorge Larrosa (2004) e para as *tecnologias do eu* e o cuidado de si de Michel Foucault (1988).

Se há indícios de que a experiência da solitude pode trazer benefícios para o desenvolvimento e para a produção artística, levanto os seguintes questionamentos sobre o processo: Como trabalhar a emoção e a estratégia diante do desafio de alcançar a *sensação subjetiva de segurança* para poder usufruir criativamente da solitude sendo uma mulher? Como criar um ambiente que permita a uma mulher estar vulnerável para desenvolver sua percepção sensível sem colocá-la em uma situação de risco? Apesar de exaltarem o medo, as notícias sobre assassinatos de turistas e mulheres que viajam sozinhas não são falsas e retratam um perigo real. Além disso, a espetacularização do feminicídio e o *Imaginário* criado ao redor da violência contra mulheres atraem interesse e são lucrativos para os meios de comunicação, criando modelos de comportamento masculino que instigam atos de violência.

Em um artigo para jornal *The Guardian* (2019), a escritora Hallie Rubenhold, também autora do livro *The Five: The Untold Lives of the Women Killed by Jack the Ripper* (2019), fala sobre como os corpos de mulheres mortas são usados pela

indústria do entretenimento. Ela cita diversos produtos, entre séries de televisão e filmes, que utilizam em sua trama histórias de serial killers ou assassinatos de mulheres como fio condutor. A matéria cita a iniciativa da atriz Doon Mackichan de criticar publicamente o uso de mulheres assassinadas como elemento narrativo pela televisão, em uma prática que ela dá o nome de *crime porn*. Ela escreveu uma carta, com outros atores, em que pede um ano sem o uso de estupro, violência e corpos inertes de mulheres como alicerce para as tramas.

A autora cita ainda uma possível forma de reação contra a prática, através de personagens femininas que vivem o papel de assassinas, como é o caso da série *Killing Eve* (2019). Assim, ao invés de um entretenimento baseado em mulheres assassinadas por homens, constrói-se uma inversão de papéis, mantendo-se uma história que se desenvolve a partir de corpos mortos. Apesar de a autora levantar dúvidas sobre essa solução e fazer uma reflexão sobre como a mídia está tornando o olhar das pessoas insensível devido à quantidade de feminicídios que apresenta, ao final do artigo, ela deixa a propaganda de seu livro sobre mulheres assassinadas por Jack, o estripador.

A banalização da imagem de corpos femininos violentados retoma a ideia de *Estereótipo*, que esvazia de sentimentos a relação que temos com a morte de outro ser humano. Marilyn Monroe, como já citado, representa um *Estereótipo* de feminilidade que continuou sendo replicado, mesmo após sua morte. Andy Warhol, artista representante da *pop art*, retratou o rosto da atriz, assim como o de inúmeras figuras icônicas da época, que alimentavam o *Imaginário* coletivo ligado ao desejo. Suas réplicas, feitas em seu estúdio, chamado de *A Fábrica*, também incorporavam uma crítica ao esvaziamento que os meios de comunicação propagavam. O tema da morte, em especial, era algo que chamava a atenção de Warhol nesse processo. Em um catálogo (LANCHNER, 2008) publicado pelo *Museu de arte moderna de Nova Iorque*, *Moma*, que apresenta dez das obras do artista, presentes na coleção do museu, há uma citação de Warhol, na qual ele revela ter tido a ideia de fazer serigrafias com o rosto de Marilyn, após seu suicídio. Ele cria um trabalho em série dedicado ao tema da morte, o qual divide em duas partes, uma dirigida às pessoas famosas e outra a desconhecidos. O pesquisador de arte moderna e

contemporânea, Michael Archer (2001), descreve o desenvolvimento dessa produção em um trecho de seu livro *Arte contemporânea. Uma história concisa*:

> Numa entrevista em 1963, Warhol comentou sua preocupação com as imagens associadas a morte. Fotos de desastres nos tablóides, vítimas de acidentes nas estradas, a cadeira elétrica, distúrbios raciais, os criminosos mais procurados da América do Norte, o recente suicídio de Marilyn Monroe, a consternação de Jackie Kennedy, e Elizabeth Taylor (que, segundo se noticiou, estaria muito doente na época em que ele começou a usar sua face) eram todas imagens que tratavam do tema da morte: "Era Natal ou o Dia do Trabalho - algum feriado - e, toda vez que você ligava o rádio, eles diziam algo como 'quatro milhões de pessoas vão morrer'. Foi aí que começou. Mas, quando você vê uma figura medonha repetidas vezes, ela não produz nenhum efeito." Uma história coberta por todos os noticiários do dia, relatada em todos os jornais e analisada em todas as revistas, logo perde seu caráter de coisa imediata e começa a ser absorvida pelos sistemas de comunicação através dos quais se tornou disponível. As notícias e os meios de comunicação pelos quais ela é fornecida são onipresentes e igualitários. (ARCHER, 2001, p. 10-11)

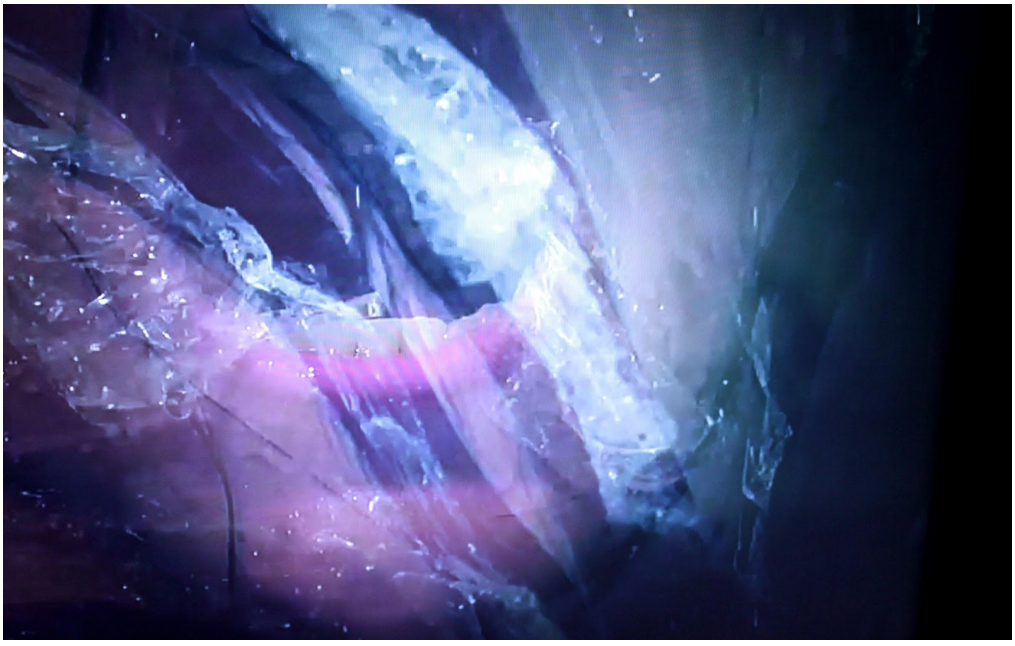
No documentário *Quem matou Eloá* (2015), a cineasta Lívia Perez questiona o papel da mídia no caso da morte de uma jovem de 15 anos, cujo sequestro realizado pelo namorado foi televisionado durante cinco dias, até que o rapaz desse um fim à história, matando Eloá. O sequestrador conversou com profissionais de comunicação e ganhou a atenção de milhares de pessoas pelos veículos os quais deram espaço para que ele expressasse suas ideias e sentimentos, concretizando a profecia de Andy Warhol de que, “no futuro, todas as pessoas seriam famosas por quinze minutos” (ARCHER, 2001, p. 11).

O questionamento sobre a espetacularização da morte tem um papel importante sobre o *Imaginário* criado ao redor da prática de estar só e sua utilização em processos artísticos e na busca da expressão. Knafo (2012) destaca, em sua pesquisa, essa conexão subjetiva entre o receio da solitude atrelada ao medo da morte.

> Because solitude is often connected with isolation, abandonment, and death, most people, including artists, fear entering solitary spaces, experiencing painful emotions, or confronting difficult truths. Yet they do so because they hope that the risks will pay off. (KNAFO, 2012, p.99)

Retomando a Figura 27, com a imagem da policial Eliane Nikoluk, começo a enxergar as táticas de sobrevivência desenvolvidas por mulheres que aceitam o risco da exposição descrita por Larrosa (2004), tornando-se sujeito da experiência. Elas usam seu corpo para desconstruir a representação da vulnerabilidade feminina. Quando realizei o protótipo da instalação *Mergulha em mim* (Figura 28), minha intenção era que o público vivenciasse essa transformação, ao deparar-se com a experiência libertadora das viajantes solo, na voz e no corpo de mulheres comuns, diferente da imagem da policial, mas que também enfrentaram sozinhas os riscos da solitude.

Figura 28 - *Mergulha em mim* e o medo



Fonte: imagem produzida pela autora, 2018.

Quando apresentei meu trabalho no congresso WCCA, uma pesquisadora, com formação em engenharia, revelou que tinha algumas dúvidas com relação ao conceito de *empoderamento feminino*. Para ela, a construção de relações de poder, por si só, geram muitos dos problemas que enfrentamos com relação a liberdade. Quando uma mulher assume a posição de poder tipicamente associada à figura masculina, estamos diante de uma transformação ou estamos apenas mudando os atores os quais desempenham os mesmos papéis? Quando a imagem de uma

policial matando um homem se propaga nos meios de comunicação, estamos construindo um novo *Imaginário* ou apenas dando mais força para a espetacularização da violência? Quais os sentimentos que são estimulados por essa representação da realidade?

Dois órgãos reguladores da imprensa no Reino Unido, IPSO e IMPRESS, estão incorporando um guia de conduta para combater reportagens irresponsáveis sobre violência doméstica resultante em morte (INDEPENDENT, 2019). A proposta desenvolvida pela organização feminista *Level Up* instrui jornalistas em como reportar os casos da forma mais sensível possível, indo no caminho contrário do sensacionalismo e da espetacularização e tomando os cuidados necessários para preservar as famílias das vítimas. As imagens e a linguagem utilizadas representam um ponto chave da questão. A organização salienta, por exemplo, a necessidade de uma preocupação em deixar claro que o único culpado é o assassino, evitando especular sobre motivos e gatilhos para o crime, como ocorreu no caso das duas turistas argentinas em 2016. Esse tipo de iniciativa começa, aos poucos, a remodelar os sentimentos que são estimulados em nós pela representação da violência. Assim, expressões individuais como em *#viajosola* podem servir como um contraponto que pressiona a transformação do comportamento social.

Retomando a questão da campanha virtual, mais do que o direito de ir e vir, a atitude de mulheres, ao expressarem-se através de seus corpos, pode ser utilizada como tática de sobrevivência e fortalecimento, que ganha potência com a ajuda das *Mídias Sociais.* Algo simples, por exemplo, como dançar em público, que é proibido para mulheres iranianas pelo governo, está sendo feito, registrado e exibido por algumas jovens corajosas, entre elas, Maedeh Hojabri, de 18 anos, em contas pessoais no *Instagram*. A vulnerabilidade de seus corpos ainda é grande diante do poder institucional que prende e pune, como ocorreu com Maedeh, mas também provoca a reação de 600 mil seguidoras que passam a fazer o mesmo que a jovem. Talvez elas não mudem a realidade, porém, por algum momento, sentem em seus corpos a transformação do sentimento de medo sendo substituído pelo prazer, com o ato de simplesmente dançar.

Essa estratégia expressiva, que liberta os corpos femininos para desbravar a curiosidade e a sensibilidade, transforma-se em um instrumento importante dentro da pesquisa de processos e procedimentos artísticos, que pode ser apropriado de diferentes formas de acordo com as necessidades criativas de cada artista.

8 A RELEITURA DA REALIDADE ATRAVÉS DA POÉTICA REFLEXIVA DO EU

O que chamo de *Poética Reflexiva do Eu* é um dispositivo sistematizado por mim para a produção do *Trabalho Equivalente*, materializado no documentário *Por que viajo sozinha?*, no projeto da instalação *Mergulha em Mim* e no caderno de artista que expõe os pontos turísticos desta viagem criativa. Ao usar a palavra dispositivo, tenho em mente uma “prisão” - como o documentarista Eduardo Coutinho costumava chamar as regras que se impunha para realizar uma obra (LINS, 2004) - na qual me tranco para poder me libertar.

A seguir, listo cada um dos elementos conceituais desse dispositivo:

- Baseia-se nas sensações, sentimentos e relações que reverberam das experiências que cada pessoa vive, de forma singular, servindo como espelho que reflete de diferentes maneiras o tempo e o espaço nos quais estamos inseridos.

- Estimula uma reinvenção intuitiva e espontânea do *eu*, do outro e do mundo ao redor.

- Assume a forma de um hibridismo conceitual e estético que possibilita a criação de uma ponte entre a realidade e a imaginação.

- Estabelece uma relação de ponto de partida, processo e reverberação com a prática de uma solitude, a qual oferece a imersão no presente, buscando o esvaziamento de informações e opiniões que limitam a experiência.

- Faz uso do gesto expressivo na primeira pessoa, construindo um conhecimento sensível a partir de fragmentos de vida.

- Objetiva a criação de uma subjetividade em aberto que permita ao outro apropriar-se do *eu* apresentado e fazer sua própria viagem poética e reflexiva.

- Propõe a elaboração de um simulacro do desejo, múltiplo, que oferece possibilidades de autoconstrução.

- Estabelece uma proposta baseada na ressignificação da memória afetiva em contato com experiências vividas no presente.

- Utiliza um processo que explora a exposição da fragilidade e da força de um *eu* em construção, por vezes, múltiplo e conflitante e, em outros momentos, substancial e íntegro.

- Percorre uma trajetória criativa que estimula a libertação do corpo e da mente para desbravar a curiosidade e a percepção que transitam entre o mundo interior e exterior.

- Tem como ponto de partida, processo e fim, além da solitude, o encontro e a construção de relações.

8.1. A arte e a solitude feminina

Cecília Almeida Salles (2016), em seu livro *Gesto Inacabado: Processo de criação artística*, faz uma reflexão sobre possíveis abordagens para se compreender as peculiaridades do campo das artes na investigação científica. A autora ressalta a importância do processo artístico para o entendimento do objeto acabado e o papel do artista como o agente que exerce a prática constante de testar diferentes abordagens, caminhos possíveis, até chegar ao resultado da obra.

> O percurso da criação mostra-se como um emaranhado de ações que, em um olhar ao longo do tempo, deixam transparecer repetições significativas. É a partir dessas aparentes redundâncias que se podem estabelecer generalizações sobre o fazer criativo, a caminho de uma teorização. Não seriam modelos rígidos e fixos que, normalmente, mais funcionam como fôrmas teóricas que rejeitam aquilo que nelas não cabem. São, na verdade, instrumentos, que permitem a ativação da complexidade do processo. Não guardam verdades absolutas, pretendem, porém, ampliar as possibilidades de discussão sobre o processo criativo. (SALLES, 2016, p. 21)

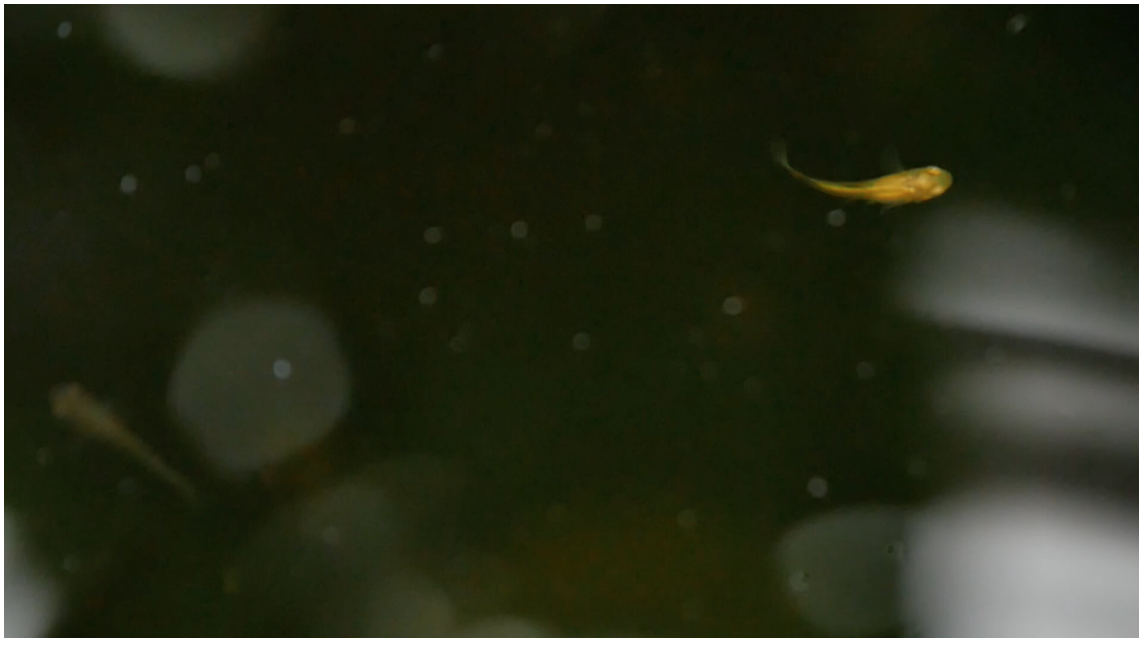
Ao pensar na *solitude feminina* como um instrumento para o processo de criação, estabeleci uma relação com outras mulheres, algumas artistas, outras não, que também encontraram inspiração através dessa prática, para entender como a

experiência pode se manifestar por uma expressão e quais os caminhos percorridos nesse processo. A própria solitude pode ser entendida de diversas formas. Uma mulher pode viajar sozinha, mas encontrar-se na presença de desconhecidos, por exemplo. Nesse caso, a solitude pode ser representada por um momento de passagem que leva para novos encontros, inesperados.

Faço aqui, uma breve descrição da minha experiência com a prática de estar só durante a produção deste trabalho, com a qual organizei, posteriormente, o conceito de *Poética Reflexiva do Eu*. Tendo em vista que uma das grandes diferenças entre solidão e solitude é o sentimento atrelado à experiência, o sentir acabou se tornando o foco principal das minhas intenções como artista. Assim, com essas considerações a respeito da *solitude feminina* atrelada ao processo de criação, descrevo a viagem de sensações e sentimentos materializados nas peças *Mergulha em mim*, *Por que viajo sozinha?* e o caderno de artista.

8.1.1. Processos e procedimentos artísticos e solitude feminina

Figura 29 - *Mergulha em mim* e o prazer



Fonte: imagem produzida pela autora, 2018.

A Figura 29 apresenta um pequeno peixe nadando sozinho. Ela foi extraída de um vídeo que fiz em minha viagem solo no Japão. Ao revisitar os protótipos que produzi para a instalação e para o documentário que integram o *Trabalho Equivalente* desta pesquisa, percebi que usei o vídeo nas duas peças. Na primeira, ele acompanha o depoimento em áudio de uma colaboradora, que relata uma viagem que fez sozinha após o término de um relacionamento. Na segunda, minha voz assume a narração de uma poesia, na qual descrevo uma sala de espera de um consultório médico. É a mesma imagem ressignificada através de duas vozes femininas, que expressam sensações e emoções de formas distintas.

Assim, para mim, a solitude se manifesta nesse processo particular e único que cada indivíduo tem com a experiência vivida e que nos difere uns dos outros. Independente de estar sozinho ou acompanhado de outra pessoa, virtual ou presencialmente, de estar em um quarto só para si ou explorando o mundo em uma viagem, de sentir-se conectado ou desconectado da sociedade em que está inserida, essa pessoa absorve os acontecimentos de sua vida de uma maneira específica e, quando ela devolve isso para o mundo, por meio de um gesto expressivo, o processo se completa.

No mestrado, venho percebendo que o meu fazer artístico nasce de uma curiosidade por essa solitude, que não se manifesta propriamente no que um ser humano fala, mas em seu tom de voz, nas expressões faciais, nos medos, nos desejos, nas contradições, nas dúvidas, nos silêncios, nas escolhas e na arte. Assim, meu trabalho artístico propõe uma poética e uma reflexão sobre o mundo e as pessoas ao meu redor. Por vezes, isso se concretiza através de um poema escrito, de um documentário, de uma instalação, de uma performance ou, simplesmente, de uma conversa, de um encontro. Mas a poética e a reflexão sempre estão presentes.

8.1.2. O prazer individual

A configuração histórica e social em que nos encontramos inseridos na contemporaneidade possui suas complexidades e estruturas, que estão enraizadas em uma construção simbólica muito difícil de ser modificada. Quando comecei a pesquisar sobre os movimentos sociais descritos por Manuel Castells (2013), fui influenciada por seu otimismo com relação à ideia de transformar o mundo através do protagonismo individual, como citado na campanha #viajosola. Hoje, vejo que as ideias e o Imaginário são eficientemente manipulados para manter relações de poder e justificar o comportamento diante de estímulos oferecidos pelo ambiente em que estamos inseridos. Assim, mais do que uma mudança estrutural, percebi que a solitude representava para mim uma busca por pequenos prazeres individuais. Não há uma fórmula, afinal nem toda mulher consegue viajar ou, simplesmente, dançar em público, mas a descoberta de algo que proporciona satisfação para uma pessoa, na solitude, independente da realidade na qual está inserida, atrai meu interesse.

8.1.3. As possibilidades

Em terceiro lugar, a solitude apresenta-se no processo de criação, para mim, como um estado propício para imaginar uma experiência possível, não necessariamente real, mas que pode vir a ser. Quando estamos mergulhados nessa absorção interna do mundo, uma outra relação apresenta-se, explicitando sentimentos e sensações e revelando novas relações e possibilidades que nascem do desejo. Como em qualquer pesquisa científica, o que busco são soluções para transpor barreiras. No caso, estou lidando com os limites do Imaginário e, através da minha produção artística, ofereço uma reflexão e uma poética, com expressões da realidade, as quais podem servir como possibilidades de existência para outras pessoas. Com essa expectativa, cada vez mais, percebo que a obra, em si, não é o lugar onde se armazenam as descobertas, mas sim, as relações, os sentimentos e as sensações dos quais ela se origina e os quais ela instiga.

8.1.4. A transformação e a autoconstrução

Finalmente, este trabalho busca, na solitude, uma ferramenta de transformação e autoconstrução, desde o começo, quando descrevo a percepção de que me expressar por palavras e poesia tinha um efeito em mim, como uma conversa com sentimentos e sensações, os quais eu não conseguia entender por completo com o pensamento racional. Assim, era preciso acionar outro tipo de conhecimento, o sensível. Meu trabalho artístico e meu processo de criação dialogam com esse conhecimento.

Minha curiosidade, descrita aqui como propulsora da experiência, está relacionada a inquietudes, angústias e questionamentos pessoais, para os quais tento buscar soluções através de uma poética reflexiva. O gesto expressivo se estabelece quando ouço as vozes de mulheres que viajam sozinhas. Em seguida, ele é outro, quando faço minhas viagens, observo, escrevo e falo. Finalmente, ao retrabalhar esses fragmentos na edição, ao misturá-los de formas diferentes, criando novas conexões, para, depois, reconfigurar tudo outra vez, em um novo espaço de exposição, em uma instalação, até que eu consiga chegar a uma solução criativa, vou produzindo novos gestos e sendo transformada com eles.

Esses sentimentos, sensações e relações que comentei, vão encontrando seu lugar durante o processo, em uma viagem silenciosa de autoconstrução. Ao final, essa reconfiguração da memória emotiva da história vivida e compartilhada com outras mulheres, faz com que eu seja outra pessoa, por ter conseguido organizar, na solitude, os estímulos que recebo como um ser exposto, como descreve Larrosa (2004).

9 O DIÁLOGO ENTRE O EU E O OUTRO

Até este momento da dissertação, venho descrevendo um processo individual de pesquisa, sistematização e aplicação de descobertas em um projeto de criação artística pessoal. Neste capítulo, apresento como ampliei os conhecimentos adquiridos com o mestrado, estabelecendo um diálogo entre minha investigação e o trabalho desenvolvido com o ensino prático e experimental no laboratório audiovisual que supervisionei na Faculdade Cásper Líbero. Além disso, descrevo conexões que estabeleci com a comunidade científica, através da aderência ao trabalho de meu orientador, com o desenvolvimento de uma reflexão sobre o conceito de *Artemídia*, da adequação da produção ao programa de pós-graduação em artes, com a utilização dos conceitos de *Cinema Expandido* e *Estética Relacional* no *Trabalho Equivalente* e, por fim, com os debates realizados com outros pesquisadores em três congressos que participei, sendo eles, JIG 2018 - III Jornada Internacional GEMInIS, WCCA 2019 - XII Congresso Mundial de Comunicação e Artes e CIHALCEP 2019 - V Congreso Internacional Historia, Arte y Literatura en el Cine en Español y en Portugués.

9.1. A experiência com o ensino experimental e prático

Figura 30 - Produtora experimental audiovisual

Fonte: Arquivo - Fundação Cásper Líbero

Em março de 2018, quando iniciei o mestrado, fui contratada para trabalhar como supervisora do laboratório de comunicação *Produtora Experimental Audiovisual da Faculdade Cásper Líbero* (Figura 30) e exerci a função por um ano e meio. Nesse órgão interdisciplinar dos cursos de graduação em Rádio, TV e Internet e Jornalismo, tinha a função de orientar alunos desses cursos em projetos audiovisuais, planejando e estruturando seus conteúdos, com apoio técnico e teórico de docentes, para que os discentes pudessem aplicar na prática os conhecimentos estudados nas disciplinas oferecidas pela faculdade. Entre os projetos produzidos, estão o programa jornalístico *Edição Extra*, que vai ao ar na TV Gazeta uma vez por mês, e a série de vídeos *Me avisa que eu vou*, publicados periodicamente na página do *Facebook* e no canal do *YouTube* da Cásper Líbero, com o objetivo de deixar os alunos informados sobre os eventos que aconteceram e que vão acontecer na faculdade.

Quando assumi a posição, percebi nos alunos e monitores que trabalhavam comigo o desejo de produzir uma grande diversidade de projetos e de utilizar o laboratório para experimentar na prática todos os tipos de formatos e técnicas de trabalho que estavam aprendendo nos cursos, para transformarem-se em profissionais completos, dominando tanto as competências relacionadas ao

manuseio de equipamentos, softwares e demais ferramentas de produção como todas as habilidades necessárias para desenvolver a criatividade nas mais diversas posições de atuação de um comunicador. Por conta dessa amplitude de possibilidades, eles possuíam muita dificuldade em manter o foco, em seguir etapas de aprofundamento e amadurecimento dos projetos, em organizar os conhecimentos adquiridos e em sistematizar os processos.

Por um lado, por conta da pesquisa que estava iniciando no mestrado, achei fascinante o fato de essa geração buscar continuamente novas possibilidades de atuação, tanto na vida profissional como pessoal, e questionar constantemente modelos de comportamento. Eles querem fazer, experimentar e ser tudo ao mesmo tempo. Outra característica interessante é a relação que esses jovens têm com a autoimagem em constante exibição nas redes sociais. Para eles, expor para os outros o que estão fazendo é uma prioridade em seu cotidiano. Era intrigante para mim a necessidade que eles tinham de me mostrar o que eram capazes de fazer, mais do que querer saber sobre a minha experiência e o que eu poderia ensinar. Entretanto, essa atitude sempre revelava mais insegurança do que assertividade.

Ao conviver com os alunos, tive contato na prática com as teorias as quais estava estudando e isso me auxiliou a consolidar um entendimento que só é possível com a vivência e o conhecimento sensível, como já citado. Percebia também que eles buscavam informações e espelhamento em pessoas da sua idade, com as quais se identificavam. Em muitas das conversas que tínhamos, sempre citavam influenciadores digitais como referência. Mesmo que o assunto fosse abordado por pessoas mais experientes, eles preferiam aprofundar esse saber através de jovens que faziam parte de sua rede.

Minha primeira ação foi orientá-los para que pudessem criar um mecanismo de organização e preservação da memória das experiências que haviam vivido na produtora até aquele momento, antes da minha chegada. Com esse exercício, pudemos iniciar uma discussão e reflexão sobre como a vivência poderia ser sistematizada em conhecimento. Esse trabalho resultou em um *Manual de Procedimentos* escrito por eles com a minha supervisão e edição. Com essa iniciativa, quis assegurar que o trabalho desempenhado pelo meu antecessor não

seria perdido e que partiríamos de uma base já construída para dar continuidade ao aprimoramento das atividades. Senti que o protagonismo que eles desempenharam com a atividade constituiu-se em uma importante ferramenta de diálogo e aproximação.

Havíamos encontrado uma organização para o trabalho e, com isso, eles se sentiam mais seguros ao expor para os alunos menos experientes as tarefas desempenhadas na produtora. Muitas dúvidas e erros que ocorriam com frequência foram solucionados com o manual. O trabalho passou a ser sistematizado. Foi interessante observar, em outra situação, fora do mestrado, a importância de se criar uma sistematização feita a partir de uma relação e de um processo colaborativo, como ocorreu na produção do *Trabalho Equivalente*.

Em seguida, começamos um processo de aprimoramento dos projetos desenvolvidos por eles. Os monitores fizeram um relatório com problemas que diagnosticaram nos dois produtos fixos da produtora, o *Edição Extra* e o *Me avisa que eu vou*. Minha orientação foi que fizessem um levantamento de dados sobre itens como adequação de linguagem e de formato à demanda do público-alvo, análise de audiência e sua relação com o conteúdo abordado e qualidade técnica e artística do trabalho desempenhado. Eles tiveram como desafio identificar os erros e propor soluções. Com base na discussão do relatório, iniciamos um processo de reestruturação desses produtos audiovisuais.

Paralelamente a esse trabalho, a faculdade demandava a atuação da produtora em outras iniciativas que passamos a chamar de projetos especiais. Para atender a essa necessidade, criei um formulário que era preenchido pelo responsável da área solicitante da demanda. Com esse documento em mãos, eu agendava uma reunião com o diretor da faculdade para avaliarmos a viabilidade, a prioridade e possíveis adequações dos pedidos solicitados. Uma vez aprovada a demanda do projeto especial, eu reunia os alunos para darmos início ao desenvolvimento do produto audiovisual.

A atividade era dividida em etapas de produção que incluíam o desenvolvimento da ideia, a criação do roteiro, a organização do cronograma e a

estruturação da equipe, com cada aluno sendo responsável por uma função. Após a finalização de cada projeto, fazíamos uma reunião com o solicitante para que ele avaliasse o trabalho e, em seguida, fazíamos um balanço dos erros e acertos e do conhecimento depreendido da experiência, para aperfeiçoarmos os processos e procedimentos utilizados e desempenharmos melhor os projetos seguintes.

Um dos produtos que resultou dessa prática foi um documentário sobre o *Laboratório de Docência - Direitos Humanos e Teoria do Estado (LabDoc)*, uma atividade de cultura e extensão universitária realizada em uma parceria entre as faculdades Cásper Líbero, USP e FGV. O objetivo da proposta foi apresentar, para os alunos dessas instituições, técnicas de metodologia ativa, aplicadas em projetos de conscientização de crianças, pais e educadores sobre questões referentes ao uso da internet. A produtora ficou responsável por propor uma ideia de registro audiovisual da atividade. O documentário realizado por nós foi apresentado no evento *Global Sustainable Technology & Innovation Conference - G-stic 2018*, na Bélgica.

Mais uma vez, os alunos puderam ver na prática a importância do registro e da organização da memória de experiências realizadas na vida acadêmica. O resultado do trabalho deles pode ser utilizado pela comunidade científica como uma fonte de dados, que sintetizou um experimento realizado por uma equipe de pesquisa constituída por profissionais de três instituições de ensino, com um grupo de alunos de diferentes áreas do conhecimento, no caso, os cursos de direito e comunicação, em um estudo aplicado e interdisciplinar.

Minha última proposta como supervisora da produtora foi o desenvolvimento de um programa de capacitação de alunos do primeiro ano dos quatro cursos de comunicação da faculdade. O trabalho foi realizado em parceria com outro laboratório da instituição: a rádio universitária. Eu e o supervisor desse órgão montamos uma série de workshops de introdução à produção audiovisual e, em seguida, organizamos os alunos em um programa de colaboração de seis meses de duração em cada um dos laboratórios. O objetivo dessa proposta de atividade prática, complementar às disciplinas, era fazer com que os alunos chegassem ao

final do primeiro ano da graduação mais preparados para ingressar em um estágio profissional.

Durante os seis meses de colaboração, pedi para que os alunos fizessem um registro de conhecimentos adquiridos durante as práticas. Cada um deveria descrever o que extraiu de importante para a sua formação e trajetória profissional individual. Em todas as etapas das atividades, fazíamos reuniões para refletir sobre erros e acertos. Os processos foram se aperfeiçoando com a ajuda dos alunos e o trabalho da produtora foi ganhando agilidade e eficiência com a sistematização das funções e tarefas. Fizemos, por exemplo, uma pesquisa de produtos audiovisuais que poderiam ser oferecidos pelo laboratório, descrevendo as características e utilidades de cada um deles. Assim, quando recebíamos uma solicitação, apresentávamos nosso catálogo de opções e a comunicação com outros departamentos era mais dinâmica e objetiva. Conforme as produções iam sendo realizadas, ficava mais fácil visualizar o que os alunos eram capazes de fazer e quais necessidades poderíamos atender. Para a divulgação e o registro do congresso Abrapcorp, por exemplo, eles fizeram vídeos de *making of*, entrevistas com os realizadores e palestrantes, e pílulas de um minuto para o *Instagram* com os pesquisadores participantes explicando as pesquisas que iriam apresentar no evento.

Com essa oportunidade profissional, pude fazer experimentos aplicados às atividades de ensino, os quais fui aperfeiçoando com a ajuda dos alunos. Meu objetivo com a metodologia que desenvolvi com eles foi criar um mecanismo para que pudessem se apropriar do conhecimento de forma pessoal a partir de uma experiência, em um diálogo com o pensamento de Larrosa (2004). Também utilizei como base de reflexão a ideia de trabalhar com a memória e ressignificá-la através de um gesto expressivo que, no caso dos alunos, foi a escrita do registro de conhecimento adquirido com a tarefa desempenhada na produtora. Esse exercício remete à prática da escrita de cartas, cartões postais e e-mails, com a qual é possível aplicar técnicas de síntese, de construção narrativa e, principalmente, proporcionar um momento de análise sobre a vivência.

Percebi que tive mais êxito com essa solicitação para os alunos do que com o pedido direcionado às viajantes para colaborarem com a instalação. A diferença estava na obrigatoriedade da prática como parte de uma atividade pedagógica direcionada à formação do aluno, em oposição a um pedido que dependia exclusivamente da vontade de uma mulher contribuir com um projeto de uma desconhecida. Assim, o fator de motivação e o valor de troca em processos que envolvem “o outro” precisam ser avaliados como parte essencial da estratégia de produção, para garantir o sucesso de experiências metodológicas tanto no campo das artes como da educação.

9.2. A volta para o convívio em sociedade

Enquanto eu me dedicava ao processo artístico do *Trabalho Equivalente* em solitude, participei de uma série de atividades coordenadas pelo Prof. Dr. Pelópidas com as quais pude refletir sobre reverberações da pesquisa para a sociedade. As características dos trabalhos dos orientandos e a maneira como as atividades do grupo de pesquisa são conduzidas pelo professor me auxiliaram na construção do entendimento do conceito de *Artemídia* aplicado ao contexto de sua proposta.

Assim como Larrosa (2004), PEL também valoriza o conhecimento adquirido a partir da experiência vivenciada tanto com o fazer artístico como com a convivência com outros pesquisadores, utilizando a troca de relatos como base para a discussão de processos e procedimentos artísticos. Todos são convidados a opinar sobre as pautas em questão e o Prof. Dr. Pelópidas comenta apenas no final sua visão sobre o debate e sobre os pontos levantados por cada um. Dessa maneira, as informações são absorvidas de forma personalizada pelos orientandos através das peças de *Artemídia* que estão sendo desenvolvidas individualmente por todos. Com essa estratégia, o conceito está constantemente sendo atualizado e mantém-se vivo, absorvendo as demandas da atualidade e da arte contemporânea.

Um exemplo para entender o modo de pensar de nosso orientador é como ele descreve “o caráter plurívoco do videoclipe”, “situado na interface

Arte-Comunicação". "Caráter plurívoco, pois, cada vez mais, o videoclipe é integrador de linguagens e mídias e por isso tem várias vozes, não é unívoco." E complementa:

> O videoclipe tem se consolidado justamente na interface Arte-Comunicação, seja pela liberdade de expressão da linguagem (música, videografia, coreografia, cenografia, animação, edição, pós-produção), seja pela multiplicidade de circulação em diversas mídias (emissoras broad e narrowcasting, internet, shows, boates, mídia impressa, dispositivos móveis etc.). (PEL, 2008).

Assim, o conceito de *Artemídia* explora duas palavras-chave: expressão e circulação, através de "produtos na interface arte, comunicação e ciência."

No decorrer dos dois anos e meio de mestrado, pude observar o processo de expressão de alunos da graduação, com o tempo que passei com eles durante o estágio docência e pudemos fazer um trabalho em conjunto, entre graduação e pós-graduação, o qual circulou por um evento acadêmico. Produzimos, juntos, uma obra para integrar o *Hipercubo*, criação de Guilherme Hammel, que simula o ambiente de um museu no espaço virtual. O trabalho foi apresentado na III Jornada Internacional GEMInIS - JIG 2018. Descrevo a experiência e o diálogo com minha pesquisa no artigo *Por que viajo sozinha? A solitude feminina e a jornada do 'eu'.* (APÊNDICE F)

Durante a apresentação do trabalho no evento, fui questionada sobre o uso da primeira pessoa e pude ter tranquilidade ao justificar o *eu* na descrição de uma experiência atrelada ao processo de criação de um trabalho de minha autoria. Esse diálogo com o mundo acadêmico foi importante para entender a visão do outro diante de trabalhos realizados por artistas-pesquisadores. Similarmente ao exemplo citado nesta dissertação, de Chris Marker, que defendeu o tom pessoal em seus documentários e enfrentou o questionamento de quem estava habituado com uma aparência mais imparcial atrelada a esse gênero, o meio acadêmico também levanta dúvidas sobre formas de expressão que fogem dos padrões esperados. As discussões que ocorrem por diferenças de paradigmas auxiliam na evolução do pensamento e na construção de novas abordagens científicas.

Produzi mais dois artigos no decorrer do mestrado. Em *A construção do protagonismo e a expressão do 'eu' em #viajosola* (APÊNDICE G), apresentado no *XII Congresso Mundial de Comunicação e Artes - WCCA 2019*, descrevi uma análise que fiz sobre a campanha virtual *#viajosola,* como já mencionado. Em seguida, escrevi o artigo *O documentário e as artes visuais. O filme Andarilho, de Cao Guimarães, e o caminho entre a sala de cinema e o espaço do museu* (APÊNDICE H), que apresentei no *V Congreso Internacional Historia, Arte y Literatura en el Cine en Español y en Portugués - CIHALCEP 2019*.

Os congressos citados, onde apresentei etapas da minha pesquisa, têm como característica o diálogo interdisciplinar e essa foi justamente a razão que me guiou na escolha dos eventos. A troca de experiências com outros pesquisadores em cada um deles trouxe um olhar mais amplo para a minha produção científica, com novas perspectivas de aplicação das descobertas que ocorreram durante o estudo de processos e procedimentos artísticos.

Durante o CIHALCEP 2019, por exemplo, usei uma classificação estruturada por Bill Nichols (2010), que divide os documentários em diferentes tipos, para analisar as características do filme *Andarilho* (2007). Argumentei que o filme transitava entre o estilo poético e performático. Durante o debate que sucedeu minha apresentação, fui questionada sobre essa classificação restritiva, já que o filme não segue os padrões de uma narrativa tradicional, além de agregar características de outro modo de produção, o observacional. Tentar classificá-lo dessa maneira faz com que eu caminhe por uma abordagem limitada, que pode ser substituída pelo conceito de *Cinema Expandido*, o qual utilizei como fundamentação teórica para descrever de forma mais adequada o processo que permite ao gênero documentário transitar pelo espaço de circulação das artes visuais.

No site do Tate, instituição que abriga, através de quatro museus, a coleção nacional de arte britânica do Reino Unido e uma coleção de arte moderna e contemporânea internacional, há um espaço dedicado a termos específicos do universo artístico. Nesse diretório de pesquisa, é possível encontrar uma descrição de *Cinema Expandido* que se refere a filmes, vídeos, performance multimídia ou ambientes de imersão, os quais transcendem os limites do cinema e rejeitam a

relação tradicional criada por essa mídia de uma via de mão única, na qual a audiência absorve de maneira passiva o que lhe é oferecido pela tela. O termo foi cunhado em meados de 1960, por Stan Van Der Beek, em um momento no qual cineastas e artistas plásticos estavam fazendo experimentos que tinham como objetivo desafiar o público, com uma experiência mais participativa em galerias, armazéns ou ao ar livre.[33]

Entretanto, muito antes desse termo se popularizar, artistas como Salvador Dali e Luis Buñuel já criavam um diálogo entre o cinema e as artes plásticas. Um exemplo, é o filme *Um Cão Andaluz* (1929), que faz um convite ao espectador para um mergulho no *Inconsciente*, como quem observa um quadro sendo pintado e completa a imagem da maneira que deseja. Além deles, outros vanguardistas trabalharam com esse hibridismo através de uma expressão que recebeu o nome de *Cinema de Artista*, como descreve a pesquisadora de história da arte, Patrícia Ferreira Moreno (2012, 2013), em dois artigos que analisam exemplos desses experimentos, em especial, trabalhos de artistas brasileiros da década de 1970.

> Tomamos como marco essencial para nossa análise o evento intitulado Expo-Projeção 73, organizado por Aracy Amaral. Tal exposição destaca-se pelo seu pioneirismo em reunir obras cujo tema agregador foi a modalidade filme de artista no Brasil, sendo, certamente, o primeiro evento de grande vulto na área. O catálogo é emblemático. A página que apresenta os participantes do evento, quarenta e dois ao todo, sinaliza para as proporções do envolvimento dos artistas para com essa modalidade de produção. Muitos dos expositores, até então dedicados a artes mais distanciadas da linguagem do cinema, apresentaram obras vinculadas a esse pensamento artístico que buscava criar formas artísticas híbridas, cuja principal característica é exposição da imagem em movimento. Décio Pignatari, por exemplo, um expoente da manifestação escrita em forma de poemas, ensaios e contos, aproximou-se, na época, da ideia de filme de artista a fim de realizar experimentações com a linguagem textual. Apresentou sua obra, mais próxima de uma peça, intitulada Desatinos do Destino, segundo ele, uma audiofotonovela de 20 min. (MORENO, 2012, p. 504)

Como o Prof. Dr. Pelópidas sempre pede para que o foco da pesquisa esteja em nossas experiências, as referências teóricas e artísticas devem ser utilizadas para “viajar e ajudar a conectar coisas do nosso mundo”. Para ilustrar seu

[33] Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/art-terms/e/expanded-cinema>. Acesso: 27/abril/2020.

pensamento, ele me mostrou um artigo, no qual a pesquisadora Luciane Helbich (2012) utiliza o termo *Documentarte* para explicar sua visão sobre como o ofício do professor de história pode ser comparado à produção de um fazer artístico. Ela se baseia na experiência do docente com documentos históricos e descreve como esse encontro resulta em narrativas possíveis. Dessa forma, *Documentarte* é uma palavra que sintetiza uma experiência pessoal, assim como o termo *Artemídia* é utilizado pelo Professor Dr. Pelópidas para congregar a experiência do grupo de pesquisa da pós e da graduação que ele lidera. *Documentarte*, então, aparece no título deste trabalho como um símbolo do conhecimento sensível que se adquire pela experiência, no espaço do aqui e no tempo do agora, com uma releitura da realidade através da *Poética Reflexiva do Eu*.

Com essa reflexão em mente, percebo que as referências teóricas sobre *Cinema Expandido* e *Cinema de Artista* foram importantes para o meu processo artístico por possibilitar o contato com artistas e obras os quais serviram para ampliar as possibilidades do meu *Imaginário* e auxiliar minha viagem poética e reflexiva. A seguir descrevo o mapeamento que fiz dessas criações e como elas foram antropofagizadas pelo *Trabalho Equivalente*.

Hélio Oiticica (1973), em seus experimentos com cinema nos anos 1970, tinha como um de seus principais objetivos tirar o espectador de uma posição contemplativa no que ele deu o nome de *quase-cinema*. Ele criou vídeos com imagens fixas, por exemplo. Essa ideia de suspensão do tempo, do registro do momento que a fotografia oferece, como uma pintura, é algo que explorei nos vídeos da instalação *Mergulha em mim*. Ele também utilizou a própria voz no trabalho *Neyrótika*, recitando textos que acompanham imagens que não estão obrigatoriamente associadas às suas palavras. Esse diálogo entre dois fragmentos independentes de áudio e vídeo, sem nenhuma conexão aparente, criam nova possibilidade subjetiva a qual também explorei no protótipo de minha instalação.

Natasha Marzliak (2012), em sua dissertação de mestrado em artes, descreve a aproximação de Oiticica com o cinema como um movimento que atende a "necessidade de expandir seu vocabulário artístico". Essa ideia de expansão

expressiva remete à estratégia ligada ao prazer e à liberdade que encontrei pela escrita, já mencionada nesta dissertação.

Outra característica do trabalho é o hibridismo de linguagens presente, por exemplo, na junção entre vídeo e performance. Citada na mesma dissertação, a artista Letícia Parente (1974) também transita por esses dois suportes em obras como *Marca registrada*, em que realiza um vídeo no qual registra o momento em que borda a frase “Made in Brazil” na planta de seu pé. Também busquei, com os vídeos criados para a instalação, criar imagens sobre essa relação entre o feminino e a violência em pequenos gestos que pudessem tocar o *Inconsciente* de outras mulheres.

Figura 31 - *The artist is present*

Fonte: Moma, 2010.[34]

Com relação à performance, quando o Prof. Dr. Agnus Valente chamou a minha atenção sobre a força da minha presença do lado de fora da instalação, a

[34] Disponível em: <https://www.moma.org/audio/playlist/243/3133>. Acesso em: 21/abril/2020.

artista que me ocorreu à mente de imediato foi Marina Abramovic (2010) e seu trabalho *The artist is present* (Figura 31), em que a artista fica sentada em uma cadeira e o público individualmente senta-se diante dela em uma cadeira vazia. Quando li sobre a obra, não compreendi como o vazio e a falta de movimento poderiam ser caracterizados como um gesto expressivo. Durante a experiência com o mestrado, tive contato com o conhecimento sensível que me possibilitou enxergar a força do vazio, do silêncio e da presença e a obra de Abramovic ganhou outro sentido. De qualquer forma, tive que contar com a ajuda do Prof. Dr. Agnus para reconhecer o meu próprio gesto performático.

Minha banca de qualificação sugeriu mais uma artista ligada à performance e ao vídeo, Ana Mendieta. Ao ver seus trabalhos, sinto que ela utiliza o corpo em seus vídeos para criar uma imagem forte, como uma pintura, observada, por exemplo, através de sua nudez flutuando nas águas de um rio (*Creek*, 1974) ou de sua cabeça molhada de sangue que escorre pela testa (*Sweating Blood*, 1973). Com gestos simples e potentes, sua performance, feita para o registro em vídeo, parece cristalizar um momento na memória. Ela expressa a violência e o feminino pelo silêncio.

A artista também utiliza os quatro elementos da natureza. A água é um componente expressivo muito importante para mim e, através das obras de Mendieta, percebo que essa escolha artística tem raízes mais profundas no *Imaginário* e no *Inconsciente* do que imagino. Encontrar esses símbolos potentes que comunicam de forma direta, sem a necessidade de palavras é uma descoberta muito valiosa. Em cada objeto e material que escolhi para a instalação, procurei essa potência. Mendieta morre cedo, em um mergulho que empreendeu da janela do apartamento onde morava, depois de uma discussão com seu companheiro. A morte, a violência e o corpo feminino inerte mais uma vez tornam-se reais, mas o gesto expressivo continua vivo (ZEVI, 2015)

Além dos materiais e objetos da instalação, percebi, ao realizar o protótipo, que precisava fazer uma investigação sobre o espaço e como utilizá-lo para criar a experiência que desejava. O labirinto foi a primeira construção arquitetônica que elaborei. Justamente por estar estudando o *Inconsciente* e o *Imaginário* e por querer

simular a experiência de uma viagem de transformação através do desconhecido, perder-se me pareceu um caminho interessante. Mais tarde, li sobre o mito do Minotauro, um monstro que vivia em um labirinto na Ilha de Creta e que é continuamente citado na literatura e nas artes plásticas. (OLIVER, 2002; RIES, 1972/73).

Essa leitura reavivou em mim a memória de um encontro importante. Em 2016, fiz uma viagem para Los Angeles e visitei o *Los Angeles County Museum of Art - LACMA* onde vi a obra *Minotauromachy* (1935) (Figura 32), de Pablo Picasso. Lembro de estar caminhando em um corredor e a pequena gravura chamar a minha atenção, mesmo exposta a uma distância razoável do local em que eu estava. Não conseguia identificar as formas, mas a construção de luz e sombra me hipnotizaram e fizeram com que eu me aproximasse. É a imagem de uma menina segurando uma vela e uma flor diante do Minotauro (LACMA, 2006).

Figura 32 - *Minotauromachy*

Fonte: Moma.[35]

Uma publicação do Moma (1999) relata que os rostos femininos presentes na obra são similares às feições da amante de Picasso, Marie-Thérèse Walter, que

[35] Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/60110>. Acesso em: 21/abril/2020.

estava grávida na época. Além disso, o texto associa a criação à relação conturbada do pintor com mulheres em sua vida pessoal.

Não cito *Minotauromachy* com o objetivo de encontrar significados para o labirinto, meu objetivo é certificar-me que o espaço criado para *Mergulha em mim* tem como base uma imagem cristalizada no *Imaginário* coletivo.

Seguindo a pesquisa para criar esse ambiente que provoque a experiência da viagem, observei os trabalhos de outros dois artistas visuais, Olafur Eliasson e Ai Wei Wei. Através do livro *Olafur Eliasson Seu corpo da obra* (VOLZ, 2011), descobri a obra *Waterfall* (1998), montada no Sesc Pompeia pelo artista. Ela aparece em outros lugares em diferentes escalas, mas é, basicamente, uma cachoeira/queda d'água, cujo mecanismo serviu de referência para que eu elaborasse um sistema similar em meu trabalho. Além da cachoeira, um labirinto colorido e translúcido integra o projeto. No site do artista, ele explica que a exposição criada para o Sesc Pompéia foi inspirada na produção de Hélio Oiticica.[36]

Ai Wei Wei também explora elementos da natureza. Em sua exposição Raiz (2018), montada na Oca do Parque do Ibirapuera, pude ver de perto como ele utilizou a madeira como meio de expressão. As obras vieram de um ateliê montado em Trancoso, na Bahia. Quem já esteve nessa cidade, conhece os famosos objetos feitos de tronco de árvores e imediatamente é transportado para lá. Com essa referência em mente, decidi usar lamparinas feitas de fibra natural trançada em meu trabalho. Essa decisão parte de uma memória afetiva, originada no artesanato que vi em uma viagem pela mesma região que inspirou Ai Wei Wei. Quando estive em Caraíva, notei que todo o vilarejo é ornamentado com luminárias feitas com fibra de taboa. Para a minha instalação, sugeri o sisal, o qual também é extraído de uma planta da região nordeste. Para completar a viagem sensorial pela natureza, inspirada por esses artistas, decidi forrar o chão de *Mergulha em mim* com folhas secas e cascalho.

---

[36] Disponível em: <https://olafureliasson.net/archive/exhibition/EXH102015/olafur-eliasson-seu-corpo-da-obra-your-body-of-work>. Acesso em: 27/abril/2020.

Durante a pesquisa, procurei artistas cuja obra fosse construída a partir de ambientes sonoros e, nesse momento, cheguei ao casal George Bures Miller e Janet Cardiff. Eu havia visto uma de suas instalações (*The Murder of Crows*, 2008), que me impressionou muito, no Museu de Inhotim e decidi buscar mais informações sobre eles. (INHOTIM, 2008) Essa obra reproduz o som de uma revoada de corvos, entre outros sons, similarmente a minha criação, na qual utilizo o som de cigarras. A escolha das aves também é feita pelo valor simbólico que representam. A voz de Janet aparece, ocasionalmente, descrevendo sonhos. Deixei para usar minha voz e minhas poesias na série de vídeos que constituem *Por que viajo sozinha?.*

Para esta outra peça de *Artemídia* do *Trabalho Equivalente*, encontrei uma referência importante na produção do casal. Eles dão o nome para esse conjunto de experimentações de *Walks*.[37] Escolhem um local, por exemplo, ruas de um bairro em Sydney, na Austrália, e gravam um percurso. Além das imagens e do som do local, Janet acrescenta sua voz dando direções e fazendo comentários sobre o percurso. Esse material é colocado em um *iPod* e, com o dispositivo, acrescido de fones de ouvido, o fruidor da obra deve refazer o percurso *in loco*. Assim, em paralelo, há uma experiência virtual, através do vídeo produzido pelo casal e, outra, real e sujeita aos acasos de uma rua movimentada, com estímulos que fogem ao controle dos criadores.

Como no momento em que finalizo esta dissertação passamos por uma situação de isolamento forçado devido à Covid-19, decidi usar os fragmentos das viagens e minha narração poética reflexiva para criar uma experiência virtual destinada a quem está sozinho em casa. São vídeos de até um minuto em que faço perguntas diretas ao espectador, os quais estou postando em meu caderno de artista no *Instagram*. Também estou produzindo conteúdo com a colaboração de outros artistas em uma relação inusitada que se dá a distância.

A ideia de expandir o registro documental para outros suportes e outros tipos de fruição fez com que eu decidisse também projetar a frase “Mergulha em mim” em uma queda d’água. Quando penso na força do convite com uma frase provocadora,

---

[37] JANET CARDIFF & GEORGE BURES MILLER. Walks. Disponível em: https://www.cardiffmiller.com/artworks/walks/index.html. Acesso em: 09/abril/2020.

lembro do trabalho de Ygor Marotta com seu “mais amor, por favor” que se espalhou pelas ruas de São Paulo. O artista criou um projeto com sua companheira, Ceci Soloaga, chamado VJ Suave, no qual carregam um projetor em um triciclo e, com ele, enfeitam os prédios da cidade com animações de sua criação. Os temas das projeções são o lúdico e a natureza, elementos que criam um contraste com a cidade. Eles produzem, com seu trabalho, novas possibilidades de experiência no espaço ocupado pelo cotidiano, criando uma relação com o público similar à que me interessa explorar em minha produção.

Os artistas citados serviram como base para que eu pudesse elaborar uma reflexão sobre como cada forma de expressão agrega um tipo de experiência diferente. Suas trajetórias que transitam entre o vídeo, a performance e a instalação me auxiliaram a traçar minha viagem artística, aperfeiçoar os processos e procedimentos do *Trabalho Equivalente* e a situar minha produção no campo de circulação da arte contemporânea. Além desses nomes, o encontro já citado com a poética e a reflexão presentes nas obras de Cao Guimarães, Agnès Varda, Chris Marker, Yayoi Kusama, e os demais artistas mencionados no decorrer desta dissertação, consolidaram a formação do meu olhar para que minha criação artística pudesse se expandir pelo campo das artes visuais.

Entretanto, quando apresentei o andamento da pesquisa para a banca de qualificação, uma problematização importante foi levantada pelo Prof. Dr. Agnus. A essência do meu trabalho tem uma inspiração ativista, mas é um ativismo diferente, se comparado, por exemplo, às referências de artistas feministas que estudei. Durante a discussão dessa questão, as conclusões a que chegamos foi que eu apresento, como resultado das minhas inquietações, uma produção que manifesta um posicionamento mais interessado na poética do que na revolta, através de uma expressão relacionada com o afeto entre o *eu* e o outro. Até esse momento, não havia pensado na palavra afeto e ela revelou-se por si só para a banca nos protótipos apresentados. Com essa descoberta, o Prof. Dr. Agnus sugeriu que eu pesquisasse sobre a *Estética Relacional,* de Nicolas Bourriaud (2009).

Não conhecia o autor e, ao ter contato com sua reflexão sobre arte contemporânea, pude entender melhor minha trajetória artística e o contexto em que

ela está inserida, em diálogo com uma forma de relação a qual outros artistas também exploram. Entretanto, acima de tudo, o contato com esse autor me fez perceber qual é o propósito da minha criação.

Além do Prof. Dr. Agnus, a escolha do outro membro da banca, o Prof. Dr. Paulo Cesar Teles, da Unicamp, foi determinada por um encontro com sua obra, a *Árvore dos desejos*. Conheci o professor no congresso WCCA, no qual ele apresentou o trabalho que realizava com essa instalação sensorial, interativa e colaborativa, feita com base em relações estabelecidas com diversas comunidades, nas quais o projeto foi montado. Juntos, artista e colaboradores idealizaram e materializam um objeto artístico, preenchido com a memória do *Imaginário* desses indivíduos naquele tempo e espaço compartilhado. Conforme ele descrevia essas relações, mais eu entendia a força presente na experiência que origina e que reverbera de uma criação, mais do que a obra em si. Esse me pareceu também o propósito do meu trabalho.

Assim, quando li como Bourriaud (2009) descreve o que a arte representa hoje, uma tentativa de criar ligações, de abrir possibilidades e de imaginar realidades possíveis, pude enxergar melhor o contexto no qual o meu estudo está inserido. O autor descreve uma uniformização do comportamento pela comunicação que cria modelos a serem seguidos, enquanto a arte permite uma experiência libertadora, com experimentações que expandem os moldes já delineados no entendimento do ser e do estar da sociedade contemporânea. A criação tem como papel ajudar o ser humano a aprender a habitar melhor o mundo. Ele ressalta que o período atual da arte contemporânea é marcado por “práticas de bricolagem e reciclagem do dado cultural, na invenção do cotidiano e na ordenação do tempo vivido”. (BOURRIAUD, 2009, p. 19)

A *Estética Relacional* tem como ponto de partida “as interações humanas e seu contexto social” e descreve obras que se apresentam “como uma duração a ser experimentada, como uma abertura para a discussão ilimitada”, “uma forma de arte cujo substrato é dado pela intersubjetividade e tem como tema central o estar-juntos, o encontro’ entre observador e quadro, a elaboração coletiva do sentido.” (BOURRIAUD, 2009, p. 19-21). Essa descrição dialoga com um momento de

transformação ocorrido durante o mestrado, quando percebi que não queria mudar o mundo com minha criação, queria apenas buscar pequenos prazeres descritos por mulheres em momentos de solitude, os quais permitem a elas outra possibilidade de existência dentro da realidade em que estão inseridas. Assim, “a arte mantém juntos momentos de subjetividade ligados a experiências singulares.” (p. 27)

> A forma de uma obra de arte nasce de uma negociação com o inteligível que nos coube. Através dela, o artista inicia um diálogo. A essência da prática artística residiria, assim, na invenção de relações entre sujeitos; cada obra de arte particular seria a proposta de habitar um mundo em comum, enquanto o trabalho de cada artista comporia um feixe de relações com o mundo, que geraria outras relações, e assim por diante, até o infinito. (BOURRIAUD, 2009, p. 30-31)

Em continuidade a esse raciocínio, o desejo de cada indivíduo ganha uma forma com a expressão que pode ser fruída como uma experiência viável e libertadora. Artista e espectador convivem através da obra, cada um com seu desejo, em um diálogo que gera novas conexões com o mundo real.

Em determinado momento de seu livro, Bourriaud (2009) traz a mesma problematização levantada pelo Prof. Dr. Agnus, durante a banca de qualificação, sobre o meu trabalho, de obra que “escapa a qualquer definição. Escultura? Instalação? Performance? Ativismo social? Ultimamente esse tipo de peça tem se multiplicado.” (p. 35). Isso ocorre porque o artista contemporâneo já não busca apenas a relação do homem com o objeto, ele “agora se concentra na esfera das relações inter-humanas”. (p. 40).

> Assim, as reuniões, os encontros, as manifestações, os diferentes tipos de colaboração entre as pessoas, os jogos, as festas, os locais de convívio, em suma, todos os modos de contato e de invenção de relações representam hoje objetos estéticos passíveis de análise enquanto tais. (BOURRIAUD, 2009, p. 40).

O autor cita uma das artistas utilizadas por mim como referência, Sophie Calle, e explica como seu trabalho pode ser contextualizado pela Estética Relacional, através de um dispositivo delineado a partir do convívio e dos encontros casuais.

> E boa parte do trabalho de Sophie Calle consiste em apresentar seus encontros com desconhecidos: quer esteja seguindo um passante, revistando quartos de hotel depois de conseguir emprego como

> camareira ou pedindo a cegos que definam a beleza, ela formaliza a posteriori uma experiência biográfica que a leva a "colaborar" com as pessoas com quem se deparou. (BOURRIAUD, 2009, p. 42).

A serendipidade também é parte desse processo. O artista não tem o controle absoluto sobre sua criação, ela se concretiza no espaço-tempo do aqui e do agora, no momento em que entra em contato com o público na galeria ou por onde circule. A relação é ativa, há uma troca durante a fruição que completa o sentido da obra. Desse contato reverberam

> [...] socialidades alternativas, modelos críticos, momentos de convívio construído.
> [...] Vive-se hoje a utopia no cotidiano subjetivo, no tempo real das experimentações concretas e deliberadamente fragmentárias. A obra de arte apresenta-se como um interstício social no qual são possíveis essas experiências e essas novas "possibilidades de vida": parece mais urgente inventar relações possíveis com os vizinhos de hoje do que entoar loas ao amanhã. É só, mas é muito. (BOURRIAUD, 2009, p. 62).

A arte criada dentro dessa reflexão não propõe conceitos ou objetos, ela produz acontecimentos inspirados no cotidiano e na vida ordinária, que reverberam em proposições de uso prático. Assim, quando apresento os pequenos prazeres descobertos por mulheres em sua rotina, como forma de enfrentamento e ao mesmo tempo diálogo com a realidade, faço um convite para as possibilidades que existem dentro de cada pessoa, para um mergulho em uma experiência construída em conjunto entre o *eu* e o outro. O sentir, o conhecimento sensível e o afeto são o resultado dessa relação. Assim, a volta para o convívio social, depois de um processo de criação gerado em solitude, produziu como resultado todos esses elementos descritos por Bourriaud em sua *Estética Relacional* e fez com que eu completasse minha viagem de transição para as artes visuais, com uma proposta poética e reflexiva coerente com o contexto da arte contemporânea.

10 CONCLUSÃO

Ao iniciar o mestrado, apresentei algumas inquietações pessoais as quais sintetizei em uma problematização organizada nas seguintes perguntas: Como mulheres podem transformar o medo em prazer através de suas experiências? Como viajar sozinha pode representar um ato de coragem, desobediência e libertação na sociedade contemporânea? Qual o papel da criação artística e do uso expressivo do *eu* dentro desse contexto de enfrentamento?

Com esse problema delineado, cheguei ao tema *arte e solitude feminina* que investiguei, no decorrer desta pesquisa, através de uma viagem composta por vivências, pensamentos, experimentações e pelo sentir, com o objetivo de, ao final, apresentar uma proposta artística em resposta a essas inquietações. Para desenvolver o objetivo geral da investigação, segmentei o processo em etapas e delimitei objetivos específicos, descritos no roteiro desta pesquisa, realizados durante o mestrado. Minha expectativa com o trabalho foi cumprida com a sistematização do processo criativo com o conceito de *Poética Reflexiva do Eu,* que segue as diretrizes mencionadas no Capítulo 8:

A parte prática do projeto, que consistia em um documentário sobre mulheres que viajam sozinhas, transformou-se em três peças de *Artemídia*: 1) Documentarte expandido *Por que viajo sozinha?*, série de vídeos que compõem o documentário poético imersivo interativo; 2) Memorial poético-descritivo *Mergulha em mim*; 3) Caderno de artista de *Anna Lucchese* concebido em rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários.

Ao final desta viagem, cheguei às seguintes conclusões:

1. Ao mapear artistas visuais que utilizei como referência para a realização deste trabalho, encontrei inspiração e soluções que me auxiliaram a desenvolver uma resposta às minhas inquietações. A descoberta mais importante foi a expansão do vocabulário artístico e a libertação expressiva. Passei a experimentar o uso de outras formas de trabalho, além do audiovisual, e a enxergar possibilidades na performance, na manipulação de materiais e objetos extraídos da natureza e

do cotidiano, no estudo do espaço de circulação da obra e, principalmente, nas relações entre artista, público e experiência.

2. Em seguida, após uma reflexão sobre o diálogo entre o *eu* e o outro, identifico descobertas significativas para a minha formação, em específico: Essa troca faz com que novas possibilidades de existência sejam exploradas. Minha experiência como supervisora do laboratório de mídia *Produtora Experimental Audiovisual da Faculdade Cásper Líbero*, as apresentações e debates em congressos, as exposições de obras artísticas e as trocas entres membros do grupo de pesquisa do Prof. Dr. Pelópidas foram essenciais para o amadurecimento da pesquisa, principalmente em se tratando de uma proposta artística que objetiva a construção de relações. Além disso, toda pesquisa científica, mesmo um estudo baseado em um processo pessoal, precisa encontrar sistematização e aplicação que possam ser utilizadas por outras pessoas. No caso deste estudo, as conclusões aqui descritas podem servir como base para diferentes processos, como ocorreu na experiência que tive com alunos de comunicação.
3. Ao refletir sobre a tema *arte e solitude feminina* e a maneira como ele se materializou nas peças de *Artemídia*, apresento os seguintes resultados: A pesquisa histórica sobre a experiência de estar só, que me levou à descoberta de que o sentimento de solidão não é inerente ao ser humano, mas fruto de uma transformação econômica e social, serviu como ponto de partida para uma ressignificação da experiência pela palavra solitude. Seu uso em expressões criativas, de autoconhecimento e de autoconstrução, em sintonia com o conceito de *tecnologias do eu*, de Michel Foucault (1998), fez com que eu pudesse encontrar inspiração no referencial teórico e artístico para planejar esta “viagem” artístico-científica através dos Processos e Procedimentos Artísticos utilizados na produção das obras.
4. Levando em consideração os *Processos e Procedimentos Artísticos* utilizados durante a criação das peças de *Artemídia*, a solução encontrada foi: A definição do conceito de *Poética Reflexiva do Eu*, cujos parâmetros me auxiliaram na condução da criação do *Trabalho Equivalente*. Ele sistematiza todo o

conhecimento adquirido a partir do estudo do referencial teórico e artístico, tendo em vista sua aplicabilidade na produção desenvolvida durante o mestrado.

5. Com relação a minha transformação durante o mestrado, de uma profissional do audiovisual, com formação na área de comunicação, para uma artista visual, com um *Trabalho Equivalente*, adequado tanto do ponto de vista técnico, como conceitual e estético, à produção idealizada para o meio de circulação da arte contemporânea, destaco alguns pontos depreendidos da pesquisa:
   - Meu posicionamento artístico como documentarista absorveu algumas ideias do conceito de *Cinema Expandido*. Desse processo de metamorfose, destaco a transição do documentário narrativo *Por que viajo sozinha?,* para a *Documentarte* materializada em uma série de três vídeos de um minuto que compõem uma peça poética imersiva e interativa. Com essa nova abordagem, o produto audiovisual passa de uma história com começo, meio e fim, para uma experiência a ser absorvida e interpretada pelo espectador. O resultado da manipulação de fragmentos da realidade é organizado em uma obra aberta e viva, que propõe e é fruto de uma relação baseada em uma troca de acontecimentos.
   - A adequação do trabalho à pesquisa desenvolvida pelo Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira PEL, trouxe novas camadas de evolução, fazendo com que eu entendesse a importância da experiência no processo de aprendizado e transferisse essa descoberta para a meu posicionamento como artista. Estar presente, imerso e vivo faz com que o conceito de *Artemídia*, materializado em produtos na interface Arte-Ciência-Comunicação, permaneça contemporâneo e útil. Em continuidade a essa linha de pensamento, o termo *Documentarte*, sugerido pelo Prof. PEL, reitera a ideia de uma produção artístico-científica focada na experiência pessoal, a qual oferece não verdades imutáveis, mas possibilidades de existência, conectadas à documentação do aqui e do agora, através do pensamento/sentimento materializado no fazer artístico.
   - A aderência ao programa de artes também teve um papel fundamental durante o processo de transformação pois pude, com o conceito de *Estética*

Relacional, compreender melhor o contexto em que minha criação está inserida. *Por que viajo sozinha?* parte de uma relação com o mundo e com o outro e gera novas relações, novas possibilidades de contato com a realidade, em que destaco a descoberta do prazer individual como protagonista desse processo. Ao expandir o gênero documentário para uma instalação e um caderno de artista digital, agregando elementos da performance, da poesia, entre outros, em uma expressão múltipla, pude entender na prática uma das principais características da arte contemporânea, o hibridismo, também estudado em uma das disciplinas do curso, ministrada pelo Prof. Dr. Agnus Valente.

Seguindo a reflexão de Bourriaud (2009), teórico da *Estética Relacional*, concluo esta dissertação com a proposta de uma produção artística e de uma criação científica materializada em possibilidades e relações imaginadas, como resposta a inquietações pessoais e problematizações contemporâneas. Cada peça desenvolvida para o *Trabalho Equivalente* simula uma viagem possível para dentro de um *eu* por explorar. A descoberta de uma experiência prazerosa, particular e intransferível, no tempo e no espaço da solitude, pode reverberar em um processo de transformação, em uma expressão autêntica, em um fragmento de realidade concreta, plena e viva, em um gesto de enfrentamento e em um acontecimento que inspira outros. “É só, mas é muito.” (BOURRIAUD, 2009, p. 62)

REFERÊNCIAS

A ALMA do osso. Direção: Cao Guimarães. Brasil, 2004, projeção.

ABREU, Carla de. Narrativas digifeministas: arte, ativismo e posicionamentos políticos na internet. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 02, n. 04, p. 134-152, jan./abr. 2017.

A CAIXA de pandora. Direção: Georg Wilhelm Pabst. Intérpretes: Louise Brooks, Fritz Kortner, Franz Lederer. Alemanha, 1928, VHS.

ALBERTI, Fay Bound. **A biography of loneliness.** The history of an emotion. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2019. E-book Kindle. ISBN: 978–0–19–881134–3 ebook ISBN: 978–0–19–253934–2. Disponível em: www.amazon.com. Acesso em: 16 set. 2019.

ALBERTI, Fay Bound. **Loneliness is a modern illness of the body, not just the mind.** 2018. Disponível em:

https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/nov/01/loneliness-illness-body-mind-epidemic. Acesso em 18 jul. 2019.

ALVIM, Luiza Beatriz. Voz over e colagens musicais em documentários ensaísticos de Chris Marker e Agnès Varda da época da Nouvelle Vague. **Revista digital de cinema documentário - Doc On-line**, n. 24, p. 60-79, setembro. 2018. Disponível em: http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/doc/article/view/437. Acesso em: 27 abr. 2020.

A MÁQUINA. Direção: Anna Lucchese. Apresentação: Fabrício Carpinejar. Brasil, 2012-2015, link da internet. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3IhxcxzrnSk. Acesso em 30 jul. 2019.

ANDARILHO. Direção: Cao Guimarães. Brasil, 2007, projeção.

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea:** Uma história concisa. Tradução de Alexandre Krug e Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ARNDT, Karin Leah. **A room of one's own, revisited:** an existential-hermeneutic study of female solitude. 2013. 470f. Dissertation (Doctor of Philosophy) - McAnulty College and Graduate School of Liberal Arts, Duquesne University, Michigan, 2013. Disponível em: https://dsc.duq.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1291&context=etd. Acesso em: 24 abr. 2019.

BARROS, A. T. M. P. **A saia de Marilyn:** do arquétipo ao estereótipo nas imagens midiáticas. E-Compós, Brasília, v. 12, n. 1, jan./abr. 2009.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional.** Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

BOYLE, Clare. **Self-Fictions and Film:** Varda's Transformative Technology of the Self in Les plages d'Agnès. Revue critique de fixxion française contemporaine/Critical Review of Contemporary French Fixxion, vol n/a, no. 4, p. 60-71, 2012.

BRUXA de Blair. Direção: Daniel Myrick e Eduardo Sánchez. Intérpretes: Heather Donahue, Michael C. Williams, Joshua Leonard. Estados Unidos, 1999, DVD.

CANASSA, Rosângela Donizete. **A caixa de Pandora**: as deusas e o feminino no cinema. 2006. 131 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, São Paulo, 2006. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/87014. Acesso em: 30 jul. 2019.

CÁSPER no Labdoc 2018. Direção: Anna Lucchese. Brasil, 2018, link da internet. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=bC6J2zObfvU&t=3s. Acesso: 21 abr. 2020.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança.** Movimentos sociais na era da internet. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CORAÇÃO Valente. Direção: Mel Gibson. Intérpretes: Mel Gibson, Angus Macfadyen, James Robinson, Sean Lawlor, Sandy Nelson. Estados Unidos, 1995, projeção.

CORRIGAN, Timothy. **The Essay Film:** From Montaigne, After Marker. New York: Oxford University Press, 2011.

CREEK. Direção: Ana Mendieta. 1974, link da internet. Disponível em:

https://www.facebook.com/watch/?v=1426486710784484. Acesso em: 22 abr. 2020.

DEFOE, Daniel. **The Life and Strange Surprizing Adventures of Robinson Crusoe, of York, Mariner:** Who lived Eight and Twenty Years, all alone in an un-inhabited Island on the Coast of America, near the Mouth of the Great River of Oroonoque; Having been cast on Shore by Shipwreck, wherein all the Men perished but himself. With An Account how he was at last as strangely deliver'd by Pyrates. Londres: W. Taylor, 1719.

DOUBROVSKY, Serge. **O último eu.** In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). Ensaios sobre a autoficção. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. p. 111-126.

DRUMMOND, Regina. **As fábulas de Esopo.** São Paulo: Paulus Editora, 2016.

DURAN, J.R. **Apartamento.** 2013. Disponível em: http://www.jrduran.com.br/news/arquivo/2013_04.php. Acesso em: 29 jul. 2019.

DURAN, J.R. **Cadernos de viagem.** São Paulo: Benvirá, 2012.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese.** Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1985.

EDIÇÃO Extra. Direção: Anna Lucchese. Brasil, 2018-2019, link da internet. Disponível em: https://www.youtube.com/user/casperlibero1/playlists. Acesso em: 22 abr. 2020.

ELEANOR Rigby. Intérprete: Paul McCartney. Compositores: Lennon/McCartney. Londres: Parlophone, 1966.

ELEFANTE. Direção: Gus Van Sant. Intérpretes: Alex Frost, Eric Deulen, John Robinson. Estados Unidos, 2003, DVD.

ENO, Brian e SCHMIDT, Peter. **Oblique Strategies.** Over One Hundred Worthwhile Dilemmas. [S. l.]: The Authors, 1975. Cards.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos.** Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

F FOR FAKE. Direção: Orson Welles. Intérpretes: Orson Welles, Oja Kodar, Elmyr de Hory. Estados Unidos, 1973, DVD.

FOUCAULT, Michel. **Technologies of the self.** London: Tavistock Publications, 1988.

FROZEN. Direção: Jennifer Lee e Chris Buck. Intérpretes: Kristen Bell, Idina Menzel, Jonathan Groff, Josh Gad, Santino Fontana. Estados Unidos, 2013, veiculação em televisão.

HARAWAY, D. **A Cyborg Manifesto:** Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century. Haraway, D. Simians, cyborgs and women: the reinvention of nature. New York, Routledge, p.149-181, 1991.

HELBICH, Luciane. **Documentarte**: Experiência com documentos e o pensamento Professoral. Aedos, v. 4, n. 11, set. 2012. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/30733. Acesso em: 07 abr. 2020.

INDEPENDENT. **Feminist group wins campaign to change how media reports domestic abuse.** 2019. Disponível em: https://www.independent.co.uk/life-style/women/domestic-abuse-reporting-guidelines-ipso-press-regulation-a8871996.html?fbclid=IwAR00-_581_jl5zcqfgGJygKoRHcLLvkAj9Mqr1XUUOEodPa7kYHU39Sy6_M. Acesso em: 15 out. 2019.

INDIANA Jones e os caçadores da arca perdida. Direção: Steven Spielberg. Intérpretes: Harrison Ford, Karen Allen, Paul Freeman, Ronald Lacey. Estados Unidos, 1981, DVD.

INDIANA Jones e o templo perdido. Direção: Steven Spielberg. Intérpretes: Harrison Ford, Kate Capshaw, Amrish Puri, Roshan Seth. Estados Unidos,1984, DVD.

INDIANA Jones e a grande cruzada. Direção: Steven Spielberg. Intérpretes: Harrison Ford, Denholm Elliott, Alison Doody, John Rhys-Davies. Estados Unidos, 1989, DVD.

INHOTIM. **George Bures Miller - Janet Cardiff.** The Murder of Crows. 2008. Disponível em: https://www.inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/the-murder-of-crows/. Acesso em: 09 abr. 2020.

JOGO de Cena. Direção: Eduardo Coutinho. Brasil, 2007, DVD.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

KAPLAN, Andreas & HAENLEIN, Michael. Users of the World, Unite! The Challenges and Opportunities of Social Media. **Business Horizons.** v. 53, n. 01, p. 59-68, 2010.

KNAFO, Danielle. Alone Together: Solitude and the Creative Encounter in Art and Psychoanalysis. **Psychoanalytic Dialogues**, v. 22, n. 01, jan. 2012. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/254311347_Alone_Together_Solitude_and_the_Creative_Encounter_in_Art_and_Psychoanalysis. Acesso em: 01 ago. 2019.

KILLING Eve. Diversos diretores, Reino Unido, 2019, veiculação em televisão.

LACMA. **Picasso's Greatest Print:** The Minotauromachy in All Its States. 2006. Disponível em: https://www.lacma.org/picasso-index. Acesso em: 09 abr. 2020.

LANCHNER, Carolyn. **Andy Warhol.** New York: The Museum of Modern Art, 2008.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel.** Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico:** de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIFE in a Day. Direção: Kevin Macdonald e Loressa Clisby. Estados Unidos, 2011, link da internet. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JaFVr_cJJIY. Acesso em: 22 abr. 2020.

MARCA registrada. Direção: Letícia Parente. Brasil, 1974, link da internet. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J5RakZ433wA. Acesso em: 22 abr. 2020.

MARZLIAK, Natasha. **Hélio Oiticica, quase-cinemas e as relações com a videoinstalação contemporânea.** 2012. 115f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Instituto de Arte, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284576. Acesso em: 07 abr. 2020.

ME AVISA que eu vou. Direção: Anna Lucchese. Brasil, 2018-2019, link da internet. Disponível em: https://www.youtube.com/user/casperlibero1/playlists. Acesso em: 22 abr. 2020.

MORENO, Patricia Ferreira. **Filme de Artista no Brasil da década de 1970:** formas e espaços diferenciados de produção e (re)produção. VIII EHA - Encontro de História da Arte. Campinas-SP, 2012. Disponivel em: https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2012/Patricia%20Ferreira.pdf. Acesso em: 07 abr. 2020.

MORENO, Patricia Ferreira. **Quasi cinema:** a musealização de filmes de artista no Brasil. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal-RN, 2013. Disponível: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364855713_ARQUIVO_PatriciaMoreno-TextoQuasicinema-anpuh2013.pdf. Acesso em: 07 abr. 2020.

NÁUFRAGO. Direção: Robert Zemeckis. Intérpretes: Tom Hanks, Helen Hunt, Nick Searcy. Estados Unidos, 2000, DVD.

NEYRÓTIKA. Direção: Hélio Oiticica. 1973, projeção.

NICHOLS, Bill. **Introduction to documentary.** Indianapolis: Indiana University Press, 2010.

NWEZE, E. **Writing Me, Raising Me, Beating the Drums Louder:** Fictional Autobiography as a Feminist Tool for Expression in African and Diaspora Women's

Writing. In: Writing the Self. Essays on Autobiography and Autofiction. Sweden: Elanders, 2015. p. 137-147.

O HOMEM das multidões. Direção: Cao Guimarães. Intérpretes: Paulo André, Sílvia Lourenço, Jean-Claude Bernardet. Brasil, 2013, projeção.

OLIVER, Martin S. **An Interpretation of Theseus and the Minotaur.** 2002. Disponível em: https://mo.co.za/other/theseus.pdf. Acesso: 09 abr. 2002.

PEL, Pelópidas Cypriano. Videoclipe e Artemídia: Obsolência Adolescente. **RUA - Revista Universitária do Audiovisual.** set. 2008. Disponível em: http://www.rua.ufscar.br/videoclipe-e-artemidia-obsolencia-adolescente. Acesso: 06 abr. 2020.

PESSOAS - contar para viver. Direção: Tatiana Toffoli, Pedro Cezar, Viviane Ferreira, Marco Del Fiol e Marcelo Machado. Brasil, 2019, projeção.

PICASSO, Pablo. *Minotauromachy*. Paris, 1935. 1 gravura 19,5 x 27,4 cm.

POPOVA, Maria. **Oblique Strategies:** Brian Eno's Prompts for Overcoming Creative Block, Inspired by John Cage. 2014. Disponível em: https://www.brainpickings.org/2014/01/22/brian-eno-visual-music-oblique-strategies/ Acesso em: 01 ago. 2019.

QUEM MATOU Eloá. Direção: Lívia Perez. Brasil, 2015, projeção.

RIES, Martin. **Picasso and the Myth of the Minotaur.** 1972/73. Disponível em: http://www.martinries.com/article1972-73PP.htm. Acesso: 09 abr. 2020.

ROBERTS, Royston M. **Descobertas acidentais em ciências**. Tradução de André Oliveira Matos. 2a. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

RUBENHOLD, Hallie. **The Five:** The Untold Lives of the Women Killed by Jack the Ripper. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2019.

RUIZ-NAVARRO, Catalina. **¿Por qué tan solitas?** 2016. Disponível em: https://www.elespectador.com/opinion/opinion/por-que-tan-solitas-columna-619895 Acesso em: 25 jun. 2017.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação:** a construção da obra de arte. Vinhedo: Editora Horizonte, 2016.

SERBENA, Carlos Augusto. Imaginário, ideologia e representação social. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 4, n. 52, p. 2-13, jan. 2003. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1944/4434. Acesso em: 17 set. 2019.

SILVA, V. O espaço fluído no imaginário das artes contemporâneas: a sensibilidade emergente. **Revista Geografia**, Literatura e Arte, v. 1, n. 1, p. 94-123. 2018.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta.** Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SIBILIA, Paula. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SWEATING Blood. Direção: Ana Mendieta. 1973, projeção.

TENREYRO, Tatiana. **The Terrifying True Story of How 'The Blair Witch Project' Was Made.** 2019. Disponível em:

https://www.vice.com/en_us/article/8xzy4p/blair-witch-project-oral-history-20th-anniversary. Acesso em: 29 jul. 2019.

TIROS em Columbine. Direção: Michael Moore. Estados Unidos, 2002, DVD.

UM CÃO Andaluz. Direção: Luis Buñuel. Intérpretes: Pierre Batcheff, Simone Mareuil, Luis Buñuel, Salvador Dalí, Jaime Miravilles. França, 1929, projeção.

VOLZ, Jochen. (org.). **Olafur Eliasson:** Seu corpo da obra. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, Associação Cultural e Videobrasil, 2011.

WINNICOTT, D. W. **The Capacity to be Alone.** Int. J. Psycho-Anal., 39:416-420, 1958.

WOOLF, Virginia. **A Room of One's Own.** London: Hogarth Press, 1929.

ZAMBONI, Sílvio. **A pesquisa em arte:** um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Editores Associados, 1998.

ZEVI, Clara. **Exhibitions.** Discover the Forgotten Films of Ana Mendieta. 2015.

Disponível em:
https://news.artnet.com/market/ana-mendieta-films-minneapolis-331843. Acesso em: 09 abr. 2020.

ZICA, Letícia. **Postcards by a feminist.** Disponível em:
https://www.leticiazicaphotography.com/postcards-by-a-feminist-1. Acesso em: 19 jul. 2019.

APÊNDICE A

Poema LUCCHESE nos EUA

When I was a little girl I really thought I could fly. And then I grew up. I used to have so many opinions about everything, but I started learning that stars are just as real as the ground under my feet and at last it didn't have the same magical brightness anymore. I used to be so curious about simple things, but the simple things became too ordinary to be part of my day. I've got busy and I've got used to the stuff around. It is just there and it has always been there. I did my math homework everyday of the week for twelve years of my life. Well, not really… but still, I don't like it. And worse than that, I don't think it adds anything to my life anymore. I'm not even excited to figure a problem out like before. It is all numbers that I copy from the board and then I copy it from the book and finally I recopy it in the test. It is sad, you know. Some people dedicated their whole lives to prove some of those things. For them, that wasn't just numbers or anything of the kind. For them, math could explain everything and the world could be represented by those simple numbers. They believed in that. And they died with this feeling of "there is something bigger, something huge out there and I need to know it." What do I believe? What am I searching for? When I look around I see so many things that amazes me! Things that change me or, better than that, things that awake an old feeling inside myself. It starts as a sentence, a sound, an image, or maybe a soft smell and suddenly a new world pops in my head and it is like that little girl is back again. And I can see the old small things without any serious obligation to keep me away from that. And I just want to never forget! (LUCCHESE, 1999)

APÊNDICE B

Poema LUCCHESE e os MIL ROSTOS

EU E OS MIL ROSTOS QUE CARREGO EM MIM

Estava cansada, mas precisava preparar o lanche da caminhada do dia seguinte. Enquanto passava a manteiga no pão, lembrei que você passava tomate. Abria no meio e esfregava na fatia para, depois, complementar com azeite e sal. Preparando o lanche, vi seu rosto e lembrei dessa sensação de acolhimento que ele me dava. Percebi que ainda o carregava comigo: o seu rosto. Lembrei que, quando voltei a correr, tive um momento parecido, só que a lembrança era de outra pessoa que a vida também me presenteou. Um rosto que me ensinou a persistir. Assim, cinco minutos correndo viraram dez, depois quinze e cada dia trazia outro minuto de fôlego. Já não tínhamos mais contato quando tentei correr de novo. Senti uma tristeza enorme. Carregava você comigo, você outro. Mas encontrei mais companheiros de corrida pela vida e seus rostos foram se somando ao seu. Quando terminei minha primeira prova de dez quilômetros, todos eles vieram juntos de forma caótica trazendo tantos sentimentos diferentes que conseguí, por instantes, ocupar parte do espaço que o rosto de uma decepção amorosa ocupava. Mais um rosto. Senti conforto naquelas pessoas que me afastavam de um momento ruim. Mas quando tive outra decepção amorosa, veio o rosto do amor interrompido. Não só aquele, como muitos outros, diferentes tipos de amor, diferentes decepções, mas todas estavam lá, pontuais na sensação. Aos poucos, os rostos que me confortavam foram se escondendo. Depois de um tempo, mesmo quando o amor ia bem, o que de mim aflorava, eram os rostos da frustração, da rejeição, do descaso, que viriam mais cedo ou mais tarde. Senti essa dor mesmo antes do amor se concretizar. Já não conseguia mais reviver a feição dos outros rostos. Só vinha aquele último olhar, o da ausência. Mas, um dia, desavisada pela vida, entro em uma sala de espelhos e sou obrigada a ficar alí por muito tempo. Sinto como se estivesse sendo observada. Mas estou sozinha vendo esses tantos ângulos de mim mesma que se propagam no

infinito. Vejo, mas não reparo. Tento desviar o olhar, distrair-me com outras coisas, mas só com os olhos fechados consigo fugir do meu rosto. Mas o tempo te doma quando as opções são poucas. Que linda é a vida de poucas opções. Dalí se extrai o máximo. Primeiro, dediquei-me ao que chamava mais a minha atenção: as imperfeições. Fiquei um período amaldiçoando as espinhas, rejeitando o nariz, contando as rugas, remexendo o cabelo, reparando onde a gordura se acumula com mais facilidade. Um dos espelhos, pelo ângulo, deformava meu rosto, mas me deixava mais magra. Assim, fiquei decorando as formas até que elas se tornaram paisagem, como um papel de parede que não muda, só se degrada com o passar dos dias. Passei a analisar o rosto de forma muito profunda, concentrada nos olhos. Onde estavam todas aquelas outras pessoas que carregava? Eu estava olhando para aquilo que alguém levaria de mim. Passei a trabalhar as expressões. Fui lembrando de memórias que um dia invadiram meu rosto. E percebi como ele era o escudo da minha alma, uma feição que se defende. Tentei resgatar no pensamento minhas fotos de criança. Dessa vez, não perdi tempo com as imperfeições. Acabei indo direto para um olhar curioso estampado em um retrato de 85, feito no quintal de casa. Passei pelo sorriso afetuoso ao ver o cachorro de uma vizinha em 87. Esbarrei em uma feição indescritível que representava o que senti quando a onda do mar avançou até meus pés pela primeira vez em 83. Encontrei em todas aquelas fotos o mesmo rosto: o meu. Voltando ao espelho, tive muitas saudades dele, daquele meu rosto, mais do que qualquer outro rosto que tivesse passado pela minha vida. Foi assim que nos reencontramos. Eu e meu rosto. Com a ajuda do tempo e do quarto de espelhos. (LUCCHESE)

APÊNDICE C

Poema LUCCHESE na INFÂNCIA

A RISADA QUE VEM DA INFÂNCIA

Tô que nem escapamento de fusca na enchente
Meu irmão olhou para mim
Sua cúmplice de infância
E riu

Tô que nem escapamento de fusca na enchente
E eu pensava no fusca
Que só meu irmão ganhou
Dos nossos pais

Tô que nem escapamento de fusca na enchente
E me vinha o muro de casa
E meu pai puxando as crianças do vizinho
Da enchente

O muro que eu não alcançava
Que os gatos saltavam
E não sabiam voltar

O muro que escalamos
Com a ajuda de um pneu
Que tombou e nos deixou pendurados

Fiz xixi, de tanto rir
Pendurada no muro

Tô que nem escapamento de fusca na enchente
Meu irmão falou e riu
E eu lembrei do xixi
(LUCCHESE, 2019)

APÊNDICE D

Poema LUCCHESE em MERGULHA EM MIM

Acordei agora. Perdi a hora. Acabo de começar o dia e já estou fora do lugar. Estou olhando para a porta que dá para o quintal e percebendo que há muita luz entrando pelo vidro. A porta é de madeira com quadrados de vidro fosco. Dá a sensação que eu moro em uma casa de veraneio. Mas às 5 da manhã só há escuridão. Agora são 8h5. Uma sensação muito forte que eu carregava, deixou meu corpo. Acabo de notar a sua ausência. Alguma coisa dentro de mim, mudou. (LUCCHESE, 2018)

APÊNDICE E

Poema LUCCHESE em POSTAL DO CORPO

CARTÃO POSTAL DO CORPO.

Acordei cedo no primeiro dia e caminhei até o ventre para ter uma visão geral. Rumei norte até o umbigo. Apreciei a vista do orifício imaginando o que estaria do outro lado. No dia seguinte, segui viagem até o peitoral. Estava cansada. Tinha a opção de continuar pelo vale ou arriscar uma escalada. Escolhi o seio direito pela pinta que estava logo adiante. Quando alcancei a ponta, pingava suor. Mas que vista! Sentei um pouco no conforto dos mamilos para recuperar o fôlego. Esperei um vento favorável e peguei um atalho pelos ares até a boca. Que voo! Que aterrissagem! Que pôr de sol maravilhoso! Amanhã tem mais. O sul promete um dia inesquecível. Mas você terá que imaginar como foi enquanto lê este postal. Aproveite a vantagem desses mistérios entre o tempo passado, presente e futuro da correspondência, que nunca poderemos controlar. (LUCCHESE, 2018)

APÊNDICE F

Artigo POR QUE VIAJO SOZINHA? A SOLITUDE FEMININA E A JORNADA DO EU. Apresentado na III JORNADA INTERNACIONAL GEMINIS - JIG 2018.

Resumo: Esta pesquisa artístico-científica tem como foco a temática da solitude feminina na sociedade contemporânea, em especial, como essa experiência reverbera no processo criativo e na expressão do eu. O Trabalho Equivalente à Dissertação de Mestrado, tendo como ponto de partida a minha vivência e o relato audiovisual de mulheres que viajam sozinhas, expressa, em peça de artemídia, o pensamento/sentimento resultante da pesquisa teórica e de experimentos de criação artística.
Palavras-chave: Artemídia; Processos e Procedimentos Artístico-Científicos; Solitude feminina.

Abstract/Resumen: This artistic and scientific research is focused on the subject of feminine solitude in contemporary society, mainly, how this experience reverberates throughout the creative process and self-expression. The equivalent work to the Master's Thesis, which is based on my experience and audiovisual narratives from female solo travelers, expresses through a media art piece the thought/feeling resulted from theoretical research and experiments of artistic creation.
Keywords/Palabras clave: Media Art; Artistic-Scientific Processes and Procedures; Feminine Solitude.

INTRODUÇÃO

Este artigo traz algumas reflexões decorrentes da minha atual investigação de mestrado iniciada em março de 2018 no Instituto de Artes da Unesp, dentro da linha de pesquisa Processos e Procedimentos Artísticos, sob orientação do Prof. Dr. Pelópidas Cypriano PEL.
O estudo tem como objetivo criar uma peça de artemídia a partir de experimentos que se originam da experiência vivida por mulheres em viagens marcadas pela solitude. Tendo como base a minha jornada pessoal e o diálogo com outras viajantes, proponho uma releitura dessa vivência através de um tratamento criativo do estudo, com desdobramentos interdisciplinares que transitam pela sociologia, filosofia, comunicação e arte.

A minha expectativa é criar uma obra que provoque uma reflexão sobre como o prazer e a liberdade encontrados no ato de viajar sozinha podem manifestar-se através do eu e resultar em uma importante estratégia de enfrentamento social e transformação pessoal. Utilizo a palavra expectativa no lugar de hipótese por se tratar de uma investigação no campo das artes, que possui peculiaridades específicas, como analisa Sílvio Zamboni em seu livro A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência.

A escolha do tema da pesquisa surgiu após a observação de manifestações de reação ao assassinato de duas turistas argentinas, Marina Menegazzo, de 22 anos, e María José Coni, de 21 anos, no Equador, em fevereiro de 2016. A morte das jovens gerou uma comoção global que se organizou com o auxílio da hashtag #ViajoSola.

Em primeiro de março do mesmo ano, a estudante paraguaia de comunicação, Guadalupe Acosta, escreveu, em seu perfil do Facebook, um relato em primeira pessoa, no qual se colocava no papel das vítimas, descrevendo como se fosse elas, o que havia ocorrido.

O texto viralizou pela internet e foi citado em diversos artigos jornalísticos na época. Além de demonstrar sua indignação pelo assassinato das turistas, Acosta denunciava a cobertura tendenciosa dos fatos pelos veículos de comunicação, que sugestionava certa culpa por parte das vítimas, por se colocarem em uma situação de risco ao viajarem sem uma companhia masculina.

Ao escolher a primeira pessoa na escrita, a estudante se apropria do fragmento de uma experiência pessoal, vivida por outro indivíduo, e cria uma releitura, que provoca uma sensação de universalidade da experiência e instiga uma reflexão sobre a condição da mulher na sociedade em que vivemos.

> Ayer me mataron. Me negué a que me tocaran y con un palo me reventaron el cráneo. Me metieron una cuchillada y me dejaron que muriera desangrada. Cual desperdicio me metieron a una bolsa de polietileno negro, enrollada con cinta de embalar y fui arrojada a una playa, donde horas más tarde me encontraron. Pero peor que la muerte, fue la humillación que vino después. Desde el momento que tuvieron mi cuerpo inerte nadie se preguntó donde estaba el hijo de puta que acabo con mis sueños, mis esperanzas, mi vida. No, más bien empezaron a hacerme preguntas inútiles. A mi, ¿Se imaginan? una muerta, que no puede hablar, que no puede defenderse. ¿Qué ropa tenías? ¿Por qué andabas sola? ¿Cómo una mujer va a viajar sin compañía? Te metiste en un barrio peligroso, ¿Qué esperabas? (ACOSTA, 2016)

O texto ilustra como o uso expressivo do eu tem se ampliado de diferentes formas na contemporaneidade, como parte de um novo paradigma de interação social, tornando-se, entre outras especificidades, uma ferramenta importante para a construção de um

protagonismo mais diversificado e inclusivo nos meios de comunicação, fruto de um processo que tem como origem o modelo de comportamento difundido nas redes sociais virtuais.

Esse novo clima de época que hoje nos envolve parece impulsionar um conjunto de transformações que atingem, inclusive, a própria definição de você e eu. A rede mundial de computadores se tornou um grande laboratório, um terreno propício para experimentar e desenvolver novas subjetividades e outras formas de se relacionar com os demais. Em seus diversos canais nascem modos inovadores de ser e estar no mundo, que por vezes parecem saudavelmente excêntricos e megalomaníacos, mas outras vezes - ou ao mesmo tempo - afundam-se na pequenez mais rasa que se pode imaginar. Como quer que seja, não há dúvidas que esses reluzentes espaços devem ser observados com atenção, nem que seja porque se apresentam como os cenários mais adequados para montar um espetáculo de novo cunho, embora cada vez mais estridente: o show do eu. (SIBILIA, 2016, p. 52-53)

Pesquisadores que investigam o eu, como Paula Sibilia, levantam um questionamento crítico com relação ao crescimento do narcisismo, do individualismo, da solidão, do vazio existencial e da necessidade constante de exposição para a construção da identidade. Mas alguns teóricos, como Manuel Castells, também trazem o reconhecimento de uma união entre grupos que se identificam e que enfrentam certos medos ao conectar-se com outras solitudes que questionam padrões de comportamento e limitações impostas pela sociedade, através dessa nova expressão do eu.

> Envolvendo-se na produção de mensagens nos meios de comunicação de massa e desenvolvendo redes autônomas de comunicação horizontal, os cidadãos da era da informação tornam-se capazes de inventar novos programas para suas vidas com as matérias-primas de seu sofrimento, suas lágrimas, seus sonhos e esperanças. Elaboram seus projetos compartilhando sua experiência. Subvertem a prática da comunicação tal como usualmente se dá, ocupando o veículo e criando a mensagem. Superam a impotência de seu desespero solitário colocando em rede seu desejo. Lutam contra os poderes constituídos identificando as redes que os constituem. (CASTELLS, 2013, p.11)

Assim, a comunicação baseada na experiência pessoal e em um eu que manifesta desejos e necessidades de transformação, ganha um campo fértil de expressão através da internet.

A SOLITUDE FEMININA E A TRANSFORMAÇÃO DO EU

Tendo como ponto de partida a observação e análise dos desdobramentos do movimento coordenado através da hashtag #ViajoSola e o estudo de teóricos do campo da comunicação, da filosofia e da sociologia, elaborei um primeiro experimento em abril de 2018 com o objetivo de criar uma obra artística que serviria de protótipo para a peça artemídia que constituirá meu Trabalho Equivalente à Dissertação de Mestrado.

A ideia era provocar uma sensação de questionamento e transformação sobre o tema da solitude feminina. A própria escolha da palavra solitude, ao invés de solidão, cria uma ressignificação da experiência de estar só, agregando uma conotação positiva. A definição do termo solitude empregada neste estudo tem como base a dissertação de doutorado em filosofia de Karin Leah Arndt, intitulada A room of one's own, revisited: an existential-hermeneutic study of female solitude.

A pesquisadora ressalta que a palavra é, muitas vezes, articulada em contraste com o caráter negativo de isolamento ou alienação. A solitude é definida como um estado que se busca e não uma situação em que se é colocado pelo distanciamento dos outros. Ou seja, há um valor de protagonismo agregado à ação, em oposição a um processo decorrente de uma atitude passiva. Essa decisão de estar só também provoca, segundo a autora, uma consciência ampliada do eu.

Ao abordar as especificidades da solitude feminina, Karin Leah Arndt destaca o papel do medo de um dano físico que preenche o imaginário das mulheres e torna-se um obstáculo à experiência de estar só.

> It seems important to add that a woman not only needs to be watchful of potential physical harm but also sexual objectification while experiencing outdoor solitude. A woman walking the streets in a patriarchal society is too often understood to be a streetwalker, a visual spectacle, a commodity available at a price to men, in contrast to the male equivalent of the nomad or "le flaneur" sauntering anonymously through the city streets, communing with the world on his own terms. (ARNDT, 2013, p.20)

Tendo a solitude feminina em mente, elaborei um experimento com a proposta de transpor esse e outros obstáculos criados no imaginário feminino pelo convívio social. Como procedimento metodológico de trabalho, busquei comunidades e grupos de mulheres que viajam sozinhas em redes sociais virtuais e pedi que elas colaborassem com o projeto, enviando diferentes tipos de materiais com o registro de suas viagens. Delimitei o que poderia ser enviado em três tipos de colaborações distintas, sendo elas:

- Um cartão postal do local visitado com a descrição no verso do momento em que a pessoa decidiu fazer a viagem sozinha.

- Um vídeo de aproximadamente 30 segundos feito com câmera ou celular de um local que tenha provocado uma sensação de transformação na viajante.

- Um áudio enviado por whatsapp descrevendo o que viveu e sentiu durante a experiência de viajar sozinha.

Fiz um vídeo, em que me coloquei na primeira pessoa, pedindo a contribuição dessas mulheres e explicando que usaria esses materiais em uma videoinstalação, que representaria a minha releitura pessoal das experiências vividas por elas.

Outro ponto importante desse experimento era observar como os diferentes eus femininos se expressavam através de meios variados, desde um material mais tradicional e já em desuso, no caso do cartão postal, até uma ferramenta tecnológica atual, como o whatsapp.

Há também uma proposta de diálogo entre diferentes solitudes. A ideia é criar um dispositivo que provoque um contraponto a algumas formas de expressão interiorizadas, como o diário, a selfie e o blog, que simulam uma conversa de uma pessoa com ela mesma, um processo de contato consigo. Para transpor essa ideia de interiorização, proponho a simulação de um diálogo entre duas pessoas, substituindo o diário pelo cartão postal, a selfie pelo vídeo que registra o olhar para o mundo, diante de uma experiência transformadora e, finalmente, a mensagem de áudio do whatsapp que é direcionada a um receptor específico.

Com a troca de experiências diversas que se originam a partir desse pedido, inicio um processo de releitura do imaginário criado ao redor do tema da solitude feminina e utilizo o experimento como um desdobramento investigativo do estudo teórico.

O POSTAL DO CORPO E O HYPERCUBE MUSEUM

O material enviado pelas mulheres que viajam sozinhas foi destinado a uma videoinstalação concebida para a II Mostra de Práticas Híbridas, organizada pelo Prof. Dr. Agnus Valente, no Instituto de Artes da Unesp, no período de 8 à 11 de outubro de 2018, com projetos desenvolvidos para a disciplina Meios de Produção e Práticas Híbridas na Arte Contemporânea. A proposta da Mostra era que cada um dos artistas-pesquisadores participantes criasse uma obra artística relacionada à sua linha de pesquisa.

A primeira proposta de releitura do material enviado que produzi foi o Postal do Corpo. Essa peça de artemídia foi projetada, em princípio, no formato de um videopoema no qual escrevo em primeira pessoa, em um cartão postal, o relato de uma viagem feita pelo meu corpo por mim. O cartão é ilustrado por uma imagem de São Paulo, cidade onde habito.

Idealizado inicialmente para a II Mostra de Práticas Híbridas, o Postal do Corpo foi incorporado também a uma proposta de criação coletiva desenvolvida pelo grupo de pesquisa Artemídia e Videoclipe, coordenado pelo Prof. Dr. Pelópidas Cypriano PEL, intitulada Hypercube Museum.

Projetado e desenvolvido pelo aluno de graduação do Instituto de Artes da Unesp, Guilherme Hammel, que integra o grupo, o Hypercube Museum simula o ambiente de um museu através de um espaço virtual em que é possível acessar obras criadas por artistas-pesquisadores cujos trabalhos são orientados pelo Prof. Dr. Pelópidas.

Cada uma das obras é o resultado de experimentos de investigação de processos e procedimentos artísticos, desenvolvidos a partir de alguns pontos de convergência, entre eles, o hibridismo que nasce do conceito de artemídia, as descobertas ao acaso ou serendipidade advindas de experimentos, o pensamento/sentimento expresso através do relato em primeira pessoa e o diálogo com a experiência social contemporânea. Assim, essas características em comum aproximam o pensamento artístico-científico dos suportes criados com as tecnologias atuais e com as formas de expressão e fruição de obras híbridas que se transformam à medida que transitam pelos universos em expansão das mídias contemporâneas.

> Se toda arte é feita com os meios de seu tempo, as artes midiáticas representam a expressão mais avançada da criação artística atual e aquela que melhor exprime sensibilidades e saberes do homem do início do terceiro milênio. (MACHADO, 2010, p.10)

A experiência proporcionada pelo Hypercube Museum traz como característica a possibilidade de uma ação interativa, na qual o espectador escolhe as obras que deseja ver e o tempo que passa com cada uma delas. Além disso, ao ter o contato com um conjunto de obras dentro de uma peça única representada pelo museu virtual, há um novo sentido atribuído ao todo, que transforma o valor representativo de cada uma das obras inseridas dentro do Hypercube Museum.

Ao adaptar as obras ao novo suporte, Guilherme Hammel produz algumas modificações para que haja uma adaptação e uma unidade estética ao conjunto. O Postal do Corpo ganha uma forma tridimensional que pode ser observada com novas possibilidades de pontos de vista. O espectador agrega mobilidade à experiência cujo tema está relacionado ao movimento, a um trajeto de descobertas empreendido pelo eu que escreve o relato no cartão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A convergência, não só de mídias, como de áreas do conhecimento e de formas de expressão e criação, trazem um espaço fértil de experimentação e de descobertas para o campo artístico-científico. Dentro da linha de pesquisa Processos e Procedimentos Artísticos e do grupo de pesquisa Artemídia e Videoclipe, há um caminho de investigação que transita, em sua essência, pela comunicação e pelas artes, sem deixar de buscar embasamento em outras áreas do conhecimento. Os artistas-pesquisadores que integram o grupo fazem parte da graduação e da pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp, agregando assim, uma convergência entre diferentes níveis de estudo acadêmico. Os projetos de investigação discutem os desenvolvimentos tecnológicos da linguagem e das mídias contemporâneas e traduzem, através de criações artísticas, as transformações sociais de nosso tempo.

Dentro desse contexto, o estudo da expressão do eu e da solitude feminina como ferramentas de criação, traz uma conexão com esse processo de transformação atual e culmina com uma reflexão sobre como o relato pessoal reverbera no imaginário coletivo.

O pensamento/sentimento que é descrito neste estudo, através do discurso em primeira pessoa, traz as observações de experimentos realizados com criações que transitam por diversas mídias e utilizam diferentes formas de expressão, com resultados imprevisíveis, que acompanham o conceito de serendipidade, e agregam o elemento do acaso às descobertas científicas geradas durante o processo, seguindo os fundamentos teóricos de Royston Roberts.

A criação da peça de artemídia Postal do Corpo e sua posterior transformação dentro de outra peça representada pelo Hypercube Museum, trouxeram como resultado releituras de um fenômeno de enfrentamento social representado pelos relatos pessoais de mulheres que viajam sozinhas e que almejam a transformação de um imaginário que associa a solitude feminina ao medo. Cada releitura traz um novo contato com esse fenômeno e produz mais um espaço de reflexão. Forma e conteúdo convergem através da criação artística.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Guadalupe. Ontem me mataram. 2016. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/02/internacional/1456911848_192026.html. Acesso em 25/junho/2017.

ARNDT, Karin Leah. A room of one's own, revisited: an existential-hermeneutic study of female solitude. 2013. 458 f. Dissertation submitted to the McAnulty College and Graduate School of Liberal Arts Duquesne University, in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy, Michigan, 2013.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CATTANEO, Guilherme Hammel. Hypercube Museum. 2018, Instalação digital online. Disponível em: <https://hypercubemuseum.tumblr.com/> Acesso em: 8 Nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. Technologies of the self. London: Tavistock Publications, 1988.

LUCCHESE, Anna Carl. Postal do Corpo. 2018, videopoema em espaço virtual. Disponível em: <https://hypercubemuseum.tumblr.com/post/177394568403/postal>. Acesso em: 28 Nov. 2018.

MACHADO, Arlindo. Arte e mídia. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

PIÑEIRO-OTERO, Teresa e MARTÍNEZ-ROLÁN, Xabier. Los memes en el activismo feminista en la Red. #ViajoSola como ejemplo de movilización transnacional. Em: Cuadernos.info, (39), 17-37, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/30764182/Los_memes_en_el_activismo_feminista_en_la_Red._ViajoSola_como_ejemplo_de_movilizaci%C3%B3n_transnacional. Acesso em: 20/junho/2017.

ROBERTS, Royston. Descobertas acidentais em ciências. Campinas, SP: Papirus, 1995.

SALLES, Cecília Almeida. Redes da criação - a construção da obra de arte. Vinhedo: Editora Horizonte, 2016.

SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

TURKLE, S. Life on the screen: identity in the age of the Internet. New York: Simon & Schuster, 1995.

ZAMBONI, Sílvio. A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Editores Associados, 1998.

APÊNDICE G

Artigo A CONSTRUÇÃO DO PROTAGONISMO E A EXPRESSÃO DO EU EM #VIAJOSOLA. Apresentado no XII CONGRESSO MUNDIAL DE COMUNICAÇÃO E ARTES - WCCA 2019.

As mulheres da Era Digital usam seus corpos e sua experiência pessoal como ferramentas de questionamento de paradigmas de comportamento propagados pelos meios de comunicação de massa e pelas instituições por onde circulam. Através de uma articulação em rede, transitam entre o espaço virtual e físico, protagonizando a transformação social que almejam. Dentro desse contexto, a campanha virtual #viajosola é, aqui, utilizada como ponto de partida para uma reflexão sobre pensamentos e sentimentos que se manifestam através da expressão do eu diante da experiência de estar só no contexto da sociedade contemporânea.

#viajosola; expressão do eu; protagonismo feminino; estar só.

I. Introdução

Este estudo traz reflexões sobre a campanha virtual #viajosola que deram origem ao meu projeto de pesquisa artístico-científica sobre o tema da solitude feminina na sociedade contemporânea e em como essa experiência reverbera na expressão do eu. O tratamento dos dados referentes à campanha utilizado neste texto é embasado no estudo teórico desenvolvido por Manuel Castells sobre movimentos sociais do século XXI, no texto Manifesto Ciborgue [1], de Donna Haraway, e no ensaio Um quarto só para si [2], de Virginia Woolf.

Por se tratar de uma pesquisa que transita entre os campos das artes, da comunicação e da sociologia e analisa um fenômeno que se estabelece diante de questões inerentes à transformação cultural em andamento na sociedade contemporânea, faz-se necessária uma abordagem multidisciplinar que, no caso do meu projeto de mestrado, objetiva um Trabalho Equivalente materializado em uma peça de artemídia.

Este estudo teórico que precede a criação artística analisa o poder expressivo do eu e a construção do protagonismo feminino, fazendo um paralelo entre as reflexões que sugiram nas diferentes épocas e contextos os quais aludem a referência teórica utilizada como base para a análise da campanha #viajosola.

II. O movimento feminista na era digital

Os novos movimentos sociais, caracterizados por uma associação em rede, que transita entre o espaço virtual e as ruas, está mudando a maneira como o indivíduo manifesta-se diante de questões políticas. A internet e a comunicação através das redes sociais virtuais criaram um espaço de articulação potente e ágil que possibilita a atuação e o posicionamento do cidadão comum, que acaba encontrando, nos grupos com os quais se identifica, maneiras para conseguir transformar sua emoção em ação. Essas ações

objetivam a transformação de uma estrutura social criada por instituições e que não atende aos desejos da população em geral ou de grupos específicos que anseiam por representatividade dentro da estrutura em que estão inseridos.

Manuel Castells inicia seu livro Redes de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da internet [3] descrevendo o contexto político e social atual, caracterizado pela falta de confiança das pessoas nos governos e na mídia. Seu estudo tem como ponto de partida a análise dos movimentos sociais que surgiram na Tunísia e na Islândia em 2009 e segue para as diversas manifestações populares que espalharam-se pelo mundo nos anos seguintes.

Apesar de haver uma motivação forte da indignação ligada a questões como a pobreza, a crise econômica e a falta de democracia em diversas regiões do globo, essas insurreições populares são o efeito direto da quebra do contrato social, elas nascem da raiva diante da falta de compromisso das organizações que detêm o poder financeiro, político e cultural.

Dentro desse contexto, Castells analisa o papel fundamental da criação de movimentos em rede como ferramenta-chave de articulação social. As pessoas passam a se conectar em redes, formando grupos com interesses em comum. Juntas, começam a discutir os problemas diretamente ligados ao tema que as aproxima e criam uma estratégia de mobilização na tentativa de transformar a realidade ao seu redor. Dessa forma, elas tentam elaborar de forma própria um caminho para fazer sua história e viver a realidade que almejam.

Esse processo inicia-se nas redes sociais da internet, um espaço de autonomia diferente dos meios de comunicação em massa institucionalizados, dominados pelo governo e por empresas. Essa união, na segurança do ciberespaço, ajuda as pessoas a enfrentarem o medo da repressão do governo e articularem ações para ocupar o espaço público.

As mulheres, desde cedo, perceberam a importância dos meios de comunicação como ferramenta de construção de práticas e de ideais políticos e sociais. Com o surgimento da internet, já na década de 1990, diversos grupos feministas começaram a se articular dentro desse novo espaço de troca de informações.

Além de sites específicos sobre temas relacionados a luta das mulheres, também na década de 1990, inicia-se o ciberfeminismo, um movimento que baseia-se no uso de tecnologias para a criação de arte visual dentro do mundo digital. As ciberfeministas defendiam o anonimato para a construção de uma identidade digital, sem gênero, que podia ser tudo, dentro do espaço virtual.

A construção do eu e da identidade, inclusive, foi um tema muito recorrente nas discussões feministas da época. O livro Life on the Screen [4] fala sobre a criação de múltiplos eus e das possibilidades de liberdade que muitas mulheres acreditavam ser possível com o uso da internet.

Em 1991, Donna Haraway escreveu o Manifesto Ciborg [1], em que esboçou a criação de um mito político irônico no qual as mulheres podiam se mascarar e encontrar uma linguagem comum dentro do espaço virtual. Um organismo híbrido entre a máquina e o ser humano, o ciborg representava a identidade que a autora gostaria de assumir, congregando a experiência que o movimento feminista da época gostaria de viver.

Assim como os demais movimentos em rede descritos por Castells, o feminismo utilizou a internet como um importante instrumento de união solidária entre mulheres e feministas de todo o mundo. Também seguindo a linha otimista de Castells, as ciberfeministas acreditavam que construiriam uma identidade política e uma unidade universal que

agregaria todas as mulheres com o uso da tecnologia dentro de um ambiente livre no espaço virtual.
Com o passar do tempo, as ciberfeministas foram percebendo que a internet reproduzia muito do que era a sociedade no mundo real e a utopia de uma unidade de gênero foi dando espaço a expressões diversas em um intercâmbio de experiências híbridas e fragmentadas pelo ciberespaço.
Carla de Abreu, em seu artigo Narrativas digefeministas: arte, ativismo e posicionamentos políticos na internet [5], descreve uma nova geração de ativistas que atualmente utilizam as redes sociais virtuais de uma forma diferente do movimento ciberfeminista que as precedeu, utilizando-se da experiência pessoal como ferramenta expressiva.
Carla de Abreu chama essas novas ativistas de digifeministas, jovens que congregam muito das características de sua geração, a geração da selfie, da dispersão e da fragmentação, com feminismos plurais, que experimentam novas formas narrativas para contar suas próprias histórias, expondo suas experiências pessoais e assumindo o discurso na primeira pessoa.

III. A construção do protagonismo e a expressão do eu

O discurso em primeira pessoa, os relatos pessoais e a autorrepresentação são características que acompanham a geração da selfie e estão construindo um efeito empoderador eficiente dentro do ativismo na Era Digital. Quando uma mulher assume o protagonismo de ações que lhe são negadas pela sociedade e pelas instituições, ela começa a construir uma nova narrativa biográfica, com valor simbólico para o grupo que representa.
Ao assumir o comando de sua história, o sujeito desobedece os padrões impostos pela sociedade, pelo governo e pelas instituições, criando um novo caminho para o comportamento. Essa autodefinição serve tanto para a pessoa que age, como para muitas outras mulheres que passam a ter uma nova referência, um símbolo de luta dentro do ambiente opressor.
O termo literário autoficção, pode ajudar a entender esse fenômeno na comunicação da Era Digital. Cunhado por Serge Doubrovsky, em 1977, o estilo combina características da autobiografia e da ficção.
No artigo Writing Me, Raising Me, Beating the Drums Louder: Fictional Autobiography as a Feminist Tool for Expression in African and Diaspora Women's Writing [6], a autora Ebere Nnenna Agugbue Nweze analisa como algumas escritoras africanas estão utilizando essa técnica na literatura para criar personagens que transitam entre a realidade do presente, que narra a opressão e a luta das escritoras, e a ficção do futuro, vislumbrando o mundo ideal que o movimento feminista almeja. Com essas personagens como modelo, estimulam um comportamento autodefinido de mulheres que assumem o protagonismo de sua história com uma atitude confiante e firme, dentro de um ambiente cercado por barreiras sexistas.
Ao voltarmos para o espaço virtual, no contexto das digifeministas, temos jovens que criam perfis nas redes sociais e usam seu próprio corpo como instrumento de autoficção para servir como modelo de comportamento para outras mulheres.
Diferente do ciborg que Donna Haraway criou e que projetava um futuro distante, as jovens digifeministas estão criando um modelo de identidade em seus próprios corpos, no espaço e no tempo do aqui e do agora, uma ação que segue as características e a lógica do

comportamento na Era Digital, baseada no momento presente, na ação fragmentada e instantânea, agregando a sensação de intimidade revelada, aos olhos e aos ouvidos que estão em todos os lugares da vida cotidiana. Elas não falam sobre transformação, elas vivem uma história de transformação, em suas autoficções, que mostram as personagens as quais elas próprias estão se tornando e, levando junto, todo o grupo que representam.

IV. O assassinato das turistas argentinas e #viajosola

Duas turistas argentinas, Marina Menegazzo, de 22, e María José Coni, de 21, foram assassinadas no Equador em fevereiro de 2016. O incidente da morte das jovens gerou uma comoção virtual global que culminou na hashtag #viajosola.

A internet foi uma ferramenta chave que acompanhou o caso desde o desaparecimento de Marina e María José. Os familiares das duas utilizaram as redes sociais para denunciar o desaparecimento das jovens em 22 de fevereiro e buscar ajuda para encontrá-las. A fotografia delas e o apelo de seus parentes viralizaram na internet, chamando a atenção de autoridades como o presidente do Equador, Rafael Correa, e pressionando uma ação mais eficaz na busca pelas turistas.

As redes sociais também foram empregadas como instrumento de interlocução pelo governo. José Serrano, ministro de interior do Equador, utilizou o Twitter para divulgar o início da operação de busca das jovens e, posteriormente, informar o desfecho trágico da história com o assassinato das turistas e a prisão dos suspeitos pelo crime.

Em primeiro de março de 2016, a estudante paraguaia de Comunicação, Guadalupe Acosta, escreveu uma carta em primeira pessoa, na qual se colocava no papel de Marina e María José, descrevendo como se fosse elas, o que havia acontecido. Guadalupe publicou esse texto em seu perfil pessoal do Facebook [7]. As palavras da jovem denunciavam a maneira como muitas mulheres se sentiram ao ver a cobertura do caso feita pelos meios de comunicação oficiais e como a liberdade feminina estava sendo cerceada pela sociedade que culpava as vítimas por se colocarem em uma situação de risco que possibilitou os assassinatos simplesmente porque elas viajavam sem uma companhia masculina.

Uma questão muito comentada que chamou a atenção com relação a cobertura da imprensa foi o fato de alguns meios de comunicação contextualizarem a notícia dizendo que as jovens viajavam sozinhas. Na verdade, elas viajavam juntas. Alguns jornalistas como Catalina Ruiz Navarro, do jornal colombiano El Espectador [8], questionaram os julgamentos que estavam implícitos nesse tipo de colocação vindo da imprensa. “Viajar sozinha” deveria ser entendido como viajar sem a companhia de um homem? Como esse tipo de tratamento com relação às jovens trazia informações relevantes para o entendimento do caso? Elas tinham uma parcela de culpa em relação ao ocorrido?

Essa sequência de fatos culminou em uma mobilização virtual que utilizou a hashtag #viajosola para compartilhar registros pessoais caracterizados pela autorrepresentação e pelo discurso em primeira pessoa, nos quais jovens compartilharam suas experiências como mulheres que viajavam sozinhas. Essa ação, além da crítica aos meios de comunicação e aos mecanismos de enclausuramento machistas criados pela sociedade, geraram uma manifestação de protagonismo e empoderamento femininos alavancada pelas experiências pessoais de enfrentamento social disseminadas pelas redes sociais, em especial, nas plataformas do Facebook e do Twitter.

Muitos dos depoimentos escritos em primeira pessoa com a hashtag #viajosola vinham acompanhados de fotos que mostravam os registros das viagens feitos pelas autoras dos relatos. É interessante notar que além do discurso em primeira pessoa, a maioria das jovens mostrava provas de que estava ocupando um espaço fora do ambiente virtual. Elas estavam efetivamente exercendo o direito que reivindicavam. O eu transformou-se em ator de um processo de transformação.

Ao se colocar como ator do conflito em questão e ao enfrentar aquilo que se combate através da utilização do próprio exemplo como ato de desobediência, o relato dessas mulheres dá força e cria precedentes de transformação social. O direito de viajar livre e sem medo é construído pela ação do eu, protagonizado por uma cidadã comum que cria um fator de identificação e de solidariedade feminina, ação que alcança um impacto global ao ser viralizada pela internet através das redes sociais, com a ajuda de uma hashtag que facilita a busca e a conexão entre as diversas manifestações individuais.

V. Estar só

Tendo como base de estudo a observação e análise dos desdobramentos da campanha #viajosola, optei pela escolha do tema da solitude feminina para desenvolver a criação de uma peça de artemídia resultante da minha investigação artístico-científica de mestrado, iniciada em março de 2018, no Instituto de Artes da Unesp, dentro da linha de pesquisa Processos e Procedimentos Artísticos, sob orientação do Prof. Dr. Pelópidas Cypriano PEL.

Virginia Woolf, em 1929, no ensaio Um quarto só para si [2], fala sobre a necessidade de um quarto próprio para se escrever um bom romance. Nesse período, cresce a noção de individualidade, do ambiente privado e do íntimo. As transformações que a evolução da comunicação traz afetam as relações humanas. A construção da privacidade nasce com as sociedades industriais e com a vida nas cidades, no espaço urbano. Desse processo, cresce a interiorização que encontra um canal de expressão através da escrita e da leitura. Cresce a fruição de romances que acompanham a solidão do leitor.

Dessa necessidade de estar só, que destaca a escritora, até o período atual, há o desdobramento de um processo de transformação das mulheres e, consequentemente, da maneira como se expressam e protagonizam experiências e histórias na sociedade contemporânea.

O protagonismo da vida real solapa o romance e ganha destaque através da internet e da performance de si mesmo, instantânea e onipresente através da conexão em rede. A crescente exposição mostra contradições como a desproporção entre o aumento de número de blogs e a quedo do número de leitores. A introspecção e a reflexão que atribuem sentido a existência também perdem-se nesse processo de constante falar, postar, compartilhar e exibir-se. Essa introspecção, que é fundamental para o processo de autoconstrução, perde-se diante da constante exposição, da contínua interação com o outro.

Assim, o quarto só para si de Virginia Woolf faz-se necessário novamente. Diante do processo de transformação que o contemporâneo proporciona, é preciso um encontro com a solitude, para que cada indivíduo seja capaz de conectar-se com os processos internos que resultam do contato com a sociedade em que está inserido. Desse encontro e dos pensamentos e sentimentos que reverberam da experiência de estar só, é possível construir um processo criativo e expressivo que impulsiona diferentes formas de expressão no campo das artes, da comunicação e da sociologia.

Esse processo é utilizado em minha pesquisa de mestrado para a realização do Trabalho Equivalente que materializa a minha reflexão artística sobre a solitude feminina na sociedade contemporânea.

Referências

[1] D. Haraway, “A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century.” In: Haraway, D. Simians, cyborgs and women: the reinventation of nature. New York: Routledge, 1991, p.149-181.

[2] V. Woolf, “A Room of One’s Own”. London: Hogarth Press, 1929.

[3] M. Castells. “Redes de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

[4] S. Turtle, “Life on thescreen: identity in the age of the Internet.” New York: Simon & Schuster, 1995.

[5] C. de Abreu, “Narrativas digifeministas: arte, ativismo e posicionamentos políticos na internet. Salvador: Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, v.02, n. 04, p. 134-152, jan./abr. 2017.

[6] E. Nweze, Writing Me, Raising Me, Beating the Drums Louder: Fictional Autobiography as a Feminist Tool for Expression in African and Diaspora Women’s Writing. In: Writing the Self. Essays on Autobiography and Autofiction. Sweden: Elanders, 2015.

[7] ACOSTA, Guadalupe. Ontem me mataram. Facebook, 2016.

[8] RUIZ-NAVARRO, Catalina. ¿Por qué tan solitas? En: El Espectador. 2016.

APÊNDICE H

Artigo O DOCUMENTÁRIO E AS ARTES VISUAIS. O FILME ANDARILHO, DE CAO GUIMARÃES, E O CAMINHO ENTRE A SALA DE CINEMA E O ESPAÇO DO MUSEU. Apresentado no V CONGRESSO INTERNACIONAL HISTÓRIA, LITERATURA E ARTE NO CINEMA EM ESPANHOL E PORTUGUÊS – CIHALCEP 2019.

1. INTRODUÇÃO

Em outubro de 2006, o filme Andarilho, de Cao Guimarães, abre a 27ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo, que teve como temática a ideia de “como viver junto”. O documentário retrata a vida de três andarilhos que vivem à margem da sociedade, em suas caminhadas solitárias por ruas e estradas no nordeste de Minas Gerais. Em seguida, o filme percorreu importantes festivais de cinema no Brasil e no mundo e conquistou prêmios de melhor filme e melhor direção em alguns desses espaços dedicados à avaliação e à exibição de obras cinematográficas.

O presente artigo tem como objetivo fazer um levantamento de características que tornam possível esse documentário transitar entre a sala de cinema e os espaços dedicados à arte contemporânea, ou seja, museus, galerias e exposições de arte.

2. O DOCUMENTÁRIO E AS ARTES VISUAIS

Para entender o caminho percorrido por Cao Guimarães com seu filme, é preciso contextualizar não só a obra, mas o gênero documentário, dentro do campo de circulação da arte contemporânea, e fazer um levantamento histórico da transformação que possibilitou o diálogo entre diferentes formas de expressão na atualidade.

As artes visuais acompanharam a evolução tecnológica e social que criou um ambiente propício ao hibridismo e à experimentação, agregando diferentes suportes audiovisuais que foram se popularizando no decorrer do século XX e XXI e ganhando cada vez mais força expressiva até a atualidade.

2.1. A arte contemporânea e a transformação das artes visuais

A arte contemporânea é marcada por uma reflexão sobre a arte em si, sobre o conceito e sobre a ideia, além do objeto artístico. Há uma expansão da liberdade do artista com relação às regras que delimitavam alguns conceitos da arte, com uma busca maior pela subjetividade que abarca diferentes estilos artísticos, suportes e materiais em sua concepção. Os artistas contemporâneos também questionam as definições e os limites da arte, inclusive, aproximando suas produções do popular e instigando de diferentes formas a interação do público com a criação.

Esse panorama é descrito pelo crítico e escritor especializado em arte moderna e contemporânea Michael Archer, em seu livro Arte contemporânea: uma história concisa, no qual analisa a diversidade de expressões e recursos que fazem parte do repertório de

criadores contemporâneos. O autor ressalta que as classificações que dividiam esses profissionais em categorias como pintura, escultura, cinema, fotografia, performance, dentre outras, vão se diluindo diante de trabalhos que passam a incorporar técnicas e materiais de segmentos artísticos diversos. Além dos recursos tradicionais, a arte contemporânea também absorve elementos que não eram associados ao fazer artístico, como é o caso do readymade, objetos do cotidiano, fabricados em série, que artistas escolhem e ressignificam como obra de arte.

Essa ruptura provoca uma nova relação entre o público e o objeto artístico e o instiga com o exercício de fruição da arte com a qual ele estava se habituando. Assim, as pessoas são convidadas a uma nova experiência, mais ativa, com desafios interpretativos e sensoriais. Ademais, junto a uma dissolução de categorias artísticas e a um diálogo multidisciplinar, acrescenta-se uma maior acessibilidade às tecnologias audiovisuais, que possibilita a ponte entre o campo da arte e da comunicação.

A comunicação, por sua vez, também traz um diálogo com o cotidiano e com elementos presentes na vida do público. Essa aproximação, que transporta objetos do dia a dia para dentro do museu, estimula uma reflexão sobre a sociedade contemporânea e sobre como a transformação econômica e tecnológica molda a maneira como as pessoas vivem e interagem com o mundo ao seu redor.

> As famosas declarações de Warhol — de que ele queria ser uma máquina, de que no futuro todas as pessoas seriam famosas por quinze minutos, de que todos nós bebemos Coca-Cola e nenhuma soma de dinheiro dará ao presidente dos EUA uma garrafa melhor do que aquela que o vagabundo da esquina bebe — são todas reflexo disso. Para enfatizar o seu reconhecimento de que a arte não podia evitar ser tratada como mercadoria da mesma forma que latas de sopa, barras de sabão e caixas de cereal, Warhol apelidou seu estúdio de “A Fábrica” e descrevia o modo como seus assistentes o ajudavam na múltipla impressão das imagens por ele relacionadas como similar a uma linha de produção (Archer, 2001: 11).

No decorrer dessa transformação, o objeto em si, a obra de arte, deixa de ser o único protagonista da criação e o entendimento do processo, além do contexto em que o artista está inserido, passa a ser imprescindível para a fruição do trabalho. A pesquisa do caminho percorrido pelo criador torna-se, portanto, um elemento importante nas análises, tanto de críticos de arte como de profissionais do campo das ciências.

Cecília Almeida Salles é uma das pesquisadoras que percorre alguns desses caminhos em estudos que objetivam o entendimento de relações entre o artista, o contexto em que está inserido e seu público. Ela explica que “o percurso criativo observado sob o ponto de vista de sua continuidade coloca os gestos criadores em uma cadeia de relações, formando uma rede de operações estreitamente ligadas” (Salles, 1998: 88).

O consumo da arte contemporânea, que segue o contexto em que ela está inserida, fragmenta-se em diferentes meios de produção e exibição; assim, o caminho percorrido pelo criador e pelo público não é linear, fixo ou único. Um projeto pode materializar-se em forma de instalação e, posteriormente, transformar-se em um filme e sair do espaço do museu para as salas de cinema, possibilitando uma ampliação desse campo de circulação da criação.

Apesar da multiplicidade de opções com as quais artista e público podem interagir, é importante entender que todos os caminhos fazem parte de uma rede que conecta e dá sentido a essas operações, como descreve Salles. E justamente por estar inserida nesse contexto, a arte contemporânea manifesta as contradições inerentes aos sistemas econômico e social atuais. Uma expressão reflexiva e crítica pode facilmente perder-se e descontextualizar-se dentro da rede em que circula e das múltiplas possibilidades interpretativas as quais instiga através de sua subjetividade. A filósofa, escritora e artista plástica francesa Anne Cauquelin descreve a relação do artista com essa rede:

> O artista que entra ou 'é posto' na rede é obrigado a aceitar suas regras se quiser permanecer nela. Ou seja, renovar-se e individualizar-se permanentemente, sob pena de desaparecer dentro do movimento perpétuo de nominação que mantém a rede em ondas. Mas essa exigência de renovação e de individualizar-se contradiz constantemente outra exigência: a da repetição, da redundância. Com efeito, para que sua obra sature a rede e seja mostrada em toda parte ao mesmo tempo, é preciso que seja reconhecida por um signo de identidade. É preciso, então, que se repita. Que faça eco de si mesma (Cauquelin, 2005: 77).

Em meio às contradições do sistema em que a arte contemporânea circula e das necessidades de inserção no mercado que torna possível sua existência, pesquisadores, críticos, artistas e público deparam-se com desafios e questionamentos os quais incluem a busca de uma dinâmica de produção capaz de reter sentido, provocar a reflexão e tornar-se viável, acompanhando as transformações sociais, tecnológicas e estéticas do presente.

2.1.1. O processo de hibridização

O desafio de circular em uma rede heterogênea e difusa, as exigências do mercado, a necessidade de estar presente em diversos meios de circulação e trabalhar com diferentes tipos de linguagens para atingir públicos específicos, como analisa Anne Cauquelin (2005), são elementos que estimulam o crescente processo de hibridização.

O conceito de hibridismo é analisado por diferentes teóricos, com enfoques e propósitos que englobam uma ampla gama de aplicações. Aqui, é utilizada a definição de hibridismo teorizada por Charles Narloch (2007) em seu texto Das artes liberais ao hibridismo: a revolução dos conceitos nas artes visuais. Para o autor, o termo pode ser analisado por meio de três pilares, divididos em estética, ciência e sociologia. A partir dessa base tríplice, o hibridismo é definido, portanto, como um processo de incorporação de diferentes meios e linguagens artísticas, do diálogo interdisciplinar entre Arte e Ciência e, por fim, do ponto de vista sociológico, o conceito abrange a influência de uma miscigenação de diferentes culturas que permeiam as temáticas exploradas pela criação artística.

Ao analisar especificamente a entrada do cinema no campo das artes, o pesquisador Rogério Luiz Covaleski que também investiga o tema, relembra os apontamentos feitos pelo pesquisador italiano Ricciotto Canudo, ao referir-se ao meio como um formato híbrido em si, por agregar outras formas de expressão artística que o precederam.

> Em 1911, o pesquisador italiano Ricciotto Canudo publicou o livro intitulado O Nascimento de uma Sexta Arte, em que ele considerou que os filmes então realizados eram uma espécie de obra em síntese das artes do espaço: arquitetura, pintura e escultura; e das artes do tempo: música, dança e poesia. Canudo, mais tarde, também escreveu o Manifesto das Sete Artes (1923), mencionando pela primeira vez a expressão “sétima arte”, ao então recém-surgido cinema. Para Canudo, a obra cinematográfica era constituída por elementos das outras expressões, como o som, da música; o movimento, da dança; a cor, da pintura; o volume, da escultura; o cenário, da arquitetura; a representação, do teatro; a palavra, da poesia (Covaleski, 2012: 93).

Entre o surgimento do cinema e a atualidade, diversos exemplos de hibridização que envolvem a interseção entre linguagens artísticas e plataformas de exibição acompanharam uma tendência de convergência de meios que, do ponto de vista da comunicação, é estudada e definida por teóricos como Henry Jenkins, o qual descreve o fenômeno como uma forma de criação narrativa transmídia capaz de atender a diferentes nichos dentro da rede de circulação em que transita (Jenkins, 2009).

> Percebem-se combinações híbridas, por exemplo, envolvendo o cinema factual com o ficcional, como é o caso do documentário israelense Valsa com Bashir, de Ari Folman (2008), realizado em animação e indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, em 2009. Curiosamente, afora a questão da hibridização entre a realidade e a imaginação — por assim dizer — este filme gerou como subproduto a transposição de seus fotogramas para o papel, numa versão em “HQ” do documentário (Covaleski, 2012: 98).

Ao fazer um levantamento sobre o hibridismo e a inserção da linguagem do documentário no campo das artes visuais no contexto brasileiro, percebe-se que o experimentalismo de Arthur Omar é muito citado por diversos pesquisadores. Eliska Altmann, por exemplo, em um estudo sobre o tema, utiliza Andarilho (2006), de Cao Guimarães, e Folia no morro (2008), de Arthur Omar, para descrever o uso do formato de documentário por artistas plásticos como suporte de expressão (Altmann, 2012). A autora usa a expressão “pincel eletrônico”, que empresta de Philippe Dubois (2009), para descrever o que Omar faz com a câmera em seu filme, em uma construção estética que agrega fragmentações, combinações e prismas da realidade.

> No lugar de dispor espacialmente formas temporais (e narrativas) próprias a modos “enquadrados” do cinema documentário, Folia no morro reenquadra, despacializa, destemporaliza e desordena o ritual em tela múltipla, através da montagem (ou da desmontagem). O movimento passa a depender do tempo, que, por sua vez, é assimétrico: condensado, distendido, linear, invertido, alternado, paralelo (Altmann, 2012: 121).

Ao aproximar o trabalho do cineasta ao de um pintor, que retrata a realidade com seu próprio traço e movimento, a pesquisadora explicita a hibridização possível entre formas de expressão utilizadas em uma experimentação que amplia as possibilidades do artista visual.

2.2. O diálogo entre documentário e artes visuais no Brasil

No livro Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo, Consuelo Lins e Cláudia Mesquita (Lins; Mesquita, 2008) explicam que houve uma ruptura no estilo de registro do real no Brasil entre as décadas de 1970 e 1980, e novas abordagens marcam a transição do documentário moderno para o documentário contemporâneo nesse período.

A partir dos anos 1970, documentaristas brasileiros começam a questionar as premissas do formato do documentário feito até aquele momento e seu caráter de espelho da realidade. Um exemplo desse movimento é o filme Congo (1972), de Arthur Omar, em que o diretor constrói um antidocumentário, expondo a distância entre a verdade na visão do documentarista e a realidade vivida pelos objetos retratados. O filme começa com o título seguido da frase “um filme em branco”, e a partir dessa premissa é construída uma narrativa fragmentada com textos, palavras e frases que questionam o discurso que está sendo apresentado. O questionamento da forma, a construção de uma narrativa mais subjetiva e aberta à interação interpretativa pelo espectador, além da liberdade de criação presentes nessa obra de Arthur Omar, marcam uma aproximação com as tendências características da arte contemporânea e do processo de transformação das artes visuais descritos neste artigo.

2.2.1. Cinema de artista

Uma das peculiaridades que marcam a transição para o documentário contemporâneo é a participação do autor/diretor na história retratada. A visão do artista é explicitada e não mais oculta na construção da narrativa do documentário. O filme objetivo e factual passa a ser um registro de uma experiência e visão autorais e subjetivas da realidade.

Dentro dessa nova conjuntura nasce o que, posteriormente, seria classificado como cinema de artista, termo que evidencia a consolidação do cinema e do documentário dentro do circuito das artes visuais. Esse termo refere-se aos artistas brasileiros, dentre eles, Arthur Omar, que começavam a transformar seus filmes em objetos de expressão artística mais plástica, subjetiva e poética, afastando-se do registro objetivo e realista do mundo.

> O cinema de artista talvez pudesse ser compreendido como a soma de duas linguagens específicas, a do cinema propriamente dito e das artes plásticas, que, pela fusão dos dois media, acabaria por se configurar em uma terceira linguagem, particular e autônoma (Canongia, 1981: 8).

2.2.2. Cinema expandido

Outro conceito que se refere a essa transformação do cinema, que passa não só por uma simbiose em relação ao seu conteúdo, mas também à forma e ao espaço de exibição,

é o de cinema expandido. “O conceito de cinema expandido refere-se ao fazer e ao receber cinematográfico, para além das concepções inaugurais às quais esta arte ficou atada” (Aly, 2012: 63).

Ou seja, os cineastas que buscavam uma ruptura com as formas tradicionais de fazer cinema e que caminhavam no sentido de uma fusão com as artes plásticas, por meio da tecnologia e da circulação em novos espaços de exibição, como os museus e as galerias, expandiram não só os limites físicos da sétima arte, como também os limites da percepção e fruição por parte dos espectadores, que passaram a ser incluídos no processo de criação de sentidos das obras cinematográficas.

Segundo Natália Aly, sair da sala de cinema escura convencional e expor os dispositivos, os procedimentos criativos e a concepção por trás do filme inclui algumas das características do cinema expandido dentro da arte contemporânea que se desenvolve a partir dos anos 1970 no Brasil. Outra questão importante é o gesto de subversão da narrativa linear presente no cinema comercial tradicional. Artistas como Arthur Omar, em suas experimentações com documentário, expandem as possibilidades interpretativas do registro da realidade. A construção narrativa passa a estabelecer um tempo-espaço contínuo, propondo a sensação de uma experiência imersiva presente.

3. O FILME ANDARILHO DENTRO DO CONTEXTO DO DOCUMENTÁRIO NAS ARTES VISUAIS

O documentário Andarilho é o segundo trabalho feito por Cao Guimarães dentro da trilogia da solidão e, segundo o próprio artista, é uma obra que aborda “a relação entre o caminhar e o pensar”2. A narrativa é subjetiva e fragmentada, tendo como ponto de partida personagens que vivem à margem da sociedade e devaneiam solitários pelo mundo. O artista observa o cotidiano desses indivíduos e cria uma sensação plástica do universo que os rodeia.

Um exemplo dessa construção plástica é uma sequência em que, com a câmera fixa, Guimarães registra a estrada deformada pelas ondas de calor que formam um desenho abstrato e se mesclam com os movimentos dos carros e dos personagens que entram e saem do quadro.

É assim que Cao realiza, segundo ele, “um filme que se derrete na tela como os pensamentos quando se anda sobre um asfalto quente”, ou ainda, “um filme-fluxo, lentamente escorrendo pela tela, como as milhares de partículas que sedimentam uma estrada” (Almeida, 2014: 1124).

Com o filme, o cineasta faz uma investigação sobre a sociedade contemporânea e a maneira como as pessoas se associam em um convívio cercado pelo consumo e pelo ritmo acelerado, mas, nem por isso, isento de solidão. Ao mostrar indivíduos que vivem em uma realidade paralela, que seguem seu próprio ritmo em um fluxo de pensamento e caminhar, o filme faz um convite imersivo ao espectador, para que ele pare e observe esses seres humanos que passam despercebidos pelo cotidiano, ignorados em sua loucura de perambular pelo mundo, como descreve Almeida.

Guimarães não nos apresenta uma história linear com começo meio e fim, com conflitos que desencadeiam uma sequência de ações, como em uma narrativa tradicional do cinema. O espectador pode entrar na sala onde está sendo exibido Andarilho em qualquer ponto do filme e ser capaz de mergulhar nesse fluxo imersivo. Ou seja, no cinema ou no

espaço do museu, a obra cumpre sua função. “O que Andarilho revela é uma narrativa que não se refere mais a um ideal de verdade a constituir sua veracidade, mas torna-se uma ‘pseudo-narrativa’, um poema, uma narrativa que simula ou antes uma simulação de narrativa” (Almeida, 2014: 1126).

O espectador acompanha as falas dos três personagens que escapam pela boca como pensamentos desconexos, delírios que se misturam com memórias e assuntos cotidianos. O entendimento é fragmentado e o raciocínio se perde em palavrões e ruídos. Mais uma vez, o que interessa ao documentário não é um discurso objetivo, mas uma imersão poética e subjetiva.

Seguindo as características híbridas da arte contemporânea, Andarilho mistura diversos modos de representação do documentário. É possível ver no filme muitos dos modos descritos pelo teórico americano Bill Nichols em seu livro Introduction to documentary (Nichols, 2010). Podemos encontrar abordagens do modo observativo, reflexivo e poético. Sobre o modo poético, Piero Sbragia lembra: “Para Bill Nichols, há uma semelhança nesses documentários com a vanguarda modernista na arte. O artista, no caso o diretor, se preocupa mais com a forma do filme do que necessariamente com os atores sociais” (Sbragia, 2016: 54).

Cao Guimarães não está preocupado em contar a história de seus personagens de forma linear e objetiva, seu filme fala sobre o fluxo temporal, o caminhar, o pensamento e a vida à margem da sociedade. As informações apresentam-se de forma sensorial, dando espaço à interpretação múltipla do espectador.

4. CONCLUSÃO

Andarilho é uma obra de arte que reflete o tempo e a sociedade nos quais está inserida, é um mergulho poético e subjetivo, que cria sensações para serem desfrutadas de diferentes formas por quem vê o filme e caminha junto com os personagens, derretendo-se pelas estradas de Minas Gerais, em uma experiência híbrida e interpretativa, típica do universo da arte contemporânea. A forma do filme está em xeque, com a mistura de diversos modos de representação e com a recusa à linearidade temporal e narrativa. Todas essas características colocam esse documentário dentro do universo das artes visuais e fazem com que ele consiga transitar das salas de cinema para o espaço do museu.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, R. (2014). “Com os pés um pouco fora do chão: uma leitura de Andarilho, de Cao Guimarães”. Revista FAMECOS, v. 21, n. 3, pp. 1122-1139. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/19278> (online; acessado 20 de agosto de 2019)

ALTMANN, E. (2012). “Arte do documentário e arte no documentário: anamorfose e ontologia”. ARS (São Paulo), v. 10, n. 19, pp. 114-133 <http://www.revistas.usp.br/ars/article/view/58498> (online; acessado 1 de setembro de 2019)

ALY, N. (2012). “Desdobramentos contemporâneos do cinema experimental”. Revista digital de tecnologia cognitivas, n. 6, pp. 60-92.

<http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2012/edicao_6/1-desdobramentos_contemporaneos_cinema_experimental-natalia_aly.pdf> (online; acessado 20 de agosto de 2019)
ARCHER, M. (2001). Arte contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes.
CANONGIA, L. (1981). Quase cinema: cinema de artista no Brasil, 1970/80. Rio de Janeiro: Funarte.
CAUQUELIN, A. (2005). Arte Contemporânea: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes Editora.
COVALESKI, R. L. (2012). “Artes e comunicação: a construção de imagens e imaginários híbridos”. Galaxia (São Paulo), n. 24, pp. 89-101.
<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/8218> (online; acessado 20 de agosto de 2019)
DA-RIN, S. (2004). Espelho Partido. Tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.
DUBOIS, P. (2009). “Um ‘efeito cinema’ na arte contemporânea”. En COSTA, L. C. da (Org.). Dispositivos de registro na arte contemporânea. Rio de Janeiro: Contra Capa. Livraria/Faperj.
FURTADO, B. (2009). “O documentário e as artes visuais”. Significação Revista de Cultura Audiovisual, v. 36, n. 31, pp. 63-77.
<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/67026> (online; acessado 20 de agosto de 2019)
JENKINS, H. (2009). Cultura da convergência. São Paulo: Aleph.
LINS, C. (2012). Tempo e dispositivo nos filmes de Cao Guimarães.
<http://www.caoguimaraes.com/wordpress/wp-content/uploads/2012/12/tempo-e-dispositivos-nos-filmes-de-cao-guimaraes.pdf> (online; acessado 20 de agosto de 2019)
LINS, C. (2019). Cao Guimarães: arte documentário ficção. Rio de Janeiro: 7 Letras.
LINS, C.; MESQUITA, C. (2008). Filmar o real. Sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
MORENO, P. F. (2012). Filme de Artista no Brasil da década de 1970: formas e espaços diferenciados de produção e (re)produção.
<https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2012/Patricia%20Ferreira.pdf> (online; 20 de agosto de 2019)
NARLOCH, C. (2007). “Das artes liberais ao hibridismo: a revolução dos conceitos nas artes visuais”. En LAMAS, Nadja de Carvalho (Org.). Arte contemporânea em questão. Joinville: Univille.
NICHOLS, B. (2010). Introduction to documentary. Indianapolis: Indiana University Press.
PARENTE, A. (2008). “Cinema de artista: cinema de atrações, cinema expandido, cinema de exposição”. Revista Poiésis, n. 12, pp. 11-13, nov. 2008.
<http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis12/Poiesis_12_cinemaartista.pdf> (online; acessado 20 de agosto de 2019)
SALLES, C. A. (1998). Gesto inacabado: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP: Annablume.
SALLES, C. A. (2008). Redes da criação. Construção da obra de arte. São Paulo: Horizonte.
SATT, M. H. C. (2009). “Cinema expandido: estratégias e conceitos audiovisuais”. Sessões do imaginário - Cinema, Cibercultura, Tecnologias da Imagem, Porto Alegre, n. 22, pp. 10-13. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/6467> (online; 20 de agosto de 2019)

SBRAGIA, P. (2016). Andarilho: Cao Guimarães e o documentário entre a factualidade e a ficcionalidade. 140 f. Dissertação (Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo
<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/3074?mode=full > (online; acessado 20 de agosto de 2019)
YOUNGBLOOD, G. (1970). Expanded cinema. New York: Dutton.
FILMES
ANDARILHO. (2006). Diretor: Cao Guimarães. Elenco: Gaúcho, Nercino, Paulão. Brasil: Cinco em Ponto. Filme (1h20min), son., color.
CONGO. (1972). Diretor: Arthur Omar. Montagem: Ricardo Miranda. Brasil: Melopéia/Córtex. Curta (11 min), son.
FOLIA NO MORRO. (2008). Diretor: Arthur Omar. Brasil. Documentário (27min38s), son., color.

APÊNDICE I

Projeto POR QUE VIAJO SOZINHA? - A SOLITUDE FEMININA E A JORNADA DO EU. Reescrito como trabalho final da disciplina SEMINÁRIOS DE PESQUISA I - ARTES VISUAIS, ministrada pela Profa. Dra. Rosangella Leote.

UNESP | UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA | INSTITUTO DE ARTES

ANNA CARL LUCCHESE

POR QUE VIAJO SOZINHA? - A *SOLITUDE FEMININA* E A JORNADA DO *EU*.

Projeto de Pesquisa para a seleção de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Mestre em Artes sob a orientação do Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira.

SÃO PAULO

2018

RESUMO:

Com este projeto de pesquisa, objetivo realizar a obra *Por que viajo sozinha?*, de minha autoria, após uma investigação sobre questões pertinentes ao contexto da *solitude feminina* na sociedade contemporânea, em especial, como essa experiência reverbera no processo criativo e na expressão do *eu*. Além da pesquisa teórica e do estudo de outras obras que dialogam com a temática, farei experimentos artísticos tendo como ponto de partida a minha vivência e a relato de mulheres que viajam sozinhas.

O suporte escolhido para a obra e os processos e procedimentos que irei utilizar durante a produção serão determinados com base em dois focos de abordagem. O primeiro deles é a criação de releituras de fragmentos de experiências presentes na memória individual e coletiva feminina, com o objetivo de criar uma reflexão sobre o prazer e a liberdade da mulher explorados na solitude. A outra questão abordada é o uso expressivo do *eu* na construção de obras autobiográficas, autoficcionais e ensaísticas que servem como uma estratégia de enfrentamento social e transformação pessoal, tendo como base o conceito de *tecnologias do eu*, desenvolvido por Michel Foucault.

PALAVRAS-CHAVE: Solitude feminina; tecnologias do eu; Michel Foucault.

1. INTRODUÇÃO

1.1 – TEMA/OBRA

Pretendo executar uma obra que resulte do estudo do tema da *solitude feminina* na sociedade contemporânea através do ato de viajar sozinha. Tanto o suporte escolhido para a obra, como os processos e procedimentos que utilizarei, serão determinados durante a pesquisa, que percorrerá diferentes áreas do conhecimento passando pela sociologia, filosofia, artes e comunicação.

1.2 – PROPOSTA

Como mulheres podem transformar o medo em prazer através de suas experiências? Como viajar sozinha pode representar um ato de desobediência e libertação na sociedade contemporânea? Qual o papel da criação artística e do uso

expressivo do *eu* dentro desse contexto de enfrentamento? Essas perguntas, que conectam experiências individuais ao imaginário coletivo feminino, servirão de base para nortear a pesquisa e o processo criativo que resultará na realização da obra *Por que viajo sozinha?*

1.3 – OBJETIVO GERAL

O projeto tem como enfoque desenvolver um trabalho artístico diretamente ligado a formas de expressão que resultam da experiência vivida por mulheres na solitude, dentro do contexto da sociedade contemporânea. Usarei minha jornada pessoal como ponto de partida e buscarei um diálogo com outras mulheres que viajam sozinhas para criar um contraponto com diferentes tipos de *solitude feminina*. A minha expectativa é entender como o prazer e a liberdade encontrados no ato de viajar sozinha podem expressar-se através do *eu* e apresentar-se como uma importante estratégia de enfrentamento social e transformação pessoal.

1.4 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conceituar o termo *solitude feminina*, fazendo um comparativo entre as palavras solitude e solidão.
- Analisar a *solitude feminina* na sociedade contemporânea.
- Levantar e caracterizar diferentes formas de expressão do *eu* na arte contemporânea, em especial, propostas autobiográficas, autoficcionais e ensaísticas.
- Analisar o conceito de *tecnologias do eu* sob a perspectiva de Michel Foucault e verificar se esse conceito pode ser usado para embasar a ideia da expressão do *eu* como estratégia de enfrentamento social e transformação pessoal.
- Levantar e analisar fragmentos de experiências de mulheres que viajam sozinhas e relacioná-los com a *solitude feminina* na sociedade contemporânea.
- Identificar trabalhos artísticos que podem ser usados como referência para a criação da obra *Por que viajo sozinha?*

- Descrever os processos e procedimentos utilizados no desenvolvimento e na realização da obra *Por que viajo sozinha?*
- Determinar os aspectos criativos e expressivos que foram desenvolvidos a partir da minha experiência pessoal ligada a *solitude feminina* e do diálogo com outras mulheres e como o tema se expressou através da obra *Por que viajo sozinha?*

1.5 JUSTIFICATIVA

A escolha de criar uma obra a partir da experiência de mulheres que viajam sozinhas surgiu após a observação de manifestações de reação ao assassinato de duas turistas argentinas, Marina Menegazzo, de 22 anos, e María José Coni, de 21 anos, no Equador, em fevereiro de 2016. A morte das jovens gerou uma comoção global que se organizou através da campanha #*ViajoSola*.

Ao observar o desenrolar dessa mobilização, uma manifestação artística chamou a minha atenção. Em primeiro de março de 2016, a estudante paraguaia de Comunicação, Guadalupe Acosta, escreveu um poema em primeira pessoa, no qual se colocava no papel de Marina e María José, descrevendo como se fosse elas, o que havia acontecido. Guadalupe publicou o poema em seu perfil pessoal do Facebook.

Uma matéria feita pelo veículo de comunicação BBC News, em 9 de março de 2016, contabilizava mais de 700.000 compartilhamentos desse poema que descrevia, não apenas a indignação de Guadalupe Acosta com relação ao assassinato das turistas, como também denunciava a cobertura tendenciosa dos fatos pelos veículos de comunicação, que sugeriam uma certa culpa por parte das vítimas, por se colocarem em uma situação de risco ao viajarem sem uma companhia masculina. Ela associou esse tipo de cobertura a uma visão social que restringe a liberdade feminina.

> Ontem me mataram. Neguei-me a deixar que me tocassem e com um pau arrebentaram meu crânio. Me deram uma facada e me deixaram morrer sangrando. Como lixo, me colocaram em um saco de plástico preto, enrolada com fita adesiva, e fui jogada em uma praia, onde horas mais tarde me encontraram. Mas, pior do que a morte, foi a humilhação que veio depois. A partir do momento que viram meu corpo inerte, ninguém se

> perguntou onde estava o filho da puta que acabou com meus sonhos, minhas esperanças, minha vida. Não, preferiram começar a me fazer perguntas inúteis. A mim, podem imaginar? Uma morta, que não pode falar, que não pode se defender. Que roupa estava usando? Por que estava sozinha? Como uma mulher quer viajar sem companhia? Você se enfiou em um bairro perigoso. Esperava o quê? Questionaram meus pais, por me darem asas, por deixarem que eu fosse independente, como qualquer ser humano. Disseram a eles que com certeza estávamos drogadas e procuramos, que alguma coisa fizemos, que deviam ter nos vigiado. E só morta entendi que, para o mundo, eu não sou igual a um homem. Que morrer foi minha culpa, que sempre vai ser. Enquanto que se o título dissesse “foram mortos dois jovens viajantes” as pessoas estariam oferecendo suas condolências e, com seu falso e hipócrita discurso de falsa moral, pediriam pena maior para os assassinos. Mas, por ser mulher, é minimizado. Torna-se menos grave porque, claro, eu procurei. Fazendo o que queria, encontrei o que merecia por não ser submissa, por não querer ficar em casa, por investir meu próprio dinheiro em meus sonhos. Por isso e por muito mais, me condenaram. E sofri, porque já não estou aqui. Mas você está. E é mulher. E tem de aguentar que continuem esfregando em você o mesmo discurso de “fazer-se respeitar”, de que é culpa sua que gritem que querem pegar/lamber/chupar algum de seus genitais na rua por usar um short com 40 graus de calor, de que se viaja sozinha é uma “louca” e muito seguramente, se aconteceu alguma coisa, se pisotearam seus direitos, você é que procurou. Peço a você que por mim e por todas as mulheres que foram caladas, silenciadas, que tiveram sua vida e seus sonhos ferrados, levante a voz. Vamos brigar, eu ao seu lado, em espírito, e prometo que um dia seremos tantas que não haverá uma quantidade de sacos plásticos suficiente para nos calar. (Acosta, 2016).

O uso expressivo do *eu* nesse poema faz com que Guadalupe se aproprie de um fragmento de uma experiência pessoal, vivida por outra pessoa, e faça uma releitura, que traz um questionamento sobre a condição da mulher na sociedade contemporânea.

O número de compartilhamentos revela a identificação de outras pessoas com esse sentimento de indignação. Ademais, ao ler o texto na primeira pessoa, cada leitor assume o papel do *eu*, que ganha novas releituras, de acordo com as diferentes subjetividades individuais.

Quando li o texto, acessei a memória das minhas próprias experiências como viajante solitária. Em 1999, quando tinha 17 anos, mudei para os Estados Unidos

com meu irmão. Depois de dois meses, ele precisou voltar para o Brasil e eu decidi ficar, morando sozinha por mais um ano e meio, para poder terminar o ensino médio.

Desse período, guardo outra memória que também foi acionada com a leitura do texto. Em 20 de abril de 1999, ocorreu um incidente que ficou conhecido como "Massacre em Columbine". Dois alunos de ensino médio de uma escola nos Estados Unidos mataram 12 colegas e um professor. Esse ato violento tão próximo à minha realidade rondou meu inconsciente durante todo o tempo em que vivi sozinha.

Ao ler o poema de Guadalupe, lembrei da sensação de medo e solidão que substituíram os sentimentos de liberdade e independência que experimentei durante esse período. Memórias coletivas e individuais como essa, marcaram minha relação com o mundo e alicerçaram um entendimento sobre uma estrutura social que carece de reflexão crítica e transformação

. Além dos compartilhamentos, *Ayer me mataron* também inspirou a campanha *#ViajoSola*. Mulheres de vários locais do mundo passaram a compartilhar registros pessoais de viagens que estavam fazendo sozinhas, utilizando a hashtag *#ViajoSola*, em solidariedade ao assassinato das turistas argentinas e em uma postura de enfrentamento dos paradigmas sociais expressos pelos veículos de comunicação. Essas viajantes apresentaram em suas próprias experiências uma forma de releitura sobre a liberdade de ir e vir da mulher na sociedade contemporânea. Apesar do medo, elas estavam construindo uma autobiografia com um final diferente do desfecho vivido por Marina e María José.

Antes de ter contato com essas manifestações de indignação e resistência, eu já levantava alguns questionamentos sobre a relação do cotidiano na construção de uma biografia e como a desobediência podem ser um fator crucial de transformação pessoal e enfrentamento social.

Esse questionamento está expresso, por exemplo, em meu documentário *Identidade Cotidiana,* lançado em 2015. Começo o filme com um depoimento meu, falado em primeira pessoa, sobre minha experiência no cotidiano de São Paulo e em como me sentia uma estrangeira na cidade onde nasci.

Esse uso expressivo do *eu* tem se tornado uma ferramenta cada vez mais popular de protesto e enfrentamento social e também de criação artística na

contemporaneidade. A estrutura de interação que vem se desenvolvendo nas redes sociais virtuais é um importante propulsor do aumento desse tipo de manifestação pessoal. Os diários do papel saíram do ambiente da intimidade para o espaço público através dos blogs e, posteriormente, para um registro cotidiano mais escancarado nos perfis que circulam pela internet.

A pesquisa ao redor desse tema levanta um questionamento crítico com relação ao crescimento do narcisismo, do individualismo, da solidão, do vazio existencial e de uma necessidade constante de exposição para a construção da existência. Mas também traz o reconhecimento de uma união entre grupos que se identificam e que criam coragem de se manifestar ao se deparar com outras solitudes que questionam padrões de comportamento social. Pesquisadores contemporâneos como Manuel Castells e Paula Sibilia, por exemplo, discorrem sobre esse fenômeno em seus estudos.

Com esse entendimento, passei a querer aprofundar as possibilidades criativas do meu trabalho com o uso expressivo do *eu* e encontrei na *solitude feminina* um tema que sintetizou a minha percepção sobre o momento histórico atual e sobre esse processo de enfrentamento social e transformação pessoal.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Manuel Castells inicia seu livro *Redes de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da internet* descrevendo o contexto político e social do século XXI, caracterizado pela falta de confiança das pessoas nos governos e na mídia. Seu estudo tem como ponto de partida a análise dos movimentos sociais que surgiram na Tunísia e na Islândia em 2009 e segue para as diversas manifestações populares que espalharam-se pelo mundo nos anos seguintes. Dentro desse contexto, Castells analisa o papel fundamental da criação de movimentos em rede como ferramenta-chave de articulação social.

As pessoas passaram a se conectar em redes, formando grupos com interesses em comum. Juntas, começam a discutir os problemas diretamente ligados ao tema que as aproxima e criam uma estratégia de mobilização na tentativa de transformar a realidade ao seu redor. Dessa forma, elas tentam elaborar de forma

própria um caminho para fazer sua história e viver a realidade que almejam.

Esse processo inicia-se nas redes sociais da internet, um espaço de autonomia diferente dos meios de comunicação em massa institucionalizados, dominados pelo governo e por empresas. Essa união, na segurança do ciberespaço, ajuda as pessoas a enfrentarem o medo da repressão do governo e articularem ações para ocupar o espaço público.

> Da segurança do ciberespaço, pessoas de todas as idades e condições passaram a ocupar o espaço público, num encontro às cegas entre si e com o destino que desejam forjar, ao reinventar seu direito de fazer história - sua história -, numa manifestação da autoconsciência que sempre caracterizou os grandes movimentos sociais. (CASTELLS, 2013, p. 6 e 7)

Os movimentos que surgiram a partir desse novo tipo de organização em rede têm como fator comum uma autonomia de ação e são profundamente autoreflexivos, questionando-se constantemente sobre o tipo de sociedade que almejam, tentando evitar reproduzir os mecanismos do sistema que lutam para transformar.

> Em todos os casos, os movimentos ignoraram partidos políticos, desconfiaram da mídia, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram toda organização formal, sustentando-se na internet e em assembleias locais para o debate coletivo e a tomada de decisões. (CASTELLS, 2013, p. 8)

Essa fundamentação teórica, auxilia minha investigação sobre a questão da articulação de mulheres no sentido de refletir sobre a *solitude feminina* diante de limitações sociais e propicia uma base sociológica importante para o desenvolvimento dos processos e procedimentos artísticos que utilizarei na criação de *Por que viajo sozinha?*

Além de um estudo mais geral sobre ferramentas utilizadas pelo ativismo feminista, também irei utilizar como base para o projeto os estudos de Paula Sibilia em seu livro *O show do EU. A intimidade como espetáculo* para levantar dados sobre as formas de expressão do *eu* no contexto atual da comunicação.

A autora inicia o livro com uma pergunta feita pelo filósofo Friedrich Nietzsche sobre a construção da identidade de um indivíduo, como essa pessoa torna-se quem é. Em seguida, ela ressalta o crescente interesse pelas histórias do indivíduo comum. O avanço tecnológico na comunicação é um fator importante para explicar esse interesse, passando pelas cartas, telefone e telégrafo. Depois, caminhando para o rádio e a televisão e, em seguida, a internet. Ela ressalta que o surgimento

dos blogs, em específico, cristaliza um estilo de escrita confessional e pública que, em seguida, é absorvida pelas redes sociais.

Além disso, a internet móvel no celular potencializou a visibilidade e conexão dos indivíduos ampliando o alcance do testemunho pessoal que passou a contar, além da palavra, com a possibilidade de se manifestar através de vídeos e fotografias. O usuário tornou-se protagonista e produtor de conteúdo dentro desse novo contexto de comunicação e expressão. O comportamento passou de passivo a ativo. Assim, o espectador é estimulado a participar, compartilhar, opinar e fazer parte do espetáculo. Além disso, passa a ter os meios para criar e mostrar um *eu* autobiográfico, moldado de acordo com seus desejos.

> Os usos confessionais da internet - ou seja, aqueles nos quais cada um dá testemunho da própria vida - parecem se enquadrar nessa categoria: seriam, portanto, manifestações renovadas dos velhos gêneros autobiográficos. O eu que fala e se mostra incansavelmente nas telas da rede costuma ser tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem. (SIBILIA, 2016, p. 57)

Com base nesses estudos, busquei formas de expressão do *eu* na arte contemporânea e encontrei sobretudo trabalhos que transitavam entre as abordagens autobiográficas, autoficionais e ensaísticas.

Para entender os conceitos de autobiografia, autoficção e ensaio e como eles estão sendo usados por artistas mulheres na atualidade, com o objetivo de refletir sobre o imaginário coletivo e construir uma trajetória de transformação, usarei como referência teórica os livros *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet,* de Philippe Lejeune, *O Filme-Ensaio. Desde Montaigne e Depois de Marker,* de Timothy Corrigan, e *Writing the Self. Essays on Autobiography and Autofiction*, que reúne uma coletânea de artigos de diferentes pesquisadores sobre autobiografias e autoficções.

Dentro do campo das artes, tomei como base o livro *A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência* de Sílvio Zamboni para desenvolver a metodologia de pesquisa do trabalho.

Finalmente, encontrei nas *tecnologias do eu*, estudadas por Michel Foucault no final de sua vida, uma teoria filosófica que abrange uma evolução do

comportamento humano e sua relação com o *eu*, partindo de uma estratégia de autoconhecimento e cuidado de si.

Foucault estuda as ciências como formas do ser humano entender a si próprio. Ele divide o conhecimento em quatro tipos de tecnologias. A quarta tecnologia refere-se ao *eu* que abrange operações pelas quais o indivíduo atua em sua maneira de ser, com o objetivo de transformar sua existência e alcançar certos estados de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade. Ele remete essa relação de cuidado com si próprio e o consequente conhecimento sobre o *eu*, com a cultura greco-romana. Também comenta que o Cristianismo transformou essa prática em imoralidade, substituindo o cuidado de si pela renúncia de si, como condição para alcançar a salvação divina. Essa contextualização histórica traz um entendimento mais profundo sobre a maneira como o indivíduo passou a ver sua existência em relação à sociedade e como a culpa ganhou destaque nessa conjuntura.

Esse pensamento traz um entendimento mais profundo sobre o eu contemporâneo que tenta se libertar através de uma transformação de sua existência que consequentemente reverbera em sua relação com a sociedade na qual está inserido. A partir desse raciocínio, fundamento meu estudo sobre a *solitude feminina*, apresentado-a como uma *tecnologia do eu*, utilizada pelas mulheres para uma autoconhecimento e um cuidado de si na contemporaneidade.

3. METODOLOGIA

3.1 – PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

Esta é uma pesquisa qualitativa interdisciplinar, que busca traçar uma interseção de investigação através dos campos das artes visuais, da comunicação, da sociologia e da filosofia, tendo como ponto de partida levantamento bibliográfico e de dados e posteriormente, pesquisa de campo e experimental.

3.2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- O contexto da pesquisa parte da temática da *solitude feminina* na sociedade contemporânea e a reverberação desse experiência na expressão do *eu*.

- Para um entendimento mais amplo do tema e para desenvolver uma obra que dialogue com a complexidade da contemporaneidade, será feito um levantamento bibliográfico e de dados de diferentes áreas do conhecimento em busca de uma conexão entre essas informações dentro do contexto da temática da pesquisa.
- Os dados serão coletados a partir de livros, artigos, matérias e obras artísticas que abordam o tema. Serão levantados dados também através de redes sociais virtuais e grupos temáticos mapeados por mim. Além disso, serão feitas entrevistas com mulheres que viajam sozinhas.
- Falei experimentos artísticos com o objetivo de coletar diferentes tipos de material ligados à expressão do *eu*. A princípio, esses experimentos estão sendo feitos através de um pedido para mulheres que viajam sozinhas contribuírem com os seguintes materiais:

1. Um vídeo de trinta segundos em que elas registrem um momento de transformação durante a viagem.
2. Um cartão postal em que descrevam o instante em que decidiram fazer a viagem.
3. Um áudio com o testemunho da experiência de viajar sozinha.

- Com essa coleta, estou criando uma instalação artística na qual poderei visualizar os diferentes efeitos de cada tipo de material.
- Há quatro anos, faço viagens sozinha e documento essa experiência através de fotografias e vídeos. Estou organizando esse registro juntamente com o material enviado pelas outras mulheres para criar a obra *Por que viajo sozinha?.*
- Durante todo o processo de pesquisa e criação da obra, será feito um relatório descritivo sobre a construção e apresentação do trabalho, acompanhado de material de registro das diferentes etapas. Esse material será organizado em uma dissertação final que será apresentada à banca avaliadora.

3.3 – TRATAMENTO CRIATIVO

- Ainda não tenho definido o suporte que utilizei para a obra. Estou fazendo experimentos explorando os formatos de instalação, vídeo, fotografia, áudio e arte

postal. Tenho a expectativa que o produto desenvolvido seja uma obra híbrida que absorva elementos de expressão desses diferentes formatos.

- Meu primeiro protótipo da obra será uma instalação que irei montar no teatro de artes cênicas do Instituto de Artes da Unesp. Do lado de fora do teatro, irei produzir um painel com a notícia do assassinato das turistas argentinas que desencadeou a campanha #ViajoSola e o poema de Guadalupe Acosta, *Ayer me mataron*, em que ela se coloca no lugar das turistas e convoca uma união de outras mulheres para um enfrentamento social através do ato de viajar sozinha. Junto aos textos, colocarei cartazes e cenas de filmes e imagens icônicas que associam a *solitude feminina* ao perigo e, consequentemente, ao medo. Dentro do teatro, farei a projeção de um vídeo que reúne fragmentos de experiências e depoimentos positivos de mulheres que viajam sozinhas associando essa *solitude feminina* às sensações de prazer e liberdade.
- Além de *Ayer me mataron*, de Guadalupe Acosta, estou analisando outras formas de expressão do *eu* em referências artísticas como, por exemplo, o documentário *Elena*, de Petra Costa, em que a diretora trabalha com uma narração em primeira pessoa dirigida a irmã morta. Ambas sofrem de um processo de melancolia que Pedra também observa na mãe. Através do filme, a documentarista faz uma viagem de autoconhecimento e cria uma releitura de suas memórias com a irmã até encontrar um desfecho que a liberte de um fim trágico. Essa obra materializa um caminho artístico interessante para a minha expectativa de relacionar a *solitude feminina* à *tecnologia do eu*, como descreve Foucault. Outra referência para a criação de *Por que viajo sozinha?* é a exposição *Cuide de você*, de Sophie Calle. Nesse trabalho, a artista utiliza um fragmento de sua vida pessoal, um e-mail no qual seu parceiro rompe o relacionamento amoroso que tem com ela, e cria uma proposta de reflexão com a colaboração de outras mulheres, que reinterpretam o e-mail sob um prisma diverso. A solidão que o rompimento de uma relação provoca é transformada em um gatilho criativo por Sophie e ganha uma perspectiva universal percorrendo o feminino imaginário presente nas diversas reinterpretações do texto. Assim como o filme de Petra, essa obra materializa o tipo de efeito que busco com o

meu trabalho de criação e apresenta uma outra forma de processo e procedimento artístico que dialoga com o tema desta pesquisa.

4. CRONOGRAMA

Esta pesquisa se desenvolverá em vinte e quatro meses, sendo dividida em quatro partes.

De janeiro à junho de dois mil e dezoito, farei o levantamento, a leitura e o fichamento da bibliografia que servirá de base para o experimento. Esse levantamento segue em paralelo com a frequência às aulas. Também darei início a coleta de material realizados por mulheres que viajam sozinhas.

De julho à dezembro de dois mil e dezoito, farei um estudo de obras artísticas que tenham pontos em comum com o experimento proposto. Além desse material, serão analisados por mim conteúdo e referências dados em aula. Em paralelo, continuarei a coleta de material realizado por outras mulheres. Por fim, darei início à elaboração da instalação com base no estudo realizado.

De janeiro à junho de dois mil e dezenove, farei a organização do material coletado por outras mulheres e de material de arquivo coletado por mim para a criação da obra.

De julho à dezembro de dois mil e dezenove, irei redigir a dissertação com base no relatório da pesquisa, criação e apresentação da obra. A dissertação será entregue para a banca junto com material de registro das etapas de desenvolvimento do projeto.

5. BIBLIOGRAFIA

ACOSTA, Guadalupe. Ontem me mataram. 2016. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/02/internacional/1456911848_192026.html. Acesso em 25/junho/2017.

ALY, Natália. Desdobramentos contemporâneos do cinema experimental. São Paulo: Revista digital de tecnologia cognitivas, 2012. Disponível em: http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2012/edicao_6/1-desdobramentos_contemporaneos_cinema_experimental-natalia_aly.pdf. Acesso em: 12/junho/2017.

ARCHER, Michel. Arte Contemporânea: Uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOYLE, Clare. Self-Fictions and Film: Varda's Transformative Technology of the Self in Les plages d'Agnès. Revue critique de fixxion française contemporaine/Critical Review of Contemporary French Fixxion, vol n/a, no. 4, pp. 60-71, 2012.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CORRIGAN, Timothy. The Essay Film: From Montaigne, After Marker. New York: Oxford University Press, 2011.

FIGUEIREDO, Eurídice. Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho. Em: Revista Criação e Crítica, n. 4, abril, 2010. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/viewFile/46790/50551. Acesso em: 03/julho/2017.

FOUCAULT, Michel. Technologies of the self. London: Tavistock Publications, 1988.

FURTADO, Beatriz. O documentário e as artes visuais. Belo Horizonte: Significação Revista de Cultura Audiovisual, 2009. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/67026. Acesso em: 23/maio/2017.

HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro. Ed. DP&A, 2002.

NWEZE, Ebere Nnenna Agugbue. Writing Me, Raising Me, Beating the Drums Louder: Fictional Autobiography as a Feminist Tool for Expression in African and Diaspora Women's Writing. In: Writing the Self. Essays on Autobiography and Autofiction. Sweden: Elanders, 2015.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

PIÑEIRO-OTERO, Teresa e MARTÍNEZ-ROLÁN, Xabier. Los memes en el activismo feminista en la Red. #ViajoSola como ejemplo de movilización transnacional. Em: Cuadernos.info, (39), 17-37, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/30764182/Los_memes_en_el_activismo_feminista_en_la_Red._ViajoSola_como_ejemplo_de_movilizaci%C3%B3n_transnacional. Acesso em: 20/junho/2017.

SALLES, Cecília Almeida. Redes da criação - a construção da obra de arte. Vinhedo: Editora Horizonte, 2016.

SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

TURKLE, S. Life on the screen: identity in the age of the Internet. New York: Simon & Schuster, 1995.

ZAMBONI, Sílvio. A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Editores Associados, 1998.

ANEXO

Poema ACOSTA

AYER ME MATARON.

Me negué a que me tocaran y con un palo me reventaron el cráneo. Me metieron una cuchillada y dejaron que muera desangrada.
Cual desperdicio me metieron a una bolsa de polietileno negro, enrollada con cinta de embalar y fui arrojada a una playa, donde horas más tarde me encontraron.
Pero peor que la muerte, fue la humillación que vino después
Desde el momento que tuvieron mi cuerpo inerte nadie se preguntó dónde estaba el hijo de puta que acabó con mis sueños, mis esperanzas, mi vida.
No, más bien empezaron a hacerme preguntas inútiles. A mi, ¿Se imaginan? una muerta, que no puede hablar, que no puede defenderse.
¿Qué ropa tenías?
¿Por qué andabas sola?
¿Cómo una mujer va a viajar sin compañía?
Te metiste en un barrio peligroso, ¿Qué esperabas?